REVISTA

DA

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO XLVIII — N.º 12

MANAUS — AMAZO. Julho de 1968

QUADRO DE SÓCIOS EFETIVOS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
1	Pericles Moraes	Cosme Ferreira Filho
2	Euclides da Cunha	Ramayana de Chevalier
3	Gonçalves Dias	Agnello Bittencourt
4	Sílvio Romero	Aderson de Menezes
5	Araújo Filho	André Araújo
6	Adriano Jorge	João Nogueira da Mata
7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
8	Torquato Tapajós	Mavignier de Castro
9	Machado de Assis	Pereira da Silva
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
11	José Veríssimo	Djalma Batista
12	Olavo Bilac	Vaga
13	Estelita Tapajós	Arthur Cezar Ferreira Reis
14	Barão de Santana Nery	Moacyr G. Rosas
15	Graça Aranha	João Mendonça de Souza
16	João Leda	João Chrysóstomo de Oliveira
17	Francisco de Castro	Leoncio de Salignac e Souza
18	Jonas da Silva	Aristophano Antony
19	Coêlho Neto	Genesino Braga
20	João Ribeiro	Raimundo Nonato Pinheiro (padre)
21	Tenreiro Aranha	Plínio Ramos Coêlho (eleito)
22	Farias Brito	Anísio Jobim
23	Cruz e Souza	Nunes Pereira
24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
25	Araújo Lima	José Lindoso
26	Rui Barbosa	Oyama Cesar Ituassu da Silva
27	Tavares Bastos	João Pereira Machado Jr. (eleito)
28	Aníbal Teófilo	Américo Antony
29	Castro Alves	Thiago de Mello
30	Araripe Junior	Carlos de Almeida Barroso
31	Raimundo Monteiro	Vaga
32	Bernardo Ramos	"
33	Antonio Brandão de Amorim	"
34	Ermano Stradelli	"
35	D. Frederico Costa	"
36	Ingês de Sousa	"
37	Benjamin Lima	"
38	Barbosa Rodrigues	"
39	Alfredo da Mata	"
40	Paulino de Brito.	"

A cadeira Olavo Bilac vagou por morte do acadêmico Mithridates Corrêa. As dez cadeiras vagas, de ns. 31 a 40, foram criadas pela última reforma estatutária.

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO XLVIII

N.º 12

1968

Manaus — Amazonas

DIRETORIA

Presidente	—	DJALMA BATISTA
Vice-Presidente	—	ARISTOPHANO ANTONY
1.º Secretário	—	GENESINO BRAGA
2.º Secretário	—	OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA
Tesoureiro	—	JOÃO MENDONÇA DE SOUZA
Bibliotecário	—	MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Presidente de Honra

Marechal NELSON DE MELLO

Comissão de Redação :

NOGUEIRA DA MATA

MENDONÇA DE SOUZA

GENESINO BRAGA

SUMÁRIO

FLAGRANTES DO JUBILEU

Djalma Batista — **Lições do Cinqüentenário** 7

Genesino Braga — **Cinqüentenário da Academia Amazonense de Letras** 11

José Lindoso — **A Academia, sua fundação e seu destino** 25

Mario Ypiranga Monteiro — **A Academia Amazonense de Letras** 29

Pe. Raimundo Nonato Pinheiro — **Evocações acadêmicas** .. 37

Oyama Cesar Ituassu da Silva — **Simbolismo da medalha comemorativa** 44

André Araújo — **Saudação a Josué Montello** 47

Ramayana de Chevalier — **Os olhos que se fecharam** 50

Mendonça de Souza — **Jubileu da Academia** 53

Genesino Braga — **As pompas reais do Silogeu** 57

Mensagem de Aloysio de Carvalho Filho 60

Os cumprimentos da Universidade do Amazonas 61

TRABALHOS ORIGINAIS

Mithridates Corrêa — **Testamento de um poeta** 62

Agnello Bittencourt — **Pericles Moraes, professor e acadêmico** 64

Cosme Ferreira Filho — **Vitória-Régia** 67

João Nogueira da Mata — **Rio Madeira** 68

Mavignier de Castro — **Simbolismo da noite** 74

Aristophano Antony — **Mestre do ritmo e criador de belezas** 75

Arthur Cezar Ferreira Reis — **O pensamento da Igreja e a integração da Amazônia** 79

Mendonça de Souza — **Fatos da vida e da obra de Guimarães Rosa** 92

André Araújo — **A obra pensamental de Teilhard de Chardin** 108

Americo Antony — **O caminho que fala** 121

Anísio Jobim — **O Vale do Purús** 126

Almeida Barroso — **Em tôrno de um problema psicológico e social** 153

DISCURSOS ACADÊMICOS

Arthur Cezar Ferreira Reis — **Elogio de Estelita Tapajós** 156

Djalma Batista — **Saudação a Arthur Cezar Ferreira Reis** 163

Oyama Cesar Ituassu da Silva — **Em louvor de Rui Barbosa e Waldemar Pedrosa** 170

Mithridates Corrêa — **Saudação a Oyama Ituassu** 184

Pe. Nonato Pinheiro — **Pela glória de Waldemar Pedrosa** 189

Djalma Batista — **Bem-vindos os confrades da Academia Brasileira e da Academia Paraense** 195

NOTICIÁRIO ACADÊMICO

Acadêmicos desaparecidos 200

Livros publicados 201

Distinções acadêmicas 203

Novos acadêmicos 204

Claudio de Araújo Lima lança livro em Manaus 205

Estatuto da Academia 205

Novos dirigentes da Academia 206

ESTATUTO DA ACADEMIA aprovado pelo plenário e promulgado em sessão de 25 de maio de 1968. 207

FLAGRANTES DO JUBILEU

LIÇÕES DO CINQÜENTENÁRIO

DJALMA BATISTA

A Academia Amazonense de Letras está celebrando, desde 1.º de janeiro, o seu Cinqüentenário, o que só aconteceu, até agora, no Estado do Amazonas, ao Instituto Geográfico e Histórico. Trata-se de um fato importante, demonstrando que onde Euclides da Cunha viu, no princípio do século, uma "terra sem história", está começando a se sedimentar a história da cultura.

Haveria motivo de sobra para uma festa, se as primeiras horas do ano não tivessem se tarjado de tristeza, com o desaparecimento de um dos companheiros, Mithridates Corrêa, exatamente dos que mais se dedicaram à organização do programa de comemorações, que não pôde ser cumprido à risca, numa sentida homenagem à sua memória.

Nesta hora é dever celebrar os idealizadores da Academia: Benjamin Lima, que foi dos maiores espíritos nascidos na Amazônia, em cuja casa hoje assinalada com um bronze, se fêz a reunião de fundação; primeiro presidente eleito, não aceitou a incumbência, para que o lugar fôsse preenchido por Adriano Jorge, que durante 30 anos empunhou, com galhardia e inteligência, o bastão de comando; José Chevalier foi secretário geral e como tal uma espécie de chefe do protocolo até 1938, quando se retirou de Manaus, sempre com garbo e sabedoria inexcedíveis; e Pericles Moraes, que durante 40 anos, fez da vida da Academia a sua própria vida, como lider dedicado, campeão no devotamento, animador e entusiasta, senhor poderoso desta Casa, que é sem favor a Casa de Pericles Moraes.

Eram 30 os cavaleiros daquela cruzada de 1.º de janeiro de 1918. Aqui está, primus inter pares, *Alvaro Maia, que é o presidente da Academia, licenciado para exercer o mandato popular que lhe foi conferido. Nunes Pereira, cada vez mais moço de espírito, há pouco passou pelas ruas ensolaradas da Manaus moderna, a glória do "Morongueta" que vem de lhe coroar a cabeleira branca. Ainda*

Palavras inaugurais da sessão de 3 de janeiro de 1968, na séde da Academia Amazonense.

temos o prazer de assinalar entre os vivos, os advogados Virgílio Barbosa e Odilon Lima, domiciliados no Rio.

Muitas cadeiras já estão no seu terceiro ocupante, isto é, uma terceira geração está conduzindo aquilo que poderiamos chamar de o fogo sagrado. Nelas, ao todo, já sentaram 72 homens de letras.

Após 50 anos, é justo que se cogite de saber por que surgiram as Academias de Letras dos Estados. Sabe-se que a maioria delas foi fundada quase simultâneamente, quando a I Grande Guerra estava prestes a terminar e se iniciara a Revolução Socialista. O Amazonas não fugiu ao movimento de congregação dos intelectuais. O Pará era dos poucos Estados que já possuiam Academia, surgida logo depois da Brasileira, que acaba de fazer setenta anos.

O Amazonas estava, naqueles idos de 1918, diante de duas realidades negativas: a depressão econômica e o desmoronamento da Universidade de Manaus, que não resistira à primeira.

Por que se uniram, porém, os intelectuais? A vaidade de se tornarem sùbitamente "imortais" não pode ter sido a razão decisiva. Terá sido a necessidade subconsciente de tentar defender a classe dos homens de letras, diante dos novos tempos que estavam à porta? Ou uma súbita tomada de posição em face dos problemas que colocaram a humanidade em nôvo plano histórico?

A verdade é que as Academias Estaduais, depois reunidas em uma Federação, nunca levantaram a bandeira das reivindicações, mas lutaram sempre pela liberdade de pensamento e de expressão, que é apanágio de tôda civilização; sobretudo assumiram um papel, que tem sido realmente de alta significação, procurando preservar o patrímônio mental da coletividade, representado pela obra de seus sucessivos sócios. E é certo que êsse patrimônio vem se constituindo, pouco a pouco, nestas paragens amazônicas, alviçareiramente. Isto fez parte da consolidação do espírito de uma cultura, sem o que não sobreviverão politicamente os povos. Já existe uma mentalidade definida na Amazônia; com as nossas características regionais, que cada vez mais devem ser apuradas, temos de pertencer à comunhão brasileira, integrados na pátria que está sendo a mais estupenda afirmação do Trópico.

Nunca tivemos até agora, no Amazonas e na Academia, a bem dizer, espíritos criadores, a não ser os poetas. Ainda não se escreveram aqui as grandes obras de ficção que assinalam as gentes, as terras e as épocas. De uma maneira geral todos os escritores amazonenses, ou que aqui montaram tenda, têm sido e são eruditos, de formação humanística.

Tanto que a Revolução Modernista, que abalou os fundamentos do Brasil, não chegou a influir nas letras do nosso Estado, embora,

para honra nossa, sempre tenha havido aqui, antes e depois, rebeldes que não batem palmas às consagrações encomendadas, nem às reincarnações repetidas dos Pachecos... Ao tempo da fundação da Academia, existia, como se contrapondo a ela, uma Academia dos Novos, a que pertencia Mavignier de Castro, recém-egresso das margens do Sena e do buliço do Quartier Latin. Outra Academia dos Novos, também de espíritos promissores e com a sua ponta de iconoclastia, reapareceu no início da década dos 30, depois da Revolução Brasileira, com Salignac e Souza, Genesino Braga, Mithrídates Corrêa e outros, que aos poucos foram sendo incorporados a esta Companhia, a que se podem aplicar as palavras bíblicas: "Muitos são os chamados e poucos os eleitos"...

Olhando para o passado, para procurar entender as lições da história, pode-se compreender, exatamente, a nobre e alta função das Academias, como guardiães da cultura. No nosso país elas começaram cêdo, dando ensejo ao comentário sarcástico de Schutel, de que "o Brasil foi uma Arcádia antes de ser uma nação". O embrião foi a Academia Brasileira dos Esquecidos, fundada na Bahia em 1724, à qual sucederam tantas outras, na própria Bahia, em Pernambuco e em Minas, isto é, naqueles Estados onde maior tem sido a floração de talentos literários e artísticos, nascidos do mais profundo da alma brasileira. E' que as famosas Academias exerceram o papel de formadoras do lastro espiritual e de catalizadoras dos movimentos que no curso de dois séculos e meio, especialmente nos tempos atuais, de vez em quando por lá estouram nas letras e nas artes.

Como justificativa das existência da Academia Amazonense, ao se cumprir o seu Cinqüentenário, diremos então que não tem sido vã nem inutil essa existência. Reunindo sempre 30 elementos locais, que estudam, escrevem, falam e ensinam dentro dos respectivos campos de atividade, está a Academia procurando preparar o terreno, formar o meio de cultura de que possam surgir, como já está se entrevendo que começam a surgir, espíritos que consigam interpretar em novas dimensões a presença do homem na Amazônia, recriando-o segundo a inspiração da arte, no romance, no conto, no ensaio, na pintura, na escultura, na música e no cinema. Sôbre as bases modestas que estamos construindo, erguer-se-á, num dia, que provàvelmente já está à vista, o grande edifício com que todos sonhamos!

E' verdade que nem sempre foram tão produtivos quanto de desejar, os 50 anos que acabam de ser ultrapassados (e é bom que o confessemos com humildade, numa auto-crítica sincera, antes que os eternos arautos da demolição o façam, com menosprêzo e invectivas). Longas fases de estagnação e de desalento ocorreram. O importante, porém, é que a Academia sobreviveu e terá pròximamente o seu número de cadeiras aumentado para 40, a fim de

reforçar, com sangue nôvo, o seu quadro de membros efetivos, sempre desfalcado com a ausência de Manaus da metade ou da terça parte dos mesmos.

O importante também é atentarmos nas lições do Jubileu.

O espírito acadêmico não pode mais ser condicionado pela aparência das cerimônias, nem pelas galas das frases e das imagens: tem de ser vivo, inquieto, agitado, atualizado. De há muito ruiram, fragorosamente as torres de marfim: até os conventos se estão popularizando, ao se irmanarem monges e operários, e ao escancararem as suas portas para abrigo dos perseguidos; no Extremo Oriente vemos os sacerdotes budistas se transformarem em tochas vivas para protestar, com o próprio sacrifício, contra a imolação das populações que aspiram o direito da auto-determinação, consagrado na Carta das Nações Unidas.

Tudo isto quer dizer que os intelectuais têm de estar também no Amazonas, sintonizados com os problemas da terra e as inquietações do povo, especialmente com aquilo que Miguel Ozório chamou, com extrema lucidez, de "a vulgarização do saber", que não é mais privilégio de classe ou de casta, e sim um dos direitos do homem. E' preciso transmitir o que cada um sabe, concorrer de qualquer maneira para o alevantamento da cultura intelectual de tôda gente, ensinando pela palavra e pelo exemplo, na tribuna acadêmica, nas cátedras, na imprensa escrita e falada, no livro e onde quer que esteja qualquer dos participantes desta Academia, que tem de se escancarar para cursos, debates, simpósios, concursos e tertúlias.

O momento é propício, quando a vida econômica da região está procurando tomar novos rumos, e a atividade intelectual da cidade se revigora, com o funcionamento vitorioso da novel Universidade do Amazonas. Declaro que me sinto feliz, vendo Manaus cheia de estudantes universitários, ansiosos de aprender, reunindo a sua mocidade promissora à nossa maturidade de professôres, para estudarmos juntos e juntos construirmos o futuro.

Uma comprovação de que as cinco décadas da Academia Amazonense não foram vasias, aí está, nas seis montras da exposição que declaro inaugurada neste instante. Pudemos reunir trabalhos publicados pelos acadêmicos, livros e folhetos, para dar um cunho de autenticidade às comemorações jubilares. A idéia foi de Mithrídates Corrêa e a execução de Genesino Braga, que ama os livros com ardor e dedicação, e da atual Diretora da Biblioteca Pública, Maria Luiza Magalhães Cordeiro, que para cá trouxe o acervo sob sua administração.

CINQÜENTENÁRIO DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

A fundação, em 1918 — Os "três legionários da cruzada intelectual": Benjamim Lima, Pericles Moraes e José Chevalier — Gloriosa vivência do Senado das letras amazonenses — Poltronas, patronos, fundadores, sucessores e os atuais ocupantes — Sócios Correspondentes — Programa das comemorações.

Apontamentos de GENESINO BRAGA

Os círculos culturais do Amazonas saudarão, na data de amanhão o cinqüentenário de fundação da Academia Amazonense de Letras, instalada a 1.º de janeiro de 1918, nos altos da Biblioteca Pública do Amazonas (hoje Salão Alberto Rangel), com o nome de Sociedade Amazonense de Homens de Letras. O que tem de significação, êsse alto acontecimento, para a vida pensamental do Amazonas, está refletido em nossos acervos da melhor produção literária, garantindo para êste Estado a supremacia de uma elite de sabedores, muitos dêles homens que ascenderam ao mais alto nível das ciências e das letras no país, reconhecidos e saudados por sua erudição, por seu talento e pela excelência de sua obra.

Congregou e estimulou, a Academia Amazonense de Letras, nestes cinqüenta anos de sua esplêndida vivência, as figuras verdadeiramente exponenciais da nossa intelectualidade, — filhos dêste e de outros Estados da Federação, que aqui se radicaram e serviram e enobreceram a terra com o seu amor e com o que superiormente realizaram — e a atuação do cenáculo ilustre e o trabalho de seus agremiados estão nos livros, nas colunas dos jornais locais e nas páginas da "Revista da Academia", que nos deixaram os acadêmicos falecidos e nos que escreveram e ainda estão a escrever os que fruem a ventura de participar destas comemorações do pomposo cinqüentenário.

Nascido, há cinqüenta anos, do ideal literário e do arraigado culto às letras de "três legionários da cruzada intelectual"

(Benjamim Lima, Pericles Moraes e José Chevalier), o Senado literário do Amazonas logo em sua instalação reuniu nas trinta poltronas o que florescia, em Manaus, de mais viçoso e sedutor nas aléias do pensamento erudito. Como nasceu a Academia Amazonense de Letras, como se constituiu, ela, para a triunfal instalação, e como, logo após, êsse nome adotou, em substituição ao de Sociedade Amazonense de Homens de Letras, com que fôra fundada, — melhor é lermos o depoimento que se segue, deixado pelo laureado e ínclito Pericles Moraes, um dos três legionários da arrojada cruzada intelectual que a fundou, depoimento êsse escrito no corpo de um artigo intitulado "Benjamim Lima e a Academia" e publicado na "Revista da Academia", número de setembro de 1955, com o qual o mestre de "Confidências Literárias" reverenciara a memória do plasmador de "O homem que marcha". Leiamo-la :

A FUNDAÇÃO, EM 1918

"Se durante a sua grande existência de homem cerebral, atormentado pelo drama de cruciante enfermidade, que contrastava paradoxalmente com os triunfos de sua carreira de escritor, o plasmador de "O homem que marcha" tivesse pensado em fixar num livro de memórias os estádios de sua vida e as formas superiores do seu espírito, decerto relembraria o papel preponderante que lhe coube na fundação da Academia Amazonense de Letras. O seu nome, com efeito, está de tanta maneira vinculado às tradições do sodalício amazônico que, esquecê-lo nesta hora, quando a Revista, em sua nova fase recorda os seus vultos exponenciais, seria desmarcada injustiça e abominável ingratidão. Benjamim de Araújo Lima, por uma série de circunstâncias fortuitas, foi dos que mais contribuiram para a criação do maior dos nossos institutos de cultura. Aclamámo-lo para a sua primeira presidência porque, no momento, lhe sobravam mais do que a qualquer um outro de sua geração, requisitos de capacidade e merecimento para concretizar-lhe as aspirações. capacidade de iniciativa, antes de tudo que se exteriorizava e tomava corpo através das palavras, dos atos e da autonomia de suas atitudes. Merecimento que o singularizava pelo magnífico esfôrço a prol das letras do vale equinoxial, prestigiando-as nas altas esferas intelectuais metropolitanas.

Talvez bem poucos saibam, no Amazonas, que a agremiação letrada de tamanho relêvo em sua vida cultural foi a realização objetiva de apenas três idealistas de uma legião de sonhadores, que a morte já desbaratou em sua grande maioria. A essa tríade

de visionários, indisputàvelmente, deve-se a concepção da idéia, que depois tomou forma e, como árvore frondosa em campos de semeadura criou raízes, floresceu e frutificou. Os movimentos literários, aí por volta de 1917, revelavam-se de escassa envergadura, em decorrência do pessimismo e do desânimo que inoculavam as fibras dos mais enérgicos, já vencidos e ressabiados pela mornidão ambiente. Dentre todos, porém, o mais audaz era Benjamim Lima. No pressuposto de que, quando disciplinada, a pertinácia se transformada em fôrça irresistível, a sua impetuosa mocidade comprazia-se em gestos de renúncias e ousadias. Expunha as suas idéias com decisão e franqueza, estimulando os mais tímidos, excitando os mais céticos, encorajando os mais retraídos, convencido de que, fôssem quais fôssem os empecilhos, os tropeços e os perigos da tarefa, seria de nosso dever sobrepujá-los, destroçando tôdas as barreiras. Radicalmente infenso ao falso dogma de que as "coteries" esterilizam, julgava que a formação das mentalidades e dos valores culturais não se processava isoladamente. Dependia, em grande parte, dos grêmios intelectuais, transformados em elementos de vitalidade e instrumentos de acesso para as experiências cerebrais. Lembra-me que, de uma feita, em defesa do seu ponto-de-vista controverso, por entre a graça e a malícia de esfusiantes "boutades", concitava-nos a fundar uma Academia de Emulação, que nos tornasse "imortais", embora ao jeito daquela fundada pelo abade Lalanne, no colégio Stanislas, em França, a que pertenceu Anatole France, aos quatorze anos de idade...

O outro, que se colocara ao nosso lado por forte imposição temperamental e levado pela mesma comunhão espiritual e afetiva, identificando-se por gestos de altruísmo e desprendimento, chamava-se José Chevalier. Era meu amigo diletíssimo. Nasceramos exatamente no mesmo ano, e eu o estremecia como a um irmão muito querido. Quando de sua morte, no Rio, em 1938, tentei bosquejar-lhe o retrato nas molduras de "Paisagens de uma vida", inserto em CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS, uma das páginas humanas e dilacerantes que procuraram traduzir as angústias da minha emoção. Ainda agora, tanto tempo depois, relendo-a comovidamente, sinto o amargor dos avatares que o acabrunharam, em desafio à beleza moral do homem e às doçuras embevecedoras do seu coração.

Completava a turma revolucionária — como eu compreendo agora a tortura dos pintores de auto-retratos — o mais frágil dos três e, por isso mesmo, o mais afoito. Convencido de que a glória era uma cidade que fàcilmente se arrebatava de assalto, êsse arrogante e empavonado D'Artagnan, transpirando filáucia

por todos os póros, evadira-se das páginas de Dumas para provocar duelos, transformando a espada em cálamo acutilante esgrimido em tôdas as direções. Ninguém escapava aos assomos de sua hipertrofia individual. Recordo-me bem da charge atribuida ao lápis de um J. Carlos regional, exibindo em traços caricaturais o modêlo vivo do árdego mosqueteiro : um "chantecler" afeito às rinhas sangrentas, de crista e papo empinados, presumindo-se de bom esporão, a cacarejar doestos contra os homens e manipansos, que então infestavam as capoeiras literárias.

Nesta hora de evocações, quando confronto as duas fisionamias : a de ontem, que reflete o desabusado iconoclasta, com a irreverência de suas posturas desabridas e a de hoje — serena, condescendente, tutelar, fazendo das experiências de uma vida inteiramente devotada às letras, o incentivo para a juventude que mal descerra os olhos para a vida sem pensar nos entreveros do destino; nesta hora crepuscular em que "a velhice, segundo advertia Leopoldo Péres, no "Jardim das Fontes Silenciosas", deve ter a suave majestade, o prestígio religioso das sombras"; nesta hora de ceticismo e desencanto, já no limiar da eternidade, em que só acredito numa grandeza eterna e imutável, a de Deus, — fôrça incognoscível cujo potencial de energia e de ação excede às medidas de sabedoria humana —, quando contemplo os dois retratos, já desbotados pelas injúrias do tempo, quase que não os reconheço, tamanha a disparidade das linhas e dos contornos que lhes deformam a contextura. O inflexível empresário de demolições, outrora temido supersticiosamente, aquêle mesmo que na mocidade soprava labaredas para atiçar incêndios, ao chegar no fim da estrada pedregosa e marginada de urzes, se transformou no pacato "bombeiro" da sátira de Humberto de Campos, e se recolhe, como um franciscano, à solidão do cláustro, exorando aos céus a remissão dos seus pecados de homem e de escritor malogrado.

Éramos assim nos primórdios dêste século; ingênuos, agressivos, desavisados. Os desatinos da inexperiência atentando contra as realidades e as contingências da vida, com a inflexão do Cavaleiro da Triste Figura, que desafiava gigantes, arremetendo contra moinhos de vento.

Uma noite — há quantos anos de distância ! — atraidos pela extrema sedução da palavra de Benjamim Lima, que era um maravilhoso instrumento de expressão a traduzir-lhe a eloqüência e a lucidez das idéias, rumamos para o recanto paradisíaco que era a antiga residência do casal feliz, à rua Monsenhor Coutinho, um prédio de arquitetura obsoleta, com três janelas de frente e gradil de ferro, hoje pertencente ao ilustre causídico doutor

Gualter Marques Batista, homem de preclaras virtudes, cujo nome impoluto está duplamente ligado aos destinos do Silogeu amazônico, uma vez que o seu primogênito é o porta-estandarte de suas gloriosas tradições. Nessa mansão senhorial, ao estrépito de "blagues" que Courteline não desdenharia, e ao lampejo de paradoxos, que provocavam o sorriso bondoso de Dona Cacilda, peregrina inteligência de mulher e sua espôsa e colaboradora muito amada, reuniram-se os três legionários da cruzada intelectual e plantaram a semente fecunda. Até alta madrugada, sem se aperceberem das horas que corriam, trocavam idéias e perpetravam trocadilhos, enquanto Benjamim Lima, para "oxigenar o ambiente", ouvindo acordes de Chopin revelados em surdina por Dona Cacilda, em seu Dorner harmonioso, declamava Verlaine, nas sonoras ondulações dos seus "sanglots longs des violons de l'automne"... Cogitava-se não apenas do nome com que deveria ser batizado o cenáculo em via de gestação, mas sobretudo, no entrechoque de opiniões e simpatias em sentido divergentes, no que dizia respeito ao número e à madureza dos candidatos, tendo-se em conta, como precípua credencial, o talento, a cultura e a projeção mental dos aspirantes à "imortalidade". Após debates acalorados, tudo se resumiu em uma fórmula conciliatória. O cenáculo, por motivos óbvios, teria sòmente trinta componentes, e denominar-se-ia, em definitivo, SOCIEDADE AMAZONENSE DE HOMENS DE LETRAS. Três dias depois, a imprensa estampava uma nota de sensação, indicando os nomes dos afortunados, entre os quais avultavam os de Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, Araújo Filho, Jorge de Moraes, Raul de Azevedo, João Leda e Jonas da Silva, êste último transfigurado em São João das trovas e baladas, com o sucesso atordoante dos "Uhlanos". Agitaram-se fragorosamente os arraiais literários. Os que ficaram à margem na seleção, arguiram-na de puro arbítrio, por apaixonada e em detrimento de valores autênticos, que foram julgados e preteridos por juízes incapazes, sem nenhuma autoridade. Uma saraivada de impropérios desabou sôbre nossas cabeças. Eu me sentia o mais visado e fingia não perceber as contumélias dos que foram proscritos. Chevalier, elevando a voz altissonante, não dissimulava a sua indignação, rebatendo os aleives em têrmos ríspidos. Benjamim Lima, como um semi-deus pagão, tinha nos lábios um sorriso irônico, que valia por um dardo fulminante. Os pseudo-idealistas — era o aforismo do despeito e da vaidade — careciam de envergadura mental; e a assembléia do beletrismo indígena, que germinava crivada de epigramas, destinava-se a estrondoso fracasso. Graças, porém, à teimosia dos mais recalcitrantes, falharam os presságios sombrios. Semanas depois, a

arrancada da inteligência congregava em sessão ordinária os trinta membros convocados, que a ela compareceram sem exceção de um só. Aclamaram presidente o jornalista Benjamim Lima, que com sua modéstia característica declinou da honraria, transferindo o cetro cobiçado às mãos de Adriano Jorge, cuja eloqüência era uma torrente luminosa. Assinada pelos presentes a ata da fundação, alguns dias mais tarde, contrariando os maus augúrios da maledicência, inaugurava-se solenemente a SOCIEDADE AMAZONENSE DE HOMENS DE LETRAS, no pavimento superior do edifício da Biblioteca Pública, no salão da Assembléia Legislativa do Estado. Governava o Amazonas, na época, o ilustre baiano Alcântara Bacelar, que se não descurou da instituição embrionária e, como um proficiente ginecologista, se desvelou por sua viabilidade. Ocultando-se com o pseudônimo de Rogério Bruno, Alvaro Maia assinalava o acontecimento nas filigranas de uma crônica que se tornou histórica. A mim impuseram o encargo, sobremodo desvanecedor, de proferir a oração inaugural, que se reduziu a alguns conceitos mofinos e sem lustre, em demasia elogiadas pelos jornais. Ocupei-me, por essa ocasião, da obra de Gonzaga Duque, patrono da cadeira n.º 1, que me pertence até hoje, e fiz algumas considerações sem veleidades eruditas sôbre a figura de Tolstoi, mestre-escritor de Iasnaia Poliana, estudando-lhe a configuração do pensamento.

O advento da "Revista do Norte", em 1919, consolidou a nossa posição nos círculos intelectuais da cidade. Nada obstante a sua feitura gráfica desajeitada, canhestramente provinciana, ostentava brilhantíssima colaboração nos dois únicos números publicados, onde se destacavam uma viva e formosa página — "Balada de Agôsto", delicioso poema em prosa que poderia ter a assinatura de Baudelaire; e um ensaio de linhas concisas e vigorosas, ambos de Benjamim Lima, êste último em tôrno da figura do "Dante, o supremo unificador", refletindo as exuberantes possibilidades de dantólogo e condensando o lastro imenso de sua cultura humanística. Começámos então a ser olhados com certa indulgência pelos infatigáveis derrotistas, e a Revista legitimava as nossas ambições, alcançando o estágio de sua cristalização. O nosso grande Raul de Azevedo, homem de ação, de inteligência e de vontade, sugeriu que, a exemplo das associações congêneres do país, o nome da SOCIEDADE AMAZONENSE DE HOMENS DE LETRAS, fôsse transformado em ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. Essas modificações só por só, se nos afigurava um prenúncio alviçareiro. Caminhos veludosos demarcavam os nossos itinerários, quando, bruscamente, nos advém o primeiro contratempo : Benjamim Lima, tendo a saúde

BENJAMIN LIMA

Jornalista, teatrólogo e crítico, compôs, com Pericles Moraes e José Chevalier, o núcleo inicial da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, fundada em sua residência e de que foi eleito 1.º Presidente.

gravemente comprometida, viaja para o Rio, e lá se deixa ficar, abrindo profundo sulco em nossas trincheiras. Logo em seguida sofremos um revés : Heliodoro Balbi, o **primus inter pars** de nossa aristocracia mental, cuja oratória eletrizante dava a lembrar um bólido humano, falecia nos barrancos do Acre. Ficamos desarvorados. Todavia, os dois golpes estonteantes e sucessivos não lograram arrefecer o élan dos idealistas. Confiávamos nos desígnios providenciais e não desanimávamos".

. . . . . .

OS ACADÊMICOS FUNDADORES

Eis o quadro inicial dos acadêmicos dos primeiros dias da fundação ("Semana depois, — lê-se, acima, no depoimento de Pericles Moraes, — a arrancada da inteligência congregava em sessão ordinária os trinta membros convocados") :

PATRONOS	MEMBROS EFETIVOS
Euclides da Cunha	Adriano Jorge
Tito Lívio de Castro	Heliodoro Balbi
Afonso Arinos	José Chevalier
Machado de Assis	Benjamim Lima
Aluísio de Azevedo	Raul de Azevedo
Oswaldo Cruz	Jorge de Moraes
Raimundo Correia	Thaumaturgo Vaz
Torquato Tapajós	Benjamim de Sousa
Tenreiro Aranha	Otávio Sarmento
Francisco de Castro	J. F. de Araújo Lima
Cruz e Sousa	Nunes Pereira
Martins Júnior	F. P. de Araújo Filho
Gonzaga Duque	Pericles Moraes
Joaquim Nabuco	Paulo Eleuthério
Barão do Rio Branco	Carlos Eugênio Chauvin
Aníbal Theófilo	Raimundo Monteiro
Escragnolle Taunay	Gaspar Guimarães
Eduardo Prado	J. Mendonça Lima
Thomaz Lopes	Huascar de Figueiredo
Adolfo Caminha	Genésio Cavalcante
Raul Pompéia	Aurélio Pinheiro
Sílvio Romero	Odilon Lima
B. Lopes	Jonas da Silva
José Veríssimo	Coriolano Durand
José do Patrocínio	João Leda
Sousa Bandeira	Dorval Pôrto

França Júnior	Alcides Bahia
Lafayette Pereira	Virgílio Barbosa
Maranhão Sobrinho	Álvaro Maia
Farias Brito	Generino Maciel

PATRONOS, FUNDADORES E SUCESSORES

Nestes cinqüenta anos de vivência, enfrentando os percalços naturais nas caminhadas de tôdas as Academias de Letras, sempre sob as negações e as objurgatórias dos "novos" e dos que em seu despeito a desejam, ansiosos que o aceno acadêmico um dia lhes busque, — a Academia Amazonense de Letras teve as suas 30 poltronas no correr dos tempos sucessivamente alteradas, em relação a seus patronos, fundadores, sucessores, até os atuais ocupantes. Assim, vejamos :

Poltrona n.º 1 — Patrono : GONZAGA DUQUE, depois PERICLES MORAES. Ocupantes : Pericles Moraes (fundador); Cosme Ferreira Filho.

Poltrona n.º 2 — Patrono : EUCLIDES DA CUNHA. Ocupantes : Adriano Jorge (fundador), D. Alberto Ramos, Ramayana de Chevalier.

Poltrona n.º 3 — Patrono : RAUL POMPÉIA, depois GONÇALVES DIAS. Ocupantes : Aurélio Pinheiro (fundador), Agnello Bittencourt.

Poltrona n.º 4 — Patrono : SÍLVIO ROMERO. Ocupantes : Odilon Lima (fundador), Alfredo da Matta, Aderson de Menezes.

Poltrona n.º 5 — Patrono : MARTINS JÚNIOR, depois ARAÚJO FILHO. Ocupantes : F. P. de Araújo Filho (fundador), André de Araújo.

Poltrona n.º 6 — Patrono: EDUARDO PRADO, depois ADRIANO JORGE. Ocupantes : J. Mendonça Lima (fundador), José Jorge Carvalhal, João Nogueira da Matta.

Poltrona n.º 7 — Patrono : MARANHÃO SOBRINHO. Ocupante : Álvaro Maia (fundador).

Poltrona n.º 8 — Patrono : TORQUATO TAPAJÓS. Ocupantes : Benjamim de Sousa (fundador), A. Mavignier de Castro.

Poltrona n.º 9 — Patrono : MACHADO DE ASSIS. Ocupantes : Benjamim Lima (fundador), Felix Valois Coelho, Francisco Pereira da Silva.

Poltrona n.º 10 — Patrono: BARÃO DO RIO BRANCO. Ocupantes: Carlos Eugênio Chauvin (fundador), Mário Ypiranga Monteiro.

Poltrona n.º 11 — Patrono: JOSÉ VERÍSSIMO. Ocupantes: Coriolano Durand (fundador), Djalma Batista.

Poltrona n.º 12 — Patrono: SOUSA BANDEIRA, depois OLAVO BILAC. Ocupantes Dorval Pôrto (fundador), Mithrídates Corrêa.

Poltrona n.º 13 — Patrono: ESCRAGNOLLE TAUNAY, depois TOBIAS BARRETO, depois ESTELITA TAPAJÓS. Ocupantes: Gaspar Guimarães (fundador), Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, Arthur Cezar Ferreira Reis.

Poltrona n.º 14 — Patrono: ADOLFO CAMINHA, depois BARÃO DE SANTANA NERY. Ocupantes: Genésio Cavalcante (fundador), Araújo Neto Moacyr Rosas.

Poltrona n.º 15 — Patrono: THOMAS LOPES, depois GRAÇA ARANHA. Ocupantes: Huascar de Figueiredo (fundador), João Mendonça de Sousa.

Poltrona n.º 16 — Patrono: JOSÉ DO PATROCÍNIO, depois JOÃO LEDA. Ocupantes: João Leda (fundador), João Chrysóstomo de Oliveira.

Poltrona n.º 17 — Patrono: FRANCISCO DE CASTRO. Ocupantes: J. F. de Araújo Lima (fundador), Leôncio de Salignac e Sousa.

Poltrona n.º 18 — Patrono: B. LOPES, depois JONAS DA SILVA. Ocupantes: Jonas da Silva (fundador), Aristóphano Antony.

Poltrona n.º 19 — Patrono: OSWALDO CRUZ, depois COELHO NETTO. Ocupantes: Jorge de Moraes (fundador), Genesino Braga.

Poltrona n.º 20 — Patrono: AFONSO ARINOS, depois JOÃO RIBEIRO. Ocupantes: José Chevalier (fundador), Raimundo Nonato Pinheiro.

Poltrona n.º 21 — Patrono: BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA. Ocupantes: Otávio Sarmento (fundador), Leopoldo Péres, José Pereira Neto, Plínio Ramos Coelho (ainda não empossado).

Poltrona n.º 22 — Patrono: FARIAS BRITO. Ocupantes Generino Maciel (fundador), Achiles Bevilacqua, Manoel Anísio Jobim.

Poltrona n.º 23 — Patrono : CRUZ E SOUZA. Ocupante : Nunes Pereira (fundador).

Poltrona n.º 24 — Patrono : JOAQUIM NABUCO. Ocupantes : Paulo Eleuthério (fundador), Sadoc Pereira.

Poltrona n.º 25 — Patrono: ALUÍSIO AZEVEDO, depois ARAÚJO LIMA. Ocupantes : Raul de Azevedo (fundador), José Bernardino Lindoso.

Poltrona n.º 26 — Patrono : RAIMUNDO CORREIA, depois RUI BARBOSA. Ocupantes : Thaumaturgo Vaz (fundador), Waldemar Pedrosa, Oyama Cesar Ituassú da Silva.

Poltrona n.º 27 — Patrono : LAFAYETE PEREIRA, depois TAVARES BASTOS. Ocupantes : Virgílio Barbosa (fundador), Washington Mello, João Pereira Machado (ainda não empossado).

Poltrona n.º 28 — Patrono : ANÍBAL TEÓPHILO. Ocupantes : Raimundo Monteiro (fundador), Violeta Branca, Hugo Bellard, Américo Antony.

Poltrona n º 29 — Patrono : FRANÇA JÚNIOR, depois CAPISTRANO DE ABREU. Ocupantes : Alcides Bahia (fundador), Arthur Cezar Ferreira Reis (não tomou posse, sendo cancelado), José de Castro Monte, Carlos de Almeida Barroso.

Poltrona n.º 30 — Patrono : TITO LÍVIO DE CASTRO, depois CASTRO ALVES. Ocupantes : Heliodoro Balbi (fundador), Ribeiro da Cunha, Vivaldo Lima, Tiago de Mello.

PATRONOS E ACADÊMICOS ATUAIS

Depois das alterações e sucessões acima descritas, assim se apresenta o quadro de Patronos e Ocupantes das poltronas acadêmicas, nos dias do Cinqüentenário da Academia Amazonense de Letras :

Poltrona n.º 1 — Patrono : PERICLES MORAES. Ocupante : COSME FERREIRA FILHO.

Poltrona n.º 2 — Patrono : EUCLIDES DA CUNHA. Ocupante : RAMAYANA DE CHEVALIER.

Poltrona n.º 3 — Patrono : GONÇALVES DIAS. Ocupante : AGNELLO BITTENCOURT.

Poltrona n.º 4 — Patrono : SÍLVIO ROMERO. Ocupante : ADERSON MENEZES.

Poltrona n.º 5 — Patrono: ARAÚJO FILHO. Ocupante: ANDRÉ ARAÚJO.
Poltrona n.º 6 — Patrono: ADRIANO JORGE. Ocupante: JOÃO NOGUEIRA DA MATA.
Poltrona n.º 7 — Patrono: MARANHÃO SOBRINHO. Ocupante: ÁLVARO MAIA (fundador).
Poltrona n.º 8 — Patrono: TORQUATO TAPAJÓS. Ocupante: ANTÔNIO MAVIGNIER DE CASTRO.
Poltrona n.º 9 — Patrono: MACHADO DE ASSIS. Ocupante: FRANCISCO PEREIRA DA SILVA.
Poltrona n.º 10 — Patrono: BARÃO DO RIO BRANCO. Ocupante: MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO.
Poltrona n.º 11 — Patrono: JOSÉ VERÍSSIMO. Ocupante: DJALMA BATISTA.
Poltrona n.º 12 — Patrono: OLAVO BILAC. Ocupante: MITHRÍDATES CORRÊA.
Poltrona n.º 13 — Patrono: ESTELITA TAPAJÓS. Ocupante: ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS.
Poltrona n.º 14 — Patrono: BARÃO DE SANTANA NERY. Ocupante: MOACYR ROSAS.
Poltrona n.º 15 — Patrono: GRAÇA ARANHA. Ocupante: JOÃO MENDONÇA DE SOUSA.
Poltrona n.º 16 — Patrono: JOÃO LEDA. Ocupante: JOÃO CHRISÓSTOMO DE OLIVEIRA.
Poltrona n.º 17 — Patrono: FRANCISCO DE CASTRO. Ocupante: LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA.
Poltrona n.º 18 — Patrono: JONAS DA SILVA. Ocupante: ARISTÓPHANO ANTONY.
Poltrona n.º 19 — Patrono: COELHO NETTO. Ocupante GENESINO BRAGA.
Poltrona n.º 20 — Patrono: JOÃO RIBEIRO. Ocupante: RAIMUNDO NONATO PINHEIRO.
Poltrona n.º 21 — Patrono: BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA. Ocupante: PLÍNIO RAMOS COELHO (ainda não empossado).
Poltrona n.º 22 — Patrono: FARIAS BRITO. Ocupante MANOEL ANÍSIO JOBIM.
Poltrona n.º 23 — Patrono: CRUZ E SOUSA. Ocupante: NUNES PEREIRA (fundador).
Poltrona n.º 24 — Patrono: JOAQUIM NABUCO. Ocupante: SADOC PEREIRA.
Poltrona n.º 25 — Patrono: ARAÚJO LIMA. Ocupante: JOSÉ LINDOSO.
Poltrona n.º 26 — Patrono: RUI BARBOSA. Ocupante: OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA.

Poltrona n.º 27 — TAVARES BASTOS. Ocupante: JOÃO PEREIRA MACHADO JÚNIOR (ainda não empossado).

Poltrona n.º 28 — Patrono: ANÍBAL TEÓFILO. Ocupante: AMÉRICO ANTONY.

Poltrona n.º 29 — Patrono: CAPISTRANO DE ABREU: Ocupante: CARLOS DE ALMEIDA BARROSO.

Poltrona n.º 30 — Patrono: CASTRO ALVES. Ocupante. THIAGO DE MELLO.

PRESIDENTE DE HONRA E SÓCIOS CORRESPONDENTES

O Marechal de Exército NELSON DE MELLO é Presidente de Honra da Academia Amazonense de Letras e, com êsse galardão, tem o seu retrato no logar de honra da galeria de acadêmicos no salão de recepção da sede própria do Silogeu. A razão dessa homenagem encontramo-la ainda neste trecho do depoimento, em parte acima transcrito, de Pericles Moraes, sôbre a fundação e alguns períodos da vida do Instituto:... "Foi quando, como por efeito de um milagre, nos surgiu um Mecenas inesperado: o capitão Nelson de Mello, que é hoje general dos mais valorosos e bravos do Exército, em cujos bordados gloriosos resplendem os rasgos de sua intrepidez nas campanhas da Itália. Nobre, generoso, intuitivo, o Interventor Federal no Amazonas após a revolução de 30, desde o primeiro instante compreendeu a penosa conjuntura dos homens de letras planicários. Vivíamos como ilotas amaldiçoados, lutando contra a impostura e a impermeabilidade do meio hostil, e o abandono dos governantes apedeutas, que só galardoavam os medíocres e os subservientes, sem uma casa onde realizássemos as nossas tertúlias, sem biblioteca, sem livros, sem arquivos, sem um jornal para a expansão de nossas idéias. Nelson de Mello, sob a ação catalítica de sua personalidade, deu-nos tudo: honrarias, sede própria, mobiliário moderno, tribuna, poltronas acadêmicas, em suma, todo o aparato sóbrio e imprescindível às organizações estritamente literárias. E não foi só. Determinou que a Revista Acadêmica fôsse editada, gratuitamente, nas oficinas do "Diário Oficial".

O quadro de SÓCIOS CORRESPONDENTES da Academia Amazonense de Letras, atualmente, é o seguinte: PARÁ: Dom Alberto Gaudêncio Ramos; Apio Campos; Edgard Proença; Georgenor Franco; Napoleão Figueiredo; Líbero Luxardo. MARANHÃO: Antonio Bona. CEARÁ: Byron de Oliveira Freire; Dolor Barreira; Raimundo Girão. R. G. DO NORTE: Henrique Catriaso. PERNAMBUCO: Mário Mello. ALAGOAS: Carlos Garrido; Cruz

Oliveira; Jayme d'Altavilla; Lima Júnior; Luís Accioly; Ranulfo Goulart; Rosália Sandoval; Virgílio Guedes. SERGIPE Luís da Costa Filho. BAHIA : Aloysio de Carvalho Filho. RIO DE JANEIRO : Augusto Linhares; Aristeu Leite; Assis Memória; Jorge O'Grady Paiva; Carlos de Araújo Lima; Cláudio de Araújo Lima; Clóvis Barbosa; Deoclydes de Carvalho Leal; Heitor Péres; Mário de Matos Pinheiro; Odilon Lima; Oswaldo Orico; Pascoal Bandeira Moreira; Paulo Coelho Netto; Petrarca Maranhão; Povina Cavalcanti; Rosalina Coelho Lisboa Larraigote; Tasso da Silveira; Tristão de Athayde; Violeta Branca; Virgílio Barbosa; Manuel Albuquerque; Hugo Bellard; Carlos Garrido. ESTADO DO RIO : João de Barros Uchôa. SÃO PAULO : Authos Pagano; Francisco Azzi; Mário Cardim; Mário Barroso Ramos. PARANÁ : J. M. de Santa Ritta. RIO GRANDE DO SUL : Francisco de Paula Azzi.

Há, também, numerosos Sócios-Correspondentes no estrangeiro.

O PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

Organizado pelos acadêmicos Djalma Batista, Presidente em exercício, e Genesino Braga, 1.º Secretário, é o seguinte o programa das comemorações do Cinquentenário da Academia Amazonense de Letras, sujeito, porém, às alterações que as circunstâncias determinarem :

DIA 1.º DE JANEIRO (data do Cinqüentenário) — Às 11 horas (hbv) : Missa solene em ação de graças, na Catedral Metropolitana, oficiada pelo Exmo. Revmo. Sr. Arcebispo D. João de Sousa Lima. Às 12 horas (hbv); Inauguração de uma placa de bronze, comemorativa do Cinqüentenário na casa n.º 390 da Rua de Monsenhor Coutinho, onde foi fundada a Academia. Discursará, no ato, o acadêmico José Lindoso. Às 21 horas (hbv) : No salão de honra da Academia : Recepção solene às autoridades civis, militares, eclesiásticas e consulares e instituições culturais e artísticas; abertura da Exposição de Livros dos Membros da Academia Amazonense de Letras, organizada pela Biblioteca Pública do Amazonas. Distribuição, ao acadêmicos, das medalhas comemorativas do Cinqüentenário, mandadas cunhar e oferecidas pelo Sócio-Correspondente professor Carlos Garrido. Discursará, no ato, o acadêmico Oyama Cesar Ituassu da Silva. Exibição do Conjunto de Câmara do Conservatório Amazonense de Música.

DIA 3 DE JANEIRO — ÀS 21 horas (hbv), no Salão da Academia : Conferência do acadêmico Mário Ypiranga Monteiro, sob o tema : "AS ORIGENS DA ACADEMIA E SEUS FUNDADORES"; Números de canto pelo tenor Pedro Amorim, acompanhado ao piano pela professôra Jerusa Mustafa.

DIA 4 DE JANEIRO — Às 21 horas (hbv) : No salão de honra da Academia : NOITE DA POESIA, constando de : Declamação de versos de poetas da Academia Amazonense de Letras (os do passado e os do presente); Números de música clássica pela pianista professôra Maria José Moraes Lima; números de canto pelo tenor Willibraldo Cruz; Lançamento do livro "Os SONETOS DAS FLÔRES", do acadêmico Américo Antony. Fará a apresentação do livro o acadêmico André Araújo.

DIA 6 DE JANEIRO — Às 21 horas (hbv) : No salão de honra da Academia : — Conferência do acadêmico Raimundo Nonato Pinheiro, sob o tema : "EVOCAÇÕES ACADÊMICAS"; Números de música clássica pelo Conjunto de Câmara "ORPHEUS".

DIA 6 DE JANEIRO — Às 21 horas (hbv) : No salão de honra da Academia : Conferência do escritor Josué Montello, da Academia Brasileira de Letras e Presidente do Conselho Federal de Cultura, especialmente convidado para o encerramento das comemorações, o qual discorrerá sôbre o tema : "GONÇALVES DIAS E O AMAZONAS". Saudará o conferencista o acadêmico Alvaro Maia, presidente, licenciado, da Academia Amazonense de Letras. Exibir-se-á o Coral "João Gomes Júnior".

A EXECUÇÃO DO PROGRAMA

Com o mandato prorrogado até o dia 20 de janeiro dirigirá a execução do programa das comemorações a atual diretoria da Academia Amazonense de Letras, a qual, no ano do Cinqüentenário, está assim constituída : Presidente (licenciado por estar com assento no Senado da República) : acadêmico Alvaro Maia; Vice-Presidente (no exercício da Presidência) : acadêmico Djalma Batista; 1.º Secretário : acadêmico Genesino Braga; 2.º Secretário : acadêmico João Chrisóstomo de Oliveira; Tesoureiro : acadêmico Mithrídates Correia; Bibliotecário : acadêmico Antônio Mavignier de Castro.

(Do "Jornal do Comércio" de 31/12/67)

PERICLES MORAES

Crítico e jornalista, foi o incansável animador da Academia até sua morte, em 1956. Sucedeu a Adriano Jorge na presidência. Homem de grande cultura, senhor de estilo envolvente, exerceu o principado da prosa na Amazônia.

A ACADEMIA, SUA FUNDAÇÃO E SEU DESTINO

JOSÉ LINDOSO

1 9 1 8.

O Brasil assistia ao último ano do Govêrno Venceslau Brás, inaugurado nos primeiros meses da Guerra Mundial. Paradoxalmente, como conseqüência da conflagração, transcorrera êsse quadriênio em clima de paz interna, contrapondo-se ao período de dificuldades da Presidência Hermes da Fonsêca.

No movimento intelectual alteiam-se os nomes-legenda de Olavo Bilac, vivendo, na glória de seus imortais sonêtos e do poema nacionalista "O Caçador de Esmeraldas", o seu derradeiro ano de vida; de Alberto de Oliveira, com a poesia de ternura e melancolia, de entusiasmo e paixão; de Rui, que era símbolo do civilismo, forjado nas ardentes refregas contra o florianismo e na memorável campanha de candidato à Presidência da República; Rui, o grande orador, o destemido advogado, suscitador das discussões em tôrno do projeto do Código Civil, dando alento aos estudos do Direito e das então importantes questões do vernáculo, projetava-se como preliador inigualável no cenário brasileiro.

O café e a borracha foram as duas colunas de ouro de sustentação da infância desta República.

A borracha, que representara, em determinado período, quase 30% da exportação brasileira e atingia em 1913, o auge com o preço de 640 libras por tonelada, a essa altura, já entrara em pleno ocaso.

Estava o Amazonas, portanto, atravessando o período de decadência da economia gomífera, sem perspectivas alentadoras para seu futuro, sangrando contìnuamente com o êxodo da melhor gente que, no período de bonanças, para aqui viera, quando, como fenômeno a contrariar a lógica do marxismo, surge a Sociedade Amazonense de Homens de Letras, que mais tarde, viria a ser denominada, ao sabor francês, Academia Amazonense de Letras.

Discurso proferido na manhã de 1.º de janeiro de 1968, quando da inauguração da placa comemorativa da fundação da Academia Amazonense, na fachada da casa n.º 390 da rua Monsenhor Coutinho.

Floresciam efetivamente, entre nós, valôres intelectuais altamente categorizados, dentre muitos que vieram para estas paragens à busca do velocino de ouro e que já se tinham ido, deixando atrás de si, esteiras de luz e de lenda.

Dos que foram convocados por BENJAMIN LIMA, PÉRICLES MORAES E JOSÉ CHEVALIER, à época, para integrar a novel SOCIEDADE AMAZONENSE DE HOMENS DE LETRAS, relembro, numa eleição inteiramente subjetiva, Adriano Jorge, Heliodoro Balbi, Araújo Filho, Araújo Lima, Raimundo Monteiro, Thaumaturgo Vaz, João Leda, Jonas da Silva, Alvaro Maia e Nunes Pereira. Dessa geração e nessa primeira fase, certos nomes de maior prestígio foram omitidos, talvez pela limitação do número dos eleitos e, dentre êles, ferindo modéstia escondida por traz de muralhas de gêlo de um introspectivo, refiro Cosme Ferreira Filho, que só bem mais tarde transpunha os umbrais da Academia pela sua notável contribuição de amazonólogo, que parece sepultara não só o jornalismo, mas, por igual, o excelente poeta parnasiano dos tempos da fundação e cuja obra deve ser editada, porque não se esconde, sem perpetrar crime contra os deuses, a beleza eterna da poesia.

Nesta casa da Rua Monsenhor Coutinho, n.º 390, onde ora nos reunimos, num ato de saudade e numa atitude heróica contra a ação suave e destruidora do tempo, para com uma placa, contendo a evocação dos nomes dos santos fundadores da Ordem, oferecer subsídios à História, nas calendas de Janeiro de 1918, fundou-se a Sociedade Amazonense de Homens de Letras.

PÉRICLES MORAES, o mestre inesquecível, em trecho que deveria ser fundido no bronze, descreve o ocorrido há 50 anos passados :

"Uma noite — há quantos anos de distância — atraídos pela extrema sedução da palavra de Benjamin Lima, que era um maravilhoso instrumento de expressão a traduzir-lhe a eloqüência e a lucidez das idéias, rumamos para o recanto paradisíaco que era a antiga residência do casal feliz, à rua Monsenhor Coutinho, um prédio de arquitetura obsoleta, com três janelas de frente e gradil de ferro, hoje pertencente ao ilustre causídico doutor Gualter Marques Batista, homem de preclaras virtudes, cujo nome impoluto está duplamente ligado aos destinos do Silogeu amazônico, uma vez que o seu primogênito é o porta-estandarte de suas gloriosas tradições. Nessa mansão senhorial, ao estrépito de blagues, que Courteline não desdenharia, e ao lampejo de paradoxos, que provocavam o sorriso bondoso de Dona Cacilda, peregrina inteligência de mulher e sua espôsa e colaboradora muito amada, reuniram-se os três legionários da cruzada

intelectual e plantaram a semente fecunda. Até alta madrugada, sem se aperceberem das horas que corriam, trocavam idéias e perpetravam trocadilhos, enquanto Benjamin Lima, para "oxigenar o ambiente", ouvindo acordes de Chopin revelados em surdina por Dona Cacilda, em seu Dorner harmonioso, declamava Verlaine, nas sonoras ondulações dos seus **sanglots longs des violones de l'automne**... Cogitava-se não apenas do nome com que deveria ser batizado o cenáculo em via de gestação, mas sobretudo, no entrechoque de opiniões e simpatias em sentidos divergentes, no que dizia respeito ao número e à madureza dos candidatos, tendo-se em conta, como precípua credencial, o talento, a cultura e a projeção mental dos aspirantes à "imortalidade". Após debates acalorados, tudo se resumiu em uma fórmula conciliatória. O cenáculo, por motivos óbvios, teria sòmente trinta componentes, e determinar-se-ia, em definitivo, Sociedade Amazonense de Homens de Letras. Três dias depois, a imprensa estampava uma nota de sensação, indicando os nomes dos afortunados, entre os quais avultavam os de Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, Araújo Filho, Jorge de Moraes, Raul de Azevedo, João Leda e Jonas da Silva, êste último transfigurado em São João das trovas e baladas, com o sucesso atordoante dos "Uhlanos".

* * *

Não vamos levantar as coordenadas da história da fundação da Academia, porque a tarefa magnífica caberá ao eminente confrade Mário Ypiranga Monteiro.

Encontramo-nos aqui, neste singular instante, com as nossas inteligências voltadas para êsse episódio, nos interrogando a nós mesmos, sôbre responsabilidades com relação ao futuro do Silogeu amazonense, futuro que se prende vigorosamente ao papel a ser desempenhado na hodierna sociedade brasileira pelo escritor, pelo intelectual.

O Brasil foi descoberto, històricamente, duas vêzes. A primeira — descoberta geográfica — pelo navegador de mares e ambições, Pedro Álvares Cabral, em 1 500. E depois, muito depois, já no século XX, mas, antes da conquista dos abismos espaciais, a descoberta de si mesmo, o agreste, o rude encontro consigo mesmo, por feito heróico de Euclides da Cunha, através de "Os Sertões", revelando, no seu estilo nervoso e vibratil, a Terra e Homem e, fundando, definitivamente, aquilo que fôra a pretensão de José de Alencar e Gonçalves Dias com o indianismo, de Bilac com "o Caçador de Esmeraldas", uma Escola Literária Brasileira, a que ARAÚJO LIMA, um dos nossos, com "Amazônia — a terra e o homem", foi alto e talentoso seguidor.

Acredito que a missão do escritor brasileiro só se cumprirá na proporção em que a sua poesia, a sua palavra, a sua oficina, enfim, estiver com tôda a pureza da fonte, com tôda a grandeza dos céus sem nuvens, com tôda a rudeza do mar enfurecido, a serviço de nossa gente, no esfôrço contínuo, no labor infatigável que, às vêzes, só as estrêlas da madrugada testemunham, de criar condições para a crescente afirmação do país, para o crescente amadurecimento do povo, na linha de suas tradições cristãs; para o desenvolvimento do poder de criatividade de sua própria fisionomia política, revelando a alma popular amante da Paz, consciente de seus autênticos valores nacionais, perante o mundo.

E a Academia deverá fazer o seu engajamento nessa missão, para honrar o seu passado e dar perspectivas dinâmicas ao seu futuro.

* * *

Mas entendo que êste encontro tem um sentido litúrgico. Estamos, aqui, nesta Casa, num ofício de saudade. Silenciemos as nossas vozes, quedem-se os nossos corações em preces, fitando, na placa de bronze, que permanecerá no lar da Família Gualter Batista, a falar de deuses e da generosidade dos que souberam semear a boa semeada, nesta terra abençoada pelo sol, fecundada no mistério das águas, protegida pela sombra das florestas.

A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

No último quartel do século XIX Manaus já era uma cidade cosmopolita. Não era aquela "aldeia" que a ignorância ou a ausência de senso interpretativo considera efetiva nos escritos do governador dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro. Torna-se ocioso lembrar que realmente o governador Eduardo Ribeiro fala de uma "tapera", mas incidentalmente ao primitivo topônimo "Tapera dos Manaus", por que era conhecida tradicionalmente a cidade originada de aldeia de índios. Os maus intérpretes, os fabricadores de história, os incursionistas irresponsáveis do passado é que atribuiram a Eduardo Ribeiro uma frase que êle jamais pronunciou ou escreveu, com o sentido que lhe querem atribuir. Realmente, quando assume o govêrno em 1892, o "Pensador" encontrou uma cidade em plena fase de reformulação, bafejada pela fortuna. Outros homens, civis e militares, dotados de capacidade administrativa e de boa vontade, haviam, muito antes de Eduardo Ribeiro, iniciado o atêrro dos igarapés, providenciado a abertura e alargamento de ruas, levantado edifícios, dado um impulso à cultura, instituindo bibliotecas, museus, protegendo as artes, criando escolas, oferecendo divertimentos sadios à população. Não se recomenda a atuação de um José Paranaguá porque os repetidores ignoram-lhe o trabalho duplamente interessante de administrador e de homem de cultura. Não se recomenda o labor de um Domingos Monteiro Peixoto porque os falsos historiadores jamais passaram a vista nos seus relatórios. Inegável é que Eduardo Ribeiro fêz muito, mas aí estão o dr. Teodureto de Farias Souto criando o Asilo Orfanológico, hoje Instituto Benjamim Constant, e dando um golpe de morte na escravidão negra; José Cardoso Ramalho Júnior termi-

---

Palestra feita durante as comemorações do Cinqüentenário, a 3 de janeiro de 1968.

nando o soberbo Palácio da Justiça e mandando erigir o monumento da praça de São Sebastião; os Nery protegendo as ciências e as artes. E outros nomes, antes e depois de Eduardo Ribeiro, que seria ocioso elencar numa palestra em que se pretende apenas fazer a história breve da nossa Academia de Letras.

Não é portanto no nosso século que a cultura, nas suas várias modalidades, representa, com a economia, uma frente de interêsse marcante na Amazônia. Podemos mesmo asseverar, sem receio de êrro, que essa cultura em atrazo vai se explicar melhormente com o aparecimento da imprensa, em Manaus, **circa** 1851. O jornal, como veículo transmissor dessa cultura, teve seu aparecimento muito retardado. E porque atrazado, quase imediatamente a imprensa se desenvolve de maneira espetacular, contaminando inclusive o interior do Estado. Municípios como Itàquatiara, Borba, Humaitá, dão-se ao luxo de editar seus jornais. Sabemos de outras fôlhas em francês, inglês, italiano, árabe, espanhol e alemão. Revistas e jornais brasileiros e estranjeiros em circulação na Amazônia, em Manaus, eram comuns. Nas esquinas, nos cafés, sob os abrigos, nas lojas, falava-se essa língua universal da libra esterlina em têrmos de economia, de importações e exportações, de desperdícios. Uma babel de idiomas, aquela Manaus de entre-séculos. E para essa babel não podiam deixar de correr inteligências curiosas ou interesseiras, heróicas fôrças da sociedade, de mistura com a eterna e consabida congérie dos aproveitadores.

Não apenas escritores procuraram o Amazonas, Manaus, naqueles idos : os artistas de tôdas as artes, liberais ou não, os foliculários, os fracassados de primeira mão, os banidos, os descobridores avulsos de novos mundos, falsos colombos de tôdas as latitudes geográficas e morais, marcaram encontro numa cidade mais conhecida ontem na Europa e no Brasil do que hoje. A fama da borracha corria célere e com ela o aceno da fortuna.

Nos três volumes da minha história do Teatro Amazonas encarei, de passagem, sem deter-me em profundas especulações, o problema dêsse aspecto tumultuário da cultura. Então ficamos sabendo que antes do alvorecer do século XX, Manaus era uma cidade que primava não sòmente pelo saldo generoso da sua balança comercial, mas também, e muito, pela excelente perspectiva cultural que oferecia. Realmente, uma cidade de pouco mais de cinqüenta mil habitantes que importava de cambulhada com os secos e molhados companhias líricas européias, livros, revistas, modas, mulheres belas, não podia deixar de possuir suas sociedades literárias no molde das mais nobres, com estatuto e filarmônica. E sobretudo com a fachada aberta num largo convite aos

provincianos autores. Uma dessas sociedades de homens de letras denominava-se "Crisálida Literária" e propunha-se muito honestamente propugnar pelas belas letras, organizando tertúlias literárias e científicas. Falava-se na possível edição de um órgão literário, "simplesmente literário". Isto em janeiro de 1887. A Sociedade Euterpe Rio-Negro, de 1874, pretendia ensinar música vocal e instrumental. De 1883 é a Imperial Sociedade Beneficente Artística Nacional do Amazonas. Outra, de 1891, é a Sociedade União e Progresso, interessada na difusão de tôdas as artes, da cultura em geral, incluindo estudo de línguas. O Grêmio Dramático Taborda, e outros que surgiram depois arregimentavam os atores regionais. E não podia deixar de haver uma Academia de Belas Artes, surgida em 1899. Como e porque essas sociedades desapareceram, algumas no nascedouro, outras após o entusiasmo costumeiro, não é difícil de imaginar. Causas essenciais podemos encontrar na economia insustentável a partir de 1909; e outras no descrédito em que caiu a arte no Amazonas, tanto quanto a história e a literatura, prostituídas pelos adventistas, pelos vigaristas. Quanto às sociedades literárias, as mais dignas de nome, não encontramos uma resposta segura para o desaparemento delas, mas é crível que as causas oscilem entre pelos distantes da economia.

E' nesse ambiente de franco entusiasmo pelas letras e artes que surge, em 1906, a Associação Literária, instalada a 23 de dezembro, no prédio número sete da atual rua de Quintino Bocaiúva, à uma da tarde. Dessa sociedade, que aparece como o núcleo formador da nossa atual Academia Amazonense de Letras, faziam parte os poetas Jonas da Silva, Otávio Sarmento, Taumaturgo Sotero Vaz, João Maranhão, Maranhão Sobrinho, Teodoro Rodrigues, Adriano Jorge, Alcedo Marrocos, Coriolano Durand, Teófilo de Albuqüerque, Virgílio Barbosa, Luís Elísio, João Leda, Celso Mariz, Araújo Lima, fundadores todos. Êsses e outros letrados de menor ou maior projeção editavam umas páginas denominadas "Revista do Norte", cujos primeiros números apareceram em 1900. De 15 de setembro e 15 de outubro são os números que possuo. Era de grande formato, com capa espêssa e reduzido número de páginas. De uma conversa que mantive, certa vez, com o filólogo João Leda e ao mostrar-lhe os dois raros exemplares, identificou êle alguns heterônimos, inclusive artigo seu, de Adriano Jorge. E' bom não esquecer que a êsse tempo João Leda não era ainda aquêle conspícuo cavoqueiro da língua. Tanto assim que em concurso realizado para provimento de cargo em repartição pública do Estado, junto com Péricles Morais, obteve o décimo primeiro lugar, ficando colocado depois do candidato Péricles Morais.

Pouca duração teria a Associação Literária, cujo nome foi mudado para Núcleo Amazonense de Letras, a 25 do mesmo mês de dezembro de 1906. E em 1912, o mesmo grupo, aumentado, fundou a 29 de outubro, a Assembléia Literária. Essa sociedade teve a sua instalação solene no antigo Ideal Clube, falando o escritor Péricles Morais sôbre o tema "A Mulher no domínio da Arte". O noticiário da imprensa diz que discorreu durante três quartos de hora.

Observe-se que o mesmo grupo de 1906 vinha mantendo a liderança nesse circuito cultural. Apesar de desaparecidas as demais sociedades literárias, resistiram grupos dramáticos, inclusive teatro-escola, a par de efêmeras agremiações beneficentes com programas lítero-musicais e teatro de bôlso.

Aparentemente a vida literária no Amazonas de ontem se resolve em têrmos de colaboração jornalística, quando em voga o pseudônimo. Mas só aparentemente. De fato, parece que o grande número de jornais da época era insuficiente para a evasão literária em qualquer das suas funções. Daí a necessidade de um órgão privativo, que aparece, em duas etapas, com o nome simpático e nada modesto de "Revista do Norte", bem que, na segunda fase, êsse órgão estivesse longe de parecer-se a uma revista. Daí não se poder aferir a vida literária amazonense apenas pelo número de livros produzidos. A grande maioria dos letrados deixou, pelos jornais, suficiente cópia de material para uma avaliação mais justa. Não sòmente romances em folhetins, mas artigos de crítica literária e teatral, polêmicas estrondosas, desaforos, picuinhas, anedotas, tudo quanto para a história moderna pode servir de fonte honesta à reconstituição do nosso passado. E não é pouca cousa.

Os nomes dos componentes daquelas sociedades literárias aparecem nos jornais e revistas e muitos dêles não deixaram livros publicados, nem mesmo inéditos. Adriano Jorge, Heliodoro Balbi, Dorval Pires Pôrto, Luís Elísio, Teófilo de Albuqüerque. Alguns, apenas plaquetas, em decorrência da necessidade de defender tese para o magistério secundário ou médio. Vivia-se mais intensamente? Parece natural, pois um Araújo Lima só vai produzir na maturidade a sua obra definitiva. E assim outros.

E' a ameaça da decadência, a partir de 1909, que transforma o cenário da nossa cultura, pela segunda vez. Na primeira foi o fluxo da inteligência, ao aceno econômico da borracha. Agora é a fuga precipitada, o "salve-se quem puder", à míngua o erário público que sustentou a elegância estilística de Alberto Rangel, o ranço do filólogo Castro Lopes, a vadiagem boêmia de Quintino

ADRIANO JORGE

Presidente da Academia de 1918 a 1948. Em seu epitáfio, no Cemitério de São João Batista, em Manaus, estão escritas palavras verdadeiras: Médico, professor, filósofo e pensador. Grande alma, notável espírito, coração magnânimo".

Cunha, o ócio principesco do barão dos Nery. E de outros nobres de secos e molhados que traziam emolduradas sôbre cornija coroas adquiridas à rabugem governamental.

Com a revoada dessas aves-de-arribação, a paisagem cultural não se empanou. Amadurecidos na comunhão diuturna dos livros, dos jornais bem informados (um jornalismo culto), as gerações disputaram lugares frontais e firmaram-se independentes daquela insinuante influência dos ditadores de estilo e de filosofia positivista.

E' em 1918, a 7 de janeiro, que se inaugura a Sociedade Amazonense de Homens de Letras, na residência do escritor Benjamim Lima, à rua de Monsenhor Coutinho, hoje casa de residência e propriedade dos herdeiros do dr. Gualter Marques Batista, onde, a um de janeiro do presente ano foi aposta uma placa alusiva ao fato histórico. Naquele tempo a Sociedade Amazonense de Homens de Letras parecia surgir não como uma frente de oposição às congêneres, e sim, a nosso ver, na qualidade de situação acomodada às circunstâncias, digamos uma reformulação no bom sentido do vocábulo. Como a Fênix da fábula, ressurgia das cinzas frias das que, por qualquer circunstância que não sabemos avaliar, tendiam a desaparecer, ficando apenas aquela fôrça animadora dos cérebros privilegiados. Na verdade, a tertúlia lutava com os mesmos problemas de acomodação num clima que se sustentava apenas por fôrça de imperativo ideológico. Do seu programa, anunciado no primeiro número da nova fase da "Revista do Norte", consta essa declaração, à laia de desculpa. Logo, a sociedade surgiu numa época pan-edêmica, de mêdo e de tragédias diárias, quando a gripe não respeitava fontes laureadas. Um dos membros de maior projeção, Heliodoro Balbi, sucumbe no Acre, vítima da chamada "influenza".

Dessa sociedade de homens letrados faziam parte como membros efetivos, Adriano Jorge, Benjamim Lima, Péricles Morais, Aurélio Pinheiro, Paulo Eleutério, Jonas da Silva, Araújo Filho, Heliodoro Balbi, Carlos Chauvin, Jorge de Morais, Genésio Cavalcante, Huascar de Figueiredo, Generino Maciel, Alcides Bahia, Otávio Sarmento, Gaspar Guimarães, Coriolano Durand, Taumaturgo Sotero Vaz, Benjamim de Sousa, Araújo Lima, Raimundo Monteiro, Raul de Azevedo, Dorval Pires Pôrto, Mendonça Lima, Alvaro Maia, Nunes Pereira, João Leda, Virgílio Barbosa, José Chevalier Carneiro de Almeida e Odilon Lima. Ao todo trinta sócios, número estabelecido.

Observe-se que quase todos os nomes referidos estavam ligados às sociedades literárias anteriores. Teria havido depuração ? Ou atritos afastaram determinados intelectuais ? Atritos,

de uma parte; de outra, evasão. Atritos houve-os em grande cópia. Dos mais sérios, que me constam pela leitura de velhos jornais, entre Péricles Morais e Raul de Azevedo; entre Péricles Morais e Aníbal Teófilo, por causa do célebre sonêto "A Cegonha", do último. Péricles Morais era inclinado à polêmica e no reduto da confraria, café "Itatiaia" (hoje loja "Au Louvre") diziam mal uns dos outros, à surrelfa, criticando-se, endeusando-se. Data dêsse período, mais ou menos, a renúncia de Péricles Morais à poesia. Havendo perpetrado seus sonetinhos à sombra do Parnaso, repudiou-os mais tarde, lamentando havê-los escrito e publicado. Andam pelas revistas e jornais do tempo.

Certo dia perguntei ao esccritor João Leda a razão de haverem incluído o nome do político Dorval Pôrto. O autor de "Os áureos filões de Camilo" me confessou que se devia tão sòmente ao fato nebuloso de uma tentativa de tradução da "Divina Comédia". Todavia, Dorval Pires Pôrto era uma personalidade cultivada. Bom orador, político experimentado, jornalista, inutilizou-se cedo com a política, como Alcides Bahia e outros.

O fato é que políticos e jornalistas não literatos freqüentavam as rodas do café "Itatiaia" ou a "Bôlsa Universal", e as rodas da cerveja na "Boêmia". Dessa intimidade poderia gerar-se uma possível solução em ordem a beneficiar, pelo número, pela quantidade mais do que pela qualidade, o quadro da sociedade, levando-se em conta que realmente poucos eram os letrados com suficiente margem de projeção. A impressão que se tem é de uma crise literária. E talvez se comprove isto procurando as obras dêsses intelectuais. Poucos deixaram livros; e ainda pouquíssimos artigos de jornal, crônicas, poemas. Podemos citar de passagem Adriano Jorge, Heliodoro Balbi, Genésio Cavalcante, Huascar de Figueiredo, Generino Maciel, Alcides Bahia, Dorval Pôrto, Mendonça Lima, José Chevalier, Odilon Lima, Carlos Eugênio Chauvin. Prolíficos, no entanto, desde cedo, aparecem Raul de Azevedo, Péricles Morais, João Leda, Alvaro Maia, Araújo Filho, Benjamim de Sousa, Benjamim Lima (teatro), Coriolano Durand, Taumaturgo Vaz, Raimundo Monteiro. O jornalismo parecia atrair muito mais, jornalismo culto, diferente do atual, com Adriano Jorge e Alcides Bahia. A seleção, todavia, não alcançava de imediato a realidade da cultura. Animosidades cultivadas impediram o acesso ao grêmio de um Raimundo Morais e de um Francisco Galvão.

E' com essa trintena de entusiastas, a que se associava agora o médico Ribeiro da Cunha, que chegamos a 1920. 29 de março no antigo salão nobre da Assembléia Legislativa do Estado, Raul de Azevedo apresenta a idéia de transformar a Sociedade Amazo-

nense de Homens de Letras em Academia Amazonense de Letras. Sugestão recebida com simpatia, denunciava, a meu ver, reflexo das velhas tendências academicistas que desde 1878 tomavam vulto no Brasil, posteriores às academias clássicas dos Esquecidos, etc. Como na antiga Academia Francesa, a Sociedade Amazonense de Homens de Letras não possuía bancos, reunindo-se onde se achassem vários sócios, ou na casa de Benjamim Lima ou na de Péricles Morais; ora no Instituto Universitário Amazonense, colégio de José Chevalier, ora no palacete Alcides Bahia. Comumente, porém, no café "Itatiaia". Foi Alcides Bahia, o jornalista mulato, de grande talento, quem sugeriu a reunião solene no salão nobre da Assembléia Legislativa do Estado, à rua de Barroso. Suspeitamos que essa reunião fôsse convocada e realizada com o único objetivo de reformulação. De fato, após a mudança do nome, a sociedade de letras inicia uma atividade maior, realizando os sócios palestras e conferências, tomando atitudes cimeiras em benefício da cultura. Edita a revista em moldes consentâneos com a realidade brasileira sugerida pelas revistas de outras academias. O primeiro número é de julho de 1920, colaborando Virgílio Barbosa, Jonas da Silva, Raul de Azevedo, José Chevalier, Raimundo Morais, Genésio Cavalcante, Raimundo Monteiro, Péricles Morais, Otávio Sarmento, Coriolano Durand, João Leda, Taumaturgo Vaz, Benjamim de Sousa, Alvaro Maia, Adriano Jorge, Araújo Filho, Paulo Eleutério e Huascar de Figueiredo. Publica também o estatuto, com apenas 14 artigos.

Já então, a exemplo da Academia Brasileira de Letras, a Academia Amazonense completa-se com a eleição de patronos e mais outros elementos de prol na cultura. O médico Ribeiro da Cunha substitui a Heliodoro Balbi e havia como patrono a Tito Lívio de Castro. A revista não teve existência regular. Circulado o primeiro número, só em 1935 aparece o segundo (número especial), com o relato da festa de inauguração das novas instalações em prédio doado. Como se disse antes, a Academia andou penando sem tecto fixo até que a generosidade e compreensão (a ser imitada pelos governos) do interventor capitão Nelson de Melo lhe acudisse à miséria. Por ato número 3.708 de 5 de junho de 1935, foi doado o prédio e nêle instalada definitivamente a Academia, a 6 de janeiro de 1935.

Discursaram na festa de instalação Adriano Jorge, na qualidade de presidente; Araújo Lima, Huascar de Figueiredo, Leopoldo Peres e o homenageado, capitão Nelson de Melo, a quem foi concedido, com justiça, o título de presidente de honra. O gesto dêsse homem, hoje general, calou profundamente no espírito público e nunca mais foi imitado.

Meus senhores e minhas senhoras, não caberia fazermos prolongado histórico da vida desta sociedade. Em livro seria possível oferecermos detalhes e transcrevermos documentos orais e escritos. Nada obstante, ao ensejo dêste acontecimento, fazia-se necessária uma exibição simplista dos quadros mais ostensivos dessa experiência cultural. A Academia Amazonense de Letras nunca se preocupou realmente com certas atividades que estão à margem do verdadeiro espírito da cultura. Tem procurado, nestes cinqüenta anos, associar-se à evolução natural das letras, operando pelo depoimento independente dos seus membros, alheia a atritos e competições de idéias e de fatos. Eclética, tem atraído para o seu quadro de sócios elementos de tôdas as categorias intelectuais, poetas, contistas, jornalistas, juristas, romancistas, pedagogos, sociólogos, médicos, advogados. Inclusive mulheres. Uma mulher, uma única, a poetisa Violeta Branca Menescal de Vasconcelos. Não nos cabe nenhuma responsabilidade, a nós, se houve algum dia falta de estímulo para com essa ou aquela eventual projeção da cultura. Não somos um órgão controlador de problemas pessoais na paisagem cultural da terra. Cabe-nos, isto sim, difundir a cultura por todos os meios justos e acessíveis. Todavia, quando se espera que assim aconteça, em grande escala escasseiam os elementos vitais. Um órgão de cultura que se propõe difundí-la, deixa de exercê-lo na medida do necessário e na prática, quando a assistência moral e financeira falta. Lutamos contra êsse problema. E podeis ficar certos de que só alcançamos êstes cinqüenta anos em virtude da persistência, da dedicação, do carinho com que os homens de ontem trataram o problema. A êles, a êsses mortos queridos, a nossa reconhecida simpatia.

EVOCAÇÕES ACADÊMICAS

Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

Recordar é viver ! — diz o velho e cansado lugar-comum, sem esgotar, porém, a seiva do seu conteúdo filosófico. A vida de uma instituição é um tecido de recordações, que se avolumam na sucessão dos tempos. E a Academia Amazonense de Letras, que nestes dias se recama de ouro, nimbada de seus esplendores jubilares, propicia-nos feliz oportunidade para um encontro com o passado, de cujas sombras tranquilas surgem, serenas e pulcras pela decantação do túmulo, as grandes figuras de nossos antecessores, para uma reafirmação de imortalidade e uma como renovação dos ideais que os animaram, os mesmos dos Varões Gloriosos do Eclesiástico, que passaram pela vida com a fascinante preocupação da beleza: "pulchritudinis studium habentes !"

Que é a imortalidade acadêmica senão uma consagração no tempo para a perpetuidade de uma glória póstuma ? ! Cinquenta anos são passados, e os trinta primeiros de nossa dinastia revivem, um a um, bem como seus sucessores, que também se distanciaram, ressurrectos pela taumaturgia de nossa incessante evocação. Não pode ser outro o sentido de nossa imortalidade acadêmica.

Deixai, pois, que faça, como o autor do "Voyage autour de ma chambre", "un voyage autour de mon Académie" uma excursão pela minha Academia...

Foi Coelho Neto, o maior heleno de nossa literatura e o mais opulento utilizador do nosso rico vocabulário, ao jeito de Camilo, quem afirmou a Péricles Moraes, após ler páginas monumentais de escritores do Amazonas em tôrno do livro "Coelho Neto e sua obra": "O Amazonas levanta-se poderoso.

Palestra proferida na sessão de 5 de janeiro de 1968.

Já agora não é só a natureza opulenta que nos maravilha, são também os espíritos. Grande plêiade! Ainda bem que o nosso Norte reassume o seu pôsto luciferino!" A carta é do dia 13 de fevereiro de 1927. A Academia tinha 9 anos de idade. Que grandes espíritos lhe integravam o cenáculo, capazes de imantar a sensibilidade e ferir as pupilas de um artista da estirpe de Coelho Neto que não represou sua admiração incontida: "Grande plêiade!" Não esqueçamos de que se trata de uma carta e como numa carta somos invàriavelmente sinceros!

Grande plêiade, sim! A começar pelo destinatário, que a meu juízo teria sido a grande e luminosa contribuição do Amazonas para a Academia Brasileira de Letras, se no preexcelso pritaneu literário vigorasse o sistema ou o regime da representação estadual. Lá se teria assentado com liberdade e plenitude, ombreando com os maiores. Aí estão suas obras, que constituiriam um passoporte de ouro para a Casa de Machado de Assis: Figuras & Sensações, sua clamorosa estréia; Coelho Neto e sua obra, que arrancou do esteta de **A Conquista** aquela frase lapidar: "Em tal pira, de arômatas como os troncos do Líbano, a morte será deliciosa!"; A Vida Luminosa de Araújo Filho, Legendas & Águas-Fortes, Confidências Literárias, O Retrato de Augusto Linhares, O Exemplo de Leopoldo Neves e Leopoldo Peres, seu canto de cisne. Celso Vieira, estilista notável e vulto sobreeminente da Academia Brasileira, chamou-lhe "antípoda mental dêste clima selvagem", dando-nos êste depoimento consagrador: "A disciplina do espírito francês, ritmicamente, deu a êsse mestre da língua francesa a medida, a claridade, o senso de análise, o gôsto polido e subtil, que lhe revestem as idéias e lhe recortam as frases". De fato, foi um escritor de língua portuguêsa que se dava ao luxo de pensar em francês, idioma predominante em sua seletíssima biblioteca. Seus grandes mestres do estilo foram Chateaubriand, o excelso artista do "Génie du Christianisme"; Remy de Gourmont, o admirável ourives de "Esthétique de la Langue Française" e de "Causeries du Lundi"; Michelet, o guapo autor de "Histoire de France", e o estupendo Paul de Saint-Victor, cujas páginas fulgurantes, — quantas vêzes mo disse! — não lia sem as clássicas lentes esfumadas... Envolveu todos os seus livros com o clarão dêsses extraordinários mestres do estilo, lembrando Moisés, que, ao contacto com a Divindade nas cristas do Sinai, descia à planície nimbado de luz...

Da nossa Academia, de que foi seiva, cerne, caule, medula e vida, foi uma das expressões nacionais. Sereno aguarda em seu jazigo, servindo-me das palavras do sonêto atribuído ao Imperador, seu grande biógrafo e analista, como êle o foi de Coêlho

Neto. Na pompa destas festas cinquentenárias, Pericles Moraes tem que ser a primeira e a maior de tôdas as evocações. A Academia, depois de sua espôsa e da literatura, foi sua terceira e obsedante paixão. Viveu em função da Academia, como esta vivia em sua função. Como secretário do sodalício durante longo tempo, tornei-me seu amigo cotidiano, tendo o privilégio de penetrar-lhe na intimidade do coração. Nossos encontros eram quase diários. E eu me sentia preso, como que empolgado, pelo fascínio de sua prosa, cheia de encanto e brilho, que trazia o carimbo rutilante de suas grandes leituras, porque êle tinha o horror da mediocridade literária. Só lia os grandes autores e os estilistas supereminentes, que lhe forneciam o caviar, o faisão e os vinhos capitosos para seus manjares de exigente opsófago.

Era de ver como preparava nossas sessões de gala, redigindo invariàvelmente suas alocuções de abertura, às quais chamava deliciosamente "palavras sacramentais", e em que sempre emitia observações interessantes e conceitos lapidares. Na de minha posse, ocorrida a 10 de janeiro de 1950, há dezoito anos, fêz dois reparos à Academia Brasileira e à Francesa :

"Desde a sua fundação é a primeira vez que nos é concedida a honraria de acolher um sacerdote católico. Mais feliz do que nós, também católicos fervorosos, a Academia Brasileira de Letras, por duas vêzes, já experimentou a glória de agasalhar **sous la coupole** dois eminentíssimos doutores da Igreja: D. Silvério Gomes Pimenta, Arcebispo de Mariana, de quem Carlos de Laet, com a autoridade profissional de um dos mestres mais conceituados do nosso idioma, traçou o perfil luminoso, exaltando-lhe as virtudes modelares; e D. Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabá, o notável escritor e poeta, bardo arcangélico de Nossa Senhora, cuja disciplina religiosa não o impediu de lograr um imperecível brasão na heráldica das letras nacionais. Mas se não regateamos louvores à Academia Brasileira, reconhecendo a maturação literária de dois excelsos florões da religião de Cristo, jamais a eximiremos da culpa de não ter incluído entre seus pares o Padre Leonel Franca, humanista notabilíssimo, autor da "Crise do Mundo Moderno", que consideramos, a justo título, a maior figura do clero brasileiro contemporâneo; pecado sem remissão, semelhante ao cometido pela Academia Francesa, que se não desafoga do remorso de não haver colocado ao lado de Monsenhor Baudrillart, o Padre Sanson, alma de apóstolo e mentalidade de gênio, êmulo de Bossuet e Bourdaloue, que nos coube a fortuna de ouvir em êxtase, na Catedral de Paris, numa das solenidades da Semana Santa, e cuja pregação foi um prodígio de eloquência e sabedoria".

Eram dêsse recorte as **palavras sacramentais** (mantenhamos a denominação !) de Péricles Moraes, e das quais me constituiu herdeiro, herança recebida das mãos da virtuosa viúva. Se tais alocuções de abertura de sessão nada acrescentam à glória literária de Péricles, como me ponderou nosso preclaro Presidente Djalma Batista, acredito, todavia, que elas encerram um conceituário refulgente, o seu pensamento translúcido acêrca dos motivos das nossas sessões, interessando de perto o histórico da Academia.

O Péricles "en pantoufles"...

Sim, eu conheci Péricles Moraes **de chinelos**... Fêz da leitura seu pábulo predileto. Entregava-se horas a fio a êsse prazer delicioso. Tôda vez que o procurava, quase sempre o encontrava lendo, ou com o livro do lado, indicando uma leitura recente. Era eu um dos raros a quem emprestava livros, tantos quantos pretendesse. Numa das estantes, figurava em letras maiúsculas uma quadra francesa sôbre livros emprestados:

"Tel est le triste sort
De tout livre prêté;
Souvent, il ne revient,
Toujours, il vient gâté".

A mim mos emprestava, dizendo com um sorriso "moqueur": "Leve à vontade. A você os empresto. Os outros não me devolvem, e você me devolve até os jornais..." O fato é que usei e abusei da liberdade de anuência, e dessarte devorei as obras dos artistas de França que não possuia, como as admiráveis obras de Remy de Gourmont. O próprio Dostoievsky li-o em francês, da coleção de Péricles.

Direi agora um traço de sua personalidade. Tinha o pavor da velhice e da morte. E fêz-me confidências impressionantes. Ridiculizava Molière, por aquêle comentário feito após a leitura do "De Senectute", de Cícero: "Il donne apétit de vieillir". A mim, não, — exclamava, — meu apetite é de rejuvenescer. Seu pavor da morte bem se reflete num pesadelo que teve, certo dia, e do qual fui dos raros sabedores, senão o único. Confiou-me que tivera um horrível pesadelo. Havia morrido. Dissera-lhe a espôsa: Péricles, morreste! Andrômaca, não é possível! E' verdade, meu velho, estás morto. Não, manda chamar o Djalma; só acreditarei se êle mo confirmar. Chegado nosso atual Presidente à sua residência, na rua de Henrique Martins, interrogou-lhe Péricles: Djalma, eu morri? "Professor, infelizmente é verdade. Já passei o atestado de óbito". "Não, não

me conformo", prosseguia a dizer no pesadelo. "Andrômaca, manda chamar o Padre Nonato". A angústia lhe sufocava o peito... Nisso eu chegava. E à pergunta que me formulou, fui respondendo: "Professor, infelizmente o senhor está morto. Vim oficiar no entêrro". E ao ver-me de sobrepeliz, estola e caldeirinha de água benta, prorrompeu numa explosão tão forte, que despertou... Mas a verdade é que foi atendido por Deus em seus desejos. Queria morrer fulminantemente, e assim foi de fato, falecendo de um colapso no próprio leito, quando as sombras da madrugada ainda envolviam a cidade.

Um dos traços negativos do seu caráter era o de que não sabia perdoar o desafeto. Irreconciliável com seus adversários, comprazia-se na vingança, quando se lhe oferecia ensejo. Dêsse modo, escreveu todo um grande e suculento capítulo ("Os Intérpretes da Amazônia"), de um de seus melhores livros, com o objetivo exclusivo de omitir o nome de Raimundo Moraes. Arrolando nesse trabalho gigantes e pigmeus, nem entre êstes incluiu o grande autor de "Na Planície Amazônica", "O País das Pedras Verdes", "O Homem do Pacoval", "O meu dicionário de cousas da Amazônia" e tantas obras divulgadoras de nossa região. Não podia escapar à imperfeição humana. Todos somos um tecido estranho de sombras e luminosidades.

ADRIANO JORGE

Impossível esquecer, neste momento de evocações, a figura luminosa de Adriano Jorge, antecessor de Péricles Moraes na presidência da Academia. As pupilas que uma vez recaíram sôbre aquela face olímpica, em que se aninhavam clarões, reterão para sempre a imagem impressionante. Cabeleira basta. Olhos graúdos e fulgurantes. Testa larga, onde tinham folga todos os talentos, deteve na Academia e fora dela o primado da inteligência, da cultura e da eloquência. Na Academia, presidindo às sessões solenes, era de vê-lo no uso da palavra, que se lhe derramava dos lábios franjada de oiro e púrpura. A cabeça era um vulcão em erupções incessantes. E o verbo escachoava solene, harmonioso e pulcro, numa verdadeira enxurrada de policromia e beleza, qual torrente que arrastasse uma apoteose de flôres e de estrêlas! Nunca dos nuncas se me deparou até hoje orador mais imaginoso, a deixar o auditório invariàvelmente imantado, em êxtase, suspenso de seus lábios... E a palavra admiràvelmente se adjetivava com a fisionomia em chamas, porque aquela cabeça me dava a impressão de flutuar entre os astros, tal o sentido de luminosidade e altura que imprimia no ouvinte.

Grande Adriano! Formais com Péricles Moraes as duas asas — serenas, pulcras e aquilinas, com que elevastes nossa Academia às suas mais vertiginosas alturas!

UMA ACADEMIA DE DESEMBARGADORES...

Mais uma evocação. Desde sua fundação até à morte de Péricles Moraes, a Academia abrigou oito desembargadores (agora nove, com a posse do eminente confrade Oyama Ituassu da Silva, e em breve dez, com a posse do acadêmico eleito Desembargador João Machado). O fato é que se tratava da candidatura de um terceiro sacerdote para esta Academia. O Silogeu já contava com dois membros tonsurados: o orador e o Padre Pereira Neto, salesiano. Surge a candidatura de um terceiro, distinguido com o carácter episcopal. Tratava-se do nosso próprio Arcebispo, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, hoje Arcebispo de Belém. O Presidente fazia contactos, e confiou-me em sigilo que dois ou três acadêmicos, mais epigramistas e voltaireanos, do que pròpriamente anticlericais, ponderavam que a Academia já se estava transformando numa igreja. Um dêles chegou mesmo a sugerir que se comprassem sinos para a Academia... Nisso me acodiu uma idéia. "Professor Péricles", disse-lhe eu: "Até hoje a Academia acolheu em suas poltronas oito desembargadores. E fui recitando a ladainha: Sá Peixoto, Gaspar Guimarães, Jorge Carvalhal, Artur Virgílio, Anísio Jobim, André Araújo, Salignac e Sousa e Sadoc Pereira. Não me consta que por isso se tenha a Academia transformado numa espécie de Tribunal de Justiça, porque não elegemos os **desembargadores**, mas os **intelectuais**. Gostou do meu argumento, que reputou excelente "trouvaille", retrucando-me: "Ótimo, ótimo! Com êsse argumento acabarei com a assombração "das três batinas"... Pouco depois o Arcebispo era recebido pomposamente no Silogeu, saudado pela palavra de ouro de Alvaro Maia, então Governador do Estado.

O NÔVO E O VELHO TESTAMENTO...

Estou a concluir minha alocução, que o tempo não permite outras evocações. Não me furtarei, entretanto, à tentação e ao prazer de fazer outra. O último acadêmico a tomar posse antes de mim, foi o saudoso confrade Jorge Carvalhal. Cultura ecumênica, linguagem castiça, espírito cintilante e coração boníssimo. Empossou-se aos 72 anos. A seguir, deu-se a minha posse, aos 27. No dia da solenidade, já em plena sessão, enquanto Djalma Batista me dava as boas-vindas dos confrades, estabeleceu-se um breve diálogo entre mim e o acadêmico Carvalhal:

"Olhe, Padre. O Péricles me disse que você tem 27 anos. Pois eu tomei posse aos 72 ! — fazendo-me reparar na inversão dos números. Eu acrescento : "72 é o número dos livros da Bíblia Sagrada, sendo 27 os do Nôvo Testamento". "Já sei, já sei, interrompeu-me o dileto amigo; quer dizer que você é o Nôvo e eu sou o Velho Testamento..." Não pude conter o riso...

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos : cada um de nós há de ter indiscutìvelmente seu pecúlio de evocações acadêmicas. Bom seria irmos anotando ocorrências interessantes, para transmitirmos aos nossos sucessores. A êles voltaremos de quando em quando, como aquêles que nos precederam, vêm a nós numa espécie de fluxo e refluxo na corrente da imortalidade. A Academia muito ainda espera de nós. Está faltando a "Antologia da Academia Amazonense de Letras", como Humberto de Campos preparou a "Antologia da Academia Brasileira". E quantas páginas antológicas, em prosa e verso, da lavra de tantos nossos confrades, entre vivos e extintos. Falta-nos a História da Academia, com seu anedotário. Péricles deixou-nos um exemplo nesse particular. Era um organizado em assunto de registros e anotações. E isso nos permitiu fazer-lhe o levantamento da obra e tomar as dimensões das suas relações com homens de pensamento do Brasil e de além-fronteiras. Hoje lhe conhecemos até as dedicatórias dos livros que lhe enviavam amigos e admiradores, como esta, de Josué Montelo, remetendo-lhe as "Memorias", de Raul Brandão : "Ao meu querido e admirado amigo Péricles Moraes, a lembrança desta página fulgurante, dolorosa e sarcástica do velho Portugal". Tudo é história. E história é evocação. E evocação é vida. Celebrados os festejos do Jubileu da Academia, marchemos para frente, sem o temor da morte, porque já estamos na corrente da imortalidade. Sobreviveremos em nossas produções, no mármore e no bronze do livro, na seiva de um pensamento luminoso e fecundo, no brilho de um verso de ouro. Reviveremos nas evocações dos nossos sucessores. Sim, cada um de nós poderá morrer tranquilo, pronunciando o dito memorável do poeta latino :

"Non omnis moriar, multaque pars mei vitabit Libitinam !..."

Não morrerei de todo. Não morrerei inteiramente, e Libitina, a deusa dos sepulcros, não tocará em grande parte de mim, na melhor parte de mim, na floração do meu espírito, na frutificação do meu pensamento, na hóstia da minha palavra, que terá a sucessão dos sóis e das luas, pelo milagre da imprensa, fonte e arquivo de perenes evocações.

SIMBOLISMO DA MEDALHA COMEMORATIVA

OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA

Os fatos humanos, decorrência da existência normal das sociedades, são registrados como demonstração palpável do acontecido para que, em processo investigatório ulterior que se torne mister, sejam colhidos os elementos necessários à elaboração de dados propiciadores de documentos compatíveis.

À sua vez, em uma correspondência à pessoa física, a vida dos sêres jurídicos acompanha similitudemente os fatos e eventos e procura marcar, por meios próprios, as circunstâncias luminosas que lhes merecem testificar o ciclo evolutivo.

E' forma de extravazar alegrias na roupagem indelével dos tempos, variando a manifestação segundo a natureza do sucedido. Se criança, pessoa física ou abstrata que se materializa pela presença constante e atuante no viver coletivo, o nascer empresta ensejo para as retumbâncias esperançosas, vibrando os partícipes na demonstração festiva das galas, preces e augúrios para uma vida promissôra e feliz. Mais tarde, ultrapassada a barreira sonora dos 25 anos, quando as pratas da idade temporal corôam a robustês da luta ingente, novos motivos de júbilo permitem o fragor das festividades. E' o espoucar fremente pela vitória de um quarto de século, a demonstrar a singularidade de uma vivência completa dedicada à comunidade, no conteúdo sintético de uma consubstanciação perfeita e eloquente.

Por isso, quanto mais nos aprofundamos em nós e na imutabilidade das circunstâncias etárias, menos percebemos de nossa

---

Discurso proferido por ocasião da entrega das medalhas comemorativas do Cinqüentenário, na noite de 6 de janeiro de 1968.

CARLOS GARRIDO

Professor e oficial de marinha. Festejado intelectual. Correspondente da Academia Amazonense, primeiro em Alagôas e depois no Rio de Janeiro, onde reside atualmente, fiel no seu amor à Amazônia. Idealizou e fêz cunhar, à sua própria custa, a Medalha Comemorativa do Cinqüentenário.

real estrutura e mesmo assim prosseguem os sêres na meta de dicotomizar o **mussen** do **zollen**, do ser e do dever ser, como causas originárias de tôdas as cousas. Pois tem razão GOETHE quando diz no prólogo do seu FAUSTO :

"O que foi torna a ser. O que é
perde existência.
O palpável é nada. O nada
assume essência" —

para depois exclamar, na angústia da perfeição inatingida :

"Ao cabo de escrutar com
o mais ancioso estudo
Filosofia e fôro, e medicina
e tudo.
Até a Teologia... encontro-me
qual dantes :
em nada me risquei do rol
dos ignorantes".

Essa ânsia de obter algo que corporifique na matéria a presença constante, a Academia de Letras do Amazonas tem realizado, procurando fixar no tempo e no espaço infinito o que tem produzido a prol da cultura e do saber. Jamais se olvidando de sua tarefa, seus integrantes têm pugnado e lutado na seara sagrada e arado na terra fértil produzindo frutos evidentes de seu viver evolutivo. O que a inteligência produz, semente divina que vem do nada e se eterniza no período de vida em que volteiam os sêres, possue o germe de uma vida conscientizada, girando à volta de um rosto entrevisto.

Eis porque o atingir 50 anos de existência útil, dá margem a tanta e tão justificada celeuma acadêmica, pois atesta a continuidade meio centenária, em contribuição decisiva para o alevantamento intelectual da coletividade. São 50 anos que conservam, ainda e sempre, o impulso motivador de sua criação e nada mais justo que se eternize a presença na cunhagem de uma peça tradutora do regozijo dos que participam da farta mesa do banquete cultural.

Expressa-se o jubileu de ouro na Medalha Comemorativa de vida luminosa desta Casa, na representação de uma peça de artezanato mandada confeccionar pelo Comandante CARLOS GARRIDO, sócio-correspondente, que assim presta homenagem à entidade, em um preito de sugestiva significação. Símbolo vivo de uma admiração, a medalha é documento que tanto vale como aprêço do autor pelo atestado de vida intensa, como

também é o lado positivo da prova de cultura de um povo que sempre soube incentivar o meio intelectual. Quem com ela se honra não é a Academia, méra intermediária entre o fato gerador e sua destinação, mas sim o ofertante, cuja delicadeza de gesto exprime essa sensibilidade invulgar e a quem, neste instante, tributamos comovido agradecimento. A Medalha que vos apresentamos nesta hora, é a prova viva de uma fecunda existência.

E' mais um incentivo a nos estimular na caminhada encetada em 1918. E que ao fim da jornada, cumprida a missão, cada um de nós possa dizer, na avivação de novas tendências que despertam para a beleza do mundo interior do pensamento, o mesmo que disse a figura faustiana :

"O mundo espiritual a ninguém
é vedado.
O porque o julgas tal
é por teres o senso obtuso e o
coração defunto.
Rompe a inércia. Expulsa a indecisão
discípulo covarde
e engolfa-te brioso
no arrebol que entrevês.

SAUDAÇÃO A JOSUÉ MONTELLO

ANDRÉ ARAÚJO

Uma convergência de circunstâncias trouxe-me à tribuna desta Casa, neste Templo Helênico da Cultura.

Primeiro, o sentimento vibrante de uma profunda simpatia por um dos homens excepcionais no caráter e na cultura de nossa Pátria.

Segundo, o desejo de corresponder à gentileza do convite de Djalma Batista, no seu esfôrço de removimentação da Academia, nesta fase do cinqüentenário, iluminada, agora, pela presença excelsa do imortal Josué Montelo.

Essas duas idéias-fôrças justificam minha palavra no simbolismo espiritual desta saudação que é um mergulho nas profundezas da fraternidade que unifica os homens de cultura, aproxima pela sabedoria do amor e da justiça, no plano do Belo, do Bem e do Bom.

Transcendentalmente, esta é uma hora suprema, neste dia em que comemoramos a presença miraculosa de Josué Montelo, no Amazonas, assinalando o ponto alto das comemorações do cinqüêntenário de fundação da Academia Amazonense de Letras.

Justa, pois, a vibração de todos nós, nesta hora imortal, em que o notável Presidente do Conselho Federal de Cultura, historiador, escritor, pedagogo, homem de pensamento, é exaltado pelos seus discípulos desta confraria, que vêem no mestre um homem ilustre, igual aqueles santos, aos varonis heróis, aos sábios de Plutarco, que irradiavam as excelências do gênio, do talento, da sabedoria, da justiça, da bondade, na exaltação consagradora de homens que sabem amar, que querem e crêem nos vultos nobres e enobrecidos por essa simplicidade que caracteriza o homem perfeito de que falava Pitágoras, nos seus "Versos Áureos".

Esta festa, tendo um sentido da luz de um sol que se levanta, é um "meio dia" da cultura, é uma torrente escachoante de luzes e fulgurações, no plano nacional da cultura e da cultura dos trópicos amazônicos.

Num ensejo como êste, é sempre oportuno uma palavra de justiça em louvor de um grande caráter, de um homem puro, culto, honesto e justo, louvar a êsse missionário do ideal que saiu pelos campos, na semeadura das messes da educação e da cultura da Pátria.

Isso que êsse apóstolo das letras faz, nas diversas faixas e setôres culturais, em bem do entendimento e da aproximação dos homens, — Platão recomendava na "Republica"; e, em favor daquelas simbólicas harmonias das esferas, doutrinava Pitágoras; e depois, pela justiça e pela paz, — ensinavam homens sublimes como Santo Tomás de Aquino, Descartes, Spinosa, Kant, Bergson e Gabriel Marcel.

Eu vos mostraria, eminente prof. Josué Montello, se o tempo desta saudação não devesse ser limitado, — como se ajustou bem, em vossa personalidade, a consagradora magnificência de "Presidente do Conselho Federal de Cultura", que a justiça e o alto saber de homens ilustres, vos entregaram, sacramentalmente, num simbolismo luminoso e solar, demiùrgicamente, — o bastão da CULTURA, a que nós, humildes turiferários, agitamos os turíbulos desta festa helênica, azul e doirada, nas cintilações da luz de nossa admiração por vós.

Sinto-me bem no proferir estas palavras que traduzem um profundo contentamento dos intelectuais que sonham neste Cenáculo, que reconhecem em vossa pessoa, um emérito professor, culto e inteligente, um homem de raras qualidades, de alto saber e de excepcional caráter.

Estou simplesmente afirmando detalhes que a cultura de nossa terra regista e que homens do requinte intelectual de Genesino Braga revelaram, na imprensa local.

Sois um sacerdote que sabe sacrificar ao grande **ser** de vossa consciência, a vossa personalidade, em holocausto a êsse grande silêncio magnífico que vos orna, inteiramente, ao qual tanto admiramos e que vos envolve na beleza de vossa seriedade, nas meditações de vossa inteligência, nos banquetes espirituais de vossa interioridade, em que dialogais com a vossa cultura, nos Jardins de Academus subterrâneos de vossa alma, nos pórticos dêsses Liceus aristotélicos, dêsses cláustros profundos em que se subdividem os recônditos dêsses silêncios que criastes em vós mesmo, nos subterrâneos de vossa pessoa.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO JUBILEU
Josué Montello, na tribuna acadêmica, proferindo sua aplaudida conferência sôbre "Gonçalves Dias e o Amazonas". Mesa que presidiu os trabalhos, tendo ao centro o Governador Danilo Areosa, ladeado à direita pelo Presidente da Academia, Djalma Batista, e pelo Desor. José Augusto T. de Borborema, e à esquerda pelo Prefeito Paulo Nery e pelo Reitor da Universidade do Amazonas, Prof. Jauary Marinho.

Sois uma das grandes reservas morais desta Pátria, uma das linhas mestras da seriedade e do equilíbrio nacionais; cidadela inexpugnável dêsse nôvo sentido de cultura que deve inspirar a vida nacional, sentido nôvo e necessário do qual sois o professor ao serviço do homem público e do povo, o apóstolo e o técnico também em problemas de Educação.

Eu vos digo essas cousas ferindo vossa sensibilidade e vossa modéstia. Mas as digo por mim e pelos meus pares que determinaram, ontem, à noite, que eu as dissesse, escandalosamente, sinceramente, sem peias nem meias medidas.

E como já vos estimava e admirava há muito, embora sem intimidades, a não ser a grande simpatia e a constante da grande admiração, — aqui estou, extravasando sentimentos, na gloriosa satisfação de dizer a verdade, através da palavra, — êsse instrumento sagrado que Deus concedeu ao homem.

Perdoai-me se ultrapassei as fronteiras de vossa modéstia, se fui indiscreto nesta exaltação espiritual pelo vosso louvor, neste dia, desta festa simbólica e expressiva da cultura da nossa terra.

Avivei caminhos conhecidos do universo de vossa intelectualidade.

Um louvor, numa festa de aplausos, só se compreende dentro desta abundância de sinceridade e de amizade.

Minha inquietação espiritual marca-me a vida sempre com êsses traços que, refletindo angústias, são, entretanto, vontade de dizer muito quando irmãos vossos aqui, todos, vos consideram Homem-símbolo dos quais falava Emerson, heróis gloriosos dos quais se referia Carlyle.

Gostaria que essa conversação fôsse interminável, como poderia dizer o imortal Schelegel, para vos falar, interminàvelmente, neste clima amigo, neste diálogo de sentimentos e emoções que todos vivemos.

Mas o silêncio e pausa são também recursos, dentro das sinfonias que desejamos orquestrar.

Assim... silêncio... formulando, através desta mensagem amiga, as saudações desta Academia, a vós, eminente professor Josué Montello, excelso homem de cultura, notável homem de pensamento.

Eu vos saúdo.

OS OLHOS QUE SE FECHARAM...

Ramayana de CHEVALIER

As noites, densas noites de inteligência e de graça, cercavam os seus olhos. Manaus era o que sempre fôra : — uma nódoa de civilização no ventre ávido da selva. Uma sociedade heterogênea cruzava os salões da Academia. Mulheres belas, gente requintada, palestras amáveis, "boutades", "potins". Ali se reunia o grande mundo cerebral da cidade, para ouvir os intelectuais. O Amazonas era, por essa época, uma praia remota, polvilhada de oiro, onde naufragaram aventureiros e artistas de todos os quilates. Jasões e Teseus riscavam as suas avenidas claras. ombreavam-se nos seus clubes elegantes. O acontecimento, porém, era o serão da Academia. Trinta homens, espumas doiradas de um imenso sonho agonizante, compunham o sodalício. Cada um na sua cadeira, de espaldar elevado, de loiros em relêvo, formando alas. Na mesa, presidindo, como alguém que roçasse as asas nas dos anjos, êsse fulgurante Adriano Augusto de Araújo Jorge, que o Amazonas fagocitou para nunca mais soltar. Eu, ainda menino, contemplava-o como a um Hercules do pensamento. Suas palavras desciam sôbre nós ao jeito de uma bênção que renovava, de um jôrro de luz que redimia. O que me comovia era o brilho daqueles olhos que aureolavam a Academia. Os titulares todos fagulhavam, como se aquela fôsse a última noite de suas existências. Viviam êsses olhos, mágicos, belos, uns fatigados, outros ardentes, dardejando talento, semeando cultura. Eu tinha a impressão de que, apagadas as luzes do teto, o salão continuaria claro no fogo daquêles olhos magníficos. Entre êsses homens estava o meu pai. Sonhador como êles, iluminado como êles, tragado pelo Amazonas como muitos dêles. Talvez, em raros Estados do Brasil, se houvesse reunido uma tão brilhante Companhia ! Aos amazonenses crianças como eu, a êsse tempo, a Academia representava um padrão de alta cultura, de deslumbramento, de ironia, de sagacidade, de sonho...

Filólogos como João Leda, críticos como Péricles Moraes, estetas como Waldemar Pedrosa, poetas como Jonas da Silva, pedagogos como José Chevalier, juristas como Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, cientistas como Alfredo da Mata, naturalistas como Nunes Pereira, e outros, e tantos, que enchiam a sombra e crepitavam no silêncio amazônico.

Mas aquêles olhos tinham uma vida extranha ,que hipinotizava. Longe de Manaus, eu os via, lucilando na minha solitude, buscando os ângulos mais densos da minha saudade. Muitas vezes voltei ao Amazonas, convivendo com êles, recebendo dêles, mais tarde, já batido pela nevasca do sofrimento e da luta, o título de seu consócio no cenáculo. A Morte os foi colhendo, devagar, levando-os no seu turbilhão anônimo, na algidez impenitente. Outros foram substituindo-os, nas suas poltronas inolvidáveis. Nomes que significam muito para o Amazonas, que jamais se apagarão na nossa memória, que honraram, em sua passagem, o céu das nossas letras, como certos comêtas às noites eternas de Kepler. Gostaria de tê-los guardado em suas palavras, em seus pensamentos. O maior dêles, não deixou nada escrito : — Adriano Jorge. Jesús, perdôem o símile, também não. Eram tão belas, e devem continuar a sê-lo, as noites da Academia ! Não a vejo como um dos seus membros, como aquêle que senta na cadeira de Euclydes da Cunha, a de número dois. Sou sempre um menino diante dela. Aquêle menino deslumbrado, que passeava tímido, entre aquêles olhos impressionantes. Nunca desejei ser um acadêmico. Meu espírito é infenso às glórias vivas, às alegorias presentes, aos tumultos exaltadores ! Sou um boêmio autêntico, um simples, um fascinado pelas atitudes decisivas, escarnadas, sem máscaras. Dou muito mais valor ao coração do que ao cérebro. Para mim, os homens se distinguem muito mais pela bondade, do que pelo talento. Uma é uma lâmpada interior, o outro uma arma perigosa. Mas a Academia me hipinotizava por aquêles olhos, pelos olhos dos seus preceptores. A criança que eu era se sentia banhado de felicidade sob a magia dêsses ilustres olhares. Haverá alguém mais sábio do que uma criança ? A Morte foi tragando, do palco iluminado, aquelas vidas crispantes. Anos decorridos, quando eu retornava ao salão da velha Academia esfusiante de outros rostos e de outras almas, sentia-me subjugado pela influência espiritual dêsses olhos, já mortos, já desaparecidos para os que nada vêem, sempre presentes na minha admiração e na minha saudade...

Hoje, a Academia completa o seu meio centenário. Aquêles olhos estão mobilizados para uma festa. As mesmas inteligências formarão ao lado dos acadêmicos presentes. Um jôrro de entu-

siasmo vai pelo coração dos consócios do silogeu. Para onde irá o velho Amazonas ? Quais serão os seus caminhos ? O que Deus reservará para o seu futuro incerto e pressago ? Vejo-me novamente menino, ardendo de curiosidade e de orgulho, ao lado do meu pai, numa noitada da Academia. Aquêles olhos defenderão a nossa terra, aquêles espíritos imortais haverão de nos dar o rumo e a alegria, essas inteligências que desapareceram da nossa vista comum, jamais desertaram das nossas lágrimas e da nossa fé !

Com cinqüenta anos de idade, a Academia Amazonense de Letras é apenas uma criança.

JUBILEU DA ACADEMIA

MENDONÇA DE SOUZA

Nesta página evocativa, na verdade, procuramos oferecer-lhes, de maneira sumária, os traços principais de nossa festa jubilar em princípios de 68. Sabemos que, de exato, nos escapam alguns fatos neste relacionar dos instantes comunicativos, dos escritores insignes, dos acontecimentos rememorativos e atuais. Desculpamo-nos, de antemão, pelos possíveis lapsos cometidos.

Estimamos abrir-lhes êste ligeiro balanço na jubilosa recordação do cinqüentenário de fundação da Academia Amazonense de Letras. Foram relembrados, engrandecidos na fôrça vitoriosa da inteligência, doutos escritores. E glorificados, numa alegria imperecível, a plêiade de homens notáveis que a ajudou solidificar-se através de sua grandiosa existência.

Dentre outros, os eminentes Adriano Jorge, Benjamin Lima, Jonas da Silva, Heliodoro Balbi, Araújo Filho, Péricles Moraes, João Leda, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, José Chevalier, Huascar de Figueiredo, Waldemar Pedrosa, Jorge de Moraes, Raul de Azevedo, Leopoldo Péres, Castro Monte, Valois Coelho, Washington Melo e Mithrídates Corrêa, tão distantes no espaço e tão chegados ao nosso coração pela saudade.

Fundada a 1.º de janeiro de 1918. De início, como Sociedade Amazonense de Homens de Letras. Posteriormente, no entanto, por sugestão de Raul de Azevedo, transformou-se, "a exemplo das sociedades congêneres do País", em Academia Amazonense de Letras.

Ampliou-se. Tem sede própria, graças ao então Capitão Nelson de Mello. Hoje, Marechal dos mais consagrados e briosos de nosso Exército. Nelson de Mello, são palavras do grande Péricles Moraes, "deu-nos tudo : honrarias, sede própria, mobiliário moderno, tribuna, poltronas acadêmicas, em suma, todo o

aparato sóbrio e imprescindível às organizações estritamente literárias. E não foi só. Determinou que a Revista da Academia fôsse editada, gratuitamente, nas oficinas do Diário Oficial.

Depois, a supervisão de Leopoldo Neves, o incorruptível Governador constitucional, fêz o resto, remodelando a arquitetura anacrônica do edifício da Academia, comparecendo pessoalmente às sessões solenes, atendendo solícito às exigências do organismo em formação, facilitando-lhe elementos econômicos e cumulando-o de favores e distinções".

Projetou-se. Hoje um bocadinho, amanhã outro. Consagrou-se ao lado doutras Instituições nacionais. Tornou-se conhecida além fronteiras. Freqüentemente, é visitada por artistas e escritores famosos. Engrandece o nosso Estado pela importância exata de abrigar em suas poltronas nomes ilustres de nossas letras.

Vejam : a Academia Amazonense de Letras está tão viva, brilhante, na imponência das virtudes e qualidades que, neste Cinqüentenário, não na deixaram sem vez de aplaudi-la, de estimá-la e de reconhecer-lhe a excepcional influência cultural entre nós. Com a ajuda valiosa da inteligente bibliógrafa Maria Luísa de Magalhães Cordeiro, quase uma centena de livros, da autoria de seus consócios, ficou em exposição, durante os festejos, nos seus salões.

No albor de 68, nesta comemoração de festa jubilar, a gleba de Ajuricaba, uníssona, ligou-se ao nosso Silogeu, com honras e louvores, para comemorar-lhe os cinqüenta anos de fundação. Festa deslumbrante. Inesquecível. Amazônica. Repleta de queridas reminiscências.

O acadêmico Djalma Batista, na Presidência, mostrou-se incansável, afetuoso de saudades, talentosíssimo nos discursos de apresentação da terra e da grei. Honrou-se em trabalho e no êxito imenso de nossa festa acadêmica.

Na manhã de 1.º de janeiro, data do Cinqüentenário, os acadêmicos acorreram à Catedral Metropolitana. Assistiram, em ação de graças, à Missa solene das 11 horas, oficiada pelo Exmo. Revmo. Sr. Arcebispo D. João de Souza Lima. E ouviram-lhe, com devoção atenta, a fala espiritual. Magnífica. Rutilante de explicação e de interpretação da vida.

Às 12 horas, na rua de Monsenhor Coutinho 390, onde foi fundada a A.A.L, ouviu-se o ilustrativo e belíssimo discurso do acadêmico José Lindoso. Esclareceu-nos, de maneira brilhante, o motivo de aposição da placa de bronze na fachada daquela casa.

alusiva ao Cinqüentenário. A residência, em aprêço, pertence aos herdeiros do saudoso Dr. Gualter Marques Batista.

A 3 de janeiro, porém, o acadêmico Mário Ypiranga Monteiro, bastante seguro, num tema histórico, entre o passado e o presente, narrou-nos majestosamente AS ORIGENS DA ACADEMIA E SEUS FUNDADORES. Leiam-no em RAAL. Edição do Cinqüentenário. Sintam-no no veio aurífero que descobriu nessas Origens e magnânimamente no-lo ofereceu.

Programa suntuoso, de inexcedível beleza que, a 4 de janeiro, às 21 horas de verão, nos deu Poesia, Canto e Música. Relembrou-nos lindas poesias, de bardos do passado e do presente, agradabilìssimamente declamadas por D. Valderez Barbosa Cabral e senhorita Helena Silva. Os admiráveis números de canto pelo tenor Willibraldo Cruz. E os excelentes números de música clássica pela pianista professôra D. Maria José Moraes Lima.

E dentro dêsse ciclo festivo, à noite de 5 de janeiro, deslumbrou-nos, pelas imagens e palavras, o acadêmico Pe. Nonato Pinheiro com as extremosas EVOCAÇÕES ACADÊMICAS. Em maviosos números de música clássica, logo após, fêz-se ouvir o ótimo Conjunto de Câmara ORFEUS.

Noite de 6 de janeiro. Às 21 horas de verão, no salão de honra da Academia, o acadêmico Djalma Batista, em palavras repassadas de carinho e de júbilo, em nome de seus pares, agradeceu a presença de todos à festa de encerramento de nosso Cinqüentenário. Focalizou, em ligeiro instantâneo, eminentes figuras de nosso passado acadêmico. E fêz rápido panegírico em louvor do admirável ensaista de CAMINHOS DA FONTE.

Com a palavra, o acadêmico Oyama César Ituassu da Silva focalizou, a reavivar-nos o êxito imenso de nossa festa, a felicíssima lembrança de o professor Carlos Garrido, nosso sócio-correspondente, ter mandado cunhar, para distribuição aos acadêmicos, as medalhas de bronze comemorativas do Cinqüentenário. Mostrou-se à altura de sua erudição. Fêz-nos ligeiro retrospecto histórico sôbre medalhas.

O orador seguinte, foi o acadêmico André Araújo. Saudou, com períodos amplos, belamente adjetivados, o douto escritor Josué Montello, da Academia Brasileira de Letras. Deu-no-lo em passagens significativas de sua vida e de sua obra. Dignificou-o. Louvou-o em sua atual gestão como Presidente do Conselho Federal de Cultura. Reconheceu-o, nos assuntos de Cultura e de Educação, bastante alto, profundamente aclamado.

Josué Montello surge na tribuna acadêmica. Os presentes rompem em aplausos. Agradece. Dirige-lhes cumprimentos. E

tranqüilamente inicia a magistral conferência sôbre GONÇALVES DIAS E O AMAZONAS. Imensa! Extraordinária! Silêncio absoluto. Amores e desventuras. Tudo nos revelou do fabuloso vate de CANÇÃO DO EXÍLIO.

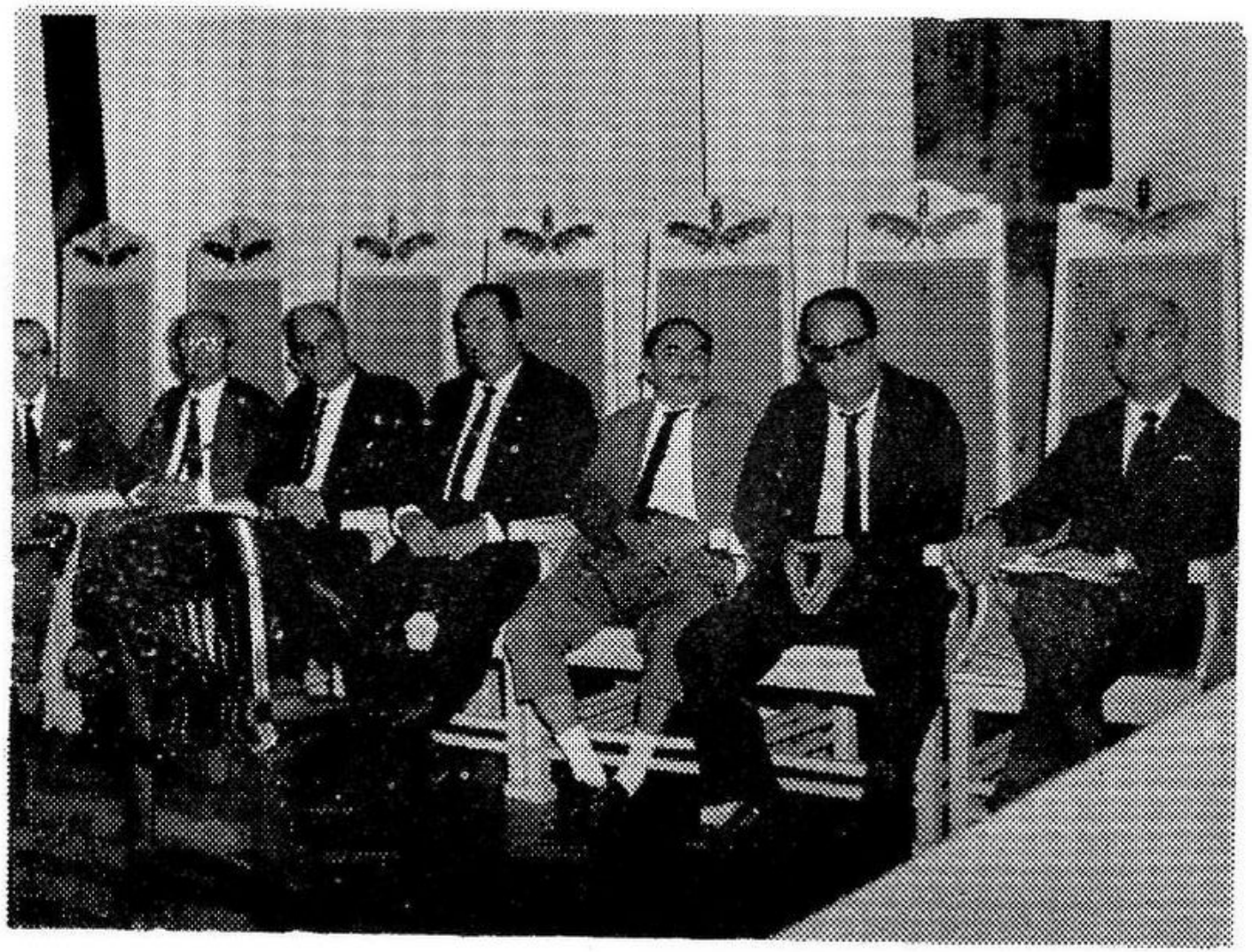
Alfim, consagração absoluta. Aplausos prolongados para o notável pesquisador que nos descobriu e nos ofereceu, numa noite esplêndida, inesquecível, o tesouro dos poemas de Gonçalves Dias amealhado sob os céus de nosso querido Amazonas.

Acentue-se na grandeza e brilho de nosso Cinqüentenário, o trabalho dedicado e vitorioso do acadêmico Genesino Braga. E é com inteira justiça que, aqui, o registramos. Leu-nos confortativa e delicadíssima página do acadêmico Ramayana de Chevalier. E não permitiu que, nesse empenho, ninguém o substituísse. E mensagem do escritor Aloísio de Carvalho Filho, da Academia de Letras da Bahia e sócio correspondente da A.A.L.

Suntuosa! Soberba, foi a exibição do Coral João Gomes Júnior. Vozes afinadas, agradáveis, reveladoras de muita arte e harmonia. Agradou-nos imensamente. Deixou-nos a convicção de que vamos adiante, reconhecidos, sincronizados em todos os ritmos, acordes e ímpetos artísticos.

Djalma Batista, na entrega das medalhas do cinqüentenário aos nobres acadêmicos, desencadeou longos e entusiasmados aplausos entre a culta e distinta platéia presente. E numa homenagem tôda especial, ato contínuo, ofereceu-as aos Exmos. Srs. Governador Danilo Duarte de Mattos Areosa, Prefeito Paulo Pinto Nery, Magnífico Reitor Jauary Guimarães de Souza Marinho, Des. José Augusto Teles de Borborema e Dep. Francisco Queirós.

E com êste fecho de ouro encerrou-se a festa jubilar de nossa preexcelsa ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS.



SESSÃO DE ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO JUBILEU
Ala direita das poltronas acadêmicas, vendo-se os Srs. Américo Antony, Sadoc Pereira, Mavignier de Castro, Mendonça de Souza, Mario Ypiranga, André Araújo e Josué Montello (convidado especial e conferencista da noite).

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO JUBILEU

Ala esquerda das poltronas acadêmicas, ocupadas pelos Srs. Oyama Ituassu, Cosme Ferreira, Aristophano Antony e Pe. Nonato Pinheiro.

AS POMPAS REAIS DO SILOGEU

GENESINO BRAGA

Sua era pericleana reviveu-a, agora, a Academia Amazonense de Letras. A doce atmosfera das tertúlias litero-artísticas voltou ao salão da Arcádia cabocla, impregnando-o de inteligência e espiritualidade, no ensejo das celebrações do seu cinqüentenário. A Poesia, a Música, o Canto, as conferências literárias e os discursos acadêmicos, pela graça vocabular das "diseuses", o virtuosismo dos solistas, a canoridade dos tenores e dos orfeonistas e a cultura e o talento dos mestres da retórica, saudaram os cinqüenta anos de austera e digna vivência da douta instituição, esculpindo no tempo andado, com as cogitações da forma pura e da beleza, as reverências à obra e à memória dos que já se imortalizaram favoritos do Olimpo.

A era de Pericles Moraes, que de tanto esplendor e reais pompas engalanara o Silogeu, sob a fôrça do ideal literário do mestre insigne de "Legendas & Águas Fortes", recordou-a, dias recentes, a Ilustre Companhia, ao calor de outra chama idealista, que arde em suas piras votivas dos jardins de Academus : Djalma Batista, a quem o próprio Péricles chamara, num breve historiar da Academia, "o porta-estandarte de suas gloriosas tradições".

Os quatro dias das tertúlias reacenderam os candelabros da inteligência e do espiríto no átrio augusto da cultura amazonense. Vieram em primeiro as "diseuses", isadoráveis em sua arte de sentir o sonho dos poetas. Foi Valderez Cabral e foi Helena Maria, que nos trouxeram de distâncias recuadas, na estesia de sua arte donairosa, os fúlgidos estros do passado : Th. Vaz, Balbi, Jonas da Silva, o divinizado Raimundo Monteiro, Otávio Sarmento e Genésio Cavalcante; — e os do presente : Álvaro Maia, Américo Antony, Mavignier, Thiago, Pereira da Silva, Mário Ypiranga. E ergueram, depois, seus módulos perfeitos, os sublimadores do bel-canto : Willibaldo Cruz, Pedro Amorim, — e o admirável Coral João Gomes Júnior, que é tôda a nossa madureza artística,

sob a regência do maestro Dirson Costa. E surgiram de seu próprio alumbramento da música erudita as virtuoses do teclado: Maria José Moraes de Lima e Jerusa Mustafa; e depois o adorável Conjunto de Câmara "Orpheus", com os seus violinos mágicos e o piano inconfundível, interpretando os mestres da composição clássica, regidos pelo maestro Francisco Bacelar.

A exposição de livros de autoria dos acadêmicos, organizada pela bibliógrafa Maria Luisa de Magalhães Cordeiro, exibiu as obras de 61 dos 73 intelectuais que nestes 50 anos tomaram assento nas 30 poltronas em azul-celeste do Senado das Letras Amazonenses.

Dois acadêmicos pronunciaram conferências magistrais. O primeiro foi Mário Ypiranga Monteiro, indiscutìvelmente nossa maior autoridade em assuntos históricos do Amazonas e em folclore amazônico. Dissertou Mário Ypiranga, com brilho excepcional, sôbre "As origens da Academia e seus fundadores", narrando ângulos e fatos que antecederam e promoveram o nascer do Silogeu e, depois, seus luminares, a obra e a fisionomia literária dos seguidores de Pericles e Benjamim Lima. O outro conferencista foi Raimundo Nonato Pinheiro, senhor da expressão vocabular fascinadora, do verbo claro e da forma harmoniosa, que nos deu o tema "Evocações acadêmicas", desenvolvendo-o com surpreendentes revelações da vivência e da produtividade intelectual dos "imortais".

Discursos perfeitos de conteúdo e requintados de idéias e de expressão do pensamento literário, pronunciaram-nos preclaras figuras da Academia: José Lindoso, na inauguração da placa de bronze na fachada da casa em que fôra fundado o sodalício; Oyama Cesar Ituassu da Silva, no ato da entrega das medalhas comemorativas; André de Araújo, saudando o escritor Josué Montello; e Djalma Batista, vêzes várias, explicando o sentido das comemorações.

Convidado de honra da Academia, — aticismo, inteligência e medida helênica plasmando no esmalte da sua cultura o hálito imarcessível da eterna Hélade, — o escritor Josué Montello traçou a linha ascencional das comemorações, encerrando-as com a empolgante conferência, que proferiu, sôbre "Gonçalves Dias e o Amazonas". Com minudência e clareza, com talento e simpatia, o douto titular da Casa de Machado de Assis dissertou quase duas horas sôbre a vivência em terras amazônicas, há mais de um século, do consagrado poeta de "Os Timbiras". Gonçalves Dias, não elevado ao excessivo nem ao excepcional, como o celebram, em geral, os decuriões de sua escola poética, teve a sua personalidade e a sua vida, — os seus amôres, as suas mágoas e os seus

líricos, — filosòficamente cultivadas na conceituosa explanação do romancista de "Os degraus do Paraíso". Uma obra-prima autêntica, uma página de esplêndida emoção, tôda feita de palavras essenciais e com a graça do epigrama inteligente, foi a palestra do acadêmico Montello. De uma postura muito nobre, além da ironia admirável fluindo mansa do recatado de uma paixão despida de audácia e de aventura, a imagem imensa do lírico de "Lembra-te o jardim, querida?" tivemo-la na sua precisão íntima, bem composta e completa na regularidade de seu físico e na nitidez leal de sua expressão humanística. Foi acontecimento que até hoje — e ainda vai a bem longe no futuro — se endeusa, se louva e se encomia nos círculos do pensamento de cultura da cidade, a bela conferência de Montello na Casa de Pericles Moraes.

Com essas exponenciais celebrações, com essa bela demonstração da sua produtividade e da sua predominância de cinqüenta anos na expansão cultural do Amazonas, deu a Academia Amazonense de Letras soberba exibição de sua vitalidade e grande mostra das obras produzidas por seus membros acadêmicos, deitando por terra, para sempre, as contumélias dos que a invectivavam de improdutiva e decadente, com os aforismos do despeito e da imaturidade.

(Do "Jornal do Comércio" de 21-1-68)

MENSAGEM DE ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

Mando à Academia Amazonense de Letras a calorosa mensagem das minhas mais vivas congratulações pela festiva data cinqüentenária de sua fundação. Certo é que não sou um estranho entre vós, antes alguém que, nos idos tempos de sua juventude, privou do vosso convívio, e da graça dêsse convívio conserva a mais constante e justificada recordação. Alguém que, por isso mesmo, — não fôra a fortuna de haver nascido onde nasceu — teria optado, sem perda de um instante, pela vossa terra. No número dos gratos títulos do meu permanente aprendizado nas letras sobreleva o que me concedestes, um dia, chamando-me à vossa companhia, na eminência de Membro Correspondente. Por que o fizestes? Respondo, contente, aos que não foram contemporâneos da minha curta porém profunda experiência amazônica.

Regressando daí, findo o exercício no cargo de Diretor do Arquivo, Biblioteca e Imprensa Pública, na Interventoria Federal do honrado mineiro Alfredo Sá, transmiti à minha gente, numa conferência para ouvintes curiosos, todo o feitiço da vossa linda cidade e todo o entusiasmo que despertavam no forasteiro a insistência desajudada, a energia incomparável, o heroísmo anônimo com que o amazonense, assistido por nortistas de outros pontos, escrevia, na história do Brasil dos nossos dias, um capítulo que só admite confronto — e até, sob muitos aspectos, superando-o, — com o grandioso ciclo das bandeiras.

A oferenda do vosso reconhecimento, bem maior do que a pobreza do meu canto, foi o título de que, com razão, me orgulheço. Dissera, então, falando de vós, que Manaus era como uma "semente de civilização que se houvesse lançado na floresta

virgem, e vingasse, rebentando em flor". Diria agora, passados quarenta anos, que esta semente por tal sorte se multiplicou no Amazonas, em messes e em prenúncios de fartura, que, hoje, mais do que simplesmente bendizê-la, necessário é guardá-la e defendê-la, sobretudo defendê-la, a qualquer preço, contra a cobiça estrangeira.

O que vos posso, neste passo, assegurar, meus excelsos confrades, é que se a vida ainda me consentir vagares não hei de morrer sem voltar a Manaus, para, em despedida, reavistar as paisagens que encheram de tamanho deslumbramento alguns breves dias da minha mocidade e para cobrir de flôres o pedaço de terra onde descansam tantos amigos meus, inolvidáveis.

Continuai, sem desfalecimento, a vossa gloriosa missão, propagando o Ideal, erguendo, nas peregrinas mãos, o florão de Beleza e de Inteligência do Amazonas!

Brasília, 20 de dezembro de 1967.

* * *

OS CUMPRIMENTOS DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS

Telegrama recebido

Dr. DJALMA BATISTA Presidente Academia de Letras do Amazonas — NESTA — Manaus Am. 5021 56/55 3 1436 GR/NR 02/68 03.1.68 Comemorações passagem cinquentenário êsse Sodalício congrega figuras exponenciais letras amazonenses et preserva gerações futuro tesouro incomensurável cultura nossa gente vg Universidade Amazonas intermédio digna Presidência cumprimenta ilustres membros grandiosa Academia pt Cordiais saudações JAUARY GUIMARÃES DE SOUSA MARINHO Reitor Universidade Amazonas.

TRABALHOS ORIGINAIS

TESTAMENTO DE UM POETA

MITHRIDATES CORRÊA

Quando eu já não fôr
na realidade de células em osmose,
que se abra o chão :
E à voracidade da terra
minhas carnes atirem.
Que importa o corpo inerte, consumido,
se o que nele existiu, por metempsicose,
à terra voltará com nova encarnação ?

Quando eu já não fôr
vida em movimento, alma em ação,
nas inquietudes dos deslumbramentos,
nas miragens dos sonhos,
em tudo que fala,
que palpita,
e diz que eu sou, que existo,
num pedaço de chão...
que eu volte a não ser nada
como fui outr'ora
antes do espasmo
que me deu alma e coração.

E, se não voltar a ser,
como ainda sou, da vida um acontecimento
em trajetória para o esquecimento,
para o destino da transformação,
que se cumpra a Lei que nos governa,
com o mistério de uma vida eterna,
muito longe da Terra em que fui eu mesmo
na paisagem telúrica do mundo.

E o que deixei de mim como lembrança
do homem que fui,
que sirva de alimento
aos que se nutrem como hienas
e aos que dejetam infâmias.

N.R. — Êste poema foi encontrado pela família de Mithrídates Corrêa entre os seus papeis, escrito nos últimos dias de vida. Não tinha título e com certeza a forma teria de ser apurada. Estão nêle, porém, reunidas, as admiráveis qualidades poéticas do autor, inclusive a sua capacidade de se exprimir em versos modernos. A previsão da morte próxima está patente no poema, que muito honra as páginas da REVISTA DA ACADEMIA.

PERICLES MORAES, PROFESSOR E ACADÊMICO

AGNELLO BITTENCOURT

O Professor Péricles Moraes foi uma das figuras mais proeminentes dentre os intelectuais de sua época. Nasceu em Manaus a 28 de abril de 1882 e faleceu a 26 de setembro de 1956.

Foram seus pais o Deputado estadual Severo José de Moraes e d. Evarista Mello Moraes, sendo neto do Capitão Ricardo Ferreira de Mello. Fêz seus estudos primários em Manaus e o secundário, em Belém do Pará.

A pouco e pouco, dispondo de rara inteligência e incomum dedicação às letras, adquiriu uma cultura polifórmica de que deu sobejas provas nas lides da imprensa que abraçara, como atividade vocacional. Dedicou-se ao estudo da língua francêsa e de sua literatura, que, logo passou a lecionar a várias gerações de Manaus, onde fixara residência.

Péricles Moraes entrou na vida pública sem abandonar seus afazeres literários, nem o lecionamento do idioma francês. Foi Prefeito de Coarí e de Parintins, em 1926. Ocupou o lugar de membro do Conselho Consultivo, do govêrno estadual, em 1932. Foi também: Diretor Geral da Instrução Pública, em 1934; Secretário Geral do Estado, no Govêrno do Des. Estanislau Affonso, em 1945 e no do Dr. Leopoldo Neves, de 1947 a 1950.

Fêz duas viagens à Europa e várias ao Sul do País.

Péricles Moraes casou-se, em primeiras núpcias com Zulmira Moraes; em segundas, com Andrômaca de Miranda Moraes, que, atualmente, exerce as funções de Oficial do Registro de Imóveis e Protesto de Títulos do 2.º Ofício da Capital. De ambos os consórcios não deixou descendência.

Péricles foi um incentivador das Ciências e das Letras. Com outros companheiros, fundou, em Belém, o **Apostolado Cruz e Souza,** e, em Manaus, a Sociedade de Homens de Letras, que teve

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DA S COMEMORAÇÕES DO JUBILEU

Parte da seleta assistência.

uma vida efêmera, predecessora da **Academia Amazonense de Letras,** esta fundada a 1.º de janeiro de 1918.

Dentre os jornais e revistas em que colaborou, notam-se: "O Amazonas", "O Jornal", e "Jornal do Comércio", "O Libertador", "A Gazeta da Tarde", "A Tarde", o "Diário da Tarde", todos de Manaus; a "Folha do Norte" e "A Província do Pará", de Belém.

Deu a lume vários livros e opúsculos, alguns hoje esgotados: "Figuras e Sensações", em 1923; "Coelho Neto e sua obra", em 1926; "A Vida Luminosa de Araújo Filho", em 1931; "Legendas e Águas Fortes" em 1935; "Retrato de Augusto Linhares", em 1943; "Confidências Literárias", em 1944; "O Exemplo de Leopoldo Neves" e ainda "Leopoldo Peres", 1952.

Uma inteligência sempre fulgurante: é o que se pode afirmar, em mais de meio século de atividades mentais, dêsse homem que foi também chamado **Príncipe dos prosadores da Amazônia.**

Não havendo espaço para apreciação literária de suas obras — como fiz de algumas, quando de seus aparecimentos —, destaco a tendência do escritor para o espírito da França, cuja admiração e influência foram aumentando, à medida de sua penetração na cultura e na beleza literária daquele país. Jamais essa tendência poderá ser acoimada de desvio de cultura ou anti-amazonismo, e sim de predileção e alta especialização. Diferente dos imitadores, tão numerosos no albor do século, que sofriam a influência francesa até no vestir; os nossos escritores não se cançavam de ler, citar e recitar Victor Hugo, Maupassant, Musset, Paul Valery.

Péricles Moraes, em matéria de literatura, possuia mentalidade francesa. A quantidade, aliás bem selecionada, de autores franceses encontrada em sua vultosa biblioteca, (mais tarde adquirida pelo Estado) prova a inclinação de seu espírito para a fulgurante literatura.

Tem-se dito que a vida de um intelectual, que deixou gravados e conhecidos os seus pensamentos, é contemporâneo de tôdas as gerações. Com abundância de provas, é simbòlicamente um imortal, tanto mais que sua vida e sua obra já estavam perenizadas um mês antes de fechar os olhos para o mundo físico, com a publicação do número especial da Revista da Academia de Letras — de que foi Presidente por alguns anos — impressa em agôsto de 1956, e que é uma brilhante e volumosa Poliantéia de

282 páginas substanciosas. Êsse livro, bem imaginado e oportuno, vale por uma coluna de bronze em que se perpetua a memória de um dos nossos maiores e mais queridos vultos. Péricles Moraes será contemporâneo dos nossos pósteros.

(Fontes subsidiárias: "REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS", n.º 6, de agôsto de 1956 — Edição comemorativa do jubileu literário do escritor Péricles Moraes e informações de sua viuva, por intermédio do Prof. Venâncio Igrejas Lopes).

VITÓRIA-RÉGIA

COSME FERREIRA FILHO

Nos igapós, boiando à tona escura
das águas mortas que um tremor anima,
rubra vitória-régia aflora em cima
de cada estranha mancha de verdura.

E enquanto a raiz o pântano procura
e ao lodo sorve a seiva forte e opima,
a vermelha corola se aproxima
da áurea luz que a redime e transfigura.

E, qual uma oferenda ao Sol levada,
na verde taça de uma fôlha enorme,
sôbre o turvo lençol da água parada,

vitória-régia encarna e evoca um mito!
— Flor de carne e de neve, ebúrnea, dorme
como um astro tombado do infinito.

RIO MADEIRA

(Do livro "ÁGUAS LENDÁRIAS", inédito)

JOÃO NOGUEIRA DA MATA

Rio caudaloso, de magníficas tradições na história da Amazônia, o Madeira forma-se da junção do Mamoré com o Beni. Esta a versão mais recente e autorizada, em virtude do pronunciamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agnello Bittencourt ressalva, entretanto, que há autores que lhe dão como formadores o Mamoré e o Beni, aos 10º 20' de latitude sul e 22º 12' de longitude sul do Observatório do Rio de Janeiro, ou do Mamoré com o Guaporé. Com a primeira versão está Manuel Rodrigues Ferreira, **in** "Nas Selvas Amazônicas", edição de 1965.

A denominação, em plena vigência, provém da aguda escôlha dos colonos portuguêses. Fixando melhor, de Francisco de Melo Palheta, quando por êle passou, a serviço das autoridades de além-mar. Contemplando-o, impressionou-se com a excessiva quantidade de tronqueiras que desciam de bubuia, rumo ao Rio-Mar, em consequência das "terras caídas". "Rio das Madeiras" — ou, em face da lei do menor esfôrço atuando na linguagem — "rio madeira", pelos séculos em fora até os dias atuais.

Classificado entre os "rios brancos", de águas barrentas porque atravessam terrenos sedimentares — na sábia observação do professor Aroldo Azevedo — o Madeira acompanha, nesse particular, outros rios da região, tais como o Juruá e o Purus. Em contraste, de conseguinte, com o Negro, de águas de nanquim, conforme numerosos estudos feitos, ou com o Tapajós, no Estado do Pará, de águas esmeraldinas.

Alonga-se vertiginoso nas vastas áreas do Território Federal de Rondônia e do Estado do Amazonas, numa extensão de 3.240 quilômetros, consoante o abalizado mestre Agnello Bittencourt.

Compreende dois trechos distintos :**o baixo Madeira,** da foz à cachoeira de Santo Antônio; e **o alto Madeira,** desta para cima

até à foz do Beni, ou, segundo outros, de Santo Antônio até os manadeiros do Guaporé, ou ainda de Santo Antônio aos confins do Beni.

A largura, na foz, está calculada pelo engenheiro Silva Coutinho em 2.750 metros, colidindo, portanto, com a estimativa de Castelnau, de 9.900 metros. Em Santo Antônio, pouco mais de 100 metros.

Com as enchentes periódicas — sobrevindas em todo o imenso labirinto hidrográfico da Planície — o rio alarga-se ainda mais, tragando as margens em condições inexoráveis. Muda-se em autêntica mesopotâmia. Permanecem sobranceiros apenas os barracões, graças aos longos esteios que lhes servem de base. Casuchas de florestários, à ilharga dessas casas-grandes, desaparecem na vertigem das correntes líquidas.

Escoadas as águas, aliviada a calha suntuosa, desnudos os beiradões e expostas as praias alvinitentes, o Madeira como que se renova. Surgem as ilhas verdejantes, em número de trinta e duas, os pedrouços encachoeirados, as margens alcatifadas de flôres silvestres, na pureza de seu aroma. E' nesse período que o rio convida para o trabalho, para o acesso às suas terras de florestas compactas, em cujas entranhas se encontram os óleos medicinais, as madeiras de lei, os frutos saborosos, as héveas e as bertolécias dadivosas, os animais de valor inestimável.

O deslocamento de sua massa líquida varia conforme o lugar por onde passa. Está na razão direta do declive e da largura do canal. Nas primeiras centenas de quilômetros — ensina Agnello Bittencourt — é lento. Regula 1.320 metros por hora, para elevar-se a 3.500 metros Baetas para cima. A foz acha-se a cêrca de 30 quilômetros de Manaus.

Quando da presença, no extremo-norte, das primeiras expedições, partidas de São Paulo e de Cuiabá — fulcros irradiadores das penetrações hinterlandinas — defrontaram com tribos aguerridas, ciosas da plenipossе do território pervagado. Caripunas, Mundurucus, Araras, Parintintins e Muras. Êstes, exímios canoeiros. Dezenas de outras tribos espalhadas pelo Maici-Mirim, Paca-Nova, Gi-Paraná e Jamari. Jauaperis, Paca-Novas, Turas (ou Torás), Uramis e Urupas.

Para êles, para êsses homens bronzeados, o caudal que vinha impetuoso dos altiplanos bolivianos não era o rio das tronqueiras, assim chamado pelos lusitanos. Era o Caiári, ou Caiarí. De **Cai**, cedro em aruaco, e **Ári**, rio. Portanto, rio do cedro.

Encontrou-o assim Pedro Teixeira, em 1637, a quem coube a missão de verificar, por determinação expressa de seus superio-

res, em Belém do Pará, se havia, em verdade, a incursão de outros povos. Cristóvão d'Acuña, servindo de escrivão, deixou páginas imperecíveis.

Em 1650, vindo de Cuiabá, no mais recente estudo sob a responsabilidade de Vitor Azevedo, em opúsculo editado no ano em curso, Antônio Raposo Tavares atingiu a região em que dominavam os Chiriguamos. Em seguida, desceu o grande rio (o Madeira) até Belém.

De sertanistas, porém, dois se destacaram na história da Planície: Francisco de Melo Palheta e frei José dos Santos Inocentes.

A expedição de Francisco de Melo Palheta partiu de Belém a 11 de novembro de 1722, atingindo a primeira cachoeira — a de Santo Antônio — em 22 de junho do ano posterior. Gastou 45 dias para transpor o trecho encachoeirado. Tal expedição, que chegou a Santa Cruz de La Sierra, nada obteve de positivo. A missão de Santo Antônio das Cachoeiras, fundada pouco depois, também se extinguiu melancòlicamente, por insalubridade.

De lances épicos, sem dúvida, a jornada empreendida por frei José dos Santos Inocentes, um dos maiores propugnadores pela elevação do Amazonas à categoria de Província. Subindo o rio Madeira, na qualidade do emissário dos "autonomistas", conseguiu alcançar Cuiabá, onde foi detido. Hábil e inteligente, não se deixou surpreender pelos adversários, passando o documento, de que era portador, a um amigo de confiança. Êste, com as necessárias cautelas, chegou à Côrte, no Rio de Janeiro, e ali se desincumbiu da informação secreta. Enquanto frei José dos Santos Inocentes, processado como subversor, cumpria a pena que lhe fôra imposta.

São êstes os mais importantes afluentes do Madeira. Pela margem direita, a partir de Santo Antônio: Jamari, Gi-Paraná ou Machado, Marmelos, Ipixuna, Manicoré, Mataurá, Mariupáua e Aripuanã. Pela margem esquerda: igarapés do Mirarí, Baetas e Capanã, que atravessam lagos de iguais nomes, e Araras.

Dois vultos eminentes deixaram os nomes vinculados ao Madeira, como expoentes das nacionalidades a que pertenciam: Teodoro Roosevelt, que chegou à presidência dos Estados Unidos da América do Norte, e o general Cândido Mariano da Silva Rondon. Em homenagem ao primeiro, cuja visita se efetuou em 1909, à frente de luzida expedição, transformaram o Aripuanã em Roosevelt. Eternizando o segundo, como lídimo defensor do silvícola perante o país, é hoje Rondônia a área em que êle, por largos anos, abriu clareiras, levantou povoados e deu à causa ameríncola um cunho de sensível e nobilitante brasilidade.

Eis o rio tradicional que Anísio Jobim — autor de tantas obras valiosas sôbre a Amazônia — descreveu, um dia, impregnado de sortilégios, a ponto de ouvir nos "remansados, nos braços de seus colaterais, nos mistérios de suas matas fechadas e alterosas a alma errante do índio, o tutucar do maracá, o bater da sapupema, o vibrar cadenciado e fantástico do trocano, os ataques da inúbia ardente".

Imensamente opulenta a região banhada pelo Madeira. Flora portentosa, de cujo seio têm saído as espécies vegetais mais vendáveis, os óleos destinados à medicina. Fauna inesgotável, que enriquece decisivamente o comércio regional, através da larga exportação de couros e peles. Solo e subsolo que ainda estão quase intactos, nada obstante as esporádicas explorações do ouro e da cassiterite — esta uma das esperanças para a libertação econômica do país. Lençóis petrolíferos e reservas de salgema.

Às suas margens, ubertosas e pitorescas, erguem-se os barracões legendários, de onde partiam, resolutos, os escalões para os "centros", destinados à extração do látice das héveas, ou à colheita das castanhas — os produtos exportáveis de maior expressão do meio. Com êles formam, igualmente, os apanhadores de drogas, os lenhadores e os caçadores, incansáveis no trabalho de soerguimento da economia regional, quaisquer os sacrifícios dispendidos.

Dessa gente heróica, dessa "gente dos seringais", a que alude Alvaro Maia com o entusiasmo de hinterlandino esclarecido — a maior legenda intelectual dentre os filhos daquêles beiradões — é que se povoou o Madeira de foz em fora. A princípio, atraída pela exuberância da flora e da fauna. Depois, em consequência do "rush" da borracha, que, em poucos anos transformou por completo a vasta área subdesenvolvida, em meio às mais estrepitosas manifestações de regosijo por parte dos homens sequiosos de ouro.

Dois fatôres preponderantes concorreram para êsse movimento populacional de proporções impressionantes : as reiteradas sêcas do Nordeste e a propaganda, que, além-fronteiras se fazia do leite precioso. Belém e Manaus se tornaram, em defluência de tais fatôres, os alvos preferidos da cobiça, quer de nacionais, quer de estrangeiros. Encontro de mentalidades heteróclitas, tentando, porém, colimar os mesmos objetivos.

Daí, dêsse encontro inconsequente, a série de fatos mencionados por Ferreira de Castro, Braga Montenegro, Alvaro Maia e tantos outros escritores. Crimes hediondos em decorrência da falta de mulheres. Ausência de justiça social, num submundo

em que só pontificavam os proprietários de seringais, também conhecidos como "coronéis", cujo valor se media pelo número de capangas. Falta absoluta de compreensão, ou de solidariedade humana. Regime do "tronco" e do "quarenta e quatro" — as duas grandes realidades das brenhas.

Hoje, porém, com os extensivos avanços da civilização, outras são as perspectivas dos homens que lutam às margens do Caiarí, tão ligados aos seus primórdios. Há uma palpitante confiança na riqueza da área portentosa, da fauna e da flora, das minas de manganês e de carvão de pedra, da industrialização, enfim, dos produtos extraídos. Libertação definitiva, do ponto de vista econômico, em decorrência das estradas que estão sendo rasgadas.

No que concerne à literatura, refulge como brasão de um povo, consagrado nas letras internacionais, o romance "A Selva", de Ferreira de Castro, na atualidade um dos valôres mais altos da intelectualidade portuguêsa. De início, a obra deu ensejo a bem acesas polêmicas, com duas correntes bastante significativas Jornalistas e escritores patrícios, notadamente do sul, vieram à liça e terçaram armas, num combate frontal à contribuição do jovem lusitano. Obra escrita por quem, em verdade, estêve em contato com a natureza amazônica, sentindo-lhe a agrestia, assistindo aos seus dramas, mas evidentemente exagerando na fixação dos tipos e paisagens. Amazônia ainda mais rude do que é, com seringueiros à imitação de feras humanas, sem limitações morais, sem escrúpulos maiores, completamente embrutecidos no soturno das selvas. Patrões useiros e vezeiros nas arbitrariedades, valendo-se apenas da violência e da corrupção — como surradores perigosos e desumanos com os seringueiros sem saldo.

De tal política acirrada, entre os homens de indiscutível capacidade intelectual — alguns profundos conhecedores do meio amazônico — surgiu o trabalho revigorado, discutido em todos os círculos de cultura, quer no país, quer em Portugal, onde as edições se foram sucedendo, em proveito dos editôres. Ferreira de Castro, de bisonho e sem grandes elogios da crítica, passou a ocupar lugar de destaque no seio dos homens de letras de sua pátria. "A Selva" deu-lhe a projeção inesperada.

E' que sociólogos e pensadores, daquém e dalém-mar, examinaram a obra sob outros ângulos. Viram-na como revelação da natureza bruta, sem retoques. Naturalismo duro, mas exato. Dos debates surge então o romance consagrado, presentemente em décima oitava edição e traduzido para o inglês, alemão, romeno, tcheco, croata, francês, italiano, holandês, sueco, espanhol, eslovaco, búlgaro e norueguês. Autêntico **best**-seller,

em que aparece como cenário principal a vida do seringueiro ao Madeira, com tôdas as minúcias que o autor pôs em destaque — desde a entrada do "brabo" no serviço, de todo em todo alheio aos perigos da mata — até às contingências que incidem sôbre o indivíduo isolado naquêle mundo, "comprando" mulheres por prêços exorbitantes. Escassês tão acentuada destas, que, certa feita, à cabeceira de defunto, em velório de barraca, surge um candidato à mão da viúva, a qual, em prantos, responde :

— Não posso, porque já estou comprometida !

Chegára tarde o "acordado" !

Nos próprios ângulos da literatura amazônica — ainda lutando em plena éra atômica, contra as asfixiantes delimitações do provincianismo — podem ser citados, entre numerosos outros trabalhos sôbre o "rio das madeiras", "Viagens" (novelas), de Braga Montenegro; "Gente dos Seringais", "Beiradão" e "Banco de Canoa", de Alvaro Maia. Quatro lançamentos de envergadura com impressões vigorosas acêrca das barrancas madeirenses, máxime do segundo escritor, filho dileto de Humaitá. Também merece o melhor acolhimento o livro "Nas Selvas Amazônicas", de Manuel Rodrigues Ferreira, a respeito de Rondônia. Páginas magistrais, com ótimas visadas ,por exemplo, do Forte Príncipe da Beira, um marco da maior importância na história do devassamento dos ínvios sertões matogrossenses.

SIMBOLISMO DA NOITE

MAVIGNIER DE CASTRO

Noite, o teu simbolismo está nas oferendas
que trazes no clarão dos astros multifários,
guardas no plenilúnio as místicas legendas
que nunca o dia trouxe à paz dos campanários.

Rondam o teu silêncio abantêsmas de lendas,
as ciladas, a sombra e os entes solitários,
mas vens do mar do espaço e, em turbilhões, desvendas
com espumas de luz os ermos milenários.

Ó noite, harpas de dôr e violinos gementes
vibram dentro de ti solenes tessituras
de cantos que se esvaem com as notas dolentes...

Vais de novo partir para imotos abismos.
Dissipam-se na treva os sonhos de venturas,
mas ficam outra vez os claros simbolismos!

MESTRE DO RITMO E CRIADOR DE BELEZAS

ARISTOPHANO ANTONY

Não era êle, talvez pela sua própria introspecção, homem de muitos amigos, dêsses que se impõem à primeira vista pelo sortilégio da palavra e a cintilância do espírito. Era, podemos dizer, de uma simplicidade excessiva, que o nivelava aos mais humildes, que o tornava, no borborinhar incessante das turbas, um autêntico "joão ninguém". Nunca, aliás, fêz questão de mostrar-se, de dizer quem era àquêles que, indiferentes, encontrava sempre no seu caminho de andarilho do rítmo e da beleza. Bastava andar êle, sempre que se expunha aos olhares curiosos na azáfama das ruas, com os seus próprios pensamentos, para não se considerar um solitário. Eram as suas musas, à semelhança de deusas misteriosas, as companheiras inseparáveis dos seus solilóquios, as inspiradoras felizes dos seus instantes emocionais. A musicalidade dos seus versos sempre bem medidos, mesmo às vêzes em rítmos estranhos quando não eram bárbaros, nunca teve hiatos comprometedores nem deslizes lamentáveis. E' que havia harmonia no seu espírito, como havia disciplina na sua inteligência, nunca atingida pelos excessos da libertinagem e os desvarios das centúrias em que o alcoolismo era predominante, de par com a licenciosidade amorosa. Dêsses malefícios físicos e espirituais que tanto sacrificaram Verlaine e Murger, fazendo a desdita de Fagundes Varela e arruinando tantos outros poetas, entre os quais B. Lopes e Maranhão Sobrinho, livrou-se sempre, graças, principalmente, à sua rígida formação moral. Na aparência, apenas na aparência quem quer que o visse, mesmo à distância, parecia um indiferente a tudo e a todos. Foi, por isso mesmo, que em uma análise que fiz da sua personalidade, assegurei ser êle um introvertido, semelhando, a meu ver, aquela Cegonha de Aníbal Teófilo, que vivia, permanentemente, debruçada na "angústia infinita de si mesma"...

* * *

Dizem contemporâneos seus, dos que acompanharam, com interêsse, as suas passadas desde estudante, que Jonas da Silva trouxe, para a velhice, o temperamento e os hábitos da sua mocidade descuidada e feliz, vivida que foi, em grande parte, nas rechãs tranquilas do seu querido Piauí. Foi nelas que nasceram os seus primeiros versos que, mais tarde, quando bimbalhavam na sua alma os guisos da alegria criadora, teriam de consagrá-lo através das páginas luminosas e definitivas das "Ânforas" e dos "Ulhanos", reafirmando-lhe a nomeada, anos mais tarde, a publicação de suas "Czardas". Quando o conheci já ostentava êle o laurel de grande poeta e andava pela casa dos quarenta anos. Ressoavam, nos salões literários, os seus versos, como enchiam de sonoridade, em serestas caseiras, as suas estrofes com tôda "a aritmética dos seus rítmos" impecáveis. Os seus sonetos, muitos traduzidos para vários idiomas, o sueco inclusive, já figuravam nas Antologias e eram divulgados em revistas e jornais de todo o país. Era a consagração do aedo que, dando curso aos seus conhecimentos da língua francesa, também se apurava na tradução de poesias, selecionando os poetas que escreviam no idioma de Chateaubriand. Raro em raro Jonas da Silva me aparecia para, discretamente, como se quisesse livrar-se de um pecado cometido, passar às minhas mãos originais de produções suas que eu, com destaque e orgulhoso da sua glória, fazia publicar nas páginas de "O Monóculo", misto de jornal e revista onde pontificavam rapazes de talento e de cultura. São dêsse tempo alguns sonêtos seus depois enfeixados nas "Czardas", dentre os quais "Rural" e "O Farol", que deviam estar esculpidos em alto relêvo. Eu os decorei e, daquêle, ainda guardo o fecho de ouro: — ... "só me lembro da guerra, quando escuto, na palha, os tambores das chuvas...". Do outro, recordo aindo o verso final, evocativo das noites tempestuosas, quando os jorros de claridade varrem o oceano revôlto, advertindo navegantes para o perigo dos recifes. Infelizmente, porém, "a êsses gritos de luz ninguém responde"...

* * *

Mesmo na sua plena maturidade espiritual, o poeta não possuia amigos íntimos. Os que primavam do seu convívio, jamais ouviram, dos seus lábios, o balbucio de uma confidência ou o sussurro de uma queixa. Era a esquisitice em pessoa. Prevalecia nêle o mutismo. Dir-se-á que se deleitava com o silêncio, pensando que êste, como afirmava Schiller, não compromete ninguém. Raramente emitia uma opinião e, se o fazia, era sempre sintético, embora persuasivo. Se ouvia um dito chistoso, limitava-se a sorrir, discretamente, pois nunca se

ouviu uma gargalhada sua, sonora e espontânea. Perguntar-se-á se Jonas da Silva era um triste. Respondemos com uma negativa, pois tudo possuia para ser alegre : — as condições social e financeira, que sempre foram equilibradas e a família, que era a constante da sua felicidade, resumindo-se esta no seu lar, ao aconchego da espôsa e dos filhos. Depois de constituir família, o poeta dividia as suas horas entre o seu gabinete de trabalho e as obrigações domésticas, não desviando caminho para outras atividades, que não as tinha, até porque jamais foi dado às aventuras galantes. A sua timidez o impedia de proceder assim, como também não buscava lugares mal frequentados, repugnantes à sua moral e à sua pacatez. Confrades seus, dos que mais de perto o conheciam, como Péricles Moraes e João Leda, disseram-me que Jonas da Silva nunca fôra visto em esbornias ou serestas de boêmios. Outros afirmam que seu velho pai, com a austeridade dos homens antigos que dominam a sua grande prole, fiscalizava discretamente as passadas do filho, receioso de que, nas suas andanças comuns procurasse substituir por novas, as antigas musas que conquistara nos tempos da mocidade...

* * *

Não comparecia o poeta a reuniões literárias e muito pouco frequentou a Academia Amazonense de Letras, de que foi um dos fundadores, para participar das suas reuniões solenes, de posse dos novos acadêmicos, ou de tertúlias de inteligências, a fim de declamar os seus versos admiráveis. A inibição dominava-o. Apenas uma vez, — contou-me o crítico de "Figuras & Sensações" — levado quase à fôrça, estêve presente a uma festa de intelectuais, onde foi obrigado a recitar versos seus, o que fêz contrafeito. Nessa ocasião Jonas da Silva pela primeira vez recitou os dois sonetos magistrais sôbre Santa Tereza, dos mais belos da língua portuguêsa, que arrebataram a assistência. Quando esta o aclamava, de pé, em ruidosa manifestação, o poeta esgueirou-se e conseguiu chegar à rua, perdendo-se na escuridão da noite, como se tivesse cometido, antes, o mais feio de todos os delitos. Assim foi sempre na mocidade e assim continuou na velhice, indiferente à aureola glorificadora que o circundava. Depois das "Ânforas" e dos "Ulhanos" que deram nomeada e distinção ao poeta, êle sem deixar de ser o enamorado das musas, resolveu transformar-se em homem de emprêsa, a esta dedicando a maior parte do seu tempo. Não deixou de versejar, mas se tornou previdente, tratando de amealhar para o futuro. Ensinara-o Lafontaine, no apólogo de A Cigarra e a Formiga... Os seus versos, dessa época, não possuem mais o fulgor e a ressonân-

cia daqueles que fêz na mocidade, embora não perdessem o mesmo ritmo e a mesma sonoridade. E o que se verifica nas "Czardas", seu último livro, que não pôde parelhar com os dois primeiros, por lhe ser inferior, mesmo enfeixando, nas suas páginas, de par com sonetos e poesias dignas do seu renome e da sua glória, versos simples e enternecedores, feitos ao que parece, para o embevecimento dos seus familiares, como, por exemplo, a "Canção dos Granadeiros", que é um cântico de meiguice e carinho em homenagem à filha caçula e ao filho primogênito.

* * *

"Czardas", entretanto, conforme declarei em outra oportunidade, foi o "canto do cisne" do consagrado poeta, pois, o tempo, implacável sempre, o consumira e embora não o desfigurasse, impedira-o de continuar os triunfos consagradores dos seus primeiros livros. O artista de imaginação ampla, o mestre indiscutido do ritmo que trazia os ouvidos sempre atentos às exigências da métrica, não possuia mais os ardores da mocidade. Nos vergeis do seu espírito não se abriam mais ao sol, com os seus estranhos e diferentes coloridos, as rosas perfumadas, os bogarís, as orquídeas e os resedás, vendo-se nêles, tristes e sem odôres, as camélias, as margaridas e as papoulas ornamentais. Creio que os algarismos da sua emprêsa comercial sacrificaram-lhe a inspiração, afugentando-lhe as musas, que não eram mais, como outrora, acariciadas diuturnamente pelo poeta que as bem-queria e amava. A imortalidade do poeta já estava, entretanto, há muito tempo assegurada com os versos que fazem a contextura das "Ânforas" e dos "Ulhanos", alguns figurando entre as mais belas e mais perfeitas obras da poética luso-brasileira e,por isso mesmo, destacando-se em Antologias e Coletâneas internacionais. A glória maior que um poeta pode alcançar nisto se resume — viver constantemente em cada uma das estrofes de suas poesias e de seus sonetos, quando êstes são declamados nas reuniões literárias, merecendo aplausos que valem por novas consagrações. Jonas da Silva está nesse caso e, por isso, viverá no espírito e também na saudade da atual e das futuras gerações brasileiras.

O PENSAMENTO DA IGREJA E A INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

A Igreja Católica, fundada para servir aos homens em suas aflições e problemas espirituais, em nenhum momento, através dos tempos, mesmo naquêles dias difíceis das perseguições que teve de enfrentar, deixou de cumprir as obrigações que o Cristo lhe havia determinado na fidelidade à palavra de Deus, que êle pregara e que anunciára como a palavra que libertaria e asseguraria à espécie humana a fortuna da ventura eterna. Sua história é justamente a história dessa determinação, executada sem desfalecimentos, que provocaram a existência de mártires e de santos, sacrificados na defesa de princípios e na execução dos postulados cristãos do amor ao próximo, da assistência aos desvalidos de tôda espécie.

Nas origens ela foi assim no procedimento diário. Na idade média, multiplicou-se nas ações da humanidade, de fraternidade, de assistência social, numa política que lhe valeu o direito de ter sido a criadora do que, com tanta ênfase, chamou hoje de direito social. Porque, na verdade, todo o conjunto de soluções justas para com o próximo, soluções que visavam à solução de quanto atormentava o homem nas constantes de seu processo de desenvolvimento técnico, político, cultural foram soluções que a Igreja enfrentou. E' que, realmente, em meio a todo êsse esfôrço promovido para criar o bem-estar coletivo, só a Igreja teve ação efetiva, com resultados que ninguém de boa fé pode contestar.

Nos tempos modernos, essa diretriz não foi abandonada. À divulgação das verdades religiosas estiveram no mesmo grau de intensidade de operação de mudança de "status", levada às populações primitivas que o europeu, na expansão geográfica, ia descobrindo, domesticando, dominando politicamente e possuindo para a aventura econômica do comércio da especiaria rendosa. Devemos reconhecer, como escreve padre Silva Rêgo, o eminente

mestre português, que aquela expansão não se realizava visando à implantação da cristandade nos corações primários dos povos jovens da África, da América ou os povos velhos no tempo da Ásia distante, milenária, altamente distinta no plano da cultura. Ao invés dêsse lance espiritual, a expansão se fêz tendo em vista muito mais a pimenta, isto é, a droga do compêndio descritivo de Garcia da Orta. Foi, portanto, preocupação a dominar a preocupação do enriquecimento pela comercialização de quanto constituia a matéria prima que a Europa recebia, a que se habituava e de que fêz o uso diário na dieta alimentar, na farmacopéa, na sua tarefa de melhoria e embelezamento material de seus centros urbanos.

A presença da Igreja, nessa fase histórica do mundo, foi uma presença eficiente, que permitiu salvar milhões de sêres que teriam sido eliminados aos contactos com os europeus pela difusão de moléstias, pelas mudanças de técnica de vida, pelo sistema de escravização que lhes foi imposto mais severamente, pelo estado de guerra em que viveram as duas sociedades em confronto — a dos que possuiam a terra por uma vivência secular e os que dela se acercavam para explorá-la como empreendimento a refletir a posse de uma superioridade de meios materiais e espirituais que garantiram o sucesso obtido com relativa facilidade.

A presença da Igreja foi uma presença sensível ao mal estar que passaram a experimentar os povos imaturos da descoberta européia. Fundou colégios, montou hospitais, conciliou grupos, alterou a feição da sociedade, dando-lhe novos "status" mais conformes com os "status" do mundo ocidental, trouxe-a ao convívio do mundo cordial, numa integração admirável com os homens que chegavam para o exercício do domínio político. Estudou-lhes usos e costumes, identificou culturas, divulgou o exotismo de que se revestiam, revelou as características dos espaços físicos onde atuava, abriu perspectivas novas ao convívio interhumano de sociedades diferentes e muitas vezes em conflito como conseqüência de seus antagonismos. Fêz, conseqüentemente, uma obra imperecível. Por fim, vale assinalar que assegurou, àquelas gentes imaturas, a condição de membros do gênero humano. Deu-lhes a categoria de pessoas humanas. As Bulas dos Papas, nesse particular, valem como elementos essenciais à elaboração de capítulo de direito social, quando êsse direito não fêz a exceção entre gentes de côr e de procedimento diversificados, distantes.

A presença da Igreja de Roma, no ciclo de europeização da terra, constituiu página admirável de heroísmo e de cumprimento da palavra de Cristo. Na atualidade, defrontamo-nos não mais

com aquelas sociedades primárias ou de culturas profundamente diferentes das que o Ocidente exportou. Temos a gravidade das duas novidades mais gritantes de todos os tempos, mas que só na atualidade nos foi dado constatar — a fome e a miséria.

Louis Joseph Lebret, ou apenas o padre Lebret, nos livros que escreveu com tanta ousadia, com tanta dignidade, com tanta firmeza de convicções, com tanta fartura de dados que enriqueciam suas afirmações e ao mesmo tempo lhe davam segurança nas conclusões, foi o autor da grande verdade. Verdade que enunciou quando nos ensinou — no século XX as duas maiores descobertas foram a existência da fome e da miséria.

Novidades ? Novidades como evidenciação, porque velhas como o tempo, evidenciação a que não mais nos poderíamos furtar de vêr e de têr de enfrentar. Ao seu lado, na mesma tecla, com a mesma decisão, a mesma intensidade de argumentos e de provas, Tibor Mende, Toynbee, Perroux, Myrdal, Bonnefous, Balandier, Dumont, Sauvy, Moussa, Josué de Castro, Bairoch, Gendarme, que afinal provocaram o despertar das consciências responsáveis pelos destinos da humanidade, levando-as às políticas intercontinentais visando a diminuir a miséria e a fome.

A Igreja, como sempre, não se ausentou da tomada de posição. Incompreendida na sua atuação tão dinâmica e tão aberta, confundem suas obrigações normais, nesse particular, com os procedimentos exaltados dos que se filiam ou se escravizam a ideologias político-sociais e combatem na mesma direção. Porque a verdade há que ser devidamente compreendida. A Igreja, na campanha, de peito aberto, em que se lançou para vencer a fome e a miséria, não está mais que executando a palavra do Cristo em têrmos de modernidade, com instrumental de nossos dias, usando as técnicas que são as técnicas em uso universal na conjuntura do século XX. Não se atrasou no tempo. Atualizou-se. Valeu-se e vale-se de tudo quanto serve para a obtenção de êxito num mundo que se valoriza pelas técnicas mais refinadas e pelas ações mais arrojadas.

Servindo a tais objetivos cristãos, fiel, portanto, à palavra do Cristo, não é nunca demais recordar, insistir nesse particular, a Igreja de Roma está ao lado dos que desejam e conseguem a descolonização. Está ao lado dos que ferem a batalha do subdesenvolvimento. Está ao lado dos que sustentam a necessidade de recompor a sociedade humana em têrmos de mais compreensão, de mais amor, de mais fraternidade. Daí o ecumenismo de suas atitudes mais recentes, reaproximando-se de outros cristãos distanciados, abrindo o coração ao diálogo e a reconcilia-

ção com as outras Religiões. Errada a Igreja quando assim procede ?

E' preciso ter em conta o século XX que estamos construindo com o nosso sangue, com as nossas desventuras, com a nossa decisão de criar alguma coisa que seja uma contribuição efetiva, eficiente ao bem coletivo. Ora, o século XX é o século das grandes mudanças.

Leiamos o "Diagnostic de l'evolution economique du Tiers-Monde. 1900-1966", ou "Revolution Industrielle et Sous-developpment", ambos da autoria de Paul Bairoch. Leiamos "Nourrir les Hommes", de M. Cepede, F. Houtart e L. Frond. Leiamos "Le Concept de sous-developpment", de Jacques Friyssinet. Leiamos "Developpment-Revolution solidaire", de padre Lebret. Leiamos o documento básico para a conferência das Nações Unidas, reunida em 1964 em Genebra, de autoria de Raul Prebish. O que todoh nos ensinam sem discrepância de qualquer espécie é que a enfermidade que corroe o mundo pondo-o em perigo na sua continuidade não está no uso da arma nuclear, que pode conduzir a uma catástrofe, imprevisível na sua essência e sua exteriorização.

Sabemos que o mundo cresce demogràficamente em têrmos explosivos. A expressão de Landri é realíssima. As previsões da revista "Tiers Monde" e dos que estudam o problema nas Nações Unidas são estarrecedoras. No ano de 1980, contar-se-ão sôbre a terra 3 bilhões novecentos e vinte milhões de sêres. No ano de 2005, êsses sêres terão sido aumentados para 5 bilhões, cento e cincoenta milhões. Em 2055, serão 6 bilhões oitocentos e noventa milhões. Dêstes, apenas, 1 bilhão quatrocentos e noventa milhões viverão nos países desenvolvidos, aqueles justamente que desfrutam de bem-estar material, de progresso econômico, de ventura espiritual, de posse da grande cultura. Os outros 5 bilhões e quatrocentos milhões serão os povos do subdesenvolvimento. A diferença é imensa. Como vencê-la, pondo fim a essa desigualdade, evitando a catástrofe ?

O Terceiro Mundo não constitui uma fantasia de sociólogos, economistas, cientistas políticos, antropólogos culturais, filósofos empenhados no entendimento das características espirituais e materiais do século XX. Existe mesmo. Ninguém pode mais ignorá-lo, pô-lo de lado. Quando êsse Terceiro Mundo decidiu que não devia ser mais área de colonialismo dos povos poderosos da terra, essa decisão valeu. E a descolonização ocorreu velozmente. A tentativa de oposição sob a falsa ou ridícula explicação de que não estava preparado para esperimentar as excelências da vida livre e soberana, participando do convívio universal no

mesmo pé de igualdade, não mereceu consideração. Era inócua, sem conteúdo, irreal.

Fui testemunha, em Genebra, do que êsses povos, imaturos na concepção dos desenvolvidos, representavam como energia, vontade, consciência de seus valôres e de suas necessidades, de suas conveniências imediatas e mais distantes. Sem quebra de dignidade, mas sem desfalecimentos ou demonstrações de subalternidade e de timidez, sustentavam seus direitos, afirmavam sua vontade, diziam, sem rodeios, muito clara e vivamente, ao que iam e o que lhes parecia necessário para que seus países começassem a experimentar aquelas soluções de progresso e de bem-estar que, sob o colonialismo, não haviam conseguido obter.

O Terceiro Mundo tem existência real. Caracteriza-o certa primitividade de sua humanidade. E para seguir a lição de Freyssinet, apresenta uma economia estacionária, em estagnação secular, economia de subemprêgo, economia inapta à industrialização. E se formos à lição de Yves Lacoste verificaremos que há nêle insuficiência alimentar, a agricultura é realizada sob técnicas primaríssimas, constituindo, todavia, o fundamento da atividade social. A renda nacional e o nível de vida são baixos. O consumo de energia mecânica também é baixo, o setor comercial é hipertrofiado, ocorre sempre a subordinação econômica, as classes médias caminham lentamente, o nível de instrução ascende com muito vagar, há forte natalidade, é defeituoso ou precaríssimo o estado sanitário, a integração não se processa com rapidez e o espírito ou a consciência nacional não se pode medir nos mesmos têrmos em que podemos medí-la nos países desenvolvidos.

A Igreja, face ao Terceiro Mundo, como se vem comportando ? Sua posição difere, como posição de expressão enérgica, de disposição para a luta, como solidariedade efetiva com os subdesenvolvidos ? A posição da Igreja de Roma é uma posição enérgica, decidida, de compreensão das desventuras do Terceiro Mundo e de solidariedade para os seus povos. Essa verdade, como aquelas outras, tem trazido para a Igreja a incompreensão dos que a desejavam a serviço dos desenvolvidos, numa teimosa falta de visão e de espírito de cristandade. Fôsse aliás essa a sua posição e estaria fugindo ao seu dever, traindo os compromissos do Cristo com a humanidade que êle via no conjunto de sofrimento ,de esperanças ou mesmo de desesperanças atrozes e, por isso mesmo, dela se apiedava traçando-lhe os novos e eternos caminhos da segurança, da estabilidade e do bem-estar que, um dia, seria alcançado. "L'Eglise du Tiers Monde" que Pierre Gheddo, do Instituto Pontifício das Missões e expert do Concílio dirigiu como

obra coletiva, adverte-nos acêrca das interpretações cavilosas dos que desvirtuam o pensamento e a ação da Igreja. E com as advertências, através do que escreveram Bispos e Cardeais, procede ao inventário de todo o gigantesco esfôrço que a Igreja está promovendo na África e na Ásia, que são o objeto particular da tarefa missionária, tarefa que não perdeu as características do passado, mas enriqueceu-se com as novas áreas de interferência e com as outras humanidades sôbre que atuar. Nesse esfôrço admirável, o que fundamenta a ação da Igreja é a reaproximação dos povos desenvolvidos dos subdesenvolvidos, para uma coexistência pacífica, não aquela das economias, proposta por Perroux, mas a das vinculações menos materializadas e mais espiritualizadas. O reencontro dos vários mundos em que nos dividimos é, assim, em última análise, a finalidade maior da Igreja no empreendimento no Terceiro Mundo. Foi pelo menos o que aprendi lendo "Le Tiers-Monde, L'Occident et L'Eglise", lançamento das Edições du Cerf, sob a direção de Henri Bartoli, professor da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris.

No esfôrço pelo Terceiro Mundo, o episódio da descolonização constituiu o primeiro passo. A Igreja, seja a cristã católica, seja a cristã não romana, decidiu-se pela solidariedade com os povos que sustentavam a tese de que devia encerrar-se o colonialismo, que principiára no século XIX e não devia mais existir. Em "Les Eglises Chretiennes et la decolonisation", dá-se o balanço do que caracterizou essa contribuição das Igrejas, contribuição decisiva, decidida, com um rendimento verdadeiramente admirável. Não se tratava mais de formar clero, recebendo os contingentes de côr, mas de formar um estado de consciência fora das áreas coloniais, portanto na área mais representativa do colonialismo europeu. Bispos, Vigários, Ordens Religiosas, tendo na mesma campanha a participação dos outros cristãos, realizaram essa tarefa de esclarecimento tentando a criação da consciência anticolonial. Reproduziu-se aquêle episódio do século XIX, quando essas mesmas Igrejas, é certo que com muito menor intensidade, se empenharam na campanha antiescravista.

Depois, foi o esfôrço para a criação da consciência nacional nos territórios que compunham o ultramar dos países colonialistas. Ainda nesse particular ocorreu a contribuição das Igrejas cristãs, aqui compreendidos católicos e não católicos. A soma de esfôrço produziu os mesmos resultados. Se essa elaboração de consciência cívico-política não foi obra apenas das Religiões, pois que outras fôrças espirituais atuaram com maior intensidade, nem por isso deve ser ignorado êsse aspecto positivo da contri-

buição da Igreja para o que era fundamental na aventura nacionalista dos povos novos, que experimentavam as excelências da vida livre, soberana e careciam do alimento espiritual para fortificar-se na defesa de sua nova existência.

No exame que se fizer, com o rigorismo necessário, acêrca dos pontos negativos e positivos do dever e haver da Igreja no episódio da descolonização, seguramente os aspectos políticos serão os mais expressivos.

Cabe agora a pergunta, que já adivinho em todos quantos estão a ouvir estas reflexões e informações: e o Vaticano, em todo êsse espetáculo nôvo, de que estamos participando, vem aprovando, vem incentivando, vem tomando a decisão pioneira que explicaria a desenvoltura de seus representantes no Terceiro Mundo?

As Encíclicas dos Papas, dêsde o período da europeização da terra, a principiar nos fins do século XV, têm sido Encíclicas em que os problemas do que, nos nossos dias, chamamos Terceiro Mundo, foram cogitados. Será conveniente recordar que a problemática dessas terras e humanidades, que se integravam pela expansão da Europa à vida ecumênica de sentido ocidental, era muito diversa. Assim, uma das preocupações imediatas foi relacionada com a situação do gentio descoberto e sôbre cuja condição humana haviam as dúvidas mais atrozes — seria participante da espécie humana? Teria alma? Poderia gozar dos direitos imanentes da criatura, criada à feição de Deus? E as Encíclicas, que começaram a ser expedidas a respeito de quanto surgia como conseqüência das novidades revolucionárias decorrentes dos descobrimentos marítimos, não ignoraram a existência dêsses problemas espirituais muito graves e sôbre os quais se fizeram, não apenas considerações teológicas, mas se tomaram decisões objetivas: o gentio era parte da espécie humana, tinha direito a existência na dignidade dos outros homens, criados à feição de Deus. Tinha alma. Paulo III, a respeito, foi incisivo. A Bula que expediu não admitia dúvidas naquele particular da alma que negros e índios da África e da América possuiam como qualquer outro homem.

Nos dias angustiantes que vivemos, a presença da Igreja, que reformula a própria estrutura e direção para ajustar-se à problemática da grande crise que experimentamos, está provocando incompreensões, repitamos. Os Concílios recentes, como procedimentos dos Papas, vêm sendo recebidos como um abandono de posição cômoda, de posição criada para sustentar velhos postulados, rançosas práticas, comportamentos excêntricos face às angústias e às mudanças que se processam por tôda parte,

vencendo o reacionarismo de sociedades que não querem ceder à evidência de uma outra modalidade de vida que deve ser vivida quer elas queiram quer não queiram.

Que nos anunciam a palavra dos Papas e a decisão dos Concílios ? A doutrina social da Igreja, desde a Rerum Novarum à Populorum Progressio, apesar do comentário de mestre Bose, nas aulas — conferências que nos fêz na Escola de Sociologia Política, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que não via senão nos mais recentes documentos pontifícios a mudança da orientação, negando aos textos anteriores qualquer importância na reformulação do pensamento e da política vaticana, apesar das restrições do grande mestre da sociologia e do internacionalismo da Igreja, vem sendo uma doutrina que, não abandonando as linhas mestras do pensamento mais recuado no tempo, atualizou-se no exame do contexto social e na proposição da nova problemática.

Lembra muito bem Charbonneau em "Desenvolvimento dos Povos", que o drama do mundo contemporâneo está assim configurado — drama da fome, da doença, da morte, da promiscuidade, da ignorância, da ausência de posse, da guerra, da revolta. De certo modo, incorpora ao temário o mesmo pensamento expendido anteriormente por padre Lebret em "O Drama do século XX. Ora, se a dramática do século XX está configurada naqueles aspectos negativos, como compreender a posição da Igreja ? Terá ela, nos diplomas mais recentes, emanados da sabedoria dos Papas e dos Concílios, enfrentando todo aquele mundo de inconformismo, de desespêro, de agonias e de mal-estar espiritual e material ? Responde, a respeito de "Rerum Novarum, um ex-Ministro de Estado brasileiro, Pandiá Calógeras, quando em livro editado há mais de vinte anos, ensinava que fôra naquela Encíclica, de que se haviam abeberado os legisladores do direito social, que devíamos encontrar a raiz dos dispositivos legais de ordem jurídica que deixou de ignorar a existência da luta de classes e da necessidade de assegurar aos trabalhadores uma série de garantias até então menosprezadas.

Na Constituição "Gaudium et Spex" e na "Populorum Progressio", é que temos, porém, mais clara e revolucionàriamente a posição da nova Igreja ou a Igreja nas suas novas disposições, decisões e ações. O desenvolvimento dos povos é o fundamento maior dessa nova direção, desenvolvimento que deve promover-se através da solidariedade humana. A filosofia que emana dêsses diplomas é uma filosofia que a muitos pode parecer uma filosofia de esquerda ou de aproximação com a filosofia materialista do socialismo de Estado, das experiências em execução. Porque é

uma filosofia que atende à conjuntura, enfrenta-a e procura decifrá-la pela utilização de terapêutica ou de estratégia que exclue o comodismo e aceita a batalha, o desafio proposto por aqueles aspectos negativos da dramática do século XX.

E vem agora, a propósito, como finalidade maior desta palestra, a indagação — e nós na América, no Brasil, na Amazônia, como deveremos ser tratados? Seremos partes do Terceiro Mundo? As soluções adotadas ou sugeridas para a problemática do Terceiro Mundo oferecem qualquer possibilidade de aplicação para a nossa problmática?

Somos integrantes do Terceiro Mundo. Seguramente um Terceiro Mundo sob certas características e não tôdas aquelas a que nos referimos de início e são realmente um tom amargo para a identificação. Nas Assembléias internacionais é essa a nossa localização. Nos inventários das realidades e potencialidades, é essa a nossa classificação. Somos realmente Terceiro Mundo. Não haverá necessidade de traçar o quadro que exponha ao vivo o que nos marca, tendo em vista aquele conjunto de características. Quero recordar apenas que mais de metade de nossa população é analfabeta e não dispõe de condições mínimas que a preserve e lhe garanta a condição de sêr humano. No Nordeste, apesar da obra meritória da SUDENE, não ocorreu ainda o milagre da mudança de condição das populações sertanejas, ou seja, das populações das áreas rurais. Na Amazônia, nenhum de nós ignora que essa situação é a mesma. E se formos a outros trechos do país não encontraremos alteração substancial. Quando, se procedeu ao primeiro inquérito para obter as informações essenciais à uma projetada reforma agrária, verificou-se que o trabalhador rural do sul, como o do centro, vivia as mesmas desventuras. Essa paisagem agreste brasileira é, aliás, a paisagem agreste, mais agreste ainda, da América Latina, cujo despertar se anuncia, mas realmente ainda não ocorreu, permanecendo o realismo impiedoso, impossível de contestar ou esconder.

O subdesenvolvimento, definindo mais da metade da humanidade brasileira, como define outro tanto da humanidade hispano-americana, está começando a provocar o mal-estar, prenunciante de sucessos que podem ser muito amargos. Não adianta negá-lo, ignorá-lo, dar-lhe as costas. Êle existe. E' gritante e exige solução que não pode tardar. Posso falar assim porque senti, como governante, que essa era a tremenda realidade. Não me estou guiando apenas pelo que possa ter aprendido nos algarismos, nas interpretações dos sociólogos, dos demógrafos, dos cientistas políticos, dos economistas. O que estou afirmando resulta de minha experiência, advinda dos postos de administração federal que já

exerci e do poder que tive em mãos como maior magistrado em meu Estado natal, o Amazonas.

Falando em Manaus ao Marechal Costa e Silva, que visitava a região para tê-la sob suas vistas futuras, disse-lhe verdades um tanto ásperas acêrca dessa realidade tão triste do Brasil. Ouvi de Sua Excelência que nada tinha a objetar-me, embora minhas palavras lhe parecessem realmente contundentes. No particular da Amazônia, só naquele momento, vendo-a, compreendendo a razão de minhas advertências, de minhas denúncias, de meus protestos, considerava-a um dos pontos mais graves da existência brasileira, o que o levaria a adotar a política que precisava ser adotada.

A essa política de Estado, qual a contribuição que a Igreja poderá trazer, considerando-se a nova posição que assumiu? Quero recordar um fato que vem sendo esquecido — quando assumi, em 1953, a direção da SPVEA, que montávamos, encontrei dois excelentes documentos, os únicos elaborados sem participação oficial — um de autoria de Paul Le Cointe. Outro, resultante de uma assembléia dos que chefiavam a Igreja na própria Amazônia. Eram peças admiráveis pelo conteúdo, pelo que refletiam como experiência vivida e como contribuição apresentada sem objetivos inferiores. Tive os dois textos sempre sob minha atenção. Outro fato que devo comunicar ocorreu nos primeiros dias de minha administração em meu Estado. Verifiquei, sem grande surprêsa, que a única unidade que funcionava no interior era a unidade religiosa — casas de ensino, postos de saúde, divulgação de técnicas agrícolas, assistência social. Em mensagem à Assembléia Legislativa, dando contas da situação em que encontrára o Amazonas e na exposição que enderecei ao Presidente da República, registrei o acontecimento. Era a confissão do fracasso do poder público civil, que não cumpria suas obrigações mínimas e devia ser responsabilizado pelo que deixara de fazer no bem da coletividade.

Ora, se a Igreja já trouxera aquela contribuição magnífica do texto escrito, com as sugestões para uma política de integração e de desenvolvimento e, se posteriormente era ela que realizava parte da operação de segurança nacional, pela execução de todo um vasto conjunto de providências salutares visando à prosperidade e ao bem-estar das populações da hinterlândia, que dizer de sua posição considerando os novos diplomas constantes das decisões dos Concílios e das Encíclicas dos Papas, principalmente as de João XXIII e Paulo VI?

A Amazônia, no realismo, que a distingue, permitam que abuse um tanto dessa expressão, é por demais sabida por nós

todos. Os algarismos que a expressam, o que os nossos olhos não podem deixar de ver e constatar, o que a nossa sensibilidade autoriza compreender como positivo e negativo no balanço dessa tremenda realidade, não permitem concluir senão que ela vem crescendo vagarosamente. Sua economia transforma-se com lentidão. Sua população, embora aumentando em índices progressivos, não aumenta no rítmo que desejaríamos para enfrentar o nosso deserto. Os polos de atração são polos sem a expressividade dos polos de atração que encontramos em outras regiões brasileiras. Os inventários científicos, que nos indiquem o que a floresta possui e o solo e o subsolo representem para a valorização e a utilização humana dos bens que podem existir para a operação econômica, continuam inventários tímidos, pobres, que refletem certa imaturidade ou irresponsabilidade dos que respondem pelo funcionamento da pesquisa tecnológica e científica. E vivemos um momento universal em que a tecnologia e a ciência a serviço das necessidades e conveniências do homem, alcançaram uma altura dignificadora da nossa espécie animal. A sociedade de hoje é a sociedade tecnológica, em conflito, mas com êxito, com a sociedade reacionária, representada pela estratificação e pelo tradicionalismo exagerado e estagnante.

Não podemos nem devemos permanecer fiéis a essa sociedade tradicionalista, que não nos levará a nada, comprometendo-nos, inclusive, aos olhos dos que progridem em louvor dos novos tempos, nas demais partes do continente — Brasil, ou arquipélago — continente Brasil. Porque somos um arquipélago cultural, fisiográfico, econômico e ao mesmo tempo, pelo gigantismo do espaço e de volume populacional, um autêntico continente.

Impõe-se, vamos concluir, que as Igrejas em atuação no mundo amazônico, assumam a responsabilidade de enfrentar o desafio. Com a armadura das decisões certas, ousadas, profundas, violentas mesmo, se assim for necessário. A época da pacificação do gentio está sendo ultrapassada. O que é urgente fazer é pacificar os espíritos, trazendo-os à comunhão humana e resolvendo-lhe os problemas materiais que os diminuem. A emprêsa hospitalar, a emprêsa educativa, a emprêsa da coordenação e realização dos serviços sociais, a emprêsa da constituição sóbria, digna, da família, sem que haja necessidade da preservação pelos métodos anticoncepcionais, impossíveis de aceitar num espaço que tem sua principal negativa na pobreza demográfica, são emprêsas que devem constar das dinâmicas das nossas Igrejas cristãs, à frente delas a que nos veio de Roma e a que estamos filiados.

A Amazônia foi emprêsa da Igreja em passado não muito distante. Em "A Conquista Espiritual da Amazônia", que escrevi

nesta Belém a que me prendem tantos laços de afeição e de amor, tentei a síntese dessa atividade maravilhosa. A lição terá de ser perdida ? Na atualidade, essa lição não está sendo aceita e continuada ?

A Igreja brasileira, nas assembléias de seus mais altos dignitários, sejam as de sentido global, nacional, sejam as de objetivo mais limitado, as assembléias de caráter regional, já definiu a sua posição e a sua decisão. Deseja participar da nova estratégia do desenvolvimento do país. Não quer permanecer à margem, distante, inoperante, reduzida ao papel pastoral nos velhos moldes. A ação pastoral que a movimenta está alicerçada no que os Concílios e as Encíclicas determinaram. Sei que as análises da conjuntura amazônica vêm sendo efetuadas para a elaboração da política a executar. Já em "L'Eglise à l'Amerique Latine", da série "Eglise Vivante", examinou-se a conjuntura continental para a formulação da estratégia a ser adotada. E em "L'Eglise du Tiers Monde", a Amazônia foi objeto de consideração especial. Monsenhor A. Cerqua, da Prelazia de Parintins, trouxe o seu depoimento expressivo, assinalando a miséria material das missões em país potencialmente rico.

A reorganização da família, a mudança de concepção de vida coletiva e individual, a formação de grupos de coordenação comunitária, a cooperação com os objetivos oficiais, a integração da mocidade nos novos objetivos da Igreja, a criação de mentalidade progressista, que não afete os padrões éticos, a educação em nôvo tipo, face às condições multiformes e pragmáticas da vida que vive o mundo, a participação no espírito de integração nacional como objetivo cívico maior, a programação de sua ação renovadora e criadora dentro de um estilo de trabalho que evite o tecnicismo exagerado e permita as reformulações imediatas, tôda vez que fôr constatada que nova orientação e nova ação devem ser desenvolvidas como decorrência de alterações da conjuntura, a luta contra a pobreza, a mortalidade infantil, sem que se incentive o desamor ao trabalho e se faça crescer a população em têrmos prejudiciais à própria preservação da espécie e dos meios de sua sobrevivência dentro de padrões materiais e espirituais de vida dignos, devem constituir, parece-nos, o programa de ação da Igreja nos nossos tempos, na nova idade.

A ocupação da Amazônia, em que se empenham agora os poderes federais, conscientes dos perigos que a cercam se não ocorrer a ação governamental dinâmica, veloz, pragmática e não simbólica, objetiva, portanto, não pode ser levada a têrmo dispensando-se a participação da Igreja. Ela, como as fôrças armadas, serve à nação. Trabalha para a sua determinação. Participa de

seu destino e de sua segurança, intangibilidade, processo de desenvolvimento.

Feitas as reflexões que acabam de ser lidas, desejo sustentar a tese, para a qual peço a compreensão dos que as ouviram, a fim de que a defendam e levem aos que têm a seu cargo a execução dos programas governamentais. Sem a participação da Igreja, fôrça espiritual decisiva na consciencisação das multidões e de nossas pobres gentes do mundo interior da Amazônia, não terá êxito o pensamento e o empreendimento do poder público. A lição do passado vale muito, e essa lição nos leva a acreditar que a nova participação da Igreja deve ser incorporada aos programas oficiais, pelo que de efetivo ela representa e pelo que a experiência já comprovou. À luz da palavra de ordem emanada dos Concílios Vaticanos e das Encíclicas dos Papas, é essa a conduta das Igrejas na Amazônia.

FATOS DA VIDA E DA OBRA DE GUIMARÃES ROSA

MENDONÇA DE SOUZA

SURPREENDENTE, brusca, a morte de Guimarães Rosa. De Carlos Ribeiro, ouvi, na S. José, que o A. de GRANDE SERTÃO: VEREDAS protelara, anos seguidos, sua posse na Academia Brasileira de Letras em face de saber-se um emotivo. Caminhou pela vida fora, na adolescência e na maioridade, em grandes vôos de imaginação, ouvindo contadores de estórias. E assim, recolheu milhares de contos: largos, complicados, da carochinha e, alguns, até do — vigário.

A verdade é que foi sempre um escritor em busca de entender os outros homens. Em cada brabo dos Gerais, recolhia uma lenda. Fraterno, despido de vaidades e torpe orgulho, viveu e ficou na imortalidade de seus livros. Conheceu o Brasil por longe. Amou-o. Esculpiu-o em um estilo próprio, vivo, na expressão das obras que sua grande e compreensiva inteligência lhe permitiu criar, recriar e imortalizar.

Creio, pelo que sei, lendo-lhe os trabalhos literários, a certeza da morte humanizou-o. Deu-se, na totalidade de si mesmo, aos seus leitores, humildemente, no desejo de salvar a alma. E assim era-o, de fato, que não se vexou confessar a seu íntimo amigo Geraldo França de Lima: — "A Academia é muito para mim. Sou tão pequeno como a cidade em que nasci". "Geraldo não tenho segrêdo para você. Mas guarde reserva: eu não chego ao fim dêste ano" (1967).

Não chegou. E na hora do trespasse não ouviu a voz dos amigos. Mas, não deixou de ser lamentado na estima, no silêncio, na saudade de seus admiradores. Inundou-lhes o coração de mais presença e exame de sua grande obra.

Sentiu o povo do sertão: no mais amor de sua fala e na mais vivência de seus dramas e reivindicações sociais. Com tristeza nos olhos, devorou quilômetros de Brasil segregado.

Encheu-se de consciência nos campos pedintes de maquinarias e jogou tudo fora. Disse o que sabia dêsse homem dimensionado e presente nos diálogos de SAGARANA.

Não foi um misterioso. Não se aceitou como escritor compadecido nas lágrimas e no suicídio dos que desaparecem como náufragos da vida. Preocupado e destro, variou os movimentos e ritmos do idioma pátrio doutro sabor. Fê-lo enobrecido de novos valores vocais. Tornou-se grande nos efeitos, nas tintas, nos sons, nos caudais de seus transbordamentos estilísticos.

Infeccionou-se de estética. Fêz-se rico de expressões cromáticas. Galopou num cosmopolitismo literário em busca da anedota e da **blague.** Desenvolveu nova era no domínio da lexiologia. E' claro, sem fazê-la coxa ou desmantelada na essência de sua integridade sintática.

Em suas obras, de fato, a linguagem é um organismo vivo. Por isso, variou-lhe a resistência obsoleta. Pigmentou-a doutra coloração. Alterou-lhe a correlação dos órgãos. Deu-lhe forma mais afeita ao gênio de seu povo. Não praticou exageros ridículos. Nem produziu um vocabulário arávico.

Deus deu-lhe tudo. Suavidade na morte. E até tempo para ter o estilo próprio de seus assuntos. O que precisava fazer, fêz : abriu-se em pedidos e zelos pelo povo do sertão. Deixou-se ficar, em suas estórias, num estilo pessoal, grandioso e largo na escala adjetival, de sonoridades bem coordenadas. Permanece lembrado na idéia suprema da beleza. Será por muito tempo ainda, no tumulto mundanal dos críticos e dos filólogos, um escritor discutido.

Exato. Sei, vejo Guimarães Rosa, em seus temas variados de nuanças, a dominar-me na gênese de sua linguagem. E' um estilista audacíssimo no alinde da frase, na elocução das imagens verbais, na cinzelura vitoriosa de sua obra-de-arte.

Notável, até mesmo na noite de sua morte, quando trabalhava numa efusão de essência primitiva, de revelação, nôvo reconto de raízes e palavras oriundas da mente popular. A um País subdesenvolvido, sem reformulações de linguagem, sem crescimento efetivo nas fontes puras das lendas, e até do folclore, deu-se homérico, por inteiro.

Leia-se, por exemplo, CORPO DE BAILE. E note-se como, num panteismo virginal, sabe tirar, de suas sensibilidades estéticas, tudo de sua natureza primeva. Seu ritmo pagão, curto, autêntico, oriundo dos motivos imemoriais, torna-se excelente, inédito em sua visão soberba e vigorosa.

Em cada fôlha gráfica de sua obra, revela-se latejante de vida supersensível. Ora descobre-se, no plano estético, associando o universal ao regional; ora excepciona-se, ágil, naquele estilo enervurado de poesia e de prosa. Incensa-se de têmpera rija na ação, com olhos aventureiros de mareante vitorioso, cheio de um dialeto brabo, musical, sonoro de evocação plástica e auditiva.

Na verdade, ajusta-se em seu signo, em seu esfôrço de tudo reduzir na Natureza. Suas amplificações conotativas em cada página, em cada período, variam nos longes de fabuloso êxtase mental. E, dêle, me deixam aproximar familiarmente. GR, quase sempre, fala na primeira pessoa num jeito de contador de estórias antigas.

E nisto, vejo-lhe a elasticidade nas mesmas vivências tradicionais, sedimentadas através de alguns séculos de civilização. Sente os lugares onde pisa, onde vive e trabalha. Suas perspectivas de miragens luminosas nada mais são do que uma pesquisa nas aptidões artísticas e situações de vida dos heróis que conhece e põe a descoberto.

Na emoção, na idéia, que é a sua Arte, enclausura-se nessa grande penitência de ostentar as páginas de CORPO DE BAILE, fidelíssimamente, impregnadas de "moças cheirosas, limpas". De "claros risos bonitos", em efeitos de intimidade que se ajustam à forma única de inquietante perquirir.

Recapitula impressões visionárias, acumula fatos numa espécie de realismo trágico. Fantasia e mistifica em aspectos multiformes. E procura, assim, com algo de poesia em prosa, imitar o sertanejo na fala de seus personagens: — "Ara qual, qual, seu Nhô Berno Cássio, eu estou pobre como aguinha em fundo de canoa..."

Não há dúvida, seus livros são diretamente reproduzidos dos modos de vida de seu povo. Daí muito de propósito, não os vilipendiar no ritmo sonoro, agradável e plástico. Nos jogos florais da inventiva, é todo um sentir palpitante de vida, livre, impetuosa e colossal. E com isto, leva-me a vê-lo numa língua desejosa de evolução, de arroubos aflantes e de universalidade.

Sua interferência, no contexto da fala popular, é apenas de limpeza, de brilho na recriação das estórias. Assim é, como exemplo, nesse reconto do riachinho: "Foi no meio de uma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silênciozinho que êle fêz, a pontuda falta da toada, do barulhinho".

E' comum nessas narrativas virginais o contraste dos fatos. Observe-se, neste acima, que todos estavam dormindo. Entretanto,

não deixaram de notar a falta do barulhinho do riachinho. Amarguras e frustrações se efetivam na mistura de suas lendas, de seus recontos boleados de novas combinações verbais.

Como Bilac, no verso, Rosa é um ourives na escolha dos vocábulos, na acumulação de seu tesouro linguístico. Foi verdadeiro nos contos infantis, na estrutura da recriação dos mitos, na elegância das composições em que se magnifica na fôrça singular de sua formação intelectual.

Seus trabalhos literários são longamente trabalhados. São íntimos na harmonia de seu folclorismo e de sua psique. Soube penetrar os dialetos e compreender as almas brabas. Eis porque é autêntico, imenso, em tudo quanto recolheu no inconsciente popular e na dose hipnótica, fantástica dos autores alienígenas.

Em CORPO DE BAILE, no modo de expressar as idéias, de ajustar e dispor o aprimoramento da frase, de formar o andamento gradativo dos tons, dá-se, por largo, no ineditismo de suas construções gramaticais. E' um anatomista nessa predominância máxima.

Pelo seu empenho no exteriorizar do relêvo inolvidável, do estilo, da eloqüência, da imaginação criatriz, é hoje, sem favor, um clássico das letras brasileiras. Socorre-se do sertão, dos rústicos e lendas, para mostrar-se como exclusivo nessa técnica ensaística de bolear artìsticamente o seu idioma sem languidez, sem desfalências.

Sua forma modelar, nos recursos de expressão, sustenta-se num artesanato literário. Fundo e forma, em seus recontos, afinam-se, em mínimos detalhes, nas desmesuras do fantástico, do imenso.

Jini, como fêmea libidinosa, no estilo seivoso, límpido, decorativo de GR, descobre-se preferida num largo passo de sua recriação cultivada. E' que, de exato, em sua profundidade sentimental e estilística, ela surge inquieta, febril, embora que, até o momento de sua reincarnação, de fato, seja desconhecida.

Como bem me deixa ver o próprio Guimarães Rosa, ela é uma reinvenção, colhida de seu mundo cotidiano. Pois, como nos tubos de ensaio, sai da produção rosiana com "estranha côr de violeta, os olhos aviando verdes, o corpo enxuto, o avanço dos seios, os finos tornozelos, as pernas de bom cavalo".

Sim, no saber exprimir, nos períodos raros de GR., a mulher tem real significação amorosa. Dum relêvo flagrante, é a impressão que focaliza de uma pobre velhinha. E é num trato íntimo que, ao fixá-la, em suas formas aptas, diz: é

fato, ainda agora, "a gente a queria imaginar quando môça, seu vivido".

E' intenso e humano nessa pintura de recomposição e suposição. E' o máximo, realmente, nessa estória interessante de Lélio e Lina que, às claras, a-troche-e-moche, marca-lhe, por inteiro, a linguagem ondulante, rica de vivências ouvidas e recriadas em suas raízes autóctones.

Comunicativo e sedutor, em sua interpretação expressiva de sentido estético-sociólogo, observa magistralmente Euryalo Cannabrava, p. 188 de ESTÉTICA DA CRÍTICA, que "o autor de CORPO DE BAILE parece sofrer, como James Joyce, a doença do gigantismo verbal". Aceito, deu-se, em emersão de extensas manipulações linguísticas, com intensa memória visual, nas estórias que conseguiu coligir e reviver.

Por isso, sabe-se, foi-lhe outorgado, com distinção, o prêmio Carmem Dolores Barbosa. Para ter êxito e glória, regionalizou-se em conhecimentos recompensadores e universais. Revigorou-se em seus trabalhos num supremo esfôrço sintático e vocabular.

Sacode-me, perturba-me, arrebata-me pelo seu estilo todo pessoal. Mostrou-se em seu mundo brasileiro. E como gladiador triunfante, defendeu vítimas obscuras e trágicas do grande sertão. Fêz-se respeitado numa independência assustadora de linguagem. Foi um mestre. E' um mestre. E o será ainda por muito tempo para os seus admiradores.

Inventou vocábulos. Criou uma floresta de símbolos. Humanizou Diadorim e Riobaldo num verdadeiro teor de arte que é grandioso enlêvo em páginas de alta fidelidade. E' na literatura brasileira contemporânea, numa citação de Fernando Góes, em O ESPELHO INFIEL, p. 117, lembrando Cassiano Ricardo, o uirapuru que, "quando aparece, os outros pássaros da floresta se calam para poder ouví-lo e admirar-lhe a grandeza".

Sem desorientar-se de sua língua, renovou-a, poliu-a, arejou-a de novas peculiaridades sintáticas. Em seus trabalhos literários, perfeitamente realizados, há bom humor e grandiosos quadros de sexualidade. Foi um grande. Aceitou-se sem preguiça na totalidade soberbamente organizada de seus livros.

No GRANDE SERTÃO, deixa-se ver e compreender, nas idéias políticas de Zé Bebelo, em oposição aos princípios de fora, neste seu estatutário e puríssimo sertanismo: "— O senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos do seu velho costume e lei".

Esta fixação consciente realça-lhe os méritos como escritor previdente, zeloso, livre numa impressionante realização. E

mesmo para os que não lhe observam, atentamente, na leitura das estórias, as vírgulas, jamais pode ser tachado como narrador mais cumulativo do que preciso, mais erodente do que rútilo na galopada do pensamento.

Pois, assim observado, não é difícil vê-lo como recontista soberano em surpreendentes passos como êste: "Dentro da casa de fazenda, achada, ao acaso de outras e recomeçadas distâncias, passaram-se e passam-se, na retentiva da gente, irreversos grandes fatos-reflexos, relâmpagos, lampejos-pesados em obscuridade".

Não será impossível estimá-lo, naturalmente, em seus méritos artísticos e fraseológicos. Nem aplaudí-lo nessa inter-relação de construções indiretas, distintamente ligadas em ação e enrêdo no brilho e diferentes ordens de suas grandezas sintáticas.

Vejam-no, desta feita, como refôrço do que aqui lhes afirmo, nesta emersão de intensa memória visual e de qualidades picturais de transfiguração do negro: "Mãitina era preta de um prêto esturdio, encalcado, transmanchada de mais grosso prêto, um prêto de boi".

Aqui, sem embargo, as recordações não param em si mesmas. Cumpre ainda notar que não estão sujeitas a objetos inanimados. Esta percepção não na têm os que, sem visão de conjunto sôbre as dimensões do real, abandonam as narrativas rosianas, em seus segmentos, nas observações gerais. Note-se que, visualmente, pedem leitura e reflexão. Indicam formas sucessivas e convergentes.

G. Rosa é tanto isto nas dimensões significativas quanto é contrapontístico, musicalmente, nas lições das estórias em que se depura. Realiza a ligadura dos sons em seu correspondente verbal. Observe-se, nesta divisão abaixo, como são descendentes os grupos fônicos rosianos. Neste exemplo, pode-se dizer que são quase trocaicos e muito pouco iâmbicos no ritmo final.

Ei-los: "Tênue, — tênue, — tem de insistir-se o esfôrço / para algo remembrar, / da chuva que caía, / da planta que crescia"... Veja-se que, aí, sòmente o grupo de fôrça — "para algo remembrar", é iâmbico. Evidentemente, não é possível compreender-se Guimarães Rosa sem levar-se em conta a ampliação de seu universo expressional.

A variedade de procedência de seus temas é imensa. Garante-lhe um lugar de honra na literatura Brasileira. E' um erudito. Faz das estórias coletadas um produto legítimo de recontos geniais. Assinala Roberto Schwarz (in A SEREIA E O DESCONFIADO p. 35, que "em GRANDE SERTÃO a História

quase não tem lugar — o que não é defeito; dentro das proposições do livro é virtude".

Por outras palavras, no entanto, Luiz Costa Lima considera que em João Guimarães Rosa "a frase vive em sua realidade verbal, autônoma, apenas lúdica. E à essa linguagem deslastrada do real corresponde a perda da fôrça de transfiguração do escritor, que se converte em um mero contador de estórias". (sic. V. TEMPO BRASILEIRO p. 77, Vol. 6).

Nessas divergências, vezes sem conta, em G. Rosa, tropeçam os críticos e filólogos. E' que, no fundo, dentro de seus recontos é um Hércules na fôrça das imagens e das cambiantes panorâmicas. Procura, por todos os modos, ser original na capacidade representativa e nos sentimentos. Seus livros são abundantes campos de imaginação que se decifram através dos sêres humanos e dos objetos materiais.

Confirmo-me, neste ponto de vista, no depoimento de Antônio Cândido em TESE E ANTÍTESE, p. 125 : — "Na **extraordinária** obra-prima GRANDE SERTÃO : VEREDAS há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecàvelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gôsto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor : a absoluta confiança na liberdade de inventar".

Sem dúvida, compreende-se ou refuta-se Guimarães Rosa em seu material de língua viva, fonética, morfológica, léxica e sintática. Mais : como escafandrista de velhos vocábulos. Como criador de novas palavras, virgens, e de profundo valor expressivo como estas : "lugarim, menorzim, xadrezim ,barulhim, demonim, bruxolim, passarim, etc. Ou ainda, como tupinizador, a intervalos da linguagem, consoante Haroldo de Campos in METALINGUAGEM (p. 49).

Viveu assim nessa transição de alterar vocábulos. Cortar-lhes, trocar-lhes, acrescentar-lhes fonemas. E até, estilìsticamente, num poder sugestivo, diferente, (difícil de encontrar-se, de quando em quando, em outros escritores), a oferecer em frases prenhes de significado, morfemas por semantemas.

Neste câmbio de novas classificações de palavra, baste êste exemplo : "Ela, que, a partir dessa hora, despertou em si um **enfim** de alegria" etc. O grifo é meu. De fato, é um escritor de grande imaginação com admirável conhecimento das novelas da vida. E' um regionalista com eco, voz, valor de presciência instintiva nos efeitos da expressão.

Vai daí, em face dessa amplitude, no dizer da Profa. Ângela Vaz Leão que "não está nisso, entretanto, todo o valor

de Guimarães Rosa. Estivesse, e a sua tradução para qualquer outra língua mataria a obra. Ora, não parece ser o que ocorre. As traduções se sucedem. E, apesar das traições ao texto que por ventura possa conter (muitas alterações, criações e ressurreições vocabulares são pouco acessíveis até ao leitor brasileiro !), a crítica e o público estrangeiros vão reconhecendo em Guimarães Rosa um dos grandes escritores de nossa época". (in Ciclo de Conf. s. G. Rosa — Centro de Est. Mineiros pgs. 15 e s. — 1966).

Exato. Rosa é um escritor para ser admirado nas impressões das palavras. Para ser aplaudido em seu brilho e magnetismo. Por isso é convincente em sua energia criadora. Metafórico e muitíssimo de bom humor em quase todos os seus termos mais melodramáticos. Em seus recontos sempre está em absoluta intimidadade com seus heróis fabulosos, lendários, anedóticos, egoistas, de proveito progressistas e até secundários.

E veja-se que, de certo modo, o seu verdadeiro eu está bastante expresso nesta confissão : — "Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensìvelmente enganar-nos, ou, pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade".

Aceitem isso, lendo-o em suas graças superficiais, e, de fato, surgir-lhes-á isento desta exclamação de Barbey d'Aurévilly : — "les mots sont la prison de la pensée". Far-se-á notar, na admirável estrutura de seus ensaios, num modelar demasiadamente exclusivo.

São tantos os capítulos em que deve ser analisado com acuidade que seria fastidioso aqui querer mencioná-los numa comprovação corrente e perfeita. Muitos de seus temas são autobiográficos. Nos períodos seguintes, sem necessidade de difícil interpretação, podê-lo-ão compreender como sempre esteve dominado no empenho de fazer tudo perfeito.

E neste passo, não se livra dessa obsessão, nem mesmo quando se dá em remembranças de idade nas estórias recriadas. Vejam-no : "a cousa mais difícil que tinha era a gente poder saber fazer tudo certo, para os outros não ralharem, não quererem castigar".

Na verdade, é esta a maneira como Henriqueta Lisboa dá-lo, de fato, nos diálogos de CORPO DE BAILE e PRIMEIRAS ESTÓRIAS. De seu trabalho sôbre O MOTIVO INFANTIL NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA, retiro-lhe o diálogo que aqui o transcrevo.

Pergunta ao irmãozinho predileto : — "Dico, como é que a gente sabe certo como não deve de fazer alguma cousa, mesmo os outros não estando vendo ?" A empregada : — "Rosa, quando

é que a gente sabe que uma coisa que vai não fazer é mal feito ?' "Ao empregado : — "Vaqueiro Jé, mal-feito como é que a gente se sabe ?" (Ciclo de Conf. s. G. Rosa — Centro de Est. Mineiros — p. 25 — 1966).

Estime-se aí como age, como funciona em seus trabalhos admiráveis. Com que angústia e estado psíquico revela-se no menino que foi, e que se tornou extraordinário de sensibilidade à custa dessa afetada obsessão de maior autenticidade e profundidade artísticas.

Acentua Wilton Cardoso, a tal propósito, o seguinte : " — João Guimarães Rosa é escritor, cujas qualidades de estilo não podem resumir-se em síntese diagramática. Dêsse modo, parece-me temerário querar definir a estrutura individualíssima de seu sistema de expressão, onde se misturam o pitoresco, o vulgar e o precioso, em uma única linha interpretativa. Todavia, não me parece falso incluí-lo, a despeito de outras características que igualmente o possam explicar, no número daqueles escritores para os quais a linguagem compõe a realidade da obra literária". (Ciclo de Conf. s. G. Rosa — Centro de Est. M. p. 41 — 1966).

Sem dúvida, sôbre os embates em que se imortalizou, a prosa de G. Rosa vive muitas vezes dêsse exclusivo enrêdo de remembranças. Por isso, nas suas grandes horas de Arte, deve ser compreendido assim : "Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato ? Foi. Mas teria sido ? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado".

E, nesse cavaquear, adianta-se em focalizar : "o mais importante e bonito, do mundo, é isto : que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinal ou desafinam. Verdade maior. E' o que a vida me ensinou".

"Ao que, digo ao senhor, pergunto : em sua vida é assim ? Na minha, agora é que vejo, as coisas importantes, tôdas em caso curto de acaso foi que se conseguiram — pelo pulo fino de sem ver se dar a sorte momenteira, por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo. Ah, e se não fôsse, cada acaso, não tivesse sido, qual é então que teria sido o meu destino seguinte ? Coisa vã, que não conforma respostas".

"Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas e as coisas não são de verdade... a vida disfarça... No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim.

Pelejar por exato, dá êrro contra a gente. Não se queira. Viver é perigoso".

Note-se aí o efeito da efabulação da côr e do zig-zag dos assuntos descritivos. Realmente, seu sentimento da côr local é tão profundo que não esquece de repetir-se nestes dizeres: "A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fôsse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto".

Estas confissões são notàvelmente evidentes em seus livros. No seu propósito, por mais absurdo que isto possa parecer, G. Rosa é um narrador, ao mesmo tempo, dentro e fora de suas estórias. Viveu, dentro de uma invenção de linguagem, num compromisso aceitável entre o idioma dos tempos atuais e dos tempos de literatura clássica. Época clássica, gongórica, dos Alencar e Machado. Foi um pré-concretista nessa estrutura visual da palavra e do sentido mais notável.

Dotado de corajosa consciência social, jamais deixou-se malograr dentro dos limites de seu talento numa sociedade provinciana, bisonha, impressionada pelos temas alienígenas. O Brasil é-lhe tão afeiçoado que, em tôda a sua integridade de escritor, é insuperável no melhor de sua ficção, de seu estilo vitorioso de ritmos e imagens.

E' assim neste lance: — "Falo por palavras tortas. Conto minha vida, que não entendi. O senhor é homem muito ladino, de instruída sensatez. Mas não se avexe, não queira chuva em mês de agôsto. Já conto, já venho falar no assunto que o senhor está de mim esperando".

Considere-se, por isso, que Guimarães Rosa em seus recursos morfológico-sintáticos não inventou uma língua, é certo. Mas, deu-a metamorfoseada. Estilìsticamente dinamizada numa roupagem diferente. E daí expressões como "água vai", aglutinizadas em "guávai". A "bruma alva", em "brumalva" etc.

Nesse saber definido, "de ir até no rabo da palavra", ainda focaliza belamente a Profa. Maria Luiza Ramos que, em vez de dizer que a bala voou, diz apenas: "Bala beija-florou". Também, não esclarece que os pássaros que o viam todo o dia eram bem-te-vis. Para quê? Não há necessidade de dizer que são aquêles pássaros, quando se encontra nesta sua passagem, o dístico seguinte: "... de manhã, os pássaros que bem-me-viam todo tal tempo".

Nele, noutros exemplos, há verbos como "noitou", "oncei", "lealdar", e repetição de palavras e de idéias como "me dá o mêdo pavor"; "mire veja"; "escuro, escuros"; "doido, doideiras"; "mordido, remordido"; "roubo roubado"; "mansinho mãe, mansice"; "soldado, soldadesca, tantas tropas", "homem humano" etc.

Também, no mesmo campo semântico, imagens antitéticas como estas : "êle não largava o fogo de gêlo daquela idéia"; "pelo jeito de ficar calado alto, eu vejo que o senhor me divulga"; proseava gentil sôbre as sérias imoralidades".

E, para evitar o velho chavão — **lua de prata**, diz : "Lua de com ela se cunhar dinheiro". Mais : em **fiquei no ar** : "Sentei em cima de nada". E, para alguém cheio de ódio, fora de si — "vi e mais vi : êle apropriar espaços". (In Ciclo de Conf. sôbre G. Rosa — Centro de Est. Mineiros — 1966 — pg. 61, 63, 64 e 65).

Em face dessa linguagem bastante concreta, figurada, sensorial, quase sempre, provoca a visualização em frases extraordinàriamente expressivas como estas : "pensei pontudo em minhas armas". E "estanquei na ponta de um pensamento". "De repente, tomei em mim o gole de um pensamento". "Para pensar longe, sou cão mestre, o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amem !"

Guimarães Rosa foi escritor perspicaz até mesmo em seus pensamentos religiosos. E por isso não se vexava em proclamar : "Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de tôdas. Bebo água de todo rio..." "O senhor saiba : eu tôda a minha vida pensei por mim, fôrro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverso de todo o mundo... Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa".

"Sabe o Senhor : sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar". "O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho ?" "Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba". "O diabo não há ! E' o que eu digo, se fôr... Existe é homem humano. Travessia".

"O sertão é do tamanho do mundo". "Sertão. O senhor sabe : sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias". "Jagunço é o sertão". "Sertão, êsse alto-Norte brabo". "Sertão é isto, o senhor sabe : tudo incerto, tudo certo". "No sertão, até entêrro simples é festa". "Homem foi feito para o sòzinho". "Um ainda não é um : quando ainda faz parte com todos".

"Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso êste mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe ? Tem seus

motivos. Agora — digo por mim — o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo legal, pouco sobra, nem sobra mais nada". "Deveras não se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim ?".

Note-se, por isso, que G. Rosa é sempre um começar de interpretações em seus livros. E' realmente, um mar de territórios em elipsóides, sem hierarquia marcada. SAGARANA nos capítulos, nas sub-histórias é um mundo de caminhos na unidade superior de sua bela carga humana : transcendente, simbólica, imemorial. E' o seu livro de estréia.

Como artesão no campo de seu trabalho fraseológico, consonantal, isola-se em nova sintaxe. E' o mineiro de uma literatura enriquecida no mundo da infância e do homem. Mágica em seu poder verbal. Mais símbolo que signo. Cheia de frases quinhentistas, falar arcaico e subfalares sertanejos.

No fabuloso de seus temas, nas metáforas de suas recriações literárias há muito que se ver, como valorização original e intuitiva. A palavra em sua obra-de-arte é som e sentido. Não admite preguiça mental em sua importância básica. Comunicativa da vida quotidiana.

Dentro dessa filosofia, na conexão entre Deus e o Homem, a Vida e o Mundo, o GRANDE SERTÃO de G. Rosa é heroismo, ventura e fé. "Deus é alegria e coragem". "O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim : esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta".

Tanto o desinquieta que, descendo à análise mais minudente, afirma : "O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre e mais, no meio da alegria ainda mais alegre no meio da tristeza ! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito — por coragem". "O mundo, mundo é, enquanto Deus dura".

Não é um nebuloso. E' um humanista em sua verdade social. E é assim que torna mais artístico o seu belo idioma no recriar das coisas. Consegue um efeito estilístico nôvo. Cria vocábulos. Mistura-os com a linguagem sertaneja. Foge da lexiologia-fônolo-morfológica muito estruturada e oficial. Refuta, às vêzes, os hábitos verbais a fim de conseguir outros efeitos estéticos.

Até mesmo em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, fica nesse caminhamento. Vejam-no neste período inicial : — "CORDISBURGO era pequenina terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão

de repente bonita : lá se desencerra a Gruta do Maquiné milmaravilha, a das Fadas; e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sob o demais de estrêlas, falava-se antes : **os pastos da Vista Alegre**".

Sugestionável, melódico nos liames da narrativa. Deu voz ao homem do sertão. Tirou-o de sua introspectividade. Fê-lo sensível e vibrátil em sua linguagem rosiana profundamente expressionista e muito pessoal. Com êle, o sertanejo se revela cheio de poesia, reivindicativo, digno e dotado de nobilíssimos sentimentos. Ressurge impulsionado de desejos e atos plásticos.

No texto inacabado de REMIMENTO, seu último conto, e que foi trabalhado até mesmo no próprio dia de sua morte, transcrito no Correio da Manhã de 25.11.67, por nímia gentileza de seu particular amigo Geraldo França de Lima, lê-se, numa frase intermediária, do período inicial, o seguinte : "Faz nada ao caso incluir quem e quem".

Coloriu e orquestrou a frase. E, como òtimamente afirma Walmyr Ayala, "era um homem de superiores defeitos, de grandezas inéditas". Desenvolveu-se concretamente nas interrogações. Duvidava do perfeito, da criação artística sem defeitos. Aceitava-se no significante de sua reivenção rosiana sem acreditar-se completamente infinito no significado de seu sertão.

E por isso duvidava. E dizia : "Meu duvidar é uma petição de mais certeza". "Se procuro, estou achando". "Se acho, ainda estou procurando ?" "Sabe-se aqui que no planeta tudo se processa com escassa autonomia de raciocínio".

Mas, exemplificava-se na razão dêsse porquê : "As coisas são e não são. O diabo existe e não existe ?" "O senhor vê : existe cachoeira; e pois ? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por êle, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma ?"

E assim, já neste passo, focaliza em Tutaméia : "Só a fé me vive". "O mundo não dá a ninguém inocência nem garantia". "Abri-me a mim secreto efervescente. Timido, timidulo, só emoção, calada, como uma baioneta. Tive-me". "Timideza paga devagar, mas paga".

No seu depoimento a João Condé, in Correio da Manhã de 25.11.67, G. Rosa assim se revela em sua arte de escrever : "Em 1937 — um dia, outro dia, outro dia... quando chegou a hora de o — SAGARANA ter de ser escrito, pensei muito".

"Tinha de pensar igualmente, na palavra **arte**, em tudo o que ela para mim representa, como **corpo** e como **alma**; como um

daqueles variados caminhos que levam do temporal ao eterno, principalmente".

"Rezei, de verdade, para que pudesse esquecer-me, por completo de que algum dia já tivesse existido septos, limitações, tabiques, preconceitos a respeito de normas, modas, tendências, escolas literárias, doutrinas, conceitos, atualidades e tradições — no tempo e no espaço. Isso, porque : na panela do pobre, tudo é tempêro. E, conforme aquêle sábio salmão grego de André Maurois : um rio sem margens é o ideal do peixe.

Aí experimentei o meu estilo como é que estaria. Me agradou. De certo que eu amava a língua. Apenas, não a amo como a mãe severa, mas como a bela amante e companheira. O que eu gostaria de poder fazer (não o que fiz, João Condé) seria aplicar, no caso, a minha interpretação de uns versos de Paul Eluard : **o peixe avança nágua, como um dedo numa luva**... Um ideal : precisão, micromilimétrica.

E riqueza, oh riqueza... Pelo menos, impiedoso, horror ao lugar — comum; que as chapas são pedaços de carne corrompida, são pecados contra o Espírito Santo, são taperas no território do idioma".

E aí está o porquê de seu estilismo primoroso. Graças à sua Arte dissimilhante, agilidade intelectual, profundo conhecimento da sintaxe. Mestre de notabilíssimas imagens poéticas, de apurado gôsto narrativo. Filósofo, sociólogo em seus momentos dominantes de observador e contista.

Creio, pois, que a saudação de Afonso Arinos de Melo Franco a João Guimarães Rosa, na A. B. L., merece louvores na forma em que define o estilo e os sentimentos do magistral autor de SAGARANA.

São soberanos, extraordinários, êstes trechos de Arinos sôbre Rosa. Ei-los : "Não há na vossa criação espaço aberto ao inconsciente. Ao contrário, só uma consciência sempre vigilante poderia surpreender e retratar, como fazeis, a realidade simbólica".

"Quem vai, hoje discutir se escreveis certo ou errado ? Quem vai disputar o acêrto clássico de linhas em monumento gótico ou barroco ?

Como falar em acêrto e êrro diante do vosso trabalho estilístico, que é o maior esfôrço de lavor literário que o Brasil já conheceu na história das suas letras ?"

"Uma coisa me parece certa, certíssima, e peço licença para anunciá-la frente aos mestres da língua que aqui vejo, um Aurélio

Buarque de Holanda, um Augusto Meyer : nada existe de popular em vosso estilo".

"Não me parece possa haver comparação entre o vosso e o estilo de Mário de Andrade, como algumas vezes se tem feito. A renovação linguística que Mário se propôs era mais imediata, impetuosa e polêmica; em uma palavra : destruidora".

"No vosso caso, a experiência, pela época mesma em que começou, foi sempre construtiva. Não tendes em vista derrubar nada, desfazer nada de pré-existente, mas levantar no espaço limpo. Não sois o citadino Mário, que precisava dinamitar o São Paulo burguês para erguer no chão conquistado a Paulicéia desvairada. Sois o sertanejo Rosa, conhecedor dos grandes espaços e forçado a tirar de si mesmo, no deserto, os anti-lanos e os imateriais da construção.

Devemos respeitar a Mário pelo propósito de sacrificar-se na destruição. Podemos admirar e partilhar em vós a esperança construtora. Não esqueçamos que os chapadões do Brasil central permitiram, nas artes plásticas, a maior aventura da liberdade formal do mundo moderno, que é Brasília. Ali nada se demoliu, tudo se construiu, no campo livre.

Despertastes as inusitadas palavras que dormiam no mundo das possibilidades imaturas. Fizestes com elas o que Lúcio Costa e Oscar Niemeyer fizeram com as linhas e os volumes inexistentes : uma construção para o mundo, no meio do Brasil". (in Jornal do Comércio do Rio, 3.12.67).

Na prosa literária, G. R. foi isto, com aguda criação, no largo caminhamento das idéias e dos sentimentos. Continuou o trabalho de Mário de Andrade com outra essência sintática, com maior domínio glótico em suas estórias. Obrigou-me a reler seus livros, e deixou-me a pensar no planejamento dos símbolos que êles possam conter.

Criou um estilo para os recontos de sua obra imortal. Teve prosódia pessoal e uma sintaxe. Poeta nos meios tons, nas vagas ondulatórias das imagens e do verbo. Gradativo e largo nas facetas da inteligência, no cuidar dos arranjos cênicos, nos assuntos antigos e humorísticos.

Ninguém melhor do que êle, ao que parece, até hoje, produziu imagens-sínteses como estas de pura revelação fotográfica : "o mais importante e bonito do mundo, é isto : que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas elas vão sempre mudando". "A vida não fica quieta". "A vida vida vai mas

vem vindo". "...janeiro afofa o que dezembro endurece..." "o mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas. Para onde nos atrai o azul ?"

Ao apresentar a coletânea de frases rosianas acima, a Profa. Dirce Cortes Riedel precede-a dêste notável período interpretativo: "Uma linguagem existencial a de Guimarães Rosa. Uma língua que não é, mas que se faz a cada momento, configurando um homem que se faz, não é. Uma língua que se vai formando e se vai reformando — configurando um homem que não está terminado, e se retoma a cada instante. Uma língua que tenta organizar um mundo que a cada momento é novamente percebido e refeito". (In Correio da Manhã de 25.11.67) — Rio)

E' fato: Guimarães Rosa no modo de funcionalizar as idéias, formar o requinte da frase, dispor a sucessão gradativa dos tons foi tudo isso. E é êle mesmo quem, desta maneira, se confessa ao leitor, surprêso ante suas inéditas construções gramaticais: "Eu era assim. Hoje em dia nem sei se sou assim mais".

Manaus, 1.1.68.

A OBRA PENSAMENTAL DE TEILHARD DE CHARDIN

ANDRÉ ARAUJO

Reabrindo, neste cinqüentenário da fundação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a série de atividades intelectuais, estudo hoje a antropologia de Pierre Teilhard de Chardin, seu pensamento, sua grandeza espiritual, sua metafísica, sua teologia, sua ciência, seu itinerário de pensador e de cientista.

E' hoje, uma temeridade alguém pensar nisso, depois de tantos trabalhos publicados sôbre a obra dêste gênio francês, que tentou harmonizar a ciência com a fé cristã, através de estudos que foram sòmente editados, depois de sua morte.

De comêço, informo que Pierre Teilhard de Chardin nasceu em França, na área vulcânica de Auvergne, de família católica, tendo seguido verdadeira vocação religiosa, sob a inspiração dos padres jesuítas, tomando o hábito dos filhos de Inácio de Loyola, sendo considerado um verdadeiro sábio, um místico, um herói e um santo.

Fêz a guerra de 1914-1918. Consolidou sua cultura e sua sabedoria sob certas inspirações, através de Le Roy, discípulo de Bergson, do Padre Augusto Lalensin, Pierre Charles, Joseph Marechal, Leonce Grand-Maison, Victor Fontoynont Marcelin Boule, Breuil, — homens de grandes ciências, e humanistas como Maurice Blondel, todos espíritos positivos, cientistas, paleontólogos, homens notáveis pela sabedoria.

Sua vocação primeira foi a geologia, depois a paleontologia, em seguida a antropologia, a teologia, a mística e a filosofia.

Seu nome é hoje consagrado, mundialmente. Centenas de obras estão surgindo constantemente, falando a seu respeito e, seus livros estão traduzidos em quasi tôdas as línguas. Em português temos até, pela edição Herder, de São Paulo, o seu monumental trabalho, o "**Fenômeno Humano**".

Os que quiserem penetrar a sua obra já composta de uns vinte volumes, têm que le-lo em francês, através das "Editions Du Seuil".

Os intérpretes de Teilhard de Chardin, para a análise de sua imensa e extraordinária obra, colocam-se em muitos e múltiplos pontos de vista. Uns tentam penetrar simplesmente seu pensamento; outros tentam penetrar sua visão; outros estudam a carreira científica do geólogo, do paleontologista, do antropologista, do sociólogo, do místico, do teólogo, do apologeta, do filósofo cósmico, do seu espírito crítico.

De tudo que li sôbre êsse notável pensador e sábio jesuíta, da leitura que fiz de sua obra, na sua quase totalidade, concluí, para iniciar esta exposição, que Teilhard de Chardin é o produto da crise da consciência contemporânea, na luta para uma compreensão da ciência, da filosofia, da religião, crise que foi marcada pelos nomes de três gênios: Galileu, Darwin e Freud, segundo Emílio Rideau.

Fatores sociais e culturais importantes fizeram nascer essa crise.

O mundo e sua relações com Deus, mas o Mundo como universo, como cosmos estático e dinâmico; nebulosas, galáxias, estrêlas, distâncias infinitas e incalculáveis, mônadas, células, átomos, os incompreensíveis mistérios, a origem de tudo, a finalidade do mundo que tanto angustiou o Grande Farias Brito, — tudo convidava à meditação.

E o homem como centro de tudo, como ser e objeto de compreensão dotado de existência, de pensamento, de razão, de espírito, produz segundo Tailhard duas cousas extraordinárias: a técnica e a ciência.

Pelo fato dessa imensa grandeza, dêsse poder do homem, perante o universo, grande como um ser orgânico, — o homem se perdeu no mundo nietscheniano que anunciou a morte de Deus. E a natureza religiosa do homem, dentro daquele conceito mais profundo como se deve entender a religião, eclipsou-se daquela "PRESENÇA" natural que é sentida, daquele espírito de universalismo, de absoluto, e creou sérios conflitos, modificou o sentimento de liberdade interior, voltou-se para aquilo que êle chamou de matéria, com um sentido de cousa morta, única existente, separada de certos "**poderes irradiadores**" de vida e fôrça.

As crises sociais e humanas, surgiram dessa nova condução do espírito que anunciou a morte de Deus.

As guerras, as angústias, o desenvolvimento da indústria que se encaminharam nesses rumos pensamentais, semearam o desespêro que nunca surgiria se as mudanças se fizessem sem o nihilismo e o pânico dessa angústia humana, decorrente dêsses conflitos trágicos, que nós sentimos através do gênio de um Pascal, e que se derramou nas páginas de "Penses", livro que deveria ser sempre lido como um possível recondutor do homem em relação à sua posição justa no cosmos, na vida, na ciência.

Da condição ontológica do que nós somos, nasceu a necessidade de uma nova interpretação do mundo, do cosmos, do homem, do cristianismo real, essa fôrça que pode responder às indagações dos problemas interiores, criados pela confusão dêsse conflito entre Deus-Mundo e Deus transcendente do cristianismo.

Diante dessa imensa responsabilidade que nos cabe, a nós cristãos, ante o problema da VERDADE, é que Teilhard de Chardin tomou sua posição, arcando contra êle próprio até certas fúrias de certos e determinados autores intransigentes no mundo pensamental cristão, e tudo isso Teilhard diz e culpa a certos pontos que êle assim analisou : —

1 — a falta de uma abertura compreensiva ao humanismo moderno e às consciências novas; estreiteza de vista, deficiência da capacidade católica.

2 — permanência de maniqueismo, jansenismo dualismo doutrinal e devocional.

3 — concepção de caridade insuficiente.

4 — noção de Deus até incompleta e caduca.

5 — prevalência de concepções jurídicas, moralizantes na concepção concreta e física da Encarnação.

6 — desvio na interpretação do pecado original, do mitsério da cruz, da resignação ao sofrimento, da renúncia e do desprendimento.

7 — irrealismo no que diz respeito ao mundo e falta de junção real com êle.

8 — individualismo na idéia de salvação.

9 — concepção estática do Universo.

Êsses nove pontos afastam o interêsse pelo cristianismo e causam o mal estar dos cristãos.

Êsses pontos foram resumidos pelo grande intérprete de Teilhard, o pensador Emile Rideau.

Teilhard se colocou diante dessa nova visão do cosmos e partiu, através dessas angústias, admitindo, em primeiro lugar, uma FENOMENOLOGIA UNIVERSAL, científica, usando métodos

científicos de geologia e biologia, para atingir a ordem transcendental da ciência COMO UMA FENOMENOLOGIA, que afirma a existência do SER, a intuição do SER, como lógica e histórica, universal e sintética, opondo-se ao dualismo da matéria e do espírito. Acha que o homem que se liga ao mundo, tem o verdadeiro sentido do teólogo, como cúpola do existir universal. Essa fenomenologia científica teilhardiana compreende uma cosmologia, uma antropologia, uma ontilogia.

Como se vê são de enorme amplidão a ciência, a filosofia e a mística de Teilhard.

Em face de seus vastos pontos de vista, dessa amplidão de sua doutrina, na sua concepção de um universo integral e completo, a sua fenomenologia é considerada uma dialética, porque engloba tudo.

A transformação, êle considera como uma transfiguração. E isso é uma dialética em alta categoria. O ser é uno. E há uma relação entre os gráus do ser; a matéria, é a cosmogênese; a vida, é a biogênese; e o homem é a antropogênese. Tudo isso se passa em círculos espirais, que sobem por uma evolução que não fere o sentido da **criação,** para um ponto transcendente que é o CRISTO, pelo impulso de uma fôrça divina que é a CRISTOGÊNESE. O homem é impulsionado fatalmente, hoje ou amanhã, por fôrça dessa Cristogênese, que é o CRISTO ETERNO, o OMEGA de tôda evolução.

O mundo se realiza por uma espécie de personificação. Para êsse nôvo sentido de que em tudo existe vida, — a matéria, estudada à luz dos aspectos mais modernos da física e da química, — irradia, emite fôrças, é poderosa. Isso se amplia para a cosmogênese, o universo, com suas infinitas vias láteas, inúmeros sistemas, seus trilhões de estrêlas, seus milhares de galáxias, seus espaços, suas incontáveis e incalculáveis esferas. Êsse realismo absoluto, que pode ser conhecido, que tem de ser conhecido, porque não podemos duvidar do conhecimento que a ciência moderna nos dá e comunica. Daí a relação dialética. HOMEM-MUNDO, pois o Universo só vale pelo homem e no homem, isto é, pela consciência.

Nesta altura, Teilhard nos dá uma solução entre a teima existente do REALISMO com o IDEALISMO: é verdade que o homem é real, é verdade que êle é pensado como objeto pelo homem". (E. Rideau) 47).

Aqui pode entrar um grave problema, para os que não sentem nenhuma crença: as relações entre a natureza e a graça, ou melhor entre a ciência e a fé.

No cerne do fenômeno humano, tem que coexistir a perspectiva cristã, como uma finalidade irreversível, onde o homem por onde andar, pelos piores caminhos do mundo e do pensamento, sua maturação chegará na plenitude dos tempos, ao Ómega, pois o homem não parou na sua transformação.

O que não é certo é que pensemos e aceitemos uma luta entre ciência e fé, entre a **criação** e a **evolução** que não seja à luz de uma luta que busca a ciência a explicação de fatos imediatos, dentro do sentido do que êle chama de "**Fenômeno Humano**".

A história, como ciência, deve ser um como método para a investigação e explicação de fatos científicos e religiosos.

Foi o que fizeram Hegel e Marx, as duas incomensuráveis fôrças tremendas que mais contribuiram para escurecer o mundo atual.

Através da história, o homem deve tomar sentido de sua posição no cosmos, pela análise geológica do universo, pelo estudo da vida, nas suas formas biológicas, sob todos os aspectos, pelo estudo do homem como ser, do homem em si, morfològicamente, psicològicamente, pelas antropologias científica e cultural, depois pelo estudo da humanidade, no espaço e no tempo, do humano e do ultra-humano, da sociedade revestida dessa fôrça que Teilhard chamava de "**NOOSFERA**", que é o universo aquecido, enriquecido pelo poder de amor, pelo amor ao próximo, o que leva fatalmente o homem a CRISTO, ao PONTO ÓMEGA que é DEUS, Polo e Cume para onde todos se convergem, Têrmo final, estável, transcendente, pessoal, o Cristo Universal.

Para aceitarmos o pensamento de Teilhard de Chardin, temos que saber que a obra de Teilhard se assenta sôbre uma filosofia científica do universo material e biológico, diz Emile Rideau.

O pensador jesuíta aceita o valor da ciência e parte, através de um método, em busca das verdades com que êle revolucionou o espírito da filosofia da Igreja.

Vejamos a primeira premissa de Teilhard :

"**O Múltiplo puro é o Nada**". Voltemos os olhos para o Gênesis. Aí, diz Chardin, é onde existe a desunião completa do tecido cósmico (o que é uma distncia infinita do **Ómega**). Não há nada".

Como a teoria da ciência tem, em alta importância, o problema da ciência, Teilhard faz disso ponto fundamental. Isso forma o tecido cósmico que se choca com o **Ómega** de Chardin, diz êle. No universo há "unidade de pluralidade". A Substância cósmica se acomoda, "para além e para cima da **"Curvatura que aproxi-**

ma", para a curvatura que organiza", pontifica Teilhard. As formas vivas estão na situação e em ponto superior à curva de **corpusculização.**

Como se vê, não é possível em uma conferência esclarecer e mostrar a grandeza do pensamento teilhardiano.

Devemos aqui, apesar de tudo, ressaltar que a noção de forma que é fundamental em muitas filosofias, — está essencialmente ligada à **noção de Energia,** de que se compõe a estrutura interna de todos os corpos, dos seres e do Universo.

Dizem os intérpretes mais credenciados de Teilhard de Chardin que tudo se passa como **se "o tecido do universo"** tivesse duas formas de energia :

1.ª — Tangencial, mecânica e externa, superficial e externa, dinâmica, misteriosa involução do mundo;

2.ª — Radial (axial ou excêntrica, espiritual e interna).

A energia **tangencial** é capaz de sínteses, de estruturações. E' operacional, enquanto que a **radial**, se presta a verificações precisas e previstas.

As energias são sempre de tendências para a unidade.

A associação da forma organizada e da energia espiritual, implica a da interioridade. Talvez a consciência seja uma forma disso, pois a consciência se manifesta como propriedade cósmica de grandeza variável.

Não devemos nunca esquecer que as teorias de Teilhard têm por base o **transformismo.**

Êsse transformismo ou sua aceitação, se baseia na ocorrência de fatos múltiplos como : o paleontologia (ordem do aparecimento dos seres anatômicos e filosóficos); transformações embriológicas (modo de desenvolvimento, biogeográficos).

E' que o transformismo é plausível e necessário. Aqui entram questões que poderiam ser expostas pelo lamarquismo e pelo darwinismo, para as quais há restrições, além de certas questões que foram abordadas por Bergson, no seu revolucionário livro "L'evolution Creatrice".

Chegando até aqui, nesse campo do transformismo, fatalmente, teremos de abordar alguns aspectos da antropologia teilhardiana.

Em relação ao universo o homem é aí uma **transcendência,** dada sua estrutura psíquica, que se alarga constantemente por indeterminação e informação.

O homem, segundo Chardin, é um fato ainda inacabado. Sua transcendência está dialèticamente inserida no Universo,

no qual o homem é um microcosmos, um rendimento da Cosmogênese.

O homem é consciência que participa do mundo, da cosmogênese, que parece se contradizer, pois ao mesmo tempo o homem está adiante, pelo espírito, através de uma Noogênese.

Sua estrutura psíquica, — pelo pensamento, — pode conhecer e sentir a verdade. De complexa afetividade, pela sua biologia e pela afetividade, em potência, êle é emoção, paixão, amor que é a forma suprema da "**energia universal**", transmudada nisso que chamamos amor universal, no sentido sexual, criador.

Êsses pontos dão uma transcendência ao sentido do homem que se exalça na transcendência daquilo que chamamos de Pessoa Humana, o fato mais capital do Universo que marcha para Deus, Universo êsse que busca através do homem a Personificação.

Aqui Teilhard se abebera de Platão, de Eduard Le Roy, de Henry Bergson, de Maurice Blondel, de Auguste Valensin, de Sertillanges, de Rousselot, de Marechal.

O problema do personalismo, nas suas mais altas transcendências humanas leva ao problema do sofrimento universal, na sua expressão mais significativa, naquilo que Sócrates dizia que "filosofar era aprender a morrer" e que Farias Brito fêz base de sua filosofia.

Êsse sofrimento existencial que surge de tôdas as fendas cósmicas do universo, multiplicadamente, no tempo e no espaço, na busca de uma solução a respeito do problema da morte, da angústia da morte, — é o tema maior de tôdas as filosofias modernas, da literatura atual, da mística e da poesia.

O sentido de solidão humana, do vasio de inúmeras vidas, do problema da unidade, das ânsias para exteriorizações, em face da angústia e do mal, está na unificação universal dos sêres, orientada para o **Ómega.**

Hegel, Marx ou Bergson, Bernanos, Saint-Exupery, Proust, Jacques de Lacretelle, André Malraux ou Jules Rorains são, como tôdas as vidas, verdadeiras Via Sacra, rumo à unificação dos seres no **Ómega** de tôdas as cousas universais.

Os valores existenciais só o são do ponto de vista da ação.

A arte, qualquer arte só tem sentido como Unidade instintiva, sentimento de uma Presença Universal, de ressonância do Todo.

E no campo do social, da sociedade, essa Presença Universal já tem então Sentido Humano de Unificação.

Tudo em Teilhard de Chardin busca êsse sentido de unidade do Cósmico.

Na moral, por exemplo, o fato e o sentimento de obrigação, como o dever, a consciência, se ligam ao inacabamento do ser finito. A Origem da moral envolve a análise de cousas primitivas como a animalidade e outras necessidades que precisam ser humanizadas, como a fome, a luta, e gôsto da prêsa.

O problema se extende às necessidades do contrôle dessas hereditariedades que são humanizadas por elementos metafísicos, face a um certo tecido cósmico, à corrente cósmica energética do pensamento e do dado ou fato : — Mundo-Homem.

Essa corrente cosmológica de necessidades de humanização do homem e da vida, vai ter vida mais profunda na ordem ética, que transferida para a necessidade de "**adorar**" que existe no coração do homem, forma o fenômeno religioso, nos têrmos daquela ânsia que encontramos no pensamento de Kierkegaard, mas sem desespêro.

Surge aí, em Teilhard ,a comunhão das consciênciais e a **HUMANIZAÇÃO HUMANA.**

Aí então alcançamos o ponto mais alto da evolução, do transformismo, da opção, da adoração, do Absoluto, do **Ómega**, do **Deus,** do Cristo.

E' o **cume do desabrochamento da pessoa**, da síntese que recapitula; da mística que é a grande ciência e a grande arte que induz à Plenitude, à Totalidade, à Unidade, à Presença, ao Mistério.

Vê-se que partimos ou que Teilhard partiu da cosmogênese até a antropogênese, com os seus problemas, até o Cristo, e se chega, pela noogênese à Cristogênese.

E assim estamos em plenos problemas de teologia, problemas da existência de Deus.

Não nos foi possível, nesta visão rápida, melhor síntese que pode esse fazer aquele que vos escreve tocando em tão graves assuntos.

A vastidão dos assuntos aqui abordados, ferindo a obra imensa e extraordinária dêsse filósofo, místico, teólogo, sociólogo, antropólogo, biólogo, paleontólogo que é Teilhard de Chardin, — não nos permitiu detalhar melhor, suscintamente.

Teilhard em tudo teve **um fim** : harmonizar a ciência com a religião, provando que o homem de fé também pode ser um homem culto e cientista.

Deus, Teilhard o prova, por meio da reflexão sôbre a experiência da história cósmica e sustenta sua prova por uma exigência intelectual ao mesmo tempo ontológica e axiológica : **o Ser existe e é Valor,** — diz Rideau.

A cosmologia e a antropologia, têem por cúpula uma teologia.

Há um dilema dramático entre o Todo e o Nada; Deus e o Vazio, — como no caso desesperadamente materialista de Sartre

Como em Blondel, para Teilhard, há uma energética do espírito que implica Deus. Em Teilhard, o espírito é, ao mesmo tempo e em ligação dialética, — o do homem e o de Deus.

Para compreender até onde chega a concepção de Teilhard, quanto à existência de Deus, — é necessário que se tenha assimilado o pensamento bergsoniano no livro LES DEUX SOURCES.

Sendo o homem o centro de tudo, na concepção teilhardiana, como fenômeno humano, — o homem se identifica numa espécie de organismo daquilo que poderíamos chamar de **Corpo Místico de Cristo,** porque todo o Universo é fenômeno cósmico de onde surgiu o fenômeno humano.

Há certas ambiguidades em Teilhard de Chardin, que só aceitam os que, sem prevenção estreita, meditarem a obra dêsse genial cientista e teólogo.

A criação se fêz por um Princípio inicial e permanente : a consistência, a Energia e o Coração. Sua reflexão fenomenológica vai além ou melhor acima da metafísica : isso é algo de meta-experimental, trans-experimental. Procura definir o Ser pelo movimento interior de unificação de si mesmo. Metafìsicamente junta o **ESSE** e o **UNIRE** à noção de **Ato Puro** o de **União.** Isso é um dos pontos mais difíceis de sua teologia e de sua ciência. Daria isto aqui para um estudo especial, um outro estudo sôbre a teologia teilhardiana.

O problema da criação, Teilhard encara como tendo suas leis que não são impostas a Deus, mas Deus livremente as respeita.

E' preciso que saibamos que Deus cria um **mundo histórico**, cheio de **sêres históricos** e temporais, **capas de progresso temporal** em direção à Unidade : o Logos de São João e dos filósofos alexandrinos.

A criação do mundo e do homem está ligada uma à outra, mesmo em face de certa antinomia, a criação da alma (**EX NIHILO SUBJECTI**) e a evidência fenomenal do homem no universo, segundo comenta um notável analisador do mundo teilhardiano.

Outro assunto delicado é o do entendimento da multiplicidade dos atos criadores de Deus. E' assente que a criação considerada opera-se num ato eterno e transcendente que pode ser único.

Deus é inseparável de todos os sêres e de todos os movimentos, bem como as formas estáveis na história cósmica. Deus é indispensável na passagem do animal ao homem, como no aparecimento da alma do homem. Deus preside a tudo isso. Essa ação divina é contínua, causal.

O ato criador respeita a evolução, embora venha a intervir aqui ou ali (com piparotes).

Não se pode negar o concurso de Deus na criação, como ator da criação.

"Para o transformismo cristão, a **ação criadora de Deus não é concebida empurrando intrusivamente as suas obras** para o meio dos seres preexistentes, mas fazendo nascer, no seio das coisas, os têrmos sucessivos do seu trabalho. Não é porisso **menos essencial, menos universal, nem sobretudo menos íntima a ação de Deus"** diz o próprio Teilhard.

Natureza e sobrenatureza são distintas, mas são duas *ordens* que se unem. Natureza e graça se correspondem, são análogas em ordens diferentes embora.

Como se vê, é tão complexo o pensamento de Teilhard de Chardin que nele há até uma Cristologia. Cristo para êle tem uma relação com o mundo e com a evolução. **Cristo não é um acessório, um arremate, é uma exigência do Universo, para que o Cosmos possa marchar para sua destinação que é o Ômega, o Logos, que o Cristo incorpora como Deus.**

Sua encarnação, a de Cristo, é uma prodigiosa operação biológica. Fêz-se homem, apareceu entre os homens. O **Pleroma** (organismo espiritual) cristão, é a misteriosa **síntese do Incriado e do Criado, a Completação do Uivnerso no próprio** Deus. Disso vem a noção do Cristo Universal.

E' profundo o problema do Cristo porque êle traz consigo o problema do pecado e da redenção. Isso aqui já é teologia. Mas Teilhard de Chardin, na sua concepção do universo, na sua cosmologia, não foge dêsses mistérios.

No pecado original, Teilhard notou haver uns excessos na interpretação do mal, que poderiam ser explicados pela hipótese de uma responsabilidade primitiva grave, comenta Emile Rideau. Nós estamos estrita e linearmente ligados a êsse pecado.

Teilhard sugere, para melhor explicação do pecado original, que somos, **por solidariedade genética,** todos os homens, no seio da humanidade, impregnados de pecados. Essa tendência é **Original**, está na origem dos homens : — pecado original, mal que contaminou tôda a natureza humana.

Teilhard recusa-se **a aceitar o pecado original como um simples anel na cadeia dos fatos históricos.** Achou um fundamento cósmico, senão na sua atualização histórica, nos primeiros homens, pois êsse pecado é do mecanismo da criação em que vem representar a ação das fôrças negativas, da contra evolução. Para êle **duas condições são necessárias** para aceitar êsse ponto de vista :

1 — tornar Cristo o máximo.

2 — permitir a "**activancia**" máxima do espírito.

Diz Rideau que Teilhard tem o desejo de respeitar o mistério de um pecado que ultrapassa a ordem da representação, com repercussão cósmica.

Compreenda-se que Adão deve ser entendido como a antítese de Cristo. Adão é pecador. Cristo o Sem pecado algum.

Um livro extraordinário aborda, na ciência de Teilhard, todo êsse campo : o "MILIEU DIVIN", onde se ressalta **a importância do mal** e o **mistério da cruz como a "sublimação da lei de tôda a vida",** como também a cruz que é o caminho real do Progresso universal, "O caminho do espaço humano".

Redenção que é a destinação fundamental da Encarnação, que é o desígnio dado por Deus à humanidade que evolue para a divinização do homem em Cristo, é a marcha do homem para a comunhão divina.

O desígnio eterno de Deus é se unir, em Cristo, com a criação inteira. Todo o cosmos marcha dentro dêsse plano de evolução, de sentido cristão.

E' o futuro do homem olhado através dos problemas dessa escatologia. O ponto essencial do pensamento teilhardiano é essa unidade do homem que reflete todo o cosmos, como fenômeno universal, procurando a unidade da história cósmica, buscando o ponto Ómega, através da espiral de ciclos que evoluem, no plano divino, por uma dialética de **continuidade** e de **descontinuidade**, aceitando-se a possibilidade do fim cristão da história, que encarna a divinização de todo o cosmos.

Em síntese absoluta :

Há uma fôrça, com um sentido itinerante, assecional que vem do interior das cousas para o exterior, visando alcançar um ponto culminante que é ÓMEGA.

Essa fôrça pode ser compreendida como a razão de ser da evolução.

Fôrça que é um movimento que está intrínseco na cosmogênese, que vem da criação, até a biogênese que é o aparecimento

da vida, e que se encerra com o aparecimento do homem, na antropogênese, daí partindo para o ÓMEGA.

A evolução se realiza de forma espiral, como movimento que toma especìficamente o nome de litosfera. A biogênese corresponde, aí a biosfera e a antropogênese tem sua fôrça e movimento naquilo que se chama de cristogênese ou fôrça que construirá tudo no Cristo, através da conscientização ou espiritualização numa área do universo que se deve chamar a NOOSFERA.

As seguintes leis regem todo êsse mistério :

1 — a lei de complexidade crescente e consciente que domina a cosmogênese e a biogênese, até o aparecimento dos seres vivos superiores.

2 — a lei de complexidade consciente, conscientização que sublimisa a biogênese.

3 — a lei de cefalização que impregna a biogênese nos seres vivos.

4 — a lei de socialização que domina a antropogênese.

A primeira dessas leis, a da complexidade crescente, é a fôrça que faz a organização da unidade.

A segunda, a da complexidade consciente; é a fôrça que organiza a unidade. A complexidade, em Teilhard de Chardin, tem um sentido próprio; é diferente do comum como se emprega essa palavra. E' uma interioridade, uma como forma espiritual que anima, com caracter especial a própria matéria.

Essas duas leis regem os fenômenos da vida e do homem, da biogênese e da antropogênese.

A lei de cefalização é um processo fundamental através da qual a evolução se toma dessa fôrça característica que impele todo o universo para sua finalidade, porque sem a cefalização não seriam possíveis os fenômenos da **NOOSFERA.**

Finalmente vem a lei da socialização, no campo da antropogênese. Essa lei é que dá sentido a êsse grande ser que é a Humanidade, que deverá ser conduzida ao Cristo. E' a socialização que dá a personificação, a personalidade.

Daí vem o ultra-humano, a super-consciência que se conduzirão ao ÓMEGA, ao CRISTO.

Tudo isso é impelido por duas fôrças, — a ENERGIA e a ENTROPIA, as quais são pontos fundamentais para a compreensão da doutrina de Teilhard de Chardin.

A fôrça que faz crescer e desenvolver a cosmogênese e a biogênese é a energia natural que existe no seio da matéria. Ela faz crescer a mecânica do cosmos, e com a antropogênese ela

assume, através os destinos a superiorização para a qual o homem, fatalmente, ruma.

A Energia vem da potência creadora, que é sòmente uma, no cosmos: E' universal, una, espiritual. Essa energia tem dois aspectos pelos quais ela se manifesta: a tangencial e a radial.

A tangencial, energia que estabelece corpos materiais, une os elementos da matéria: átomos, moléculas, etc.

A energia radial, energia cósmica edificadora de sistemas interioriza os mesmos elementos materiais, conscientiza-os.

A Energia é a Consciência e a Consciência é a Vida.

Essa energia é o ponto de partida da transformação universal: cosmogênese, biogênese, antropogênese, noogênese, Cristogênese.

Vem ela até a energia humana, até o amor, a socialização, os eternos, valores humanos: igualdade, fraternidade, liberdade, bem comum, o amor ao próximo, a Uno.

A entropia, degradação, involução da energia é como certos críticos de Teilhard classificam: é a maré vasante que se equilibra com a maré crescente da Noogênese.

Disso tudo se conclui que a evolução é irreversível, ascencional e convergente, buscando o **ÓMEGA.**

Por fôrça dessa energia, a humanidade progride sempre, fatalmente, haja o que houver. Ninguém creia que escapa dêsses rumos e dêsse destino assencional, através dessa fraternidade humana, porque o Cristo é Universal, E' cósmico, E' Místico, E' Pessoal, E' Total, no dizer de Conrado Detrez.

O CAMINHO QUE FALA

(A própria voz que fala do Mistério do Belo)

De AMÉRICO ANTONY

I

Onde o Tempo era nulo, e não havia
Princípio ou fim, passado, e nem futuro
Nem presente que um rumo apontaria...

Ouvi uma voz que se transforma em selva,
Apenas como um ser estranho e obscuro
Que se envolvesse num manto de relva:

Sua voz tinha o tom crepuscular
De noite imensa tripulando a gelva
Das lendárias regiões que vão falar:

E ao caminhar, com o sêr quasi perdido,
Ouvia o que essa voz me vem contar
De um mundo, para mim desconhecido:

E o vulto disse: "Eu tenho do Caminho
"Todas as sugestões... pois sou nascido
"Da Natureza que se fêz meu ninho".

"Eu sou o Caminho das Mudanças, sou
"Em musgo, em pedra, em flor, em ramo, e espinho
"O que a Floresta Imensa imaginou".

"Deixei que, em mim, à entrada, o lavrador
"Construísse a cabana onde abrigou
"A família, que a morte lhe levou..."

"Tenho arvoredos como mãos que sirgem (*)
"Mantos intransponíveis ao fulgor
"Do sol, sôbre o equador, na Mata Virgem".

"Ninguém mais do que eu sou se fêz senhor
"Dos destinos que dão as emoções
"À cambiante escalada, ou a algum pendor..."

"Passeio com o teu sonho e a tua dor,
"Falo essa língua oculta aos corações
"Que se escondem nas tintas do sol-pôr..."

"Levo-te para a senda de arrebóis,
"Falo a voz dos silêncios, solidões,
"E dou sonho às canções dos rouxinóis".

"Quando te levo a uma charneca ou a um valo
"Faço com a luz a escala dos bemóis,
"Pois, da sombra e da luz, sou a voz, se falo".

"Faço de mim gorgeios de aves ternas
"E bramidos de féras, que assinalo
"Nas subterrâneas, côncavas cavernas..."

"Renovo chavascais, fundos cipoais,
"E acendo à noite as trêmulas lanternas
"Dos vagalumes de ilusões mortais..."

"Só respeito um comparsa, — o Curupira".
"Pois, quem por mim passou... não volta mais,
"Mesmo lutando, ou se, infeliz, delira!"

"Meu destino é um só, mas os meus braços
"São múltiplos: cada um é onde se mira
"U'a mudança, — imensidão de espaços..."

"Assim vou, pela selva, em variedade
"Marcando nela todos os meus traços
"Que, labirintos são, na imensidade".

"Desígnio em mim não há, e o útil é inútil,
"Pois sempre vivo sem saber da Idade
"Que intégra o sêr à sociedade fútil..."

"Mas, guiando as almas à meditação,
"A êsse mundo do Anônimo, entesouro
"As Relíquias Ideais na Solidão!"

"Em mim a Morte vive enamorada
"De tudo que lhe dá todo o meu ouro
"Na minha urna de luz cristalizada:"

"Pois é impotente, dentro em meus Painéis,
"A própria Morte!... tem perdida a estrada
"Que, em magia, criei, com os meus pincéis!...

"O homem se aturde, quando vem comigo,
"Esquece casas, mundos, ouropéis
"E, sem saber por quê, segue onde eu sigo..."

"Sou o encantamento da Visão mais calma
"Que fala do Incriado, sou o postigo
"De onde o Mistério espia a vida da Alma".

"Em mim areias falam, rochas, águas,
"Sedimentos, e pântanos, e a palma
"Que ora verdece, ora se estorce em fráguas..."

"Sou o percurso do Espírito do Amor,
"O ciclo indefinido em gôzo e máguas,
"O arco-iris prismático da Dor!"

"E assim vivendo, tenho a Lira Oculta,
"O condão mais perfeito do Senhor
"A quem o Artista do Imortal consulta".

II

"Sou — O Caminho — mas sem princípio ou fim;
"E quem, do Meu Idioma, à turbamulta
"Fugindo, claro, se assenhorear, por fim

"Um deus será dentro do próprio Deus,
"Onde as Côres são vozes do Sem-fim,
"E o Azul se fêz grandeza, — o Azul dos céus!"

"Sou o Universo! — onde tudo é voz que fala,
"Onde o Todo é o Idioma dentro em mim,
"Semente, estrêla, e arvoredo, e vala..."

"Intégra-te comigo à Onipotência!"
"Perde o teu Eu-limite que te abala
"Na angústia, e que te cega à onividência!"

"Escuta a voz do que parece mudo,
"E recebe as visões de Outra Consciência
"Que os nexos todos deu se unindo a Tudo!"

"Sobe comigo ao Indefinido, aos mundos
"Das Leis, das quais tu foste um surdo-mudo!"
"Um cego a êsses incógnitos profundos!"

. . . . . .

. . . . . .

III

E segui, pela fôrça de um destino,
Sem seus passos saber de onde são oriundos,
A um magnetismo de um poder Divino.

E alcandorei-me com essa voz preclara
A um NÔVO MUNDO que cantava um hino
De concórdia e de luz potente e clara.

. . . . . .

Tudo era vivo lá; sòmente, à porta
De um Grande Templo, o tempo desmanchara
Um cadáver, — a Dúvida —, era morta!

E quando recordei o que me disse
Essa Voz da Floresta que conforta:
"Que um Fim nos seus desígnios jamais visse..."

Eu respondi: — "Mentiste ao coração!"
"Pois, na incógnita senda da Planície,
"Ah! (que a tua voz assim sempre mentisse!)
"Pois, CAMINHO! o teu fim — é — a PERFEIÇÃO".

(*) SIRGEM — Derivado de **Sirgo,** bicho da sêda (art. sêda).
SIRGIR — Derivado de **Sirgueiro** (que trabalha em obras com fio de sêda). (Por extensão: tecer com fio de sêda).

Livro: **"Cromos Amazônicos".**

O VALE DO PURUS

A BACIA. ESTRUTURA GEOLÓGICA. RELÊVO

ANÍSIO JOBIM

A bacia do Purus é uma das mais extensas da planície amazônica.

Por ela corre o grande rio que lhe deu o nome — Purus —, seus numerosos afluentes e subafluentes.

Sendo pouco inclinado o terreno, sua declividade acusa apenas, das nascentes para a foz, uma cota de 250 metros. A inclinação, contudo, é mais sensível das Barreiras do Huitanaã para cima.

O Purus é um dos rios mais notáveis da planície, que vai levar sua poderosa contribuição de águas ao Solimões por quatro bôcas formando delta.

Os geógrafos que estudaram a estrutura do vale, sua composição geológica, consideram-no um rio velho.

A classificação dos rios em jovens, maduros e velhos é de M. Davis que descreve as diversas fases por que passam os caudais — a da juventude, da madureza e da velhice.

O Purus atingiu já a idade da senilidade, fenômeno que se observa, diz Euclides da Cunha. "na parábola em que se espraia repousadamente e constroi, pela "colmatage" das vazas que acarreta com velocidade insensível, a própria planície aluvial em que descança".

Se morfològicamente, considera Raja Gabaglia, o Purus é um rio velho, que já fechou o seu ciclo de evolução, geològicamente suas terras pertencem ao período terciário, assemelhando-se muito ao baixo Solimões e à formação Pebas.

Secção geológica, segundo êste autor, feita em São Francisco, acima de Lábrea, indicou camadas de argila e areias multicores (amarelas, vermelhas, rôxas, cinzas), areias amarela e vermelha, argila mosqueada.

Vários são os fósseis encontrados no Purus. William Chandless verificou em concreções de barro com 2 ou 3 palmos de grossura, sobretudo acima do Acre, antigo Aquiri, pequenos pedaços de madeira petrificada e em maior porção sôbre os montões de debris.

Também descobriu o geógrafo inglês fragmentos de ossos fósseis gastos pela água e mesmo alguns inteiros. Êle descreveu restos de uma espécie de Mosasaurus.

Manuel Urbano da Encarnação, prático do Purus e um dos seus mais arrojados exploradores, conduziu para Manaus alguns exemplares de documentos dêste gênero, constantes de galho, de madeira petrificados, ou meio carbonizados. Causou-lhe surprêsa o encontro de dois enormes esqueletos, de que recolheu duas possantes vértebras, uma costela e dois dentes. Homem de poucas luzes, pensou que se tratasse de algum animal antediluviano, cuja identidade não pôde reconhecer. Embarcou essas duas peças em sua canoa, mas teve de atirar ao rio a pesada costela, porque a sua embarcação não tinha praça para contê-la.

Na margem do Pauini, caudaloso tributário do Purus, o antropologista Gurick encontrou um crocodiliano de grandes proporções, que classificou Gusposurus Jessei.

A êsses testemunhos juntam-se outros: Barbosa Rodrigues anotou um gigantesco jacaré fossilisado. Posteriormente Raimundo Moraes, escritor e amazonólogo ilustre, reconheceu diversos fósseis como cascos de tartarugas petrificadas, ramos de árvores, sapos, cobras que pareciam "de cimento armado", conduzindo-os para Belém.

Na classificação dos rios em rios de planalto e rios de baixada, o Purus pertence a esta última categoria. Sua corrente abrange cêrca de 3.210 quilômetros.

Suas terras são em geral baixas, fàcilmente alagáveis. Os espigões altos escasseiam nêste enorme vale. São barreiras que alcançam a beira do rio, ficando acima do maior nível das enchentes e se lançam para o interior. Assim, os lanços de terra firme se intervalam de distância em distância. As terras firmes são, porém, elevadas e bem drenadas. Nas proximidades da cidade de Lábrea elas se elevam de um lado e outro, ondulando por grande espaço. As Barreiras de Huitanaã são bastante altas. Daí para avante o rio guarda a mesma feição com a diferença de que, sendo mais estreito, as curvas são mais largas e mais numerosas.

O Purus é o caudal de maior número de curvas, de maior sucessão de meandros. Todo êle se enrosca em sinuosidades

incríveis. E' um rio meandroso por excelência. "Com seus 3.000 quilômetros, é o Purus o mais tortuoso dos rios brasileiros, escreveu Delgado de Carvalho : é um tipo de corrente de planície, rico em meandros, curvas".

Cava o seu próprio leito há milênios, fazendo aqui e desfazendo acolá, numa atividade incessante. Por isto mesmo, por sua atividade ininterrupta, em construir e destruir, Euclides da Cunha chamou-o — "rio trabalhador".

Seus vastos sacados e inúmeros lagos, que lhe bordam as margens, suas praias, restingas, canais, igapós são acidentes fisiográficos que a corrente vai levantando e desmoronando por tôda parte.

CLIMA

CLIMA — Dada ligeira notícia do teor das terras da bacia do Purus, de seu relêvo, cumpre dizer alguma coisa do clima. Repetindo uma frase de Euclides da Cunha, o Purus é uma região de "clima caluniado". Retirou dêste modo o famoso escritor de **Os Sertões** a pecha dolorosa de que o Purus é um rio profundamente doentio, mortalmente pestífero. O que êle escreveu é que só os fracos, os apáticos, os portadores de taras morbígenas, os organismos depauperados são os que sucumbem à ação de uma espécie de magistratura exercida pelo clima, em virtude de seleção natural na luta pela vida.

Aliás a doutrina inspirada possìvelmente por L. Gumplowicz e Huntington, tem sido rejeitada por muitos e criticada com razão. Araújo Lima, um dos maiores e mais lúcidos intérpretes da Amazônia, opõe-lhe restrições severas. "Afinal", conclui Araújo Lima, "com o progresso higiênico, reduzir-se-ão dia a dia os limites das zonas chamadas incompatíveis com a vida humana".

O Purus e seu afluente Acre são hoje em dia rios muito saudáveis, muito povoados e cultivados. Não há mais aquêle sagrado horror pelo Purus e seu longo afluente o Acre, antigo Aquiri.

E' certo que a população dêstes e outros rios acreanos foi muito desgastada, reduzida pelo impaludismo reinante, principalmente em certa época do ano, pelo beriberi e outras moléstias. Porém, o que se nota, o que se registra, o que se sabe, é que o Purus e o Acre estão abertos, desde muito, à navegação, e que são vias de grande comércio, e que sua população tem crescido, assim como o perigo do impaludismo já não tem aquêle caráter sombrio de outros tempos.

Infelizmente, diga-se a verdade, a higiene e a engenharia sanitária estão ainda muito longe dessas vastíssimas regiões ubertosas, admiráveis de esplendor. Neste pnoto o progresso higiênico tem sido tardigrado, moroso, insuficientíssimo.

Um dos sábios que percorreram o amplo cenário verde do Purus, o célebre William Chandless, de todos os exploradores antigos que atingiram a mais alta latitude, disse que o Purus é saudável. Isto disse em 1865. Mas, acrescenta, há coisa de uns oito anos, reinou a febre com tanta intensidade em uma estação que, no ano seguinte apenas quatro ou cinco pessoas se arriscaram a subir o rio. As intermitentes, segundo Chandless, lavram em todos os rios de água preta, sendo duvidoso se elas são motivadas pelo uso da água, ou se por outras causas.

O conhecido etnógrafo Dr. Paulo Ehrenreich, que esteve no Purus em 1888 escreve que a terra firme é geralmente considerada salubre. As febres intermitentes apareciam depois do escoamento das águas, e que com a diminuição das chuvas se vão tornando menos frequentes.

Aliás, as cheias do Amazonas, algumas de aspecto calamitoso, em nada influem no aparecimento do germen palúdico, no alastramento das febres desta natureza. O Sr. Pierre Gourou, professor do Colégio de França, da Universidade Livre de Bruxelas e da Universidade de São Paulo, chegou à conclusão, nos seus estudos recentes sôbre a região amazônica, que o vale não é insalubre devido às grandes inundações de águas lodosas. Para êle é errônea a afirmativa de que as grandes cheias sejam a causa direta do recrudescimento da malária. (Rev. Bras de Geogr. — abril-junho de 1950, — n.º 2).

Dissemos acima que a profilaxia rural, um serviço bem ordenado de higiene ainda não penetrou no Purus. Tomemos para exemplo a Lábrea. Os moradores desta cidade atribuem a irrupção das febres, que os atormentam à proximidade dos pântanos do Ituxi, que deságua a pouco mais de três quilômetros acima, formando grandes igapós e lúridos charcos. Desenvolve-se ali o anofelino veiculador da malária.

Em dia de dezembro de 1912 aportava a Lábrea o vapor "Rio Jamari", conduzindo a seu bordo a comissão sanitária de que era chefe o ilustre Dr. Carlos Chagas.

O semanário "Correio do Purus" mandou visitar a comissão e dar-lhe as boas vindas. Em retribuição à visita aquêle notável facultativo e alguns de seus companheiros foram a terra agradecer a gentileza do periódico, ocasião em que fizeram as declarações seguintes : — "A nossa comissão tem por fim estudar as condições médico-sanitárias gerais do vale do Amazonas, a fim

de fornecer ao Govêrno Federal os elementos necessários à prática das medidas higiênicas protetoras dos trabalhadores da borracha. Êstes serviços de profilaxia contra as moléstias endêmicas da Amazônia estão confiados à direção geral do Dr. Osvaldo Cruz, de quem somos aqui comissionados.

Já realizamos estudos no Solimões, Juruá, Tarauacá, Envira, pretendendo chegar até o Acre e o Alto Purus, e devendo assim realizar pesquisas nos rios Negro e Branco".

O professor Chagas examinou várias pessoas e encontrou elevadíssimo coeficiente endêmico pela malária. Em mais de 80 doentes todos êles estavam infectados pelo paludismo, embora apresentando, às vêzes, concorrência de outras condições mórbidas: assim pensando de absoluta necessidade serem tomadas providências oficiais tendentes a melhorar as circunstâncias sanitárias da cidade.

O mesmo hebdomadário anunciava, em sua edição de 23 de fevereiro de 1913, que o Dr. Carlos Chagas havia proposto ao Govêrno Federal a localização de um pôsto sanitário, que não chegou a se instalar.

Houve depois a promessa da fundação de um sanatório municipal, que nunca se realizou.

Verdade seja dita que a maior parte dos óbitos tem ocorrido em consequência de pouco ou nenhum tratamento das pessoas acometidas de febres, da irregularidade senão do descaso na aplicação de remédios e de uma alimentação adequada. Mesmo alguns que dispõem de recursos recorrem antes à medicina caseira, à arte dos curandeiros, às mezinhas dos pagés. Aliás, não há falta de remédios nas lojas e tavernas, em cujas prateleiras alinham-se medicamentos comuns importados do Sul.

Seja dito de passagem que a cidade nunca primou pelo asseio, que a Prefeitura nunca se movimentou no sentido de dotar a bela cidade com um aparelhamento higiênico, ou de pelo menos manter limpa a localidade. Em certas ocasiões a porcaria e o lixo são indicativos do desleixo que se observa.

O saudoso e honrado Coronel Antônio Bittencourt, que foi governador do Estado, no seu livro **O Município de Lábrea**, transcreve trechos do relatório do Dr. Domingos Pinheiro, médico, ao dirigir-se ao Conselho Municipal:

"Num crescendo de seiva abundante e vida livre, varando portas e janelas, o matagal se estendia com soberana grandeza pelos quintais, ruas e praças da cidade. Dir-se-ia que da povoação abandonada só vultos de casas em ruina interrompiam a extensão

as estações do ano são sentidas mais cedo do que no Amazonas, sucedendo o mesmo a respeito dos frutos : o açaí amadurece em janeiro no Purus e no Amazonas em fevereiro e março. O inverno neste imenso vale começa em novembro e se estende até junho, quando caem as primeiras lufadas da friagem que aí são intensas e se repetem por muitos dias, o que nem sempre ocorre em outros rios.

O clima é quente super-úmido.

Dizia o Dr. Paulo Ehenreich que depois de um aguaceiro, no estio, o céu, passado o temporal, apresenta uma côr azul profunda e a noite recamada de estrelas.

Os meses mais frescos do ano são junho e outubro. A estação chuvosa dura de novembro a abril, apresentando a temperatura e mais fenômenos metereológicos pouca oscilação de um dia para outro' "Ao romper do dia'., consigna o etnógrafo, "indicava o termômetro 22 a 23º : a hora do meio dia 30º, e pelas duas da tarde subia às vêzes a 34 e 35º. Mas, êste calor já era prenúncio de forte tempestade, a qual por sua vêz, em geral, era seguida de uma noite bastante bela com temperatura raramente abaixo de 24º".

HIDROGRAFIA

O Purus possui um grande número de afluentes, muitos dos quais caudalosos. No Alto Purus distinguem-se, pela margem direita : o Cavaljani, o rio dos Patos, o Alto Shambuiaco, também conhecido por Manuel Urbano, o Cocanha, o Santa Cruz, o Pixala, o São João, o Cataí, o Chambuiaco, o Chandless, o Iaco e o Acre. Pela margem esquerda : o Curinja, o Maniche, o Arraia, o Malpaja, o Curanja e Santa Rosa, além de inumeráveis igarapés.

Os rios Santa Rosa e Chambuiaco limitam o Brasil com a República do Peru.

No Baixo Purus mencionam-se : à margem esquerda : Inauini, Teuninin, Pauini, Água Preta, Mamoriá-Grande, Mamoriá-Pequeno, Tapauá; à margem direita : Ari, Seruini, Metaripuá, Turiaã, Acimã, Sapatini, Ituxi, Pauá, Umari, Jari e outros menores.

RIO PURUS — O grande rio que na frase de Elysée Reclus "deslisa todo êle na antiga depressão central do mediterrâneo amazônico", até a segunda metade do XIX século, era vagamente conhecido da geografia, e apenas remontado na sua parte baixa por aventureiros e negociantes a regatear com os índios, começou a ser desvendado de 1848 em diante.

Naquêle ano por determinação do govêrno, que mostrou empenho em explorá-lo seguiu o paraense João Cametá, diretor dos índios do Purus e mais alguns companheiros em várias canoas. Navegou Cametá até a altura do afluente Sepatini, de onde voltou, apresentando um relatório ligeiro de sua exploração, que pouco revelou do que já se sabia.

Em 1852, já inaugurada a Província do Amazonas, insistindo no mesmo propósito de explorar o rio, foi feita nova tentativa, confiada ao prático pernambucano Serafim da Silva Salgado. O presidente da Província dera-lhe a missão, que se fazia urgente e necessária àquêle tempo, de investigar alguma comunicação por água, que se dizia existir com o Madeira, superior às cachoeiras, para contornar êsses obstáculos.

Serafim não foi mais feliz que o seu antecessor, e, conquanto tivesse atingido um ponto mais alto na subida do rio, navegando mil e trezentas milhas, não deu com o suposto canal de comunicação.

Algumas notas de acidentes naturais da volumosa corrente, e a existência de numerosas nações indígenas, e distâncias por dia de viagem, foram as observações que apresentou.

O govêrno do Amazonas apelou então para outro sertanista o prático Manuel Urbano da Encarnação, morador em Manacapuru e estabelecido com uma feitoria em Canutama no referido rio Purus.

Estava a tarefa entregue realmente a um homem hábil que, além de sua disposição natural para emprêsas desta natureza, falava diversos dialetos dos silvícolas. Urbano possuia um jeito especial de tratar com o aborígene, ganhar-lhe a simpatia e a confiança. Era um geógrafo em potencial apesar de suas poucas letras, com um sentido geográfico pronunciado, instintivo, uma argúcia e uma penetração que o fizeram famoso.

Urbano, cujo relatório foi escrito pelo major engenheiro militar Silva Coutinho bateu os dois práticos anteriores no "record" da distância, subiu o Purus 620 léguas, tomou contato com diferentes tribos e clãs, descreveu algumas particularidades do rio e de alguns tributários, e como lhe faltassem recursos de bôca, teve que regressar. Desfez a lenda da existência de qualquer canal de ligação do Purus à Bolívia ou Mato Grosso, salvando as cachoeiras (1).

---

(1) Segundo o Dr. Pimenta da Cunha, Urbano chegou até perto da foz do Curanja, 2.800 quilômetros da foz.

O intrépido sertanista, não satisfeito de explorar o Purus, examinou outros rios quase desconhecidos. E' assim que subiu o Aquiri (Acre) sulcando-o por vinte dias, anotando os seus aspectos. Deparou-se-lhe numa de suas margens um enorme esquelto, que não lhe foi possível identificar.

A falta de água obrigou-o a voltar.

Essa viagem que data de 1860, e na qual êle avizinhou-se das fontes do Purus, teve, além de outros méritos o de haver afirmado que a navegação a vapor no Purus podia ir até muito longe.

As diligências, porém, não pararam. O Presidente Dr. Manuel Clementino Carneiro da Cunha resolveu expedir uma comissão a cargo do engenheiro Silva Coutinho, no vapor de guerra "Pirajá" que levou quarenta dias rompendo as águas túrbidas do gigantesco tributário do Solimões. Além do pessoal comissionado conduzia a seu bordo o botânico alemão Gustavo Wallis que, desapontado com a demora do navio que atingiu as Barreiras do Huitanaã, daí regressando, prosseguiu na viagem, em canoa. Porém, num dos lances do rio naufragou, perdendo parte da bagagem e os instrumentos de observação, salvando-se com dificuldade. Salvo, estava a secar pólvora, quando por um descuido viu-se envolvido em chamas, recebendo queimaduras.

Certamente seriam de grande valor as informações a respeito do Purus do aludido engenheiro Silva Coutinho, dados o seu poder de observação e grande cultura; mas a descrição da monumental veia potâmica não foi encontrada no arquivo da Secretaria de Estado, supondo-se que tivesse sido remetida para o Rio de Janeiro, desconhecendo-se o seu teor.

Ainda uma vez surgiu para Manuel Urbano oportunidade de navegar o Purus, levando o objetivo de explorar a corda potâmica do Ituxi e por êle ver se alcançava o Madeira. Porém antes de empreender a jornada por êste rio, enveredou pelo Mucuim, afluente do Purus, durante onze dias de áspera viagem, tendo de seguir ainda por terra até o Salto do Teotônio, uma das mais perigosas cachoeiras daquêle poderoso rio. De regresso subiu o Purus e só depois dessa fatigante jornada foi que remontou o Ituxi, sem que houvesse encontrado qualquer ligação com o citado Madeira.

A natureza bravia e os perigos de uma exploração nesses sertões selvagens desafiavam a curiosidade e a bravura dos homens devotados à ciência.

A Sociedade de Geografia de Londres havia incumbido William Chandless, para dirimir certas dúvidas, de devassar as fontes do Purus, determinando-lhe as cabeceiras.

Em 1864 William Chandless chegava a Manaus com essa grave incumbência e seguia munido de ordens e instruções aos diretores de aldeias de índios do Purus para lhe prestarem o auxílio necessário de remadores e outros serviços.

Levou o cientista inglês em sua companhia o veterano navegador do Purus, o mulato ladino Manuel Urbano da Encarnação. Chandless atingiu a mais alta posição 10°,, 5 de latitude Sul. Percorreu 1.620 milhas, ultrapassando Manuel Urbano, mas não chegou aos manadeiros do Purus, que continuaram envoltos no mistério.

Esta sorte estava reservada a um destemido e notável brasileiro, Euclides da Cunha.

O dedicado companheiro de Chandless, o italiano Carlos, ao chegar a uma maloca dos índios Apurinãs, foi pouco depois assassinado. O hóspede, que foi bem recebido pelos silvícolas, portou-se imprudentemente, dirigindo convites indecorosos a uma formosa índia casada com um principal.

O relato que o famoso geógrafo britânico escreveu dessa penosa incursão, é uma peça larga, arejada, minuciosa, eloquente. Nele plasmou a corrente, sua fisionomia : estudou o solo, a vegetação, calculou distâncias e posições astronômicas, a vida errante do aborígene, grau de cultura, suas qualidades e defeitos, índole e costumes. E' uma página viva, palpitante, cheia de emoção, de lances dramáticos, na qual fulgura o Purus nas suas singulares características.

Do esfôrço estupendo e do heroismo de Euclides da Cunha temos ,além de seu próprio relatório, em que esmiuça os pormenores da arriscada emprêsa, uma circunstanciada exposição escrita de seu primo-irmão e seu companheiro Dr. Pimenta da Cunha, seu valoroso auxiliar nessa campanha empreendida em 1905 por delegação da Chancelaria brasileira representada pelo vulto imortal de Rio Branco, em que Euclides foi o delegado do Brasil junto à comissão peruana demarcadora dos nossos limites com aquêle país

Quando os diplomatas do Peru recusavam-se a prosseguir nos trabalhos rio acima, diz-nos Pimenta da Cunha à procura dos últimos formadores do Purus, o afoito brasileiro passava adiante, deixando-os comodamente no pouso, firme na resolução inflexível de ir até o derradeiro "fio de água nascidiço".

"Os olhos deslumbrados", escreve Pimenta da Cunha "abrangiam de um lance, três dos maiores vales da terra : e naquela distância maravilhosa dos horizontes banhados no fulgor de uma tarde incomparável e nós principalmente distinguimos irrompendo de três quadrantes dilatados, e trancando-os intei-

ramente ao sul, ao norte e a leste, foi a imagem arrebatadora da nossa Pátria, que nunca imaginávamos tão grande". **Pela Unidade da Pátria,** "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, Vol. V, pág. 83, — 1944). Estavam os expedicionários ao pé do varadouro do Cujar, extremo do Purus.

Desde que aceitou a arriscada missão teve o genial compatriota a certeza de chegar incólume ao remoto formador do Purus.

Quando ainda em Manaus, antes da arrancada gloriosa, escrevia a Coelho Neto (carta de 10-3-1905) : "Não te direi os dias que aqui passo a aguardar o meu deserto, o meu deserto bravio e salvador, onde pretendo entrar com os arremeços britânicos de um Lewingston e a desesperança italiana de um Lara, em busca de um capítulo novo no romance mal arranjado desta minha vida".

Em carta datada em 17-3-1905 a Domício da Gama, dizia : Vou animado e bem firme na convicção de dominar as cabeceiras do grande rio; e como não creio que os hematozoários e filárias cobicem a minha organização estéril e sêca, de nervoso, o triunfo será incontestável".

A Machado de Assis (carta de 18-3-905) expressava-se desta maneira : — "Felizmente me alenta uma certeza absoluta e inexplicável de que voltarei. Hei de voltar". (Renato Tavares, **Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha,** págs. 80, 81 e 83).

Dados os traços históricos do desvendamento e exploração do caudaloso Purus, vejamos agora, geogràficamente, o rio.

O Purus é o eixo central do sistema potomográfico do vale, a maior calha que coleia pelas suas terras verdes. E' um dos maiores rios do sistema amazônico, "o mais típico dos rios de planície do Brasil, talvez do mundo". (Delgado de Carvalho)

Forma-se da reunião dos ribeirões Cujar e Curiuja, a primeira vêz descritos por Euclides da Cunha, empenhado em descobrir-lhe as fontes longínquas. Não fôra a sua tenacidade nobre, a sua bravura reconhecida e o seu espírito patriótico, e talvez ainda permanecessem ignoradas as suas afastadas nascentes.

Nem Manuel Urbano, nem William Chandless tiveram a dita de penetrar-lhe os arcanos do nascedouro; essa fortuna o destino reservou ao bravo autor de **Os Sertões**, ao maior dos nossos escritores que, na escalada do Purus, havia de revelar-lhe os primeiros fios de água "numa terra deprimida e sem nome".

Descendo de tão distante altura, rola por entre espessas cortinas de floresta, paredões, ravinas, enseadas, práias, em mil

sinuosidades, descrevendo curvas estreitas e violentas num delírio de meandros, que a empolada corrente vai fazendo e desfazendo no afã irrefragável de preparar o próprio leito.

Sai no Solimões confronte à povoação do Anamã, por três bôcas afora a sua barra principal no paralelo 3º 19' 50" de Lat. Sul e 18º 13' 40" de Long. Oeste do Rio de Janeiro. Os outros escoadouros, supostas fozes do Purus, são os canais Paratari, Cuchiuara e Guinaua.

E' um dos maiores rios navegáveis do mundo amazônico e também uma via comercial por excelência, sem tropeços, obstáculos, fervedouros num raio de 1.662 quilômetros. As pedras que figuram no seu leito da bôca do Acre para avante, não tolhem a marcha da navegação, porque fora da singradura, perfeitamente evitáveis, quer de inverno, quer de verão. Todavia na estação do estio, quando de rio sêco, os navios de maior calado que trafegam no Purus, têm que baldear a carga para outro de menor calado, ou chatas especialmente adaptadas à navegação do Acre.

A bacia hidrográfica do Purus monta a 400.000 quilômetros quadrados.

O Purus em todo o seu longo percurso de 3.210 quilômetros quase não tem ilhas, limitando-se a sete êstes acidentes fisiográficos, sendo duas grandes e cinco pequenas.

Enquanto escasseiam as ilhas avulta o número de lagos que se derramam pela planície numa profusão extraordinária. Cêrca de 500 lençóis lacustres espraiam-se pelas margens e pelo interior das terras, alguns dêles de espantosas dimensões.

O Purus caracteriza-se pelas suas constantes voltas, pelos seus infinitos meandros. E' o exemplo clássico de rio divagante. Nem o Juruá, pouco maior do que êle, com 3.300 quilômetros, forma tantas curvas e sacados. "Sacado", diz Raja Gabaglia, "é a volta meândrica de um rio separada em sua extremidade superior, em geral para um dique amontoado naturalmente pelos sedimentos e pela vegetação. Quando fica também fechada a outra extremidade, o sacado aparece separado do rio, recebendo dêste apenas água por infiltração: é o braço morto" (**As bacias do Juruá, do Purus e do Madeira.** "Boletim Geográfico", junho de 1946, n.º 39, pág. 307).

A **terra caida** no Purus é fenômeno comum. O tombamento de grandes extensões de terrenos marginais repete-se com frequente estridor de trovão. Os sedimentos e corpos orgânicos arrancados às beiradas diluem-se rio abaixo, a constituir práias, ravinas, restingas, provocando mais das vêzes mudança de canal. A incidência de árvores e galhadas caídas no álveo produz o

conhecido perigo dos "salões", trechos onde se acumulam os madeiros e as pontas de paus, causadores de sinistros.

Das descrições que ainda se fizeram do volumoso caudal, nenhuma supera ou iguala, por sem dúvida, em brilho da forma e fundo científico, a que dêle traçou o cálamo ardente e pomposo do vigoroso matemático e poeta Euclides da Cunha, que reputa o Purus "uma das maiores dádivas entre tantas com que nos esmaga a natureza escandalosamente perdulária". Devido à pouca declividade do leito, sendo a inclinação mais sensível das Barreiras de Huitanaã para o alto, sucede o rio encher muito, assoberbar em poucas horas, espraiando-se desmedidamente as descargas pluviais, e esvasiar também ràpidamente. Às vêzes acontece a embarcação que não aproveitou a onda avassaladora, ficar em sêco na ribanceira, encalhada, malabarescamente suspensa e equilibrada por cabos grossos de arame e retesados cabrestantes de manilha.

Dessas cheias abruptas, vamos dizer quase instantâneas, e da sêca que se lhe segue, dá Euclides da Cunha uma paisagem empolgante :

"A massa líquida inflada logo às primeiras chuvas, sobe, galgando velozmente as barrancas e em poucos dias vai bater nos esteios dos barracões erectos nos "firmes" mais altos do terreno... e todo êste dilúvio em marcha não acachôa, não tumultúa, não se arremessa em correntes vertiginosas, não enleia as embarcações torcendo-as nas espirais dos remoinhos e não devasta a terra. Difunde-se; extingue-se silenciosamente; perde-se inofensivo naqueles milhares de válvulas de segurança; e espraiando-se, razo, pelo chão das matas, ou espalmando-se, desafogadamente, em desmarcadas superfícies onde repontam, salteadas, as últimas ramas floridas dos igapós afogados, vai ao contrário, regenerando aquela mesma terra, e reconstruindo-a porque a terra de ano em ano mais elevada com a "colmatage" perfeita de tôda a vaza que acarreta" (**À Margem da História,** Capítulo "Rios em abandono").

E dêste modo o Purus vai desenhando, esculpindo, edificando a sua enorme calha vale a fora, retificando o seu próprio curso, gisando na espessura sombria das selvas o seu perfil de monstro na sua gloriosa trajetória até penetrar e confundir-se com as grandes águas amarelas do Solimões, vibrante e absorvente. Erra entre alcatifas coloridas de verdura, painéis fúlgidos de florestas ridentes cortinas de trepadeiras, tufos de folhagem verde-negra, ramos de arbustos e flores que abrem as corolas no enramado da várzea.

O Purus na sua vastidão, no seu desmedido itinerário é dividido pelos navegantes em três grandes escalões: o baixo, o médio e o alto Purus; o primeiro a começar de sua base de equilíbrio e a findar no afluente Tapauá; o médio destende-se dêste ponto até encontrar o Mamariá-Grande e o alto dêste ponto até as nascentes.

Vulgariza-se a noção da divisão em dois vastos lances: o baixo e o alto Purus, indo o primeiro da foz ao Mamoriá-Grande, e o segundo, dêste grande rio às cabeceiras.

RIO ITUXI — No quadro hidrográfico do Purus aparece o Ituxi como o maior rio que corta terras da Lábrea. Raream as descrições desta formidável corrente, sendo poucos os escritos a seu respeito, como de outros rios.

Chandless dizia que êle "possuia o pior nome de todos os afluentes", naturalmente por causa de seu clima maléfico.

Vem desaguar à margem direita do Purus, cêrca de três quilômetros da cidade de Lábrea, formando grandes igapós. Suas nascentes acham-se a 10º 28' 54 de Lat. Sul e 67º 44' 29" de Long Oeste de Greenw.

Na conferência que pronunciou na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, de que era sócio correspondente, o Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre esclarece que a barra do Ituxi demora a 958 milhas da foz do Purus, sendo navegável a vapor por 600 milhas. No Alto curso o Ituxi possue alguns degraus de pouca inclinação.

Desde 1872 a 1883 e mesmo depois o referido Coronel Pereira Labre viajou por êste rio com o intento, segundo declara, de encontrar uma passagem para o Beni.

O nome Ituxi é do dialeto Catauixi.

O rio corre de sudoeste a nordeste, desembocando no Purus aos 7º 18' 48" de Lat. Sul e 21º 30" de Long. Oeste do Rio de Janeiro.

Por seus esforços conseguiu o Coronel Labre que dois vapores por êle seguissem até a confluência com o Curiquete a 320 quilômetros do Purus.

De acôrdo com as notas dêste incansável explorador, o Ituxi tem margens baixas até encontrar o Curiquete, as quais alagam com a enchente, porém do seu aludido afluente para cima as margens alteiam-se, havendo muita terra firme. As florestas que o ladeiam são vigorosas e luxuriantes com muitas madeiras de lei. Abundam as seringueiras, copaibeiras, castanheiras, cumaruzeiros e bastante salsaparrilha.

Labre que pelo Curiquete não pôde ir ao Beni devido ao obstáculo de cachoeiras, calcula a população civilizada do Ituxi em 800 habitantes e a selvagem em 8.000 dividida em dez ou doze nações, falando cada uma sua língua.

O Ituxi tem muitos lagos laterais e grande número de contribuintes.

AFLUENTES DO PURUS

Os afluentes principais, no curso superior, são : pela margem direita : Cavaljani, rio dos Patos, Alto Chambuiaco, também conhecido por Manuel Urbano, Cocanha, Santa Cruz, Rixala, São João, Catahi, Chambuiaco, Chandless, Iaco e Acre; pela esquerda : Corinja, Maniche, Arráia, Malpaja, Curanja e Santa Rosa.

Os rios Santa Rosa e Chambuiaco servem de limites do Brasil com a República do Peru.

No curso inferior os principais são : margem esquerda : Inauini, Teuinin, Pauini, Água-Preta, Mamoriá-Grande, Mamoriá-Pequeno, Tapauá; margem direita : Ari, Seruiní, Metaripuá, Turiaã, Acimã, Sepatini, Ituxi, Pauá, Umari, Jari.

LIMNOLOGIA

Já falamos linhas atrás dos lagos existentes no Purus, se bem que a denominação — lago —, ao parecer do abalizado professor Mário da Veiga Cabral seja imprópria. Diz o emérito educador e geógrafo que não há no Brasil nenhuma formação lacustre digna de receber a designação de lago. Não obstante parecer assim cientìficamente, a verdade é que no Amazonas nenhum recebe o apelido — de lagoa — e sim de lago. Está radicado na terra, no povo, no falar quotidiano, e sancionado por geógrafos da estatura de Euclides da Cunha, Raja Gabaglia e outros. Grandes ou menores, imensos ou mais modestos recebem as bacias lacustres o nome de lagos. No Purus êles são inúmeros, estrelejam todo o vale.

TRIBOS INDÍGENAS

O Purus, como outros rios do Amazonas eram infestados de tribos indígenas. Uma delas — a dos Purururus, deu o nome ao rio que, por corrução, chama-se Purus.

A princípio mal entrevistas, foram as nações bárbaras estudadas nos seus carácteres, usos e costumes, no seu sistema de vida, na sua primitiva sociabilidade, na sua incipiente indústria e agricultura.

Dos primeiros viajantes o que revelou mais particularidades de seu viver, de seus hábitos, de sua organização familial foi Manuel Urbano da Encarnação, um bandeirante ressurgido, dos rios do Amazonas. Nas suas incursões entrou em contato com os Aripuanãs, Juberis, Jamamadis, Canamaris e Manateneris, dando dêsses povos salientes noções.

Os Canamaris plantavam e fiavam algodão, fabricavam redes e ocupavam-se de agricultura. Os Aripuanãs viviam no Alto Purus, e não se davam tanto à lavoura. Seus instintos belicosos impeliam-nos à guerra, que moviam contra outras nações. Andavam nus; apenas as mulheres traziam uma tanga, uma fôlha sôbre as partes íntimas. Os Jamamadis cultivavam o solo, eram pacíficos, suas mulheres usavam uma tanga. Os Juberis eram feios e asquerosos; sofriam de moléstia da pele, conhecida por purupuru, que os tornava repelentes. Os costumes de viverem em balsas nos lagos e terrenos pantanosos talvez fôsse a causa das herpes que lhes desfiguravam o rôsto e o corpo. Eram índios humildes, destros na pesca, e gostavam de música.

Ainda se refere o sertanista à tribo dos Pamones, habitantes do rio Ituxi, Eram indivíduos claros, bem conformados, de boa estatura. Viviam de roças, fiavam o pano de algodão, e serviam-se de machados de pedra.

Notícia mais desenvolvida das cabildas do Purus dá-nos William Chandless que teve ocasião de praticar com êles, notar-lhes as manhas e os defeitos, as arestas bravías e também os sentimentos bons que manifestavam, a boa vontade com que recebiam os hóspedes e o desejo de serví-los.

Na opinião do geógrafo inglês os Paumaris eram alegres e pacíficos, folgazões, ótimos pescadores, e entregavam à extração da borracha, trabalhando para os regatões com quem se afreguesavam.

Os Catauixís formavam uma bela tribo de epiderme notàvelmente clara. A louça de barro que fabricavam era bem feita e ornada de arabescos geométricos, muito estimada no Purus.

As malocas dos Ipurinãs eram numerosas, as casas muito compridas e escuras. "São uma tribo de terra" diz o cientista, "como os Amamadis, que se distanciavam da margem do rio.

Na guerra empregavam de preferência o curabi". que é uma flecha sem penas com uma ponteira envenenada tôda rachada e meio cortada para entrar no corpo.

Segundo Chandless, a poligamia era comum entre os Apurinãs que eram terríveis guerreiros.

Enterravam os seus mortos e sôbre a sepultura depositavam alimentos e urucu. Um costume singular dêsses selvagens era fazer lume de vêz em quando em cima da cova dos seus defuntos. Exumavam os ossos dos guerreiros e empunhando o húmero nas suas ruidosas cerimônias, exclamavam: "Com êste braço praticou tais e tais atos, fazendo o elogio fúnebre das façanhas do morto".

Os Manateneris preferiam viver à beira da água, andando acima e abaixo em suas longas ubás de cedro.

Em 1888, quando entrou no Purus Paulo Ehrenreich informa que pouca coisa se sabia das inúmeras hordas que povoavam os sertões a leste dos Andes desde o Ucaiale passando pelos vales do Juruá e Purus até o Beni e o Madre de Dios.

O ilustre etnógrafo escreve que a maior parte das tribos peruanas, Paumari, Jamamadi e Ipurinã pertence etnológica e linguìsticamente ao grupo dos nu-arauques e acrescenta que o Purus parece ter sido a entrada fluvial que os conduziu para as regiões do sul do Amazonas.

Para êle a nação mais considerável do Purus é a dos Ipurinãs ou Cangiti, distribuidos sob muitos nomes diferentes até a região das nascentes do dito rio e do Acre. "Esta é uma nação altiva, belicosa, mas dotada também em alto grau dos defeitos de caráter do índio: disposição vingativa, astúcia e perfídia, qualidades estas que mais se acentuaram nas hordas que estão em contato com a cultura. Êstes índios passam por ser em parte antropófagos.

Dizia Ehrenreich que em pleno século das luzes os Paumaris representam a época das construções lacustres, tendo durante as águas suas casas sôbre jangadas que nas lagoas se acomodam às oscilações da enchente e da vazante, enquanto no tempo sêco se estabelecem nos areões à margem do rio.

Os Muras habitavam a foz do Purus e terras circunvizinhas.

Quanto as tribos do Ituxi e seus afluentes o Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre enumera uma quantidade delas, calculando o número de índios em oito mil mais ou menos, sendo as mais numerosas as dos Cachararis, Canamaris, Guararios, Ipurinãs, Iautauaris, Paumaris, Catauixis e Jumas além de outras desconhecidas.

Labre estima a população indígena do Purus e seus tributários em quarenta mil almas, falando gírias diferentes.

Se algumas tribos viviam em paz com outras, muitas se degladiavam em lutas intestinas.

O diretor parcial dos índios do Alto Purus informa que os da maloca Gupaquiá do rio Ituxi exterminaram os índios do Apuciari no mesmo rio, assim como no Alto Purus os gentios Pauini mataram os da maloca Caianate.

Chandless recorda que os Manateneris de boa mente negociavam no Baixo Purus, se não temessem com alguma razão os Ipurinãs. Informaram-lhe que duas canoas de Manateneris, em 1863, carregadas de algodão, foram atacadas e assassinados os seus tripulantes pelos índios Ipurinãs.

DIRETORES DE ÍNDIOS E A CATEQUESE — A criação de diretorias de índios, e a vinda de missionários que exercessem a catequese na região e pudessem evitar as perseguições e violências, injustiças e fraudes, de que eram vítimas os amerabas, preocupavam os poderes públicos.

O Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha, Presidente da Província, na **Fala** à Assembléia Legislativa, em 1861, escrevia o seguinte: "Nesta Província é a civilização das tribos indígenas uma das questões de mais vital interêsse".

Em janeiro daquêle ano criou três diretorias parciais de índios, sendo duas no Purus as quais com a existente formavam três.

Lutando com a falta de missionários, o Dr. Adolfo Barros Cavalcante de Lacerda contratou os serviços religiosos do respeitável sacerdote Rvmo. Padre José Maria Ibiapina para congregar as tribos do Purus em missões, convite que êle aceitou, mas não consta que houvesse iniciado algum trabalho neste sentido.

Ao ser instalada a Província do Amazonas (1.º de janeiro de 1852) achava-se funcionando a missão do Andirá, de que era encarregado o capuchinho italiano Frei Pedro de Ciriana. Existiam na aldeia 507 indivíduos da tribo Maué, sendo 210 homens e 297 mulheres. Em 1849, porém, um surto epidêmico de febre, dizimou a maior parte da população. Em consequência extinguiu-se a missão.

O Presidente Herculano Ferreira Pena incumbiu o referido religioso de fundar uma missão no Purus, para onde seguiu a 24 de julho de 1852, levando alguns tecidos, ferramentas e várias bugingangas, que deviam ser distribuidos aos nativos. O presidente escrevia: "A existência desta missão poderá interessar a numerosas tribos já conhecidas e até hoje entregues ao abandono, e contribui para que seja mais frequentado aquêle grande rio".

Frei Pedro de Ciriana fundou no Purus a missão de São Luiz de Gonzaga, porém, ou porque tivesse a sua saúde abalada,

ou porque fôsse muito perseguido por inimigos, abandonou-a, e seguiu para a Itália.

No rio Ituxi foi criada em 1882 uma missão franciscana dirigida por Frei Mateus Cancioni e Frei José Vila, extinta pouco tempo depois. Os santos missionários, escarmentados pelos brutos indígenas e pelas asperesas da floresta, deixaram o local e abalaram para o rio Negro.

VEGETAÇÃO

VEGETAÇÃO — Como outros rios da Amazônia o Purus é todo êle uma paisagem florestal imensamente densa e variada. São famosas entre outras espécies vegetais as suas vastas associações de seringueiras, esparsas nas matas, crescendo ao sol e às chuvas, vigoradas pelos nevoeiros e orvalho abundantes. E' o Purus um dos maiores centros da borracha, da altaneira e generosa **Hevea brasiliensis.** Foi esta riqueza em seringueiras do Purus e dos altos rios acreanos, que lhe abriu as portas ao comércio, ao povoamento e à civilização. Foi ela a causa da migração de nordestinos para o vale ridente.

A profusão de espécies arbóreas, a prodigiosa quantidade de arbustos e outros tipos botânicos recamam de alfombras, crescem por tôda parte, alteiam nas baixadas e na terra firme, formando os mais cerrados bosques e as tramas mais espêssas que a infinita flora da Hiléia espalha por estas vastas planícies fecundas, e numerosas.

Vários especialistas têm estudado a floresta do Purus. Chandless passou de leve sôbre essas maciças coleções florísticas, mencionando algumas, que mais lhe feriram a vista de geógrafo. Salienta apenas as oiranas, semelhantes a salgueiros, as embaubas, a bananeira sororoca, os renques de cana de flecha e muitos outros representantes de sua estupenda flora. O Sr. Adolfo Ducke ocupou-se mais das florestas do Acre.

Um panorama da mata tropical em determinado trecho do rio, à altura das empinadas Barreiras do Huitanaã foi dado pelo estudioso dos nossos índios, o emérito Paulo Ehenreich, num luminoso vigor descritivo.

"Um passeio de bote pelo mato inundado", diz êle, "oferece as mais maravilhosas impressões dêste mundo a parte. Aqui se desenvolve em extraordinária grandeza e luxúria a vegetação da Hiléia equatorial, cada vêz mais nova, singular e deslumbrante aos olhos do europeu.

Depois que o bote abre caminho por entre maciços de uma bela cana aquática e de caladium que de envolta com espinhosas

mimosáceas guarnecem as margens, espera-nos a surpreza de não achar no mato que fica atrás nem um palmo de terra enxuto. Árvores, trepadeiras e água a perder de vista. O mato rasteiro aqui não tem espessura, a profunda sombra das grandes árvores lhe tolhe o crescimento; tanto mais numerosos e possantes são os cipós que à guisa de grandes correntes prendem as árvores uma à outra, e as compridas raízes aéreas que como fortíssimas cordas dos potos abaixo, embaraçando contìnuamente as manobras do bote".

E por aí vai descrevendo admirado e entusiasta a enorme e estranha floração que jamais viu, todo o exército de esbeltos troncos que entre si disputam o benefício dos raios solares, a soberania dos verdadeiros príncipes da floresta, as colossais Bombáceas, Munguba e Samauma que, à altura de 50 a 60 metros acima do solo, estendem a enorme copa sôbre todo o arvoredo em roda; como para escorar tamanho monumento vegetal vêem-se as raízes super terrâneas formarem saliências em arcobotante de grande grossura, e raio às vêzes enorme.

Diz-nos o escritor que com estas rivalizam em altura, vencendo-as na elegância da forma, as numerosíssimas Cesalpinias, Copaibeiras e Mimosas, distinguindo-se entre estas muito conspìcuamente a elevada Acácia angico com seu tronco alvo, polido e delicada folhagem.

Diz-nos que nestas matas inundadas é infinita a multidão dos insetos que parecem todos procurar o abrigo das árvores. A cada instante as formigas invadem o bote e entre elas a tocandeira com duas polegadas de comprimento, e cuja mordedura édolorosíssima; de mistura com fôlhas e ciscos caem de cima milhares de besouros, aranhas, percevejos, mais importuna bicharia. Mas, pior que tudo isso, é o encontro com as cobras que se enroscam entre a ramagem, ou com as grandes vespeiras de forma cônica que nestas ocasiões de enchente ficam a poucos palmos acima da água.

E prossegue o etnógrafo na sua difícil travessia pelos recônditos igapós, que às vêzes tiveram de saltar na água para se livrarem das picadas dolorosas das cabas, até com a elevação do terreno chegarem a borda da terra firme. "Depois de andar-se assim", escreve, "por longo tempo nas intermináveis de uma cerrada, na qual parece impossível tôda e qualquer orientação, aparece de repente uma clareira". (**Viagem aos rios Amazonas e Purus.** Trad. de Alexandre Humel, pgs. 91-93).

FAUNA

A fauna do Purus participa da zoogeografia do vale amazônico, exceção de um ou outro exemplar.

Aí aparecem a onça preta, conhecida por tigre amazonense, a sussuarana e diversos outros felinos até o minúsculo pium famoso pelos efeitos picantes e doridos de suas mordeduras; morcegos, ratos, aranha caranguejeira, vespas, o veado corredor, a ronceira preguiça, o papa-mel, a paca, a cotia, a anta bravia e arisca, o tatu, o camaleão e uma infinidade de outros animais. Estrugem o seu canto estrondoso a acauã e volita em tôrno das flores silvestres, lascivas e aromáticas o beija-flor espantadiço e leve como uma aragem matutina. Uma multidão de aves e pássaros enche um capítulo dos mais interessantes para o zoólogo curioso de descobrir formas inéditas e gorgeios suaves. A ornis amazônica é bela, variada, rica e admirável.

Os mosquitos são abundantíssimos no Purus, há-os por todos os recantos, à beira-rio, como na mata, em nuvens, atordoando os ouvidos com a sua música impertinente e inaturável, e drenando o sangue dos viajantes e moradores.

Os carapanãs, nome por que é conhecido o inseto, na região, foram o tormento dos naturalistas, que visitaram a baixada amazônica.

Chandless achou-os infernais. "Em algumas partes é quase impossível o sossêgo entre os mosquitos e piuns, dia e noite, de maneira que se vive entre a porta do inferno e do Acheronte.

"Os mosquitos parecerão talvez uma bagatela, considera o ilustre sábio britânico", mas diminuem consideràvelmente o número de colonizadores, alguns dos quais disseram — se não houvessem piuns, conservar-se-iam no rio durante todo o ano".

A picada dos piuns causam feridas e chagas além de coceira intolerável. Chandless declara que viu pessoas defeituosas por causa dêles. Em certa ocasião êle mesmo teve cêrca de vinte úlceras em um braço.

Informa-nos o circunspecto geógrafo que os naturais usavam o suco da árvore ucuúba para curar essas chagas venenosas.

Alude Chandless no seu relatório às arráias traiçoeiras e às vorazes piranhas, dizendo que os banhos entre estas e as temíveis piranhas não são muito seguros.

No Purus encontram-se em quantidade ciganas, guarás colheireiras, arapapás, garças, inambus, mutuns, jacamins, aracuãs, papagaios, araras, periquitos, maracanãs, arapongas, patos brabos, tucanos, marrecas, e muitíssimos outros voláteis.

São apreciadíssimos os canários e pintassilgos, os japiins, os sabiás canoros, os currupiões.

O Dr. Pimenta da Cunha fala do pássaro uatari, pássaro relógio, que marca as horas com o bico, que é ponteiro, acompanhando o caminho do sol; quando êste declina, a cabeça do pássaro cai sôbre o peito, que já está na ocasião de dormir.

O cujubim anuncia a madrugada com os seus cantos estridentes. O macaco roncador, barbado, cismado e amando os ermos e os paus mais altos, enche a solidão com o seu desfiar de rugidos em côro, melancólico e profundo, que se ouve à distncia, às tardes, anunciando mudança de tempo.

Voláteis, peixes, tartarugas, cópia de animais de caça estrugem nos ares, nas águas lustrosas e nas matas do Purus.

Dizia Paulo Ehenreich que a mesa de jantar nos barracões de seringueiros "parecia um museu zoológico : macacos, tartarugas, tucanos, araras e outras aves, de bico redondo, patos, antas, tatus, tudo se via".

Quando o rio baixa, escrevia Chandless, os patos bravos voltam de sua migração e veem procriar aí. Em julho colhem-se nos bancos de areia ovos de gaivotas aos centos. O cientista relata que, numa práia pouco acima da bôca do Acre viu trezentas tartarugas podres que os índios tinham virado e deixado expostas ao sol, que as mata imediàtamente.

PRODUÇÃO, COMÉRCIO, INDÚSTRIA

Um lance de olhos sôbre a produção, mostra-nos, ou deixa-nos antever um enorme campo de atividades a que se pode entregar o homem ocupante de alguns alqueires de terras no Purus. Tôda a grande extensão do vale, suas várzeas, varjões e terra firme, beiras de rio e de lagos encontra o morador bons terrenos para a lavoura do milho, do feijão, da mandioca, do cará, do inhame, dos belos frutos rescendentes de aroma, como o melão dourado, o ananá, a goiaba, a tangerina sumosa, a laranja e a ata de doces bagos. São magníficos os seus cupuaçus, as suas graviolas, os seus cheirosos limões, as suas limas frescas e grandes, os seus dulçurosos sapotis, mangas e jacas.

Em 1888, tratando do custo da vida no Purus, dos preços elevados dos gêneros de primeira necessidade, o admirado etnógrafo acima citado Paulo Ehenreich, e considerando ter cada barracão como empregados, uma turma de caçadores, índios pela maior parte que, sobretudo, no tempo das águas, quando há pouco peixe, viviam no mato, caçando, trazendo como prêsa tudo que de algum modo tivesse valor nutritivo, perguntava de si para

consigo — por que será que em tais circunstâncias ninguém tentou ainda uma lavoura em escala maior ? Parece que alguns homens robustos e laboriosos, assim poderiam, na salubre terra firme, em pouco tempo, adquirir lucro maior do que com a extração da borracha, tarefa sem dúvida menos fatigante, mas ao mesmo tempo tão prejudicial à saúde.

Que as terras são de excelente humos, são férteis e fecundas, não há dúvida.

O Coronel Pereira Labre, que muito viajou no Purus e que lá morou, passando os restos dos dias de sua vida animosa e produtora, até retirar-se para o Maranhão, dizia, falando da disposição destas para a lavoura, que as terras sujeitas a alagação são misturadas e de côr parda com grande camada de estrume vegetal e tendo no fundo das baixas e lagos copiosa quantidade de argila. Os terrenos altos são de barro vermelho granitado e muito porosos; e nos lugares povoados de palmeiras são pardacentos na superfície e misturados ligeiramente de areia e boas camadas vegetais, sendo o fundo de barro vermelho.

Com o afluxo de migração para êle e outros rios viu-se o Purus com a sua população aumentada em poucas dezenas de anos, principalmente com a introdução da navegação a vapor, facilitando sobremodo a entrada os rios acreanos. Êle e o Acre tornaram-se rumorosos com famílias que se desprendiam de seu torrão natal, crestado e inóspito pelas sêcas desoladoras e procuravam nôvo ambiente nestes sertões da Amazônia.

A borracha foi o nervo propulsor dêsses deslocamentos do Nordeste para a região úmida do Purus, a borracha e outros produtos espontneos da natureza sempre dadivosa.

Em 1871 a sua cifra populacional era de 50 mil pessoas.

Em 1869 penetrou nas suas águas o primeiro vapor, a que se seguiram outros, maiores e confortáveis, movidos a hélice. A flotilha de motores de todos os tipos, lanchas, navios que navegam no Purus, atingindo os altos rios acreanos é já hoje apreciável. Na penetração do Purus, quando ainda mal entreaberto o seu curso à navegação por canoas e batelões, vibrou no seu leito caudaloso o taralhar das máquinas do navio de guerra **Pirajá,** a cujo bordo seguia, em pesquisas por êste imenso cordão potâmico uma comissão de que era chefe um dos mais acatados valores culturais do tempo, o Dr. Silva Coutinho. E' atualmente o Purus um dos rios de maior tráfego no Amazonas de um dêsses centros de onde se escoam para os mercados de Manaus e de Belém milhares de toneladas de borracha, castanha, caucho, ucuquirana, leite de sorva, e outros produtos. O cacau é um dos artigos de exportação regional, apesar de o **Theobroma** cacau é silvestre às

margens do Purus. Porém os de plantação são preferidos no comércio local. Muitos óleos são aí extraídos, entre êles o de copaíba e o de andiroba. Pouco o café de planta, exclusivamente colhido para uso doméstico.

CIDADES

Ao longo do Purus e sôbre as suas ribanceiras e na várzea situam-se três cidades, cabeças de município e de comarca, sendo da foz para diante : Canutama, que tem parte de suas habitações na várzea e parte na terra firma que continua para os fundos. As alagações do Purus, invadem a parte baixa ou seja situada na práia, daí o caráter, que apresenta, de quase uma cidade lacustre, se não fôra o grande número de construções instaladas na lombada alta onde se desdobra uma terra firme geral. O Município de Canutama foi criado pela Lei n.º 22, de 10 de outubro de 1891, ao tempo do govêrno do Coronel, depois General Gregório Thaumaturgo de Azevedo, elevando a povoação ali existente à condição de vila de Canutama. Até então era o povoado sede da freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Nova Colônia, porque o seu primitivo nome foi Nova Colônia de Bela Vista. Possuía então uma casa de telha e uma igreja feita de taipa de mão. Êste novo município do Purus foi desmembrado do de Lábrea, que ficou assim com o seu âmbito limitado. Mas novas modificações iriam ser feitas mais tarde com o engrossamento da população do Purus e o aumento considerável do volume de seu comércio.

O rio era e é muito navegado, e gente das comarcas do Amazonas, como de cidades do Pará e imigrantes do Nordeste procuraram essa magestosa corrente para sua nova habitação.

Canutama foi elevada à categoria de comarca pela Lei 133, de 5 de outubro de 1895, com os mesmos limites do município. Em 1921 foi, porém extinta a comarca, ficando o respectivo têrmo judiciário anexado à Comarca de Lábrea, como era antes do estabelecimento da comarca. Em breve o ato era revogado e Canutama voltava à sua qualidade de Comarca.

A população global de Canutama é estimada em 16.856 habitantes e representa 3,55 por cento sôbre o total do Estado. Sua área é de 86,645 quilômetros quadrados.

A cidade está a 6º 32' 30" de Lat. Sul e 64º 20'30" de Long. W. Gr. (Sinópse Estatística do município, 1945).

Em 1890, em outubro, dá-se a criação da vila e município de Antimari, à margem do rio do mesmo nome, perto da bôca do Acre. Era um município de área enorme; basta dizer que sua fronteira Purus avante ia até os nossos limites com a Bolívia. Em 10 de abril de 1891 recebia o nobre título de comarca, com

a mesma denominação de Antimari. Porém em 1897 o legislador amazonense deu-lhe a denominação de Floriano Peixoto a que até aquele momento chama-se Antimari. Foi duas vêzes suprimida e restaurada, e da sua antiga sede só resta hoje a povoação que tem o título de vila, Vila Floriano Peixoto, mas sem o rumor de outrora, a ambição que gerou lutas intestinas e as disputadíssimas eleições para intendente e superintendente (Conselho Municipal e Prefeito, como se denominam atualmente).

Dentro de um rio afluente do Acre, Floriano Peixoto foi teatro de lutas políticas acirradas e crimes de morte. Seu acesso tornava-se longínquo. Houve a idéia que se concretizou de sua mudança mais para perto para a bôca do Acre.

O govêrno desapropriou os terrenos baldios da zona do perímetro rural da povoação da Bôca do Acre, à sua margem direita, bem como as terras necessárias para arruamento e outras obras públicas, no perímetro urbano na extensão aproximada de oitocentos e oitenta mil metros quadrados, e na margem esquerda, o lote "São Pedro" com uma área de cinco milhões, trezentos e vinte mil e duzentos metros quadrados. Aquelas terras ficaram incorporadas ao patrimônio municipal, assim como o restante dos lotes desapropriados e demarcados.

Santa Maria da Bôca do Acre, não é, em verdade, escrevemos algures, um lugar apropriado para a cidade crescer. Falta-lhe espaço de boas terras firmes, porquanto está instalada numa baixada aluvial, sujeita, portanto, aos efeitos das enchentes do Purus e do Acre, em cujas proximidades da foz se amontoa o casario.

E' uma cidade nova, surgida em 1938, com a trasladação da cabeça da comarca e sede municipal de Antimari, ou Floriano Peixoto, para as ribas molhadas do Purus, olhando o seu grande e sinuoso afluente de maior grandeza, o Acre.

Entre Canutama e Santa Maria da Bôca do Acre situa-se a cidade de Lábrea, cronològicamente mais antiga que as duas primeiras em território amazonense, porquanto fundada em 1871, quando se lançaram os seus primeiros barracões. Mas, além dêstes portos, há outros povoados, feitorias, sede de seringais, onde os vapores e lanchas escalam para receber carga, ordinàriamente borracha, castanha, peles, couros, óleos e outros produtos.

No antigo Território Federal, agora Estado do Acre, e Purus afora,, encontram-se já hoje grandes aglomerados humanos, destacando-se no Acre sua capital, a novel cidade do Rio Branco,

com edifícios modernos, civilizada, suas instituições e a sua flotilha de navios, lanchas, motores e outras embarcações de menor vulto.

Um tipo especial de navegação são as lanchas de fundo chato, apropriadas a navegar no tortuoso Acre, e isto mesmo se a sêca permite o trânsito nos chamados "salões", lugares onde as tronqueiras mergulhadas representam um mortal risco oculto às confiadas naus. Outro tipo é o motor-godile, de hélice à tona, rápidos, velozes, tonitroantes no espadanar as águas do rio.

Santa Maria da Bôca do Acre, com os seus rios, inúmeros lagos, igarapés, seringais e castanhais, com a sua produção maciça de borracha e os seus milhares de hectolitros de castanhas e valiosos outros produtos de suas selvas frondosas e úmidas, é um empório, e por isto mesmo, visitada de "gaiolas", de lanchas a vapor, sentindo ainda o barulho dos motores que riscam o extenso lençol reluzente do Purus.

Parece que a cidadela do Purus herdou o ranço das quizílias antigas, o fel das contendas partidárias exaltadas, o rancor sombrio da política de campanário, que fermentava em Floriano Peixoto. De vez em quando o rádio transmite para a capital agitações neste belo trecho do rio, que é um exemplo típico de "rio divagante".

Apesar de muito distante de Manaus, 1.497 milhas, ouve o rumor das aeronaves que se destinam ao Acre, também distante de Santa Maria da Bôca do Acre.

A riqueza proverbial do vale do Purus, em peixes, madeiras goma elástica, das preciosas amêndoas da **Bertholletia excelsa,** nome que pôs à árvore o sábio Humboldt, nas suas peregrinações com Bompland pelas regiões da Venezuela e outras regiões espanholas.

Os seus grandes lagos e sacados são verdadeiros viveiros de peixes, são excelentes reservas onde os pescadores de Manaus vão atulhar as suas amplas igarités e os seus depósitos de gêlo do pescado.

A produção de pirarucu sêco, salgado é das mais garantidoras de lucros que oferece a bacia do Purus.

A criação de gado vacum vai se estendendo pelas pastagens que os pequenos campos permitem. Neste sentido em muitos seringais os seus proprietários reservam uma nesga de campina artificial ou natural para a pecuária.

Os grandes campos naturais que se acercam do rio Ituxi, do Mucuim, e os frescos e longos prados do Puciari, entre a cidade

de Lábrea e Humaitá, no rio Madeira, são ricos de grama, capins e de aguada, podendo conter, segundo cálculos autorisados, cem mil cabeças de gado bovino, lanígero, caprino e cavalar. Uma riqueza inculta naqueles centros.

Nuvens de socós, urumutuns, patos de água, jaburus, marrecas, marrecões, rolas. inambus, esvoejam pelos ares translúcidos e amenos do campo.

São numerosos os veados, pacas, cutias, tatus, que perlustram as extensas campinas do Puciari, que se desdobra verdejante e dilatadíssima por detrás da cidade labrense, depois de uma cerrada cortina de léguas de matas exuberantes.

E' sabido que o Purus possui vários recursos minerais que precisam ser desenvolvidos e explorados. O calcáreo lá existente em abundância, como também o gêsso cristalizado. Manuel Urbano da Encarnação colheu muitas amostras de sal eflorescente. E para ultimar o professor Raja Gabaglia tem esta notícia alviçareira : "A geologia da região acreana, oferece, sob o ponto de vista científico e econômico, uma possibilidade de grande importância : a existência do petróleo".

EM TÔRNO DE UM PROBLEMA PSICOLÓGICO E SOCIAL

ALMEIDA BARROSO

Aos que se detiveram na observação do comportamento humano em nossa época, não passará despercebida a tendência para o conformismo face às aquisições essenciais que conduzem à formação da mentalidade.

Chega-se mesmo a temer pelo afastamento cada vez maior do homem, alheiado de certos dados fundamentais da sua mente, em relação aos problemas da cultura e à inarredável necessidade de nêles integrar-se para melhor viver, como um dominador da vida, fiel aos altos desígnios da sua espécie.

Êsse temor, numa tentativa de situar a questão em têrmos de cooperação ou de participação com algumas noções simples, mas capazes de avivarem sua inteligência, nos conduzirá, por um dos seus múltiplos e sedutores caminhos, à consideração do aprendizado. E isso é possível fazer, à maneira de quem navega em águas correntes tranquilas, sem o auxílio de citações e sem precisarmos de reboque de nomes famosos das ciências sociais ou filosóficas. Será uma caminhada serena, no estilo de Erich Fromm, no fim da qual ressaltará, como uma impressiva conclusão, a importância do aprendizado, sua constante na vida social, sua insubstituível importância para a harmonia das relações humanas.

A necessidade de um aprendizado contiuuado, aparece, realmente, como uma decorrência da existência humana, da infância à velhice. Dos primeiros e desordenados impulsos da meninice às manifestações calculadas e frias da senectude.

A vida, ninguém se iluda, notadamente os que têm obrigação de não se deixarem enganar, nos enseja, nos convida e até nos obriga a um aprendizado constante. Todos os processos de

adaptação do indivíduo às múltiplas contingências da existência são manifestações ou produtos do aprendizado.

Êsse é um dos pesados tributos pagos pelo homem à sua condição de ser vivente. E não há opção vantajosa, apenas vantajosa, diante do tributo a pagar. Viver, mais precisamente, viver melhor, exige do homem uma submissão constante ao aprendizado, através de um esfôrço persistente e até penoso.

A criança, já ao nascer, dá início ao seu aprendizado.

No período de vida anterior, quando ainda nos recônditos maternos, ocasião em que os intintos e reflexos comandam a vida, há uma nítida preparação para a fase seguinte.

No período infantil e no da adolescência, projeta o ser humano no meio em que vive todo um complexo de reações bio-psicológicas que contribuem para a formação da sua personalidade futura. Prepara-se, então, o caminho para a vida adulta, onde uma série de predisposições organi-psíquicas se estabilizam. Daí chamar-se o período de adultez o da estabilidade. Esta, no entanto, é uma ocorrência mais orgânica do que psíquica. Costuma-se falar em estabilidade emocional nessa idade, mas isso só pode ser entendido em sentido relativo, bem relativo. De fato, à medida em que a personalidade se forma e atinge um certo grau de aprimoramento, o indivíduo tende a contentar-se com o que aprendeu, procurando bastar-se a si mesmo, no plano das idéias. Daí porque o adulto, em virtude de certas condições que lhe são favoráveis ao atingir a consciência de si mesmo, é traído pela própria personalidade. Partindo do pressuposto de que atingiu, nessa fase do desenvolvimento pessoal, o ápice da sua evolução mental, uma vez que daí por diante se encaminhará para a velhice ou senectude, o adulto geralmente comporta-se como quem chegou ao fim da carreira em matéria de aprendizado, na esfera da ciência de viver. Suas idéias, suas emoções, seu comportamento são moldados numa filosofia muitas vêzes simplista, conservada pela tradição e pela rotina.

A adultez, apesar de ser o período da vida em que o raciocínio lógico predomina, substituindo as tendências imaginativas da adolescência, é uma idade difícil para o aprendizado, pela resistência que oferecem as idéias feitas e pelos desistímulos oriundos dos compromissos com a vida prática. Há uma imensa maioria, nessa idade, que pretende bastar-se a si mesma em matéria de conhecimentos, serenamente conformada com as lições que a vida até aí lhe proporcionou, nessa grande escola natural aberta a todos, generosamente, sem distinção de classe.

Não são apenas as pessoas iletradas ou pouco instruídas que pensam assim. Dêsse comportamento participam, igualmente, pessoas com instrução de grau secundário e superior e um grande número daquelas possuidoras de desenvolvido nível técnico. Estas, como os primeiros, saúdam com incontido entusiasmo as últimas descobertas da ciência e as criações da técnica impulsionadoras do progresso material e social. Mas revelam indiferença e até mesmo desprêzo relativamente à aquisição de conhecimentos necessários à adaptação mais completa do seu psiquismo à realidade exterior cada vez mais complicada, em razão do próprio desenvolvimento e do progresso.

Disso provêm os desajustamentos e inquietações que atormentam o homem moderno face ao mundo maravilhoso enriquecido pelas suas permanentes criações. E' bem verdade que não bastaria ùnicamente uma conformação psicológica do homem do nosso tempo às múltiplas condições de vida com que se defronte para torná-lo realizado, vencedor e feliz. Essa conformação depende muito hoje, como tudo mais, da ação dos governos, da forma porque êstes orientam ou promovem o desenvolvimento social, das condições favoráveis ao poder aquisitivo do homem diante das necessidades sociais, criadas pelo progresso.

Mas a verdade é que, enquanto os governos não cumprirem em sentido amplo e completo, ainda que distante do ideal, aquela sua missão, sòmente através do aprendizado ininterrupto poderá o homem encontrar fôrças em si mesmo para atenuar ou suplantar os obstáculos da vida, procurando ajustar seu pensamento à realidade, criando, assim, condições para uma vida melhor, notadamente para um domínio mais seguro sôbre ela.

DISCURSOS ACADÊMICOS

ELOGIO DE ESTELITA TAPAJÓS

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

— A princípio foi a "Muraida", um poema escrito por HENRIQUE JOÃO WILKENS, em língua mura, traduzido para o português pelo padre CIPRIANO PEREIRA ALHO, vigário de Moura e com edição feita em Lisbôa no ano de 1819. Havia ali o registro poético da vitória do colonizador e conquistador sôbre a multidão nativa que, durante cêrca de cem anos, lutara para manter-se em liberdade. Espécie de canto heróico do tipo dos "Lusíadas", da "Araucaneia" e do "Maranon", "Muraida" foi a primeira página de nossa realização intelectual, começado, como começa geralmente a vida literária de qualquer povo — na emoção da poesia e em tôrno aos valôres humanos e às espécies físicas que definem a terra, o espaço, o ambiente e a humanidade local. Depois, vieram as descrições dos viajantes, as memórias dos cronistas, os relatos minuciosos das autoridades, valendo tudo como epítomes de interpretação do complexo regional, representado na fôrça da natureza e na ação da sociedade mestiça que se elaborava sem grande velocidade.

Éramos, não podia ser de outra forma, o reflexo do que Portugal representava no campo da inteligência. Nada se criava aqui que não fôsse um reflexo de imaginação, de certo modo objetivo, que permitira aos portuguêses ampliar o mundo, retificar noções científicas e incorporar novos grupos sociais, descobrir outras culturas e impor a civilização européia, que êles representavam no século XVI. Quando "Muraida" veio ao mundo, já caminhávamos para o nosso destino soberano. Brasileiros reformavam a Universidade e lhe comunicavam sentido novo de ação educadora e renovadora. Brasileiros escreviam, naquele momento, as grandes páginas da aventura intelectual, reincorporando Portugal à estrutura espiritual do Velho Mundo. Éramos a dinâmica que valia ao grande império, a nova substância que lhe

---

Lido em sessão solene de 27 de janeiro de 1967, presidida pelo acadêmico Álvaro Maia, ao tomar posse na cadeira n.º 13, anteriormente ocupada pelo acadêmico Arthur Virgílio.

permitiria viver por mais algum tempo com dignidade, participando da invenção cultural.

E' tempo de explicar que, durante tôda a sua existência, aquele pedaço da Ibéria, de tantas tradições e de tanta energia, não se realizara através do pensamento filosófico, que lhe garantisse, senão uma autonomia, uma contribuição ponderável àquelas preocupações. Faltava-lhe conteúdo próprio. O arejamento que os chamados "estrangeirados" provocavam, não se distinguira, neste particular. A Escolástica exercia o seu papel dominando em profundidade. Vernei não adiantara um passo nessa direção.

Tudo isso ia explicar por que não seria expressiva a participação brasileira, da colônia aos nossos dias, nas indagações e cogitações filosóficas. Enquanto na América Espanhola, nas cátedras universitárias, como nos livros que se editavam, havia a preocupação filosófica, no Brasil-Colônia o aparecimento de um MATIAS AIRES RAMOS DA SILVA D'EÇA, ou de um FELICIANO BITENCOURT, com as "Reflexões sôbre a Vaidade dos Homens" e os "Discursos Moraes de Políticos", constituia episódio sem repercussão no cenário regional.

Sob o Império, recebida a influência francesa, criadas as Instituições Universitárias representadas nas Faculdades isoladas de Direito, Medicina e Engenharia, começaram certas mudanças. O que se pensava lá fora passou a nos vir diretamente. Não experimentávamos mais o contrôle do intermediário. Nem por isso, no entanto, conseguimos criar aquela substância de imaginação que nos levasse à pesquisa da alma humana, dos problemas do ser, ao exame dos enigmas da vida e à compreensão do nosso mundo interior. Divulgamos, para nós próprios, a filosofia francesa. Lemos a filosofia inglêsa, que conduzira à Grande Revolução. Os princípios liberais, que orientavam a nossa vida política, enraizavam-se nas idéias que importávamos. O original era muito pouco. Veio depois a ciência alemã, de que tínhamos notícia pelas produções ousadas de um TOBIAS BARRETO e de um SÍLVIO ROMERO. Ainda desta vêz, nem mesmo o exótico da natureza e dos sêres humanos que se transformavam aqui nas linhas da aculturação cada vêz mais profunda, autorizava qualquer contribuição em têrmos de indagação filosófica.

Os que nos estudam, tentando a exegese de nossa vida, de nossas preocupações, de nossas peculiaridades como expressão de um humanismo na luta, cheia de êxito, para amansar o espaço e criar um viço novo que os trópicos autorizariam, todos êles são unânimes em explicar nossas deficiências como uma decorrência daquele passado ibérico, que não se afirmara no mundo da filosofia. E' certa a conclusão. Mas é difícil aceitar-se a tese

de que, sob uma paisagem rica, sob experiências tão admiráveis de condicionamento e integração sociais, não tivéssemos podido caminhar com o sentido no universo para a grande tarefa da cogitação filosófica. A nossa pobreza é, por isso mesmo, espantosamente rica. Vejam-se os catálogos de pretensos pensadores não políticos e o que êles nos ensinam é a existência de uma atividade que tem permitido a nossa interpretação dos fenômenos sociais, econômicos, étnicos, mas não tem autorizado o aparecimento de uma interpretação filosófica.

TOBIAS, permitam-me o que a muitos pode parecer uma heresia, foi um divulgador admirável. Um divulgador e não um criador. FARIAS BRITO constitui uma pequena exceção. Pensa e tenta criar. Indaga e comunica. Não realiza obra própria que lhe garanta um êxito maior. Em estilo próprio, com alta sabedoria, talvez a muitos parecendo um clarão na mansidão reinante, na verdade foi também um divulgador. Genial, é certo, mas um divulgador. ROBLEDO e CRUZ COSTA, na compreensão que tentaram da atividade filosófica do Brasil, não conseguiram justificar a posição de FARIAS BRITO como um criador.

Ora, era êsse o grande panorama, como ainda é hoje, dêsse tipo de atividade entre nós. Mesmo nos grandes centros, onde há tôda uma obra de civilizações em têrmos de alta cultura, mesmo nesses centros, insistimos, os estímulos à percepção filosófica não encontravam campo próprio.

Enquanto isso, o Teatro, o Romance, a Novela, a Poesia o Ensaio, a Crônica, a História, a Sociografia, desenvolviam-se de tal forma que há um acêrvo admirável que pode constituir, realmente, o melhor da nossa contribuição para inteligência universal.

Que temos feito, no Amazonas, depois de "Muraida", dos cronistas, dos relatos oficiais, das discrições dos viajantes? A escola chegou-nos tarde, quase no final do século XVIII. Nosso primeiro homem de letras, porque aqui nascido, foi TENREIRO ARANHA, que fêz Teatro e Poesia. Mereceu louvores do Conde dos Arcos e recebeu Mercês Régias e empregos do Estado. Mais tarde, foi a vêz de um outro, WILKENS DE MATTOS, militar como aquele da "Muraida", de quem era filho. Escritor de boas águas, deixou, no entanto, muito pouco de sua atividade intelectual. Ainda sob o Império, criamos uma Sociedade de Geografia, que repetia a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Fizemos o teatro de estudantes e de comerciários. Os jornais e as revistas eram pobres e davam pouco relêvo à inteligência regional. Os inventários que devemos a ANÍSIO JOBIM, DJALMA BATISTA e AGNELLO BITTENCOURT não indicam nomes

que tenham merecido maior atenção. Nos Almanaques provinciais fazia-se a pequena aventura da inteligência.

CELSO MENEZES fazia poesia. APRÍGIO MENEZES explorou a História da Província. O "rush" da borracha trouxe dezenas de homens feitos, boas expressões de cultura, que começaram a renovação.

E os filhos da terra, aqueles que aqui haviam nascido, como se comportavam no momento histórico que nos lançava para o mundo e garantia ao Brasil perspectivas quase ilimitadas de poder econômico e de poder financeiro ? Faziam pouco, fôrça é confessar. E no entanto as livrarias de Manaus vendiam o que de melhor se escrevia lá fora. Educavamo-nos na Europa. O Teatro Amazonas abria-se à companhias de fama internacional. A imprensa tomava novos ares — informava, noticiava e educava. Era imprensa, realmente, naquelas finalidades de que nunca se devia afastar. O Teatro Amazonas, em todo êsse panorama, no entanto, é que nos representava como realização intelectual e artística. Os edifícios públicos que se levantavam, numa arquitetura que era desafio ao que se construia nas outras capitais do Brasil, podiam ser tidos também como expressões de emoção espiritual que andava em nós. Volto a insistir — e como se comportavam os amazonenses, se é que havia disponibilidades de amazonenses para tôdas as áreas de trabalho ?

MÁRCIO NERY, LIMA BACURY, BERNARDO RAMOS compunham uma trilogia excepcional. MÁRCIO NERY, com a sua Geografia Médica do Amazonas; LIMA BACURY, com as suas noções de botânica e suas Efemérides Amazonenses no entrevero político; BERNARDO RAMOS, com seu Catálogo de Numismática, rompiam as limitações vigentes. Mas eram três, apenas. Concordemos — pouco demais. Seriam só êsses ? Lá fora, ou aqui mesmo, não haveria outros ?

A política do espírito não foi nunca uma preocupação dos governantes, que não se esclareciam nas providências que criassem condições para as realizações da inteligência. Digam-me — da Biblioteca Pública e a Numismática, como o Teatro, serão respostas contundentes ao que estamos afirmando. Não satisfazem como resposta porque não explicam nem justificam a existência de uma política do espírito, que fizesse nascer o escritor. E tanto assim, que isso não ocorreu. Os escritores não surgiram. No entanto, como havia matéria prima abundante a explorar como motivo para a Poesia, para o Ensaio, para o Romance, para a Novela e para o próprio Teatro ! E tanto assim, que estranhos, como ALBERTO RANGEL, EUCLIDES DA CUNHA e QUINTINO CUNHA, beberam aquela seiva estuante e fizeram o "Inferno

Verde", "À Margem da História" e "Pelo Solimões", com que se consagraram e justificaram o cosmo amazônico, o amargo da terra, o drama da floresta e o exotismo da própria humanidade local.

E' momento de fazer uma confissão — em meio a essa modôrra e a essa inexpressividade do contingente amazonense, houve a exceção, através de uma família privilegiada : os Tapajós. MANOEL, TORQUATO e ESTELITA integraram essa família admirável, representada em três figuras que brilharam muito. Os Tapajós não eram uma gente humilde nas suas raízes do tempo. Tinham vindo do Pará, na época da Cabanagem. O nome adotado fôra tirado de um barco em que faziam o comércio. Em Manaus, a família se estabilizara e se multiplicara, aceitando o desafio da terra nova.

O Dr. MANOEL era engenheiro e escreveu estudos sôbre a nossa fronteira com Mato Grosso. O Dr. TORQUATO, também engenheiro e sanitarista, escreveu, como aquele irmão, livros sôbre a nossa fronteira com Mato Grosso e com o Pará, fêz a análise do Dicionário de MOREIRA PINTO, na parte referente ao Vale do Amazonas, escreveu ainda admiráveis memórias sôbre o saneamento do Rio de Janeiro. Por fim, a "Climatologia Médica do Amazonas" é ainda hoje obra de consulta, escrita com paixão e com alto conhecimento dos temas que abordou.

O terceiro foi o Dr. ESTELITA. Médico psiquiatra, com formação científica que lhe deu posição de maior relêvo, não em sua terra mas em São Paulo.

Êste nascera em Manaus, a 5 de janeiro de 1860. Aqui fizera os seus estudos primários. Em Belém, o Curso Secundário. No Rio de Janeiro, matriculou-se na Academia de Medicina, quando trabalhou no Hospital Nacional de Alienados D. PEDRO II. Concluído o Curso Superior, defendeu tese "psiquiatria", recebendo o grau de Doutor em Medicina. Exerceu, logo a seguir, a direção da Casa de Saúde do Dr. EIRAS. Viajou pela Europa e, ao regressar, teve estada rápida no Rio, transferindo-se para São Paulo, onde se veio a casar com D. FRANCISCA SIMÕES. Da capital paulista, e após uma temporada em Itatiaia, passou a residir em S. Miguel do Paraíso, na região da Sorocabana. Faleceu a 3 de dezembro de 1902.

Homem da melhor formação literária, lido em francês e inglês no que havia de melhor na literatura daquelas línguas. Usava barba à nazareno, tinha fisionomia pálida e triste, segundo o seu biógrafo, o Dr. ALVARO GUERRA, no opúsculo intitulado "Um Filósofo". Sua bagagem literária não é grande. Escreveu : "Psycho-physiologia da Percepção e das Representações",

"Cormubiose Orgânica", "Biologie Synthetique" e "Ensaios de Filosofia e Ciências". Êste último recebeu prefácio de SÍLVIO ROMERO, que o considerava uma das mais expressivas figuras da inteligência brasileira.

Nos "Ensaios de Filosofia e Ciências", editado em São Paulo em 1898 e de que só conheci um exemplar, que tive em mãos quando era estudante, o da Biblioteca do Ginásio Amazonense, hoje Colégio Estadual do Amazonas, ESTELITA TAPAJÓS adotou o monismo haekeliano, com modificações pedidas a SPENCER, afirma o padre LEONEL FRANCA, no capítulo referente ao Brasil de sua "História da Filosofia". A grande novidade da filosofia, no momento, eram justamente a Spenceriana e a Haekeliana. O livro de ESTELITA adotava-as.

Sua produção literária não sofreu ainda o exame dos especialistas. E' de difícil acesso e talvez, por isso mesmo, não tenha havido a curiosidade para examiná-la e compreendê-la. Seria essa uma das tarefas que eu sugeriria aos docentes e discentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Amazonas. Num País de tanta pobreza, como já vimos, à volta das cogitações filosóficas e das análises psico-fisiológicas, a produção de um ESTELITA TAPAJÓS não pode deixar de merecer uma análise. Que teria êle dado de essencial, como contribuição pessoal, como mera divulgação e como fruto de uma inteligência que se realizava na observação que os médicos podem possuir e lhes garante tanta segurança nas conclusões ?

A obra do Dr. ESTELITA TAPAJÓS está pedindo um exame sereno, desapaixonado, para que lhe possamos assegurar a posição devida no quadro da cultura brasileira. Que resultará dessa investigação ? Como resistirá à crítica dos que lhe leiam as páginas e através dela sintam o seu pensamento, as fontes de sua formação e as intenções que possuia ?

Coube-me, nesta noite, em que a Academia Amazonense de Letras me recebe, como um de seus integrantes, pela palavra de DJALMA BATISTA, fazer um elogio do meu Patrono. Já lhe dei um nome e um dos três Ginásios que criei em Manaus. Sei que não é uma homenagem suficiente. A edição de sua obra, a elaboração de seu perfil precisam ser efetivados. O que pude fazer hoje, na rapidez desta oração, escrita em meio às obrigações de um fim de govêrno que me absorveu a existência, trouxe-me lágrimas e poucas alegrias, importa muito pouco para o conhecimento de quem foi aquele homem admirável, padrão de dignidade humana e exemplo de amor à cultura.

A galeria de amazonenses ilustres é, numèricamente, muito pobre. Ela cresce hoje, com novos valores que já se afirmam

perante o Brasil. Nem por isso devemos ignorar aqueles que, sem frustrações, romperam as limitações do tempo e puderam criar beleza, forma de vida e deram uma contribuição, mesmo mínima, para que ao processo de desenvolvimento cultural do Brasil, pudessemos apresentar, mesmo tìmidamente, alguma coisa de que não nos envergonhássemos. Acredito que o Dr. ESTELITA TAPAJÓS foi um dêsses valores, com o direito de merecer a nossa admiração, o nosso respeito, o nosso agradecimento. Porque foi uma vida útil. Porque foi uma vida que serviu, na obra que deixou, a um ideal a refletir a emoção do espírito.

Senhores Acadêmicos :

Acreditem que me sinto muito grande porque começo a formar ao lado dos Senhores, que representam a excelência de nossas virtudes e de nossas ações, como fôrças de realização espiritual. Acreditem que serei um dos mais fiéis aos objetivos desta Casa. Aqui, ou lá fora, representarei a vossa energia dela. O meu Patrono, o Dr. ESTELITA TAPAJÓS, foi uma lição que desejo seguir, porque foi uma lição de severidade, de autenticidade e de amor à inteligência criadora.

SAUDAÇÃO A ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

DJALMA BATISTA

Estava escrito que não escaparíeis à imortalidade em vossa província natal.

Eleito na década dos 30 para a cadeira França Junior, nunca chegastes a ser empossado, porque tivestes de fazer velas ao largo, numa mudança que foi decisiva para vós, embora altamente empobrecedora para o Amazonas. Naquela época já tinha aparecido o "História do Amazonas", que revelou o homem de estudo e o escritor, ainda hoje livro básico; com êle abristes caminho direto para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Também a síntese histórica de "Manaus e Outras-Vilas" e um ensaio sôbre "A Questão do Acre" haviam sido publicados. Apesar de tudo éreis —, naquela época, uma glória estadual.

A princípio vos fixastes em Belém, onde se reafirmaram as vossas qualidades intelectuais, num meio muito mais adiantado, e em cujo Arquivo Público explorastes um filão muito rico de documentos do passado da região, graças ao qual se reforçaram os alicerces de vosso destino de historiador. Foi então que vos tornastes um intérprete da Amazônia Brasileira, considerada como um todo. Esta Academia porém não vos perdia de vista, tanto que, na lista dos acadêmicos publicada pela "Revista" de 1946, figura o vosso nome ainda com o mesmo patrono.

Logo depois do término da II Grande Guerra, o Rio vos atraíu e vos absorveu: alargou-se o campo da vossa ótica, e passastes a ser o escritor da Amazônia para o Brasil, e um dos representantes do Brasil perante o mundo, em congressos e reuniões internacionais. Parece que nesse meio tempo a Academia se sentiu enciumada de vós, ou roubada definitivamente de vossa presença, transferindo-vos para o quadro de correspondentes, que é assim uma espécie de corpo de sócios comanditários.

Lida na sessão de posse de 27 de janeiro de 1967.

Em tôdas as fases de vossa vida, porém fostes sempre o escritor regional, com espírito universal, dentro do conceito que Gilberto Freyre defende a partir do Manifesto Regionalista do Recife. E é por essa fidelidade incontestável às origens, que ainda podeis caber hoje nesta Academia modesta, para ocupar a cadeira de Estelita Tapajós, criada quando da revisão dos patronos.

Estelita Tapajós foi dos que levantaram a bandeira do Amazonas e num campo dificílimo como o da filosofia : ainda não se conhecem ao certo as perspectivas de sua obra, como acabastes de declarar em vosso discurso, mas é ponto pacífico que foi homem de inteligência e de pensamento, e um precursor, nascido nestas paragens. Escolhendo-vos para ocupar a poltrona que tem o seu nome, quisemos homenagear-vos com a prata da casa.

E aqui estais, ao se encerrar mais um ciclo de vossa existência, trazendo para a Academia a vossa obra e o vosso nome consagrados.

Por uma sugestiva coincidência, o menor de vossos discípulos teve a honra de ser designado para vos dar as boas vindas.

Demorastes 30 anos para sentar numa dessas poltronas azuis : perdoai se a glória é tão pouca e a imortalidade alcançada tão precária e discutida... Perdoai sobretudo a pobreza de minha palavra, certo apenas de que ela é sincera e leal, como tem sido a amizade que nos liga de há muito.

MESTRE x DISCÍPULO

Nosso primeiro contato foi quando, mal chegado do Acre, adolescente, submeti-me a exame de admissão ao Colégio Dom Bosco. Na prova de geografia, mandastes fazer o contôrno da África, que a minha inabilidade para o desenho transformou num monstro cartográfico, menos feio sòmente que a cupidez imperialista e o preconceito racial exercidos sôbre o continente negro e seu povo torturado. Salvei-me nas outras provas, até chegar, anos depois, às classes que ministrastes com o grande conhecimento que já tínheis, então, da história, e com a capacidade que vos é peculiar, como professor, de influir, através de sugestões para debates e leituras, na formação do espírito crítico e no despertar do espírito de curiosidade. Neste sentido posso assegurar que foi grande a vossa influência sôbre os alunos.

Agradeço a sugestões vossas, uma série de leituras que me abriram o horizonte para entender o homem, a sociedade, a política, o Brasil e especialmente a Amazônia. Lembro-me bem, de "O Príncipe", de Maquiavel, do "Discurso sôbre o Método", de

Descartes, de "O Elogio da Loucura" de Erasmo, da "Evolução do Povo Brasileiro", de Oliveira Viana, de "Os Sertões" e "A Margem da História", do nosso sempiterno Euclides.

Bons mestres tivemos, nós, os da minha geração, nos cursos secundários de Manaus : poucos porém com a vossa capacidade de ensinar, com um entusiasmo igual ao vosso, pelo progresso dos discentes. Digo-o sem lisonja, apenas para ser verdadeiro, num depoimento que deve ser a parte mais significativa desta saudação despretenciosa.

AS TRÊS FACES DA VIDA DE REIS

Graças àquêle espírito crítico que concorrestes para desenvolver nos que frequentaram as vossas aulas, sinto-me encorajado a intentar, nesta ocasião, uma rápida análise de uma das faces de vossa vida. Do professor já disse algo. Do homem de estado, falarão outros, depois, e estou convencido de que muito terão que falar, como na famosa anedota sertaneja, de bem e de mal...

Nesta altura e neste local, todavia, procuramos analisar o escritor Arthur Cezar Ferreira Reis.

O ESCRITOR

Encontrei nos meus arquivos, que nada têm de implacáveis, o número que suponho único da "Revista Amazonense", publicado em 1923, quando da comemoração do 1.º centenário da adesão do Amazonas à Independência, sob a direção de Alvaro Maia, que exatamente a 9 de novembro daquêle ano, pronunciara a famosa "Canção de Fé e Esperança", que foi uma espécie de manifesto cabano da época. Era o seguinte o seu corpo redacional : Arthur Cezar Ferreira Reis, Antóvila Vieira, Alencastro Ramos, João Batista de Faria e Souza, Licínio Silva e Heitor Veridiano. Lá estão impressos dois artigos com a assinatura de Arthur Cezar então com 17 anos, intitulados "As Aventuras de Orellana" e "Nove de Novembro", ambos revelando muito boas leituras (João Lúcio de Azevedo, Gaspar do Carvajal, Rodolfo Garcia, Oliveira Vianna) e o que é mais, o contato de documentos históricos importantes. Sôbre os temas voltastes na "História do Amazonas" e depois na memória "A Incorporação da Amazônia ao Império" (**Rev. de História**, 2, São Paulo, 1950) Nas minhas buscas não conseguí encontrar, porém, os vossos versos de amor, da juventude, se é que os houve...

Portanto, já em 1923, estavam em vossas mãos, as pontas dos fios que iríeis desenrolar nestes 44 anos que já decorreram, desde a vossa iniciação.

No Brasil de então não havia se não três cursos superiores válidos — direito, medicina e engenharia. Por isto não escapastes ao título de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Mas se não vos serviu para o exercício profissional, o curso de direito vos familiarizou com a economia política e o direito internacional, que viestes depois a ensinar na Faculdade do Amazonas, e de grande valia, com certeza, para melhor compreensão da história, que sempre foi o vosso campo de estudos predileto.

Durante a permanência no Rio, como estudante, frequentastes Capistrano de Abreu, que antevendo o vosso destino vos deu lições de sua experiência. Aprendestes portanto muito cêdo os métodos de trabalho, que vão da pesquisa nos arquivos à interpretação dos fatos históricos e sociais, métodos que logo aplicastes em vosso primeiro livro, realizado com um material quase virgem. Pudestes alcançar assim, de pronto, um pôsto definitivo entre os historiadores do Brasil.

De certo outra influência poderosa na vossa formação, foi a das idéias de Alberto Torres, que propusera uma organização nacional baseada nas tradições brasileiras e no que considerava as nossas realidades. Depois Oliveira Viana, que foi realmente dos primeiros a olhar os fatos nacionais em conjunto, numa visão sociológica da história.

Na temática de vossa obra, há uma constante, que é a Amazônia. Levantastes o véu das mais importantes contribuições na formação da sociedade planiciária : a dos missionários, entre os quais se inclúem Vieira e Samuel Fritz, jesuítas, em "A Conquista Espiritual da Amazônia"; a dos colonizadores portuguêses, em ume série de trabalhos culminados em "A Amazônia que os Portuguêses Revelaram" e "Aspectos da Experiência Portuguêsa na Amazônia"; sem esquecer "O Negro na Emprêsa Colonial dos Portuguêses na Amazônia", a contribuição dos estrangeiros de outras origens, e a do índio, que foi afinal o grande sacrificado diante da fôrça e da cultura do homem branco. Biografastes Lobo d'Almada e D. Romualdo de Souza Coêlho, duas figuras estelares na época em que viveram. Estudastes, com percuciência, "O Processo Histórico da Economia Amazonense". Com os 3 volumes de "Limites e Demarcações da Amazônia Brasileira", esgotastes um assunto que movimentou a diplomacia e as fôrças armadas, conquistando o Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira.

Em verdade a vossa obra obedece a um plano geral. Dentro dessa orientação, acredito que "O Seringal e o Seringueiro" merece um destaque especial, como documentação e análise de um fenômeno histórico e econômico que chegou até nossos dias,

marcando inclusive um ciclo na economia brasileira, e a cuja agonia estamos assistindo.

A vossa pena se tornou mais vibrante e a vossa voz encontrou maior eco na consciência nacional, quando denunciastes os perigos que nos rondam, em "A Amazônia e a Cobiça Internacional", e ùltimamente em "A Amazônia e a Integridade do Brasil".

Tem sido incansável a vossa atividade de escritor, permitindo-vos reunir trabalhos esparsos (conferências, ensaios, comunicações a congressos, etc.) em mais 6 volumes incorporados a Coleção Alberto Torres, editada pelo Govêrno do Estado, sendo 4 versando temas amazônicos e 2 assuntos brasileiros em geral. "Rotina e Dinâmica da Vida Brasileira" e "Épocas e Visões Regionais do Brasil".

Para a grande "História da Civilização Brasileira", que está sendo publicada sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda, escrevestes 10 capítulos, tratando da ocupação da Amazônia, das insurreições do Norte e Nordeste, da formação dos limites. inconfidência baiana, comércio e colonização e mais cinco sôbre a integração do Brasil, começando pela Amazônia.

Na Enciclopédia "Barsa", 60 verbetes, entre os quais os referentes ao Amazonas e Guanabara, foram confiados à vossa erudição incontestada.

Para a História da Civilização projetada pela UNESCO, vossa participação já foi definida, cabendo-vos o estudo do Brasil de 1750 a 1910, nos seus aspectos sociais, políticos e econômicos

Sempre me assombrou a vossa capacidade de vêr e investigar, de interpretar os frutos de vossas observações e pesquisas e de escrever. Porque nunca fizestes sòmente isto: sempre desempenhastes funções públicas e ensinastes em vários locais e até em cidades diferentes (como Rio e Petrópolis). Tenho às vêzes a impressão de que viveis em permanente estado febril.

Em 1952, desta mesma tribuna, ensaiei uma interpretação da cultura amazônica. tendo escrito e pronunciado, então, estas palavras: "Arthur Cezar Ferreira Reis é sêco na exposição dos temas históricos: e se justificou, de uma feita, a uma observação nossa, dizendo que é êsse o seu modo de escrever".

Sôbre o que achei o vosso "estilo sêco" tive ocasião de merecer uma carta-confidência ou desabafo, que não me furto ao dever de revelar nesta solenidade: "Meu caro Djalma, trabalho em um campo em que não é possível escrever melodiosamente. Os historiadores temos de ser sêcos. Não ambicionamos senão dizer as coisas como elas ocorreram. Capistrano de Abreu e Oliveira Lima foram os dois historiadores do Brasil. Não tiveram

sucessores ainda. E ambos eram sêcos. Formei-me lendo-os, admirando-os, procurando acompanhá-los nas diretrizes que traçaram e nos modelos que constituiram. Sinto-me muito bem na companhia dêles, tentando seguí-los como fontes de técnica. E como Capistrano e Oliveira Lima, tôda a grande falange de historiadores do mundo inteiro. Michelet, Renan, Oliveira Martins, agradaram, entusiasmaram pelo estilo mavioso, sedutor. Hoje em dia, contudo, quem os lê como historiadores? O que anda por aí a fingir de historiador, sob o disfarce de frases de efeito. não passará do êxito momentâneo, não resistindo ao tempo. E é essa resistência que ambicionamos.

"Há mais de vinte anos me venho dedicando, com grande esfôrço, ao exame do processo de formação de nossa Amazônia. Antes, nada havia de sério. Tive de abrir caminho, cometendo as faltas de todo pioneiro. Tenho certeza, porém, de que o que realizei e espero ter concluido dentro de alguns anos com uma "História da Amazônia" em 4 volumes, não será superado tão cêdo. Foi o produto de muita canseira, de muita indagação, que já vai a cêrca de 20 volumes. Quem na Amazônia pode dizer o mesmo?

Arthur Viana, que morreu cêdo, seria o exegeta do nosso passado. Não teve tempo, no entanto, para tamanha emprêsa. Tive de arcar com a responsabilidade. Principiei, sob ardores cívicos, pelo quadro particular do nosso Estado. Passei depois a tôda a região. O que apurei, e que me custou a vista, é um mundo imenso que só pode ser avaliado por quem atua no mesmo setor.

"Consagrei minha vida a êsse empreendimento. Estou hoje (era em 1952...) com 46 anos, sem nada de material em mãos. E você, que é um amigo, me considera apenas um estilo sêco.. "

DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS

Tendes dito, de público, muitas vezes, que a razão de sermos amigos e nos entendermos, repousa na diversidade de nossas opiniões. E o curioso é que sempre nos encontramos juntos, até mesmo nesta festa acadêmica. Havereis de dizer, para comprovar a vossa afirmativa, que ainda nessa questão do estilo, nossos pontos de vista são diferentes...

Afirmo entretanto que não são tão fundas as nossas controvérsias, quer literárias, quer políticas, quer filosóficas ou doutrinárias.

Julgando-vos com isenção poderei dizer que, como historiador, quereis ser ùnicamente cientista e jamais um artista.

Há entretanto alguns pontos de convergência de nossas idéias e de nosos ideais. O primeiro é a Amazônia, que nós ambos não concebemos senão na sua unidade geográfica, florística, faunística, hidrográfica, geológica e antropológica, respeitadas as diferenças puramente locais, — Amazônia que tem sido a preocupação maior nas vossas e nas minhas cogitações, e que desejamos desenvolvida, bem povoada e melhor aproveitada nas suas potencialidades, terra bem-amada, que deve ser um dia um reduto da inteligência e um domínio da civilização.

Outro é o Brasil, na sua capacidade milagrosa de assimilar raças e culturas sem se desfigurar, e que tem sabido, ao longo de sua história, vencer furacões e encontrar boas saídas para as suas contradições. Sòmente à sombra de sua bandeira, integrando a sua fisionomia multiforme, é que queremos a Amazônia, que os prezados lusitanos nos legaram.

Também temos uma fé comum na humanidade, no ser biológico que tem sabido enfrentar e vencer as agruras da vida sob o Equador ou nas geleiras do Círculo Polar, sem perder a capacidade de reagir, de realizar e de sonhar em prol de melhores dias para a espécie. Humanidade que vez por outra se convulsiona para dar origem aos líderes, aos sábios, aos artistas e aos santos, e que a todos os instantes se renova, no sorriso das crianças e na beleza das mulheres.

Finalmente, convergem as nossas diretrizes no amor à verdade, que é fonte garantidora da autenticidade da história que escreveis e da ciência médica que eu pratico.

Podeis estar certo, já agora eminente confrade Acadêmico Arthur Cezar Ferreira Reis, de que se muito tendes trabalhado na seara da história, muito a história terá de registrar e discutir. de vossa vida e de vossa obra.

Viestes diretamente de Genebra para Manaus ,de plenário de uma assembléia internacional para o jardim nem sempre de rosas desta Academia, o que comprova que o regional e o universal estão sempre juntos e se completam.

Ficai certo de que estamos honrados e regozijados com a vossa companhia.

Bem-vindo, pois !

EM LOUVOR DE RUI BARBOSA E WALDEMAR PEDROSA

OYAMA CESAR ITUASSÚ DA SILVA

Aqui estou eu, sob o impacto emocional de uma sensibilização intensa, para receber a láurea acadêmica que me foi outorgada pela vossa benemerência em conhecer em mim qualidades intelectuais que me credenciaram ao honroso título. Não sabia eu a quanto poderia atingir em minha vida pública e por mais que os meus sonhos atingissem esperanças desarvoradas, ainda assim jamais me considerei capaz de ser alçado a tanta altitude.

Porque homem planiciário, com o horizonte limitado pelas próprias contingências telúricas, sempre soube admirar aquêles que quebravam a monotonia da altura igual, para sobressaírem com a altaneria das grandes árvores. Habituei-me ao espetáculo dos crepúsculos matutinos, quando a luz solar rompe os restos da noite e o dealbar das horas nascentes faz fremir de esperanças escondidas pela prelibação do almejado. Dentro de cada um de nós, que buscamos no estudo o estímulo interior para novas investidas, há sempre um ponto sensível que se oculta sob uma aparência ausente da realidade e que vibra e pulsa nos instantes próprios. Por isso, a madrugada entressonhada nos meus devaneios intelectuais, despertou-me para o impacto das emoções desta hora de encantamento, em que sou pôsto ao nível dos que foram coroados com os louros acadêmicos. Saio da minha discreta atuação de homem do direito, de jurista, para penetrar deslumbrado na claridade luminosa desta Casa.

Se a tanto alcancei e tanto vistes em mim, o mérito que hoje me proclamais devo-o aos que me despertaram o sentimento do belo, do justo e do bom, como formas cristalinas de vida orientadas na direção pura. A impulsão interior motivadora dos gestos e atitudes que marcam o homem em sua caminhada, tem origem nos fatos que lhe vêm do despertar vital. Os elementos formadores de sua personalidade liamizam-se apertadamente aos

---

Discurso de posse na cadeira n.º 26, proferido em sessão de 12 de dezembro de 1967.

eventos de sua origem e, conforme os exemplos e ensinamentos que receber e colher, agirá mais tarde segundo os sentimentos incrustrados em sua alma. Conscientizado, firma-se nos pressupostos espirituais que lhe foram inoculados no dia a dia de sua infância e passa a agir na proporção exata dos ensinamentos que houver recebido. A medida de sua existência está condicionada aos reflexos da criação e quando as horas díspares que a vida oferece surgem em uma atuação discordante, alegres ou amargas, suaves ou graníticas, a preparação pedagógica que lhe foi ministrada, habilita o homem a enfrentá-las com o devido teor de compatibilidade : se doces, aceita a mésse com gratitude e humildade e se ásperas as circunstncias, sabe-as enfrentar e receber como formas de provação. Essa educação eu a tive de meus Pais, a quem neste instante, em uma rememoração votiva de profundo carinho, ofereço uma lágrima teimosa de saudade e ternura, pois souberam preparar-me, pelas duras experiências sofridas, para o sentimento da transitoriedade das cousas terrenas.

Deixai, pois, que deposite minha homenagem e troféus a quem os devo tributar pela formação e pelo que de mim e em mim fizeram. Permiti que de alma limpa, porque só assim a êles eu me posso dirigir, diga :

> "Meu Pai, cuja retidão de vida foi um exemplo eloqüente de severidade justiceira, aliada a uma compreensão humana que a tudo sabia dar uma palavra amiga e confortadora. Que me ensinou a sofrer com estoicismo espartano, sem jamais deixar transparecer em seu semblante calmo a angústia interior pelo que não nos podia dar. Sábio na sua experiência de vida, sóbrio em demonstrar, mas forte no dispor da bondade inata e na capacidade de perdoar.
>
> Minha Mãe, excepcional anjo que ainda hoje me ampara e aconselha, na distância onde se encontra, cuja ternura ilimitada sempre me coroou a existência. Sêr privilegiado pelo dom de fazer o bem e que jamais apontou uma falha humana que não justificasse de imediato. Inesgotável cascata de amor materno, a derramar as águas límpidas de seu espírito no sazonamento das qualidades geradoras da perfeição.
>
> Meus Pais, que afastavam as urzes e os espinhos de meu caminho embora se ferindo para não me maltratarem. Pobre que sou, que não lhes posso

ofertar nestas palavras, senão minhas palavras e o triunfo de hoje, como oferenda de uma saudade que se aguça, na medida em que caminho para a eternidade".

Por isso, as angústias foram recebidas e cumpridas como correção das minhas vaidades, situando-me no campo exato das contingências humanas e retirando de mim os desbordamentos naturais em quem se viu tantas e tão imerecidas vêzes laureado com uma constante participação na farta mesa de banquetes da generosidade de seus semelhantes.

Tenho sido sempre um homem em quem a felicidade se constituiu um permanente; feliz por ter nascido de pais que me transmitiram a nobre herança de um nome honrado e de como aceitar a vida em suas múltiplas facetas; feliz por uma espôsa e filhos que me douram a existência; feliz no êxito dos empreendimentos funcionais e profissionais que me conduziram a postos muito além de mim mesmo. Felicidade tão completa que me fêz saber sofrer as agruras das horas duras da amargura, e ao mesmo passo me permitiu sentir não estar só no meio da multidão, tal a expressão de uma solidariedade intensa e comovedora. Felicidade que é um estado d'alma como a saudade, e que hoje vive aqui comigo e com os meus neste instante de elevação e que usufruo intensamente, para melhor guardar, no recesso de mim mesmo, as belezas lustrais da solenidade acadêmica.

Perdoem-me o tanto falar a meu respeito, mas isso se tornou imperioso como forma de vos explicar a razão central de minha presença nesta tribuna. Tão feliz sou eu, que os nobres Acadêmicos, usando de seus podêres divinatórios, consideram-me ao nível da intelectualidade e me guindaram a tão honroso título.

E como tal não bastasse, ainda me coube a imensa tarefa, sobremodo diginificante, de buscar agasalho seguro em duas figuras impressionantes e apreciá-las em tôda a sua tessitura: RUI BARBOSA e WALDEMAR PEDROSA, ambos com uma vida quasi sinonímica, na coincidência de atuação e dos valôres no campo nacional e regional.

Há homens que fazem por si uma época histórica, e por onde passam deixam o chão pontilhado de estrêlas luminosas que espargem a mancheias com o divino esbanjamento dos privilegiados. Suas vidas refletem-se nos dias vindouros e a cada instante miramo-los em suas obras como se cultuassemos os próprios deuses. Porque em nós há um sentimento pagão de idolatria intelectual, inteiramente divorciado das crenças espirituais que nos acompanham pelo mundo afora: é o culto pelo esplendor luminoso das mentes privilegiadas, culto que tem em

si algo de profano pela premente ânsia de um aprimoramento cultural visinho da perfectibilidade divina, a evidenciar o fato inelutável de que a inteligência superior possui uma parcela de Deus.

A percepção exata dessas figuras, excelsas em tôda a plenitude de suas vidas, é aquilatada pelo que elas representam no mbito particular em que cada uma se movimentava, criando de per si um sistema galaxial com suas leis de fôrça e atração, constituindo-se o centro medular em cujo derredor giram planetas e estrêlas de várias grandezas, sempre se conservando à distância para não crestarem ante o brilho zenitial da luz ofuscante que deles se desprende.

Êsse universo de saber cultural e de sensibilidade humanas, centralizado em RUI e WALDEMAR PEDROSA, encontra-se melhor na circunstância evidente da concordância de suas múltiplas atividades, pois aos sêres privilegiados cabe o dever da difusão anímoda : ambos juristas, ambos políticos, ambos filólogos, professando também ambos o magistério cívico e jurídico em uma expressão pública denotadora da beleza moral de dois homens integrais.

O PATRONO

Há uma identidade em certos sêres que os assemelha a acontecimentos telúricos : desbordam do normal, excedem-se em sua amplitude e fôrça, põem à margem como trapos as cousas comuns estáveis, na fúria de sua projeção. Nascem, crescem, agigantam-se, assumem proporção altíssimas, tornando em nada tudo que os cerca. São fenômenos da natureza, quais árvores que, fechadas no vão restrito do meio ambiente, são dominadas pela sêde de crescer e buscam a luz, rompendo o mundo vegetal que as circunda.

Êsse heliotropismo atingiu RUI BARBOSA, homem que se destaca no horizonte brasileiro com a mesma nitidês das palmeiras imperiais na planície coberta de árvores anãs. Fenômeno genial tão completo que, absorvendo as energias produtoras de outros gênios, fêz de si uma super-estrutura mental tão grande, que a própria éra cultural poderá ser denominada de século de RUI, tal o impacto deslumbrante de sua permanente presença.

As múltiplas facetas de sua personalidade incomum manifestam-se perfeitas em todos os detalhes e qualquer de seus pronunciamentos, atesta a sólida formação cultural, primeiro marco de um vastíssimo território de sabença, concentrado em gigantesca moldura cultural. Ninguém nestes Brasis, em sã

consciência, limpa e despida de vaidades malsãs, pode negar os inegáveis méritos policrômicos de RUI, cuja visão intelectual tinha a dimensionalidade continental, — e porque não dizer? — universal. Humanista seguro, o mais puro que estas terras conheceram, a multiplicidade de seu talento excepcional, aprimorado por uma cultura que poderia caber em dez homens de cerebração elevada, tactilizar as variadas fisionomias de suas manifestações, é problema árduo e fascinante. Anatomizá-lo é tarefa sobrehumana, como dissecar sua obra atividade morfológica incoadunável com a sacritude. Daí o acêrto de Batista Pereira, ao dizer que esmerilhar RUI em seus aspectos variados, seria obra de geração e que preferia ver seus pensamentos "em movimento, em vida, em irradiação, evocados na atmosfera em que vibram, frementes de revolta ou de fé, de cólera ou de esperanças, livres e sem nome como uma revoada de andorinhas".

Os deuses desfrutam da imaterialidade e por isso pesquisar em RUI o conteúdo cerebral, com a curiosidade mórbida de assemelhá-lo aos mortais, seria ofender a pureza integral de suas idéias luminosas, que abriram caminhos novos nos variados setores de aplicação a que dedicou a maravilhosa qualidade que dêle fêz um temperamento imortal.

RUI foi um século de cultura conectado em um homem, ou, se quisermos repetir o que disse um de seus biógrafos, "o construtor de uma catedral em cujas naves reboa o eco de todos os ideais de seu tempo". Catedral mística da polimorfia cultural, transmudou-se nos inúmeros rostos que lhe marcam a existência terrena, como lindes peremptórias de um domínio incontestável no império soberano do saber.

RUI-político, figura habilíssima de orador parlamentar cujas frases constituiam soberbas expressões de vivência democrática, sentia a efervescência procelosa da maresia popular e se antecipava aos fatos com uma agudeza de visão única. Ao proferir a conferência sôbre o Partido Radical em 1869, já percebia a onda avassaladora da abolição quasi presente e proclamava, em pleno Império, que "a existência do elemento servil é a maior das abominações" pois "o espírito do século não tolera mais a escravidão". Empenhando-se na campanha civilista, derramou a torrente de sua eloquência em discursos que formam uma constelação de estrêlas vernaculares, onde ao lado da forma, pulsa e vibra permanentemente o sentimento cívico da nacionalidade. Fêz da luta política uma fôrça de consciência e nela proclamava como únicos poderes legítimos a inteligência, o direito e a religião, símbolos da evolução da humanidade. Transformou

sua candidatura, pelo poder do verbo incandescente, em um luzeiro de verdades e erigiu em dogma o princípio da intangibilidade da vontade popular. Tão forte sua convicção libertária, que exclamava em carta : Tôda a vêz que uma opinião lícita fôr convertida em crime, eu, em revolta com os inquizidores políticos, me inscreverei na opinião perseguida".

Brilhante, com uma cabeça incomensurável a abrigar um mundo de eloquência, determinava a distância exata entre ela e a retórica, ao definí-la como privilégio divino de palavra na sua expressão mais bela e mais natural, "a evidência alada, a inspiração resplandescente". Fê-la mais eruptiva ao proferir orações imortais no decurso dessa marcha de civismo, em que expôs aos olhos deslumbrados da coletividade tôda a sua pujança intelectual.

Jurista, estruturou o direito constitucional brasileiro nas suas célebres petições de habeas-corpus ao Supremo Tribunal, definindo e difundindo as liberdades humanas ante as prepotências do poder dominante. Rasgou com o punhal de sua pena a obscuridade das regras então vigentes para nelas traçar, em linhas de fogo, a estrada da razão jurídica. Abriu em largos movimentos de sua mão, orientada por uma convicção raras vêzes igualada, novas rotas de acesso ao homem para resistir aos desvaríos autoritários. Pintou um mural de normas para a nacionalidade, nele enquadrando as situações reais que deviam merecer o apoio do direito.

Os grandes homens precisam de espaço para a medida de sua exata dimensão. Para RUI, Haya foi êsse proscênio e de onde se lançou do regional para o universal. Lá, na célebre resposta gerada pelo incidente Martens assentou, em frases gravadas no mármore eterno das grandes definições que norteiam o mundo, a exata distância que vai da política em si como atividade, da política essencial em seu sentido mais alto, ao interêsse supremo das nações e das relações entre os povos, defendendo princípios que converteram os usos flutuantes de direito costumeiro em regras escritas postas sob a confiança dos Estados. Projetou-se desde então, como um foguete da inteligência cultivada, no espaço sideral povoado de estrêlas de primeira gama. RUI, por isso, tem o destino dos cometas eternos : iluminou em sua passagem os campos de sua intensa lavra jurídica e a luz que nele existe ilumina onde quer que seja buscada, sem a menor relação com o tempo, que em relação a êle é imutável.

A figura poliédrica do patrono torna-se soberba na fisionomia filológica. Que de novidades perfeitas exumou da história da língua portuguêsa, para distribuir a mancheias como um perdu-

lário da linguagem ! Jogava com as palavras com a maravilhosa facilidade de quem maneja o tear, tecendo em letras de ouro peças artísticas de fino lavor. Tanto poetisava ao escrever "alar um pouco o espírito ao panorama do dia que reponta", como anatematizava o batoteiro ao marcá-lo com o ferrete de que "a natureza moldou nos instintos das espécies roazes, os dotes em que o aprimora". Profundo na sua sabedoria, gizava a forma da maneira mais perfeita. Tanto ia da proporção filosófica ao afirmar não conhecer "duas grandezas tão visinhas pela altitude, tão semelhantes pelas suas lições, tão paralelas na sua eternidade como a justiça e a morte", como se tornava um todo de sentimento filial ao dizer

> "se o bem desabotoa alguma vez à superfície agreste de minha vida, vós sois a mão do semeador, vós, cuja energia me creou o coração e a consciência, cuja bênção derramou a fecundidade sôbre as urzes de minha natureza. Vós, autores benignos do meu ser, vós sois a árvore dadivosa, cujos benefícios sobrevivem no reconhecimento, que não murcha".

Homem-ímpar, homem monumento, cuja altura gigantesca não pode ser dosada por nós, pobres ervas rasteiras que não nos abalançamos sequer a levantar os olhos para o infinito, RUI desmesurou-se e exauriu as fôrças pátrias que não mais produziram fruto igual, repousando de uma gestação que se prolonga em demasia.

Uma das mais antigas criações do homem é o mito, cuja respeitabilidade, aponta FROMM, faz parte de nossa religião, com uma autoridade tradicional que passa a pertencer a um mundo intocável. Mas, como todos os mitos, há quem busque, em tarefa inglória, macular-lhe os contornos, esmerilhando detalhes miudos dispensáveis ao conjunto. A essa tarefa de cupim não escapou RUI, consequência normal aos que superam as contigências do meio e trabalho alentado se fêz na vã tentativa de derrubar o ídolo cuja divindade imperecível se fêz alvo de minudências e pequenezas.

Cousa estranha, porém, sucedeu : a sombra do imenso brasileiro, já de si gigantesca, cresceu na razão direta da agressão e como que se materializou na defesa ardente feita por seus sectários. Porque as grandezas não podem ser diminuídas e valem pelo que contêm.

Coube-me, Snras. e Snrs., a missão excelsa de falar sôbre RUI, examinar-lhe a obra, refletir em derredor dos efeitos de sua atuação nacional. Pesquisar tanto é algo a fugir de mim

mesmo pois legítimo sacrilégio a que me abalançaria jamais, o bisturizar o corpo intelectual do grande baiano. Seria uma forma de pretender retalhar, sob cautela científica, a imponderabilidade de Deus.

O ANTECESSOR

Como se não bastasse a alegria interior do achêgo literário a propiciar o galardão de falar sôbre RUI, surge-me agora o instante, fornecido pela destinação fatal dos sêres vivos, de bosquejar ao derredor de WALDEMAR PEDROSA, antecessor na cadeira acadêmica, honra em demasia a quem jamais a tanto aspirou, mas me permite ver a beleza interior de um homem singularmente bem, sábio e justo. Pago-me assim de uma antiga admiração e lamento profundo vai aqui por ter de dizer, à distância da eternidade, o que sempre julguei de véro a seu respeito.

Nossa terra, com suas peculiaridades continentais, de quando em quando desperta da letargia dos tempos provocada pelo crescimento anormal. Acumula durante longo espaço o humus caldeado pelos entrechoques da natureza, fermentando lentamente os depósitos seculares até que, saturada de prodigalidade, resolve lançar à superfície o produto da cristalização de suas energias, a demonstrar a pujança das fôrças eternas. Explui de suas entranhas um jôrro de luz que se chama WALDEMAR PEDROSA, misto de sábio e artista da palavra, de jurista e filólogo, pensador filósofo que se enveredou na política para melhor provar as reais facetas de sua personalidade antológica.

Nasceu aqui conosco, em uma época intensa sob tôdas as formas, quando a explosão econômica repercutia fundamente nos temperamentos humanos, forrando-se de todos anseios e premências, sentindo a vibração intensiva impulsionadora dos aprimoramentos materiais e culturais. Recebeu, por isso, a impetuosidade amazônica no verdor da juventude e com as amplas portas de um horizonte largo abertas aos olhos deslumbrados, de logo ingressou na atividade pública como oficial de gabinete de seu venerando pai, o ilustre JONATAS PEDROSA. Linhagem de família, unida a uma fidalguia espiritual que sempre foi o envoltório do seu quadro pessoal. A partir daí abriu as asas jovens e avançou célere no azul de seu próprio mundo, construindo uma vida intensa e belamente vivida.

Atuou em várias administrações do Estado com a luminosidade costumeira e que por isso se tornou seu ectoplasma intelectual, ascendendo com segurança, e por qualidade própria,

aos altos cargos que dignificou com a sua presença constante. Sereno e firme, intervinha quando tal se fazia mistér, com admirável equilíbrio e ponderação.

As crises nacionais encontravam-no vigilante e compartilhou das responsabilidades públicas ao se eleger para a Assembléia Constituinte de 1946, onde se projetou com o brilhante parecer sôbre a ilegalidade do Partido Comunista, enunciando conceitos de valiosa ponderação sôbre a segurança nacional e a necessidade de resguardá-la de agremiações que, por suas finalidades, se contrapunham à estabilidade da ordem pública e social. Nesse aspecto, em realidade, firmou dois entendimentos seguros · de um lado, o princípio da legitimidade da representação partidária, desde que o sectarismo não ofendesse as regras constitucionais estruturadoras da nação, e de outra parte, a regra doutrinária consistente na invalidade dessa mesma representação, quando colidente com os fundamentos políticos do Estado. Êsse trabalho, de larga envergadura e erudição, merece ainda hoje ser meditado pela segurança dos pensamentos emitidos e, mais ainda, pela exata aplicação de uma corrente jurídico-política que alça a defesa institucional do Estado a uma categoria superior, como guardião supremo dos interêsses e metas coletivas. Assentou dess'arte a pedra angular norteadora da atividade pertinente ao poder público, na efetivação das providências que iriam, mui justamente, pôr à margem da lei um partido que se opunha frontalmente à mentalidade democrática vigente e aceita pela maioria, em uma definição de atitude política ajustada à sua percepção dos problemas ligados às funções e deveres do Estado.

Profunda e intrìnsecamente democrata, fêz da prática da democracia o seu cotidiano e agia, pensava, professava e praticava a liberdade, inerente ao homem em sua plenitude consciente, como um dogma intangível a que obedecia com a clara convicção de uma consciência desatada e firme. Abeberou-se em sua fase primeira nas lições dos juristas francêses, comuns ao seu espírito as obras de Duguit, Dendias, Vedel e Hauriou, cujo conteúdo publicista se incorporou à sua formação política, jamais permitindo que em nome de uma falsa noção de validez do poder fôsse praticado, com plácito seu, qualquer atentado às liberdades individuais. Construiu seu próprio respeito e nele viveu.

As tendências naturais da época fizeram-no bacharel e o título lhe abriu as comportas do talento, fazendo-o brilhar onde quer que fôsse chamado. Tanto fazia se tratasse de causa particular ou do interêsse do Estado, profissionalmente ajustada à especialidade selecionada ou fóra dela, onde quer surgisse oportunidade fazia do melhor.

Chamado a representar o Brasil na 6.ª sessão ordinária da Organização das Nações Unidas, realizada em Paris de novembro de 1951 a janeiro de 1952, participou de tarefas as mais ingentes para a reestruturação do mundo de após guerra. Integrando a Comissão de Tutela, com a finalidade de traçar a linha de conduta para o progressivo alevantamento das populações e territórios indígenas a um nível condizente, participou dos trabalhos em intervenções que definiam não só orientação segura e firme de lucidês política, como externava contextura jurídica internacional do melhor quilate. Na reunião de 22 de novembro, inscreveu-se para focalizar o problema da autonomia das regiões sob tutela e, ao assentar a posição brasileira, afirmou a tese, por todos os títulos correta, de que um território administrado internacionalmente por uma potência para isso credenciada, não tem sua liberdade condicionada à vontade autônoma do Estado mandatário. Problema de alta relevância, porque expunha à luz dos debates questão importantíssima ligada ao princípio da auto-determinação dos povos, teve no orador a elocução das regras que hoje confirmam o instituto. Brilhou nesse debate e brilhou alto, recebendo aprovação do plenário a tese brasileira por êle defendida.

A seguir, partilhou do explosivo caso do Sudoeste Africano, nascido das preocupações colonialistas de Estados interessados e, ao examinar o relatório da Comissão sôbre os territórios administrados, teve oportunidade de proferir o seu mais belo e jurídico trabalho, ao apontar o êrro que estava sendo cometido com o desvirtuamento dos objetivos da instituição internacional. Ressaltou que as inclinações imperialistas estavam concorrendo com a sua inércia e displicência propositadas para o declínio do prestígio do órgão, e ao sentir o drama das tribos africanas salteadas pelos Estados administrados e postas sob regime de escravidão e, suplícios corporais, profligou o atentado como uma ofensa à integridade da moral internacional, nestas palavras dignas de repetidas :

> "A nova éra de civilização que as Nações Unidas começaram e vão construir para o mundo, a éra da liberdade à qual são convidados a participar todos os povos que amam a paz e a justiça, não se pode fundar na violência e no envilecimento do homem" —,

para em seguida acentuar, em um ajustamento perfeito às reais e imperecíveis normas que regem a humanidade consciente de seus objetivos, que

> "o progresso na economia dos territórios não autônomos, não se pode separar do seu desenvolvimento nos domínios, social, político e educacional".

Filiou-se pois ao processo evolucionista ensejador da independência pela aquisição das qualidades intrínsecas que amaduram os povos e lhes permitem ascender na escala civilizatória, como legítima aspiração. Foi tão grande a repercussão do discurso de WALDEMAR PEDROSA, que jornais americanos, como o "New York Herald Tribune", na edição de 20 de dezembro de 1961, comentaram a posição brasileira exposta por seu delegado, com referência nominal ao orador, o que denota a importância do pronunciamento.

Ainda aqui, uma vez mais, a identidade de duas vidas brilhantes a serviço da pátria : RUI em Haia, na Segunda Conferência da Paz, na defêsa intransigente das doutrinas que iriam reger o mundo de hoje e WALDEMAR PEDROSA, o Rui glébário, representando o pensamento jurídico na Assembléia das Nações Unidas, no resguardo dos imprescritíveis direitos do homem e de sua própria dignidade.

Ao lado dessa jornada jurídico-política, havia em WALDEMAR PEDROSA uma indesmentível vocação para o magistério, cujo notável desempenho teve por berço o concurso prestado para a cátedra de Francês da antiga Escola Normal do Estado. A obra — Une Recherche Philologique — é peça de raro artesanato cultural, trabalhada por mãos de artista rafaelino da forma pura, burilada com o carinho dos verdadeiros mestres e que recebeu encômios e louvores derramados, tal a perfeita demonstração pública de um conhecimento quasi nativo da língua francesa. Como jamais produziu de assalto, pesquisou fundo e rastreou o material de que urgia para a feitura da obra-prima. Fêz o excelente, porque de tão boa fonte jamais jorrou ruim água, com eiva de qualquer turvidade.

Catedrático de Direito Penal de nossa quase sexagenária Faculdade, preparou gerações para o combate profissional da tribuna do juri, onde pontificava com estilo e vigor. Lecionava com a alma e transmitia seu entusiasmo contagiante pelas doutrinas modernas explicativas da conduta humana em face do delito, em aulas memoráveis de erudição, consagrando-se o mais perfeito penalista do Amazonas.

Tive a ventura de ouvi-lo como seu aluno nos idos de 1937 e ainda hoje posso sentir vibrar, no ar vetusto do venerando estabelecimento, as explanações excepcionais do mestre, dissecando com o ágil manuseio de suas palavras, as mais atualizadas tendências do direito penal. Aprofundava-se nas teorias de von Liszt, Binding e Mezger, examinando detidamente as escolas neo-clássicas de Oetker e Nagler, a biológico-racista de Nicolai e a autoritária de Dahm e Schaffstein, depois

de enveredar, rijo e belo, na concepção tradicional da escola positiva, ressaltando a imponência do período antropológico de Lombroso, o conceito sociológico de Ferri e o esplendor jurídico de Garofalo. Eram familiares ao seu estudo as doutrinas de Lenghi e Grispigni, Florian e Garraud, Sabatini e de Nicola, como a visualização de Collajanni e Lacassagne, cujas teorias explicava com uma clareza penetrante, permitindo assim a absorção das idéias expendidas, pelo natural fato lógico de sua enunciação empolgante.

Dêle guardo, dessa fase da vida que entesoura na retina do espírito as imagens e os ensinamentos que se fixam sem remissão, um retrato físio-cultural que o tempo se incumbiu de polir e resguardar: um homem de rara beleza interior e por isso de estrutura excepcionalmente elevada, manso no falar, mas expendendo pensamentos de uma forma única, fidalgo no porte e no trato, humanista perfeito em um século onde o humanismo perde vez ante o tecnismo avassalador; digno sob todos os títulos e cuja presença é uma constante no panorama intelectual de nossa terra.

Além do mais orador perfeito, primoroso na elocução e nas imagens, palavra que encantava pelas vibrações emocionais de que se vestia, ao ressoar de modo impressionante no ambiente. Exemplo vivo dessa oratória é a saudação feita no átrio desta Academia, quando retornava refeito de sua primeira grande enfermidade o luminoso Adriano Jorge, grande até nos seus males.

Verdadeiro poema de sensibilidade onde transparece a afeição sincera existente entre os dois grandes vultos, o discurso, perfeito como tudo quanto era lavrado por WALDEMAR PEDROSA, contém trechos alcandorados delimitadores da invulgar personalidade do nobre antecessor. Expressou o regozijo acadêmico pelo regresso do Presidente e amigo, em palavras repontadas de comovida ternura.

Conferencista, enunciou na "Anterioridade da lei" conceitos de convicção firme e decidida ao proclamar que "a lei penal é o reflexo da civilização de um povo, é o diapasão pelo qual se afere o grau de desenvolvimento político e social de um Estado". Verteu para a língua de Molière o discurso da posse de Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras, onde expõe à larga o domínio filológico.

Paraninfo da turma de bacharéis de 1939, a última que honrou com a sua presença na cátedra, proferiu aula magistral de Direito, mostrando a perfeição das regras que conduzem o homem no seu viver coletivo e os deveres inerentes a essa função,

mas ao mesmo passo pondo de ressalto que o grande papel do advogado é a defêsa intransigente das liberdades públicas, a proteção permanente contra o arbítrio, porque sòmente na Lei, como norma suprema e guieira da sociedade, está o abrigo seguro oferecido a todos que têm sêde de justiça. Jamais disse o que não praticava e a integridade moral dêsse grande homem e grande coração que foi WALDEMAR PEDROSA, encontra reflexo espelhante em tôda a sua vida, modêlo de saber, virtudes cívicas, honra e dignidade.

Snras. e Snrs.

Eis quasi finda a peroração justificadora de minha presença nesta tribuna acadêmica. Confesso-vos que para o estudo perfunctório dos nomes ilustres que patrocinam e alçam a categoria de trono a cadeira que me foi destinada, pela munificência unânime dos membros do Plenário consagrado, lavei em primeiro a alma dos resquícios da argila do cotidiano e tentei vestir a brancura dos mantos gregos símbolos da pureza, para poder falar em RUI e WALDEMAR PEDROSA, homens de formação cósmica no pensamento e no coração e a quem nos prendiam algemas culturais e afetivas, originadas por uma profunda admiração pela sabedoria de ambos e pelos laços de uma fiel amizade com o segundo, vinda dos tempos de discípulo que sempre fui, do mestre que tôda a vida o foi.

Lamento apenas que não tenha podido lançar sôbre os vultos eminentes, que se correspondem no espírito e na cerebração, as águas turbilhonantes de uma eloquência que me falta, e tão sòmente o veio discreto de um pobre regato amazônico que passa desapercebido, mas cumprindo, ainda assim, o dever de contribuir, com o seu parco manuncial para aumentar, se viável fôsse a pretensão, o volume torrentoso dos cursos gigantescos.

A generosidade da Academia de Letras, em não me bastando o patrono e o antecessor, teve livre trânsito e, paralelamente, outorgou-me o prêmio de ser recebido nesta noite, augusta para mim, por Mitrídates Corrêa. Sua capacidade de fazer e criar é enorme, tão enorme que é bem crível possa encontrar em mim e em minha atuação alguma cousa a dizer a meu respeito. Ides vê-lo, qual Moisés bíblico, bater na matéria empedernida e sêca pelo deserto que eu sou, com a vara mágica de seu talento multiforme e extrair, ou melhor, fazer brotar algo desconhecido de todos e de mim mesmo, pobre de tudo e que não vos tenho a oferecer senão a tranquilidade espiritual de quem abre as

portas de um templo interior que é o seu mundo. Deixai-o aquelar sôbre mim, na filigrana dourada de suas palavras.

Snrs. Acadêmicos :

A vida terrena, hiato divino entre o não ser e as fronteiras proibidas do desconhecido, oferece ao caminhante, na longa ou curta estrada que lhe estiver determinada, agruras e tormentos. prazeres e satisfações, glórias e fortunas, interligadas em uma sucessão de eventos em fases e períodos discordantes. Nos momentos de angústia, a aparente perenidade do sofrimento presente denota um não mais acabar e o homem se exaure intìmamente no ocultar aos demais a dor que o consome. Quando surge a alegria, renasce-lhe a alma e sôpro novo de vitalidade se lhe injeta, dando côres e luzes ao seu caminho. Porque assim se traçou na onipotência de Deus, a indicar que homem algum está livre de máguas e tormentos, vitórias e êxitos, curtindo todos a pena de terem nascido.

Estou vivendo agora o lapso de plenitude cultural que me foi concedido na terra, e nesta pausa, para mim permaneete de inesquecível triunfo, esboroam-se no espaço que passou as amargas cruezas da vida humana.

Graças Vos sejam dadas, Senhor, por me haverdes beneficiado com a virtude de bem sofrer e o mérito de receber, com orgulhosa humildade, a bemaventurança dêste segundo eterno de consagração.

SAUDAÇÃO A OYAMA ITUASSU

MITHRÍDATES CORRÊA

A coroação da vossa inteligência, ornamentada com o brilho e os matizes de uma sólida cultura jurídica, importa que o digamos nesta hora esplendente da vossa vida pública, proveio de unânime deliberação desta Academia, ao reconhecimento dos méritos que realçam e distinguem a vossa personalidade, fazendo-a admirada em nosso meio social.

Não foi outra, evidentemente, a determinante do integral e bem merecido apôio prestado à proposição apresentada a plenário pelo primoroso e brilhante jornalista Aristhofano Antony, figura esponencial dêste Sodalício, ao cogitar-se do preenchimento da poltrona de Rui Barbosa, vaga pelo falecimento de seu último ocupante, nosso pranteado e inesquecível WALDEMAR PEDROSA, a mais bela, a mais perfeita, a mais lídima formação de jurisconsulto, nascida sob o céu do Amazonas.

Por muito singular e surpreendente que vos haja assemelhado essa enobrecedora deferência, nada tem ela de extraordinária, considerado o dever que nos é imposto de conservarmos as honrosas tradições desta Casa, já, há meio século, congregando os mais positivos e reconhecidos valôres espirituais desta terra, os daqui oriundos, e os originários de outros recantos, que nos trouxeram a valia incontestável de seus merecimentos, incorporando-se à falange de quantos, no transcorrer dêsse tempo, sobranceiramente alheios a deméritos e irreverências, representam, sem dúvida, a mais elevada expressão da intelectualidade planiciária.

Ao zêlo dessa ponderável responsabilidade, não tergiversámos em abrir-vos as portas, chamando-vos a participar da obra comum, com as credenciais do vosso estalão mental, isto porque plenamente confiantes de que a vossa presença nesta Casa, não deixará em lutuosa e contristadora penumbra a cátedra que, para

---

Discurso na sessão de posse de 12 de dezembro de 1967.

nosso orgulhoso enlevo, irradiara a fulgurância estelar de vosso insigne antecessor.

Eis as razões do nosso sufrágio.

Como vêdes, coube-me, por indicação de meus ilustres pares, a distinção de receber--vos nesta assembléia de homens de letras. Em imprevista coincidência, haveria de recair êste mister em um dos vossos companheiros nas lides forênses e no magistério superior, onde ambos nos encontramos. Talvez se verificasse tal circunstância por pertencermos à mesma geração de môços que, no inapelável julgamento de Barbosa Rodrigues, constituiria o contingente dos sacrificados, vítimas passivas e conformadas de uma malsinada administração dos dinheiros públicos e de um deplorável negativismo político que desalentara nossa inquieta e sonhadora juventude, por negar-lhe oportunidade às vocações.

Sim, pertencemos a essa geração, e jornadeamos, paralelamente, no curso dos obstáculos antepostos às aspirações paternas quanto ao aproveitamento dos filhos. Diferindo embora em nossas tendências e inclinações, nem por isso deixaria de existir, entre nós, uma afinidade que me ensejara conhecer-vos nas facetas mais expressivas da vossa inteligência, ora consagrada pela imortalidade acadêmica. E' que vos vi ingressar na magistratura para alcançar o seu mais elevado pôsto. Vi-vos, em brilhante concurso, chegar à congregação da nossa Faculdade de Direito, assumindo, não mais como bacharel, mas doutor de borla e capelo, a direção do ensino de Direito Público Internacional, com a tese "A Guerra e a Segurança Coletiva".

Uma vez mais estaria marcado, um nôvo encontro. A vossa cultura jurídica, a cuja dedicação deveis os mais significativos triunfos, que vos conduziu de um juizado municipal à desembargatória e desta a provectas preleções em nossa Faculdade, que é ainda a órbita onde gravita a vossa especialização, vos traria até aqui, porque para aqui caminháveis, à ordem do vosso magnetismo pessoal e ao imperativo da poderosa atração dos idealismos que aglutinam os homens, sob a égide de um só pensamento e uma só vontade.

Por vossa projeção intelectual, tínheis as melhores condições de figurar entre as cerebrações que resguardam êste patrimônio como legado aos que se aprimoram na valorização do espírito. As academias lhes pertencem. Se elas perduram no tempo e no espaço, por certo que é pela sucessão dos valores que as integram. Esta a irrecorrível contingência a que estão sujeitas tôdas as instituições, uma vez que outra não é a irrevogável lei que nos assegura a continuidade da vida.

Mas os vossos trabalhos, sobretudo a vossa substanciosa tese de concurso, vos recomendariam a um lugar nesta Academia, esta por importar em contribuição, de grande valia, no esfôrço de uma sistematização de normas e princípios que venham assegurar e garantir a sobrevivência de tôdas as nações. Só por êsse meio, lograr-se-á a conquista de uma segurança, o que não se conseguiu no após-guerra 1914-1918, e o que tem sido impossível à Organização das Nações Unidas depois do último conflito mundial, de vez que a Terra ainda continua sendo banhada de sangue, como acontece no Oriente e acontecerá em outras partes do globo, enquanto não se reconheça a soberania de um Órgão "com jurisdição internacional compulsória e premente, para coordenar a atividade coletiva contra as infrações que firam a estrutura da comunidade, perturbando ou rompendo a estabilidade pacífica das relações de conjunto", proposição sétima que oferecestes à banca examinadora.

Destarte, não me seria necessário consultar todos os vossos trabalhos, com a preocupação de um exegeta ou de um crítico literário, para sentir-me a cômodo na aferição e no conscienciosо juízo do vosso merecimento. De igual modo, prescindível foi o valer-me da imaginação e dos prodígios que me atribuis em vosso alentado discurso, para, qual novo e improvisado Moysés, com a hipotética varinha mágica, generosamente colocada em minhas mãos, criar um condigno sucessor de Waldemar Pedrosa.

Afastada então, eis assim, a conjectura de um milagre em vosso ingresso, a menos tenhais sido, vós mesmo, o modesto e providencial taumaturgo que o realizara, para que não permanecessemos, indefinidamente, à espera de uma outra vigorosa personalidade que nos viesse expungir a inconformada saudade que nos deixou vosso antecessor.

A um sol que tramonta e, ao curvar-se sôbre o horizonte visual, se apaga em deslumbradora apoteose de luz e de côres, parecendo diluir-se nas extasiantes reverberações que policromizam os ocasos, nem sempre sucede a aurora de um nôvo e luminoso dia. Estranho capricho da Natureza! Ainda assim, e não raro, por êsse contagiante fascínio dos crepúsculos de envolvente beleza, nos animamos com a esperança de um outro sol, maravilhosamente igual, que nos volte a iluminar os caminhos, trazendo-nos, no vitalizante calor de suas irradiações, o movimento, e a energia e os impulsos para as ações fecundas e criadoras.

Pouco se nos importa que as horas morram sôbre as horas e se alonguem as distâncias na intranquilidade dos ideais tardios que tal a concepção do poeta Raul de Leoni neste seu sonêto:

O Homem desperta e sai, cada alvorada
para o ocaso das coisas. E, à saída,
leva uma crença, vaga, indefinida,
de encontrar o Ideal n'alguma encruzilhada.

As horas morrem sôbre as horas... Nada!
E ao Poente, o Homem como sombra recolhida,
volta pensando se o Ideal da Vida
Não veio hoje, virá noutra jornada.

Ontem, hoje, amanhã, depois e assim,
mais êle se afasta, mais distante é o fim,
mais se alarga o horizonte pela esfera.

E a vida passa, efêmera e vasia
num adiamento eterno que se espera,
numa eterna esperança que se adia.

Tomado de doentio pessimismo, por êsse estado psicológico que nos desencanta e nos transfere a um tédio absorvente e desanimador ,ao aedo de "Luz Mediterrânea", faltara, nesse instante, a convicção do poder da vontade que serve de suporte aos ideais humanos. Em saber persistir e esperar, é que os grandes sonhos, assim como os vossos sonhos, se objetivam em compensadora realidade.

No vosso discurso, vos confessais um homem feliz e, dizendo-nos porque, na enumeração dos êxitos de vossa vida, incluistes a glorificação da vossa inteligência pela láurea acadêmica. Sobejam-vos razões, por vos ter sido conferida, nesta noite consagratória dos vossos predicados intelectuais, a honrosa distinção de virdes ocupar a poltrona de quem, todos, nos acostumamos a chamar de Mestre, pelo respeito, a sincera e profunda admiração que êle sempre nos inspirara. E se para nós, que nos empolgáramos com a arrebatadora eloquência de seu privilegiadíssimo talento, de sua vastíssima erudição, nas cátedras e nas tribunas públicas; para nós que o vimos, em fulgurantes ascensões, escalar o parlamento nacional, para situar-se, como valor autêntico, entre os expoentes máximos das letras jurídicas em nosso país; para nós que o tivemos como grande amigo em quaisquer circunstâncias, Waldemar Pedrosa era êsse astro solar que exalto na singeleza da imagem de um tramonte, vós, Senhor

Oyama Ituassu, que bem cedo viestes a sucedê-lo, sois a esperança com que, nessa mesma imagem, intento exprimir-vos o afetivo acolhimento desta Academia.

Que a vossa vinda seja, então, a acalentada aurora dêsse nôvo dia, trazendo-nos, para maior projeção e renome dêste silogeu, uma reverberante manhã de luz, de calor e de beleza.

PELA GLÓRIA DE WALDEMAR PEDROSA

Pe. NONATO PINHEIRO

Se nos fôsse dado retroceder na marcha do tempo, talvez nenhum acadêmico teria aceito os louros da imortalidade. Mas, — ai de nós ! — depois de eleitos e empossados, é que se nos abrem os olhos para perceber em plenitude aquela verdade proclamada pelo verbo luminoso e fidalgo de Afrânio Peixoto, em sua Poeira da Estrada : "que é um acadêmico, senão dois discursos, o da posse e o da sucessão ?" E talvez, para não reduzir tanto a láurea cobiçada, por iniciativa de Mário de Andrade, criou-se o nobilitante costume na Academia Brasileira, logo estendido às demais Academias, de um terceiro discurso, o das sessões de saudade.

Hoje comparecemos, acadêmicos, autoridades, família, parentes, amigos, admiradores, intelectuais, à sessão de saudade em memória do Acadêmico Ministro Waldemar Pedrosa, último membro extinto do nosso egrégio sodalício. Por designação do eminente Acadêmico-Presidente, Dr. Djalma Batista, coube-me a tarefa, honrosa com certeza, mas a um tempo árdua e sobretudo dolorida, de interpretar e transmitir a mensagem de saudade desta ilustre confraria, que deplora o passamento, que tanto a comoveu e desfalcou, do dileto consócio, que entre nós deixou a lembrança apaixonante de um dulcíssimo convívio, qual fragrncia inebriante de um frasco que se partiu.

O HOMEM E A FORMAÇÃO

Waldemar Pedrosa era natural de Manaus, onde nasceu a 29 de março de 1888, filho legítimo do Dr. Jônatas de Freitas Pedrosa, ex-Senador da República e ex-Governador do Estado, e

---

Discurso proferido na sessão de saudade, realizada no dia 4 de agôsto de 1967.

de Dona Ermelinda Maria Pedrosa. Antes de bacharelar-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil frequentou, na qualidade de aluno interno, as aulas do famoso Professor Ernesto Carneiro Ribeiro, um dos professôres do imortal Rui Barbosa e um dos maiores sabedores da língua portuguêsa. Quando da célebre polêmica entre ambos, acêrca da redação do Código Civil Brasileiro, Waldemar Pedrosa se encontrava precisamente na cidade do Salvador. Mais de uma vez, em palestra fraterna e generosa comigo, fêz referência àquela disputa memorável, fornecendo-me subsídios interessantes, como a ajuda que os filhos de seu venerando preceptor prestavam ao pai no trabalho árduo da rebusca dos textos clássicos para documentar os revides ao preexcelso contendor. Quantas vêzes me chamava a atenção para pôr em relêvo a figura de Carneiro Ribeiro: "Que vulto impressionante, meu padre, o daquele grande educador! Nós, os alunos, não sabíamos o que mais admirar: se a cultura soberba, se o porte majestoso, se a nobreza de caráter ou se a austeridade da compostura!" Um dia, recebo de Péricles Moraes um presente de mago: a coleção completa da festejada REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUÊSA, dirigida por Laudelino Freire, em cujas páginas pontificavam os astros da Filologia e Linguística nos dois países de idioma luso-brasileiro. Cada número exibia em apêndice um suculento estudo bio-bibliográfico de um mestre insigne da língua de Camões, com o respectivo clichê em lâmina ilustrativa. Do exemplar correspondente a Carneiro Ribeiro, com intuitos de afetuosa e grata surpresa, saco a imagem do provecto mestre baiano e oferto-lha respeitosamente. Comoveu-se até às lágrimas, apertando-me a mão enternecidamente, e logo providenciou um encaixe honroso numa condigna moldura. Acredito que o laureado pedagogo brasileiro tenha dado uma contribuição notável e perene para a formação do talentoso discípulo, que sempre timbrou de rigor em proclamar aquela fase luminosa de sua adolescência, quando teve a ventura de ouvir as preleções do mesmo preceptor de Rui Barbosa!

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, lá se diplomou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, retornando à terra natal, onde se projetaria com luzimento, quer como professor de língua francesa e de Direito Penal, quer como advogado sobreeminente, quer ainda no desempenho de altos cargos públicos, como os de Procurador Fiscal do Município de Manaus e do Estado do Amazonas, Deputado Estadual, Secretário Geral do Estado, Interventor Federal, Presidente do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil no Amazonas, Procurador

Regional da República, exercendo ainda as funções de Senador da República e de Ministro do Tribunal Superior do Trabalho.

Enfileirava-se Waldemar Pedrosa entre os maiores cultores e conhecedores do idioma de Molière e Racine, cujos arcanos e belezas lhe eram plenamente familiares. Sua tese de concurso à cadeira de francês da antiga Escola Normal, hoje Instituto de Educação do Amazonas, é um trabalho de largo fôlego, a revelar a profundeza dos seus conhecimentos: "Une Recherche Philologique". Para êsse idioma trasladou a peroração do famoso Panegírico de São Pedro de Alcântara, proferido por Monte Alverne a instâncias do Imperador Dom Pedro II, bem como o discurso de posse de Getúlio Dorneles Vargas na Academia Brasileira de Letras. Em Paris, na Sexta Sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas, em cuja Comissão de Tutela representou o Senado da República Brasileira, despertou a atenção da douta assembléia, exprimindo-se num francês castiço, não sofrendo a impertinência de uma secretária, que lhe ousou censurar certa construção, redarguindo incontinenti com um aresto da Academia Francesa, cujas decisões fazem fé e dirigem contendas em assuntos de linguagem. Em sua homenagem gravaram um disco, no qual figura a tradicional prosódia oxítona, tão da índole da língua francesa: "A Mr. Waldemar Pedrosá!"

Não omitirei, citando-lhe os pergaminhos consagradores e as funções de relêvo, que o ex-Presidente Café Filho teve a dilúcida sensatez de tomá-lo como assessor e conselheiro, percebendo, com visão de lince, a grandeza da sua inteligência, a magnitude da sua cultura e o alto descortino da sua prudência, premiando-lhe a colaboração fraterna e patriótica com sua nomeação para o Tribunal Superior do Trabalho.

Prefaciando o livro PROBLEMAS DE DIREITO E ESTADO, que enfeixa notáveis ensaios e trabalhos jurídicos, nos quais se agiganta como penalista e constitucionalista, depôs com justiça o Professor Artur César Ferreira Reis: "Waldemar Pedrosa é uma vida admirável de inteligência e de ausência total de ambições". Deveras, seus cargos e seus triunfos jamais constituiram para êle objeto de culto. Era um nobre, um nobilíssimo espírito, que cedo aprendeu aquela lição ministrada pelo gênio de Rui Barbosa: "Só há uma glória digna dêsse nome, a de ser bom, e essa não conhece a vaidade". Prova dêsse desprendimento, deu-no-la na própria Academia, a cuja presidência o elevámos, e à qual renunciou pouco depois, com edificante simplicidade.

Era de vê-lo na intimidade! Cada acadêmico e amigo poderia dar o seu valioso depoimento. A mim me cumulou de imerecidas gentilezas, quer oferecendo-me livros, quer receben-

do-me afetuosamente em sua residência. Dispensando os serviços da doméstica, ou de sua dileta e virtuosíssima consorte, fazia questão de servir-me pessoalmente um fino "bordeaux" ou uma eventual iguaria no decurso do nosso entretenimento, que alquando se prolongava, tal o fascínio da sua prosa e a sedução da sua personalidade envolvente. O assunto era quase sempre literatura, temas de cultura e raro, muito raro, motivos de natureza política. Das confidências que me fêz, quase tôdas me acompanharão ao túmulo. Mas não omitirei, tão sòmente pelo nobre intuito de melhor realçar-lhe a personalidade paradigmal, que de uma feita, alguém cometeu a fraqueza de lhe usar o nome, pleiteando sério objetivo. O documento foi endereçado a uma alta figura da Nação. A resposta não demorou, por tratar-se de Waldemar Pedrosa, nome nacional, já tendo tido assento no Senado da República. Foi quando teve conhecimento da lamentável trama. Apurou os fatos, mas generosamente não molestou o autor, nem muito menos o encaminhante, cuja vida funcional estêve a depender do seu arbítrio. Que amigo bom e compreensivo, sincero, leal e franco! A perfídia e a felonia o incomodavam,, porque não se adjetivavam com a soberba arquitetura de sua estrutura moral, tôda feita de luz e de beleza!

Na família, era o espôso dedicado, o pai afetuoso, o avô e parente que sabia ter entranhas de afeição e benquerença. Não esquecia sequer o seu querido DOG, o cão fidelíssimo de seu lar, ao qual dispensava particulares cuidados, dando-lhe pessoalmente o banho matinal, exonerando o animal da carga incômoda das pulgas e dos carrapatos.

O INTELECTUAL E O ACADÊMICO

Já pus em ressalte o professor, o jurista, o advogado, o parlamentar e o homem público. Seu talento e sua cultura logo se impuseram ao veredicto da Academia, que lhe destinou por unanimidade a cadeira de Raimundo Correia, tendo depois, quando da reforma dos nossos Estatutos, um nôvo patrono: Rui Barbosa, cuja poltrona hoje se exibe vazia e silenciosa, mas ainda envolta na claridade meridiana que sempre a revestiu. Foi o quarto presidente do nosso sodalício, sucedendo a Péricles Moraes.. Seus trabalhos primavam pelo castiço da forma, pelo perfeito concatenamento das idéias, pela fulgurância das imagens e pela beleza do estilo, formado que era na escola aristocrática dos melhores estilistas das línguas portuguêsa e francêsa. Repugnava-lhe a vulgaridade literária, e qual outro Rui Barbosa, na cinzeladura de seus magistrais períodos buscava invàriavel-

mente o mármore das canteiras impolutas. Como acadêmico, deixou entre os confrades uma viva recordação de inteligência, cultura e fraternidade, chegando a exceder-se na simplicidade do trato, como a nos pedir desculpas da própria grandeza!

A BELEZA DO FIM

Não sei por qual misterioso motivo, tôda vez que me deparo com a biografia de um grande homem, ou de uma personagem ilustre, antes de ler o livro por inteiro, da primeira à última página, vou logo com sofreguidão ao encalço dos últimos dias do biografado: o modo como se comportou em face da morte! E tenho colhido ilustrações fascinantes, como a do Cardeal Newman, famoso purpurado inglês que, interrogado pelo padre-secretário, nos seus últimos momentos, — "Que sente, Eminência? — respondeu, com a face envolta numa admirável serenidade: "Paz! Muita paz!" Também do pranteado Papa João XXIII devo dar um belo testemunho, colhido em seu diário íntimo, quando o câncer insidioso já se instalara em seu robusto organismo: 'Sinto no meu corpo o início de qualquer perturbação que deve ser natural para um velho. Suporto-a em paz, ainda que seja um pouco incômoda e me faça recear um agravamento. Não é agradável pensar nisso demasiado; porém, mais uma vez, sinto-me pronto para tudo".

Homens admiráveis, que souberam morrer com naturalidade e elegância! Waldemar Pedrosa foi um dêles. Encarou a morte com simplicidade, sem subterfúgios nem pavores, preparando êle-próprio o espírito de seus entes queridos em confidências e diálogos comovedores, inclusive tomando da caneta e do papel, para traçar com lucidez, equilíbrio e beleza moral suas últimas disposições, predizendo até, por qualquer misteriosa intuição, com antecipação de três dias, que morreria numa quarta-feira, fato que se realizou, na verdade.

Não se intimidou quando a voz da enfermidade cruel lhe transmitiu aquêle anúncio dolorido que Ezequiel teve o dissabor de ouvir em pessoa: "finis venit, venit finis; nunc finis super te"... O fim chegou, chegou o fim; veio o fim sôbre ti...

Com a serenidade dos justos e dos bons, sem um ricto sequer na face nobre e acolhedora,, entregou sua bela e grande alma ao Criador!

Senhor Presidente e nobres Acadêmicos, creio haver cumprido a dolorosa missão que me confiastes. Já muitos nos precede-

ram neste augusto cenáculo, prestes a celebrar o seu Jubileu de fundação. Não nos esqueçamos de que outros nos sucederão, porque, — ai de nós! — é tão precária a nossa imortalidade. Também passaremos, e aprendamos a lição de ouro que nos deu o último confrade extinto, Waldemar Pedrosa, que soube conservar as pepitas de ouro de sua cultura e a láurea de sua imortalidade acadêmica no estojo azul de uma profunda e inalterável humildade!

BEM-VINDOS OS CONFRADES DA ACADEMIA BRASILEIRA E DA ACADEMIA PARAENSE

DJALMA BATISTA

Não tenho notícia da presença nesta Casa de tantos visitantes ilustres, incorporados, como nesta reunião improvisada e que tanta alegria nos proporciona.

Dois dos quarenta integrantes da Academia Brasileira se encontram desde ontem em Manaus, e nos trazem agora o prestígio de sua visita. São êles verdadeiros expoentes, cheios de renome e de glória: Joraci Camargo, o teatrólogo, e Peregrino Junior, cronista, contista, homem de ciência e para nós sobretudo amazonólogo. Bem-vindos ambos aqui, e eu os saúdo, em nome dos confrades amazonenses, com a emoção de quem reencontra velhos amigos, conhecidos e admirados ao longo de mais de trinta anos.

Joraci Camargo teve o poder de abrir os olhos da minha mocidade, da mocidade de minha geração, através dessa alavanca poderosa de idéias que é o teatro, para os grandes problemas sociais e econômicos da humanidade de pre-Guerra. Suas peças teatrais desvendaram horizontes, indicaram caminhos, contribuiram decisivamente para que o Brasil desse corpo doutrinário à revolução que se seguiu ao movimento político de 1930. Quando o mendigo de "Deus lhe Pague" explicava ao outro mendigo

---

Saudação feita durante a sessão da Academia Amazonense, de 2 de dezembro de 1967, celebrada especialmente para recepcionar uma caravana ilustre de intelectuais do Rio e do Pará, vinda a Manaus para o lançamento da revista-album "Amazônia é Brasil".

como e por que enriquecera, estava semeando mais que os políticos nos comícios e os cientistas sociais nos seus ensaios. E tanto é verdade que a comédia contundente nunca mais deixou de ser representada, nem o seu autor deixou de ser celebrado, até alcançar, há pouco, a consagração definitiva da Academia Brasileira, para a qual levou também no seu ativo, a figura do Anastácio, que nunca perdeu a fé, apesar de derrotado por todos os poderosos, e da Maria Caxuxa, colecionadora de bulas e prospectos de remédios...

Falando a Peregrino Junior, peço permissão para evocar sua mocidade na Amazônia, trabalhando nos jornais de Belém, percorrendo os rios da bacia (seria para fazer reportagens ? nunca isto me foi esclarecido), visitando a Manaus dos velhos tempos, sentindo o drama da vida dos hinterlandinos, caboclos e cearenses, ouvindo os seus **causos** e registrando o seu folclore, bebendo as puçangas poderosas feitas com os segredos da flora, encantando-se com os matupás e sentindo o poder criador da natureza nas matas submersas, sem de certo escapar aos sortilégios das cunhãs cheirando a **pripioca** das festanças do Divino... Na Amazônia fêz observações de caráter social e médico, como nordestino atraído pelo mistério dos Boiunas e das pororocas, lastro com que mais tarde, radicado no Rio, como tantos outros jornalistas daqui emigrados naqueles tempos, procurou interpretar os fenômenos da cultura amazônica, de que resultaram os livros que estão na base de sua afirmação de escritor. E nunca mais, embora tantas décadas decorridas, pôde Peregrino se desligar da Amazônia, cuja evolução literária procurou recompor, falando na Bahia, num depoimento comovedor : "Ninguém vive aliás impunemente à sombra daquelas velhas mangueiras... E eu procuro e encontro, ali, um prolongamento — reflexo de mim mesmo — daquele comprido menino melancólico, tão sentimental e solitário, que um dia partiu em busca de um vago ideal, e de lá voltou, com a mesma lírica ingenuidade primitiva : contente de ter realizado o seu sonho e de encontrar tudo que desejara e ambicionara". (**Panorama Cultural da Amazônia,** Edit. Progresso, Bahia, 1960).

Como médico, venho também acompanhando a vida de lutador de Peregrino Junior, enrijecido nestes caldeirões em que nos encontramos agora reunidos. Li a "Vitaminologia" e a "Biotipologia Pedagógica", e um dia, às voltas com a malária, que classificou entre os seis grandes inimigos do homem da Amazônia, precisei de subsídios bibliográficos : os seus trabalhos sôbre malária e supra-renais, um capítulo que me fascinara, diante da astenia das centenas de pacientes que tive oportuni-

dade de cuidar, na enfermaria da Santa Casa de Manaus, onde Alfredo da Matta, Araújo Lima e Wolferstan Thomas pontificaram. Na ânsia de conseguir documentação científica para o livro que tinha então em elaboração, escrevi um montão de cartas. Só Peregrino Junior, me respondeu, pondo em minhas mãos os seus artigos consagrados. Seu gesto está registrado na introdução do meu "O Paludismo na Amazônia" com estas palavras: "O Prof. Peregrino Junior teve a gentileza de me responder, dando-me a conhecer os seus trabalhos sôbre insuficiência supra-renal: a solicitude do ilustre homem de letras e de ciência, por ser solitária, me surpreendeu e cativou".

Como vê, meu querido colega e confrade, as nossas afinidades pessoais são grandes, desde o amor à Amazônia e à Medicina, até o tipo físico, que eu continuo a manter longilíneo astênico, e que Você está tentando, após a fase galante das crônicas sociais da "Careta", transformar em mesostênico...

Saúdo, também, e com que alegria! os irmãos do Pará, tanto os que vivem em Belém e ilustram a Academia co-irmã, como os bons amazônidas que se radicaram no Rio, sem perderem as características que a ironia de um humorista fixou num dito que fez época: "Êste Norte é de morte..."

Vocês estão em casa, De Campos Ribeiro, Aldebaro Klautau, Georgenor Franco e Alaudio Mello, e eu lhes peço que ouçam uma sugestão feita com os melhores fundamentos: elejam logo o Antonio Vizeu para a Academia do Pará!

Olhando-o, De Campos Ribeiro, e lendo, como o fiz ontem à noite, com emoção, o seu livro de evocações, "Gostosa Belém de Outrora", revi aquela cidade tão cheia de belezas e tradições, de que meu pai falava enternecido, como bom paraense, onde Bruno de Menezes, Jaques Flores, Abguar Bastos, Paulo de Oliveira e Você mesmo souberam ser ao mesmo tempo cigarras seresteiras, e formigas admiráveis, enriquecendo a cultura da terra bem-amada. Eu lhe garanto que se me tivessem dado dois volumes de seu livro, seria capaz de repetir a façanha do prefeito do interior: leria todos dois...

Tenho pessoalmente, como têm todos os homens da região, um respeito religioso e uma admiração sem limites pelo idealismo, pela honestidade, pela cultura e pela coragem de Aldebaro Klautau. Sempre o olhei, como uma garantia de que o Pará não se afundaria, como não afundou, quando andou por desvios tão tristes. Porque Klautau era uma corrente de opinião, era uma atitude coletiva, era uma segurança de que a reação salvadora

viria, como veio, e deu ao Pará melhores dias e uma nova projeção perante o Brasil. Lembro-me de sua atuação na velha SPVEA, e sempre pude dizer que na sua gestão se respirava ar puro naquela instituição de tão altos propósitos, bastando dizer que foi instalada e erigida inicialmente por Arthur Cezar Ferreira Reis. Sempre que o ouço falar, me sinto maravilhado com a sua eloquência e se estivesse em mim, uma das altas tribunas do Congresso Nacional, seria sua, para que defendesse a Amazônia.

Georgenor velho de guerra, meu caboclo bom e corajoso, que diz verdades duras e bem enroupadas, no livro e na imprensa, estou convencido de que Você, sendo escritor e poeta, é sobretudo um líder, especialmente um líder de intelectuais, o que é muito mais difícil... Venho lhe reafirmar que é cada vez mais querido e admirado na Academia Amazonense.

Tenho também uma saudação especial para Alaudio Mello, que é o homem da história, escrevendo sôbre os antecedentes da adesão do Pará à Independência, sôbre José Bonifácio, a quem chamou de "arauto da independência nacional". Gostaremos todos que desta visita a Manaus resulte um sentimento perfeito e fraternal, a nos unir como bons amazônidas.

Quero me referir também a Orlando Moraes, que tantos anos aqui viveu, escrevendo nos jornais de Manaus excelentes crônicas, que encheram de beleza e de cultura aqueles dias inquietos dos 40. Que bom, meu caro Orlando, revê-lo agora, lamentando apenas que Péricles Moraes não esteja mais vivo, para desta presidência escolher os bons adjetivos que lhe louvariam a inteligência ensolarada!

A João Botelho, ainda, os melhores cumprimentos da Academia Amazonense. Onde anda a sua veemência de tribuno, a sua inteligência de amazônida, o seu calor de patriota? Sei que agora está dedicado ao direito aeronáutico, e vejo se confirmar a impressão que me deixou, quando aqui veio com a Comissão Parlamentar de Valorização da Amazônia o homem fascinado pelas grandes idéias, como aquela que Leopoldo Peres lançara, visando à revitalização do vale, e pairando nas grandes alturas, onde vivem as águias e os condores.

Aqui está presente um representante da medicina do Rio de Janeiro, Campos da Paz, que além de ginecologista famoso, é homem de ciência e professor. Na Escola Médica do Rio de Janeiro, de que é diretor, está se realizando uma promissora experiência de renovação do ensino da medicina, que fui ver de perto, há dois meses, trazendo valiosas sugestões para a novel

Faculdade da Universidade do Amazonas. Campos da Paz, é presidente da Associação Internacional de Combate ao Cancer Ginecológico, e a êle quero dizer que é bem-vindo ao Amazonas e a esta Academia.

Tôda esta luzida embaixada de homens de letras, de ciência e sobretudo de inteligência, veio ao Amazonas trazida por Miguel Lúcio Cruz e Silva, que teve o dom de aliciar o melhor do Amazonas e do Pará para propor, com o testemunho de Joraci Camargo, Peregrino Junior e Campos da Paz, uma união de fôrças debaixo do lema de Aldebaro Klautau : "Amazônia é Brasil" !

Parafraseando as palavras sagradas, direi a Miguel Cruz : "Com êste sinal vencerás", ou melhor, venceremos todos, vencerá a Amazônia, que quer ser brasileira, fiel à história, às tradições e à cultura em que nascemos e haveremos de chegar ao derradeiro momento !

Amigos todos, eu os abraço em nome dos sócios desta Casa, que é de todos Vocês !

NOTICIÁRIO ACADÊMICO

ACADÊMICOS DESAPARECIDOS

+ WALDEMAR PEDROSA

Ainda sob profunda tristeza, registramos o falecimento do eminente acadêmico WALDEMAR PEDROSA. Em suas conferências, na tribuna da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, era um mestre a conquistar, pela cultura, pela exuberância e grandiosidade das imagens, a atenção de seus pares. Foi notável como Professor e distinguido como representante do Amazonas à Câmara Alta do País. No campo do Direito, escreveu obras valiosas que, ainda por muito tempo, serão consultadas.

Deixou, em seus consócios, inolvidável lembrança de fulgurante inteligência e nobilíssimo caráter. O adeus da Academia, em palavras repassadas de admiração e estima, foi dado a WALDEMAR PEDROSA, na beira de seu túmulo, pelo acadêmico Leoncio de Salignac e Souza. Na sessão com que a Academia homenageou o grande morto, falou o acadêmico Pe. Nonato Pinheiro que, muito a propósito, o comparou ao grande Rui Barbosa, patrono da cadeira n.º 26, que ocupava. Seu discurso vai publicado no presente número da REVISTA.

+ MITHRIDATES ALVARO DE LIMA CORRÊA

Com o poema "Testamento de um Poeta", dado à luz neste número da REVISTA, o acadêmico MITHRIDATES ALVARO DE LIMA CORRÊA despediu-se, para sempre, de seus confrades. Já não pertence ao número dos vivos. Agora anda na bôca e no coração de todos aqueles que estimam ler-lhe as poesias de largo e vivificante humanismo e de magnífico conteúdo. Seus versos ficarão nas páginas maravilhosas de seu mundo de amor e de seu reino mágico de canções e de sol.

Para prestar-lhe as sentidas homenagens da Academia foi escolhido o acadêmico Cosme Ferreira Filho. Na Academia ocupava a poltrona n.º 12 cujo patrono é Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

LIVROS PUBLICADOS

"DEFUMADORES E PORANGAS"

Com êste título, o acadêmico ÁLVARO MAIA ofereceu aos seus inúmeros leitores um festejado trabalho acêrca desta região do Extremo-Norte. São magistrais os capítulos sôbre Ilha e Terrafirme; Índios sem Tabas; Cenas de Beiradões; Casa de Tapiús; Terreiros na Selva; Ubás e Batelões; Taxizeiros Proibidos.

O livro contém 266 páginas, e resulta de pesquisa **in loco.** DEFUMADORES E PORANGAS é no dizer do acadêmico ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS, seu prefaciador, "o romance que estava faltando como obra de espírito, a documentar o fim de um ciclo e o início de outro. O romance da borracha tem aqui o seu epílogo".

OS SONETOS DAS FLÔRES

Nada mais que estas palavras magistrais do eminente acadêmico ANDRÉ ARAÚJO são necessárias, para, de pronto, destacar a obra-prima de AMÉRICO ANTONY: "Lendo-se a poesia de Américo Antony, tem-se a impressão de algo nôvo que se pensa, que se vê, que se sente. Um homem-luz que se torna transparência no espaço mental de uma extraordinária personalidade, uma espécie de Budisatwa da poesia.

A limitação das contingências humanas, a ruína da personalidade por um sentido profundo de liberdade, do Infinito, um quê de mistério, de poder espiritual, de elevação, de realização do homem das cousas simples e profundas, — tudo isso está em Américo Antony".

NOS ALTIPLANOS DO NHAMUNDÁ

Não é elogio dizer-se que êste livro do acadêmico JOÃO NOGUEIRA DA MATA se fixa em oportunos estudos de amazonologia. Na ª parte, o Autor limita-se ao exame da história hinterlandina; na 2.ª, o tema se confina nas águas lendárias; na 3.ª, restringe-se à Sociologia Política.

Consoante o Professor ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS é, realmente, "um livro digno de leitura. Ensina. Educa. Contribui para a elaboração de bons cidadãos".

Pelo tema, e pela forma é um livro que fica no pensamento e na estima de quem o lê.

Nêle, sem dúvida, João Nogueira da Mata se revela possuído de notável valor como pensador e de aguda inteligência criadora.

DISTINÇÕES A ACADÊMICOS

ALVARO MAIA

Diga-se, proclame-se, pois é a verdade: Álvaro Maia é um símbolo da inteligência amazônica. Não é só poeta, romancista, ensaista e jornalista: é, ao mesmo tempo, líder político proclamado e respeitado.

Sua vitória, no pleito para o Senado da República, em que concorreu com homens de imenso poder eleitoral, foi-lhe sumamente honrosa e para seus confrades, que o têm em alta conta de mestre e amigo, de fato, gratíssima.

* * *

JOSÉ LINDOSO

Jovem, com um futuro político alvissareiro, já agora, com menos de dois anos de exercício do mandato na Câmara Federal, o acadêmico JOSÉ LINDOSO, oficialmente lançado, é candidato à Governança do Estado, pela ARENA. O deputado JOSÉ LINDOSO, pelas suas qualidades morais e intelectivas, bem merece as vitórias que vem conquistando através dos pleitos eleitorais.

* * *

MISSÃO CULTURAL NOS ESTADOS UNIDOS

Para representar a Universidade do Amazonas no Seminário de Estudos Latino-Americanos promovido pela Conferência das Universidades do Sudoeste Americano, esteve nos Estados Unidos, em abril último, o acadêmico Oyama Ituassu, Diretor da Faculdade de Direito, que fêz uma conferência sôbre instituições internacionais para o desenvolvimento.

* * *

NÔVO DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA

Para dirigir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Amazonas, por um triênio, foi escolhido o acadêmico João Chrysostomo de Oliveira, professor de língua portuguêsa e sócio efetivo da Academia Amazonense.

NOVOS ACADÊMICOS

Eleito em 23 de setembro, empossou-se a 12 de dezembro do ano passado, o jurista OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA, cujo brilhante discurso, comprovou, aos seus inúmeros amigos e admiradores, que não chegara à Casa de Pericles Moraes por mero acaso. Sem dúvida, foi muito feliz ao focalizar, em seu discurso, as figuras singulares de Rui Barbosa e Waldemar Pedrosa.

A cadeira n.º 27, que tem por patrono Tavares Bastos, deverá ser ocupada pelo desembargador JOÃO PEREIRA MACHADO JÚNIOR, eleito na mesma ocasião que OYAMA ITUASSU. Nas letras planiciárias, o Des. JOÃO MACHADO se destaca por uma sólida cultura humanística e jurídica.

* * *

Por proposta de Mário Ypiranga, subscrita por todos os acadêmicos presentes à sessão de 6 de julho último, foi eleito sócio correspondente o escritor DE CAMPOS RIBEIRO, autor de "Gostosa Belém de Outrora", recentemente publicado, e de outros livros de sucesso. O distinguido homem de letras, que também milita na imprensa belenense, é o atual presidente da Academia Paraense.

* * *

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

Foi criado, pela Lei n.º 616, de 8 de julho de 1967, o Conselho Estadual de Cultura, com a finalidade de formular as atividades culturais do Amazonas. Seu presidente nato é o Secretário de Educação e Cultura, cargo atualmente exercido pelo Prof. Vinícius Câmara. Os doze conselheiros nomeados pelo Governador Danilo Areosa são os seguintes : André Araújo (sociólogo), Abdul Sá Peixoto (jurista, representante da Universidade do Amazonas), Samuel Benchimol (economista), Mário Ypiranga (antropólogo), Genesino Braga (jornalista), Jorge Tufic (poeta), Alvaro Páscoa (escultor), Maria José Moraes Lima (pianista), Djalma Batista (médico), Djalma Mello (economista), Severiano Porto (arquiteto) e Carlos Eduardo Gonçalves (linguista).

Quatro portanto dos integrantes do Conselho Estadual de Cultura pertencem à ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, tendo sido eleito vice-presidente o acadêmico Djalma Batista.

CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA LANÇA LIVRO EM MANAUS

O vitorioso escritor amazonense Cláudio de Araújo Lima, radicado no Rio, durante sua visita ao Amazonas, em agôsto do ano passado lançou a 3.ª edição do livro "Plácido de Castro — Um Caudilho contra o Imperialismo", sob o patrocínio da Academia, da qual é sócio correspondente.

O ato, que se realizou na Livraria Acadêmica, teve a presença de intelectuais amazonenses. Falou, na ocasião, o acadêmico Djalma Batista.

Além de "Plácido de Castro", cujas duas primeiras edições foram da Coleção Brasiliana, Cláudio de Araújo Lima é autor dos romances "Babel", "A Bruxa" e "A Mulher dos Marinheiros", de estudos psicológicos sôbre Stefan Zweig e Getulio Vargas, e dos ensaios "Sexo e Amor", "Imperialismo e Angústia", e "Estudos de Psicologia Médica".

* * *

ESTATUTO DA ACADEMIA

Foi aprovado em discussão final, o Estatuto da Academia Amazonenise de Letras, com a emenda apresentada pelo acadêmico Pe. Nonato Pinheiro e aceita por seus pares, ao Artigo 1.º, que ficou, com o seu texto, assim redigido: "Artigo 1.º — A Academia Amazonense de Letras, fundada a 1.º de janeiro de 1918, com a denominação de Sociedade Amazonense de Homens de Letras, tem por fim precípuo o culto do idioma e da literatura nacional, e mediante a ação individual ou coletiva de seus membros promove a cultura em todos os seus aspectos".

O projeto do nôvo Estatuto da Academia Amazonense de Letras é de autoria de André Araújo. A Academia em vez de trinta sócios, já agora se compõe de quarenta membros efetivos, além de sócios correspondentes, honorários e beneméritos, cujo número é ilimitado.

O texto integral do Estatuto aprovado em 25 de maio vai publicado no final dêste número da REVISTA DA ACADEMIA.

* * *

NOVOS DIRIGENTES DA ACADEMIA

Para reger os altos destinos da Academia Amazonense de Letras, no biênio de 1 968/69, foram eleitos, por escrutínio secreto, em sessão de 27 de janeiro, os seguintes acadêmicos: Presidente — Djalma Batista; Vice-Presidente — Aristophano Antony; 1.º Secretário — Genesino Braga; 2.º Secretário — Oyama César Ituassu da Silva; Tesoureiro — João Mendonça de Souza; e Bibliotecário — Mário Ypiranga Monteiro.

ESTATUTO DA ACADEMIA

(Aprovado pelo plenário e promulgado em sessão de 25 de maio de 1968).

FINALIDADE E ORGANIZAÇÃO

Art. 1.º — A Academia Amazonense de Letras, fundada a 1.º de janeiro de 1918, com a denominação de Sociedade Amazonense de Homens de Letras, tem por fim precípuo o culto do idioma e da literatura nacional e, mediante a ação individual ou coletiva de seus membros, promove a cultura em todos os seus aspectos.

Parágrafo único — A Academia compõe-se de quarenta sócios efetivos, e de quarenta sócios correspondentes, além de honorários e beneméritos, cujo número é ilimitado.

Art. 2.º — As cadeiras ocupadas pelos sócios efetivos têm os seguintes patronos : 1 — PERICLES MORAES; 2 — EUCLIDES DA CUNHA; 3 — GONÇALVES DIAS; 4 — SÍLVIO ROMERO; 5 — ARAÚJO FILHO; 6 — ADRIANO JORGE; 7 — MARANHÃO SOBRINHO; 8 — TORQUATO TAPAJÓS; 9 — MACHADO DE ASSIS; 10 — BARÃO DO RIO BRANCO; 11 — JOSÉ VERÍSSIMO; 12 — OLAVO BILAC; 13 — ESTELITA TAPAJÓS; 14 — BARÃO DE SANTANA NERY; 15 — GRAÇA ARANHA; 16 — JOÃO LEDA; 17 — FRANCISCO DE CASTRO; 18 — JONAS DA SILVA; 19 — COÊLHO NETO; 20 — JOÃO RIBEIRO; 21 — TENREIRO ARANHA; 22 — FARIAS BRITO; 23 — CRUZ E SOUZA; 24 — JOAQUIM NABUCO; 25 — ARAÚJO LIMA; 26 — RUI BARBOSA; 27 — TAVARES BASTOS; 28 — ANÍBAL TEÓFILO; 29 — CASTRO ALVES; 30 — ARARIPE JÚNIOR; 31 — RAIMUNDO MONTEIRO; 32 — BERNARDO RAMOS; 33 — ANTONIO BRANDÃO DE AMORIM; 34 — ERMANO STRADELLI; 35 —

D. FREDERICO COSTA; 36 — INGLÊS DE SOUSA; 37 — BENJAMIN LIMA; 38 — BARBOSA RODRIGUES; 39 — ALFREDO DA MATA; 40 — PAULINO DE BRITO.

Art. 3.º — Para consecução de suas finalidades, a Academia Amazonense de Letras promoverá :

a) — realização de conferências, curso e reuniões, sôbre assuntos de interêsse cultural e social;

b) — publicação da Revista da Academia, seu órgão oficial, e de livros de seus membros;

c) — instituição de concursos anuais, com prêmios aos autores de obras de poesia, romance, ensaio, crônica e outros assuntos;

e) — celebrações e exposições de livros, pinturas, obras de arte, concertos musicais, representações teatrais, recitais de poesia, projeções de filmes, cursos especiais, etc.;

f) — o apoio e o incentivo a tôdas as iniciativas de organizações culturais, oficiais ou privadas, que objetivem o alevantamento literário, artístico e científico do Amazonas.

DOS SÓCIOS

Art. 4.º — O grau de membro efetivo só será concedido a brasileiros residentes no Amazonas pelo menos há cinco (5) anos, que hajam publicado trabalhos de reconhecido mérito.

§ 1.º — Trinta dias após a vacância, será aberta inscrição para preenchimento da cadeira, pelo prazo de trinta (30) dias, a qual se fará :

a) — por iniciativa do candidato, mediante carta dirigida ao Presidente da Academia, acompanhada de um exemplar de cada trabalho de sua autoria, publicado ou inédito;

b) — não havendo inscrição de nenhum candidato, por proposta justificada de cinco (5) acadêmicos.

§ 2.º — Precluso o prazo estabelecido no parágrafo anterior, os pedidos de inscrição serão apresentados ao plenário para exame e conseqüente sufrágio, na primeira sessão subseqüente.

§ 3.º — A votação far-se-á por escrutínio secreto, considerando-se eleito o candidato que obtiver, no mínimo, metade mais um dos sufrágios dos membros efetivos empossados.

§ 4.° — O eleito empossar-se-á dentro de seis meses, a contar do dia da eleição. Sòmente por motivo de fôrça superior, a juízo do plenário, poderá ser concedida prorrogação de prazo.

§ 5.° — Eleito o candidato, o Presidente designará um acadêmico para fazer-lhe a saudação oficial, devendo o recipiendário entregar-lhe o discurso de posse sessenta (60) dias, pelo menos, antes da investidura. O empossado apresentará, na referida alocução, um estudo crítico da obra literária de seu patrono e do antecessor imediato na cadeira, com referências aos demais antecessores.

Art. 5.° — Os sócios efetivos ausentes de Manaus poderão enviar os seus votos, para tôdas as eleições acadêmicas, em sobrecarta fechada, ou delegar poderes expressos a um consócio para votar em seu nome.

Art. 6.° — sócios correspondentes serão eleitos entre escritores de nomeada, quer nacionais, quer estrangeiros, mediante votação secreta, por proposta subscrita de cinco (5) sócios efetivos.

Parágrafo único — Os sócios desta categoria poderão usar, em seus trabalhos literários ou científicos, a designação "sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras".

Art. 7.° — Os sócios honorários e beneméritos serão eleitos entre homens notáveis pelos conhecimentos e serviços relevantes prestados à Academia.

DA DIRETORIA

Art. 8.° — A Academia será regida por uma Diretoria, composta dos seguintes membros : Presidente, 1.° e 2.° Vice-Presidentes, Secretário Geral e Secretário Adjunto, Tesoureiro e Bibliotecário, eleitos bienalmente, por escrutínio secreto, e cujas atribuições se definem no Regimento Interno.

Parágrafo único — A Academia será representada em juizo, e nas relações com terceiros, por seu Presidente.

Art. 9.° — A Diretoria será eleita, por maioria simples dos acadêmicos presentes, na última quinzena de dezembro dos anos ímpares e empossada na primeira (1.ª) quinzena de janeiro do ano seguinte, em sessão especial, de caráter solene e público.

Parágrafo único — Havendo empate na votação, considerar-se-á eleito aquêle que fôr mais antigo no quadro social, a contar de sua posse.

Art. 10.° — O membro da Diretoria que ,considerado empossado não comparecer a três (3) sessões ordinárias consecutivas, sem justificação expressa, perderá o mandato.

Art. 11.° — O mandato da Diretoria será exercido pelo prazo de dois (2) anos, sendo permitida a reeleição apenas por mais um período.

Art. 12.° — Falecendo ou renunciando qualquer membro da Diretoria, no exercício de seu mandato, o preenchimento da vaga aberta será feito por eleição, em reunião convocada, respectivamente, trinta (30) dias depois do falecimento e quinze (15) após a renúncia.

Parágrafo único — Se a vaga ocorrida for de Secretário Geral ou Tesoureiro, o Presidente designará um acadêmico para responder pela Secretaria ou pela Tesouraria, no período de vacância.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 13.° — A Academia reúne com sete e delibera com quatorze membros efetivos.

Art. 14.° — O patrimônio da Academia é constituído pelos bens que possuir na data da aprovação dêste Estatuto, e pelo que vier a possuir por aquisição direta, doações, legados, benefícios, auxílios ou renda da instituição.

Parágrafo único — No caso de extinção da Academia, seu acervo bibliográfico será transferido para a Biblioteca Pública do Estado e seu arquivo para o Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, passando o restante de seu patrimônio para o domínio do Govêrno do Estado.

Art. 15.° — A Academia terá bandeira e flâmula, com as côres do Estado do Amazonas, insígnias em prata e ouro, para uso exclusivo dos acadêmios efetivos, bem como brasão próprio, sêlo e carimbo, além de fardão e colar para uso dos sócios efetivos, tudo de acôrdo com as normas a serem estabelecidas no Regimento Interno.

Art. 16.° — A Revista da Academia será dirigida por um Diretor, de livre nomeação do Presidente.

Art. 17.° — As questões de ordem que forem suscitadas serão submetidas ao plenário adotando-se para decisão final o critério da maioria de votos dos acadêmicos presentes à sessão.

Art. 18.º — A Academia poderá receber auxílios dos podêres públicos e entidades particulares, para incremento e cultivo das boas letras, nos têrmos regimentais.

Art. 19.º — Os presentes Estatutos só poderão sofrer alteração por proposta da maioria dos membros efetivos, em sessão extraordinária, **ad-hoc** convocada, cinco (5) anos após sua promulgação.

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 20.º — O Regimento Interno, definindo as atribuições dos órgãos dirigentes, deverá ser elaborado no prazo máximo de noventa (90) dias, a contar da promulgação dêste Estatuto.

Art. 21.º — Enquanto não se completar o número total de membros efetivos da Academia, as reuniões e deliberações obedecerão ao mínimo de cinco(5) e dez (10) membros efetivos presentes, respectivamente.

Art. 22.º — Os atuais Vice-Presidente, 1.º e 2.º Secretários, passam a ser, respectivamente, 1.º Vice-Presidente, Secretário Geral e Secretário-Adjunto.

Parágrafo único — Aprovado e publicado o Estatuto, proceder-se-á, na primeira sessão, a eleição para preenchimento do cargo de 2.º Vice-Presidente.

Art. 23.º — As vagas decorrentes do aumento de número dos membros efetivos da Academia, serão preenchidas mensalmente, uma de cada vez, observando-se as regras previstas no art. 4.º e seus parágrafos.

(aa) **Djalma Batista — Aristophano Antony — Genesino Braga — Oyama Cesar — João Mendonça de Souza — Mário Ypiranga Monteiro — André de Araújo — Pe. Raimundo Nonato Pinheiro — João Chrysóstomo de Oliveira — Moacyr G. Rosas — Leoncio de Salignac e Sousa — João Nogueira da Mata — Francisco Pereira da Silva — Américo Antony — Cosme Ferreira Filho — Mavignier de Castro — Sadoc Pereira.**

QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — D. Alberto Gaudencio Ramos, Cônego Ápio Campos, Edgard Proença, Georgenor Franco, A. Napoleão de Figueiredo, Líbero Luxardo, Paulo Bentes, Wanderley Normando e De Campos Ribeiro.

MARANHÃO — Antonio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira, Raimundo Girão, Adauto Fernandes e Osmundo Pontes.

BAHIA — Aloysio de Carvalho Filho e Carlos Eduardo da Rocha.

RIO DE JANEIRO — Aristêo G. Leite, Cônego Assis Memória, Cônego Jorge O' Grady de Paiva, Carlos de Araújo Lima, Claudio de Araújo Lima, Clovis Barbosa, Deocleydes Carvalho Leal, Heitor Péres, Odilon Lima, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coêlho Neto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Rosalina Coêlho Lisbôa Larragotti, Osvaldo Orico, Tristão de Athayde, Violeta Branca, Virgílio Barbosa, Pe. Manoel Albuquerque, Moacyr Paixão, José Luiz de Araújo Neto, F. P. de Araújo Neto, Jorge de Rezende, Alberto de Rezende Rocha, Augusto de Rezende Rocha, Alberto de Brito Pereira, Lúcio Fiuza, Adauto Spindola, Moacir Dantas, Jesuíno Ramos e Áureo Mello.

ESTADO DO RIO — Mons. João de Barros Uchôa.

SÃO PAULO — Mário Barroso Ramos, Caetano Estelita Pernet e José Perez.

MINAS GERAIS — Merolino Corrêa.

BRASÍLIA — Lázaro Baumann.

Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FÊNIX

SERGIO CARDOSO & CIA. LTDA.

(EDITÔRES)

Rua Joaquim Sarmento, 78. Manaus — Amazonas

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM